



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MAIRA NANI FRANÇA

Mídias sociais e bibliotecas:
análise de domínio no contexto do Brasil, Espanha e Estados Unidos

Marília
2020

MAIRA NANI FRANÇA

Mídias sociais e bibliotecas:
análise de domínio no contexto do Brasil, Espanha e Estados Unidos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de pesquisa: Informação e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Grossi.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Reyes Lozano.

Marília

2020

F814m França, Maira Nani
Mídias sociais e bibliotecas : análise de domínio no contexto do Brasil, Espanha e Estados Unidos / Maira Nani França. -- Marília, 2020
236 p. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Angela Maria Grossi
Coorientadora: Ana Reyes Lozano

1. Mídias sociais. 2. Tecnologias da Web 2.0. 3. Redes sociais. 4. Bibliotecas. 5. Análise de domínio. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MAIRA NANI FRANÇA

Mídias sociais e bibliotecas:
análise de domínio no contexto do Brasil, Espanha e Estados Unidos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Reyes Pacios Lozano.

Marília, 23 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Cláudia C. Gracio
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Profa. Dra. Plácida L. V. A. da C. Santos
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior
Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro (Unirio)

Profa. Dra. Angela Maria Grossi – Orientadora
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Aos meus pais, Adão e Bernadete, por não medirem esforços
no investimento de minha educação e formação.

Ao meu esposo, Fabiano, e meu filho, Luiz Felipe, pelo companheirismo,
incentivo e compreensão quanto à relevância deste projeto em minha trajetória.
Aos familiares e amigos mais próximos, por entenderem minha repetida declaração:

“agora não posso, tenho que estudar”.

E a todos aqueles que buscam nas bibliotecas, de modo presencial ou a distância,
a informação fidedigna para geração de conhecimento
em prol do desenvolvimento da sociedade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO...

Mãe Bernadete Nani e Tia Elisete Nani, ambas bibliotecárias, pela influência na escolha da profissão;

Bibliotecários da Universidade Federal de Lavras (1994-1997), pelos primeiros ensinamentos práticos na Biblioteconomia;

Professores da graduação, mestrado e doutorado, pelos conhecimentos e vivências compartilhadas;

Colegas de trabalho das bibliotecas públicas, escolares e universitárias onde atuei e atuo, pelo constante aprendizado profissional e pessoal;

Professora Angela Grossi, pelos inúmeros ensinamentos nestes seis anos, para além do lado profissional/acadêmico e por me fazer acreditar que a realização de um sonho torna a vida mais interessante;

Reitores e diretores do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia (gestão 2013-2016 e 2017-2020), pelo incentivo ao aprendizado e aprimoramento técnico;

Colegas de sala de aula e grupos de pesquisa, pela colaboração e compartilhamento de informações nesta longa e, muitas vezes, solitária jornada acadêmica;

Amiga-hermana, Jacquelin Camperos, por compartir alegrías, tristezas, conocimientos, inquietudes personales y académicas y recibirme en tu casa como otro miembro de tu familia. ¡Gracias por todo, Jac, César, Juliana y Juan Diego!

Professoras Ely Francina Oliveira e Maria Cláudia Grácio, pela sementinha metodológica lançada, cultivada e que hoje floresceu;

Membros do Conselho de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista, pelo apoio incondicional durante o processo de liberação da bolsa de doutorado sanduíche (não foi fácil);

Profesora Magali Garcia, por compartir tus conocimientos del idioma y de la cultura española, por la amistad y por contribuir con la realización de un sueño;

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa para realização dos estudos de doutorado no exterior¹;

Professora Nídia Lubisco, por ser uma referência profissional e uma fonte de luz em minha trajetória acadêmica/profissional;

Profesora Ana Reyes, por la capacidad de hacer que lo difícil parezca fácil. A través de ti, agradezco también a los profesores y personal de administración y servicios de la Universidad Carlos III de Madrid y a otros vínculos establecidos durante el doctorado "sánwich" en España;

Cátia Almeida, Camilla Silva, Fabiano Goulart (meu esposo), Luiz Felipe França Goulart (meu filho) e Patrícia Portela pela competência e profissionalismo dedicados na etapa de revisão final deste documento;

Professores membros da banca de qualificação e de defesa, pela validação e aperfeiçoamento desta pesquisa.

La gratitud se compone de diversos grados. El primero encuentra su fundamento en el 'reconocimiento' (ut recognoscat) del beneficio recibido. El segundo consiste en alabar y dar gracias (ut gratias agat); y por último, el tercero, estriba en la obligación (ob-ligatus) de 'retribuir' el bien recibido de acuerdo a la posibilidad del beneficiado y según las circunstancias más oportunas de tiempo y lugar (II-II,107, 2,c). Santo Tomás de Aquino (apud LAUAND, 2004, p. 449, grifos do autor).

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Aquela biblioteca que der um passo [no] processo de mudança irá renascer. As outras que, à semelhança de um avestruz ameaçado, enterrarem suas cabeças na areia, defendendo rigidamente o *status quo*, ou, o que é pior, conservarem alguma visão idílica do passado, correrão grande risco e terão pouca chance de serem reconhecidas como instituições necessárias. [...] É vital entender que o desafio da mudança não seja visto como uma ameaça mortal, mas uma oportunidade para renovação, talvez uma renascença [...] (CUNHA, 2000, p. 88, grifo do autor).

RESUMO

Como organizações responsáveis por disponibilizarem informações precisas e atualizadas, as bibliotecas continuamente experimentam novos recursos tecnológicos e, conseqüentemente, remodelam seus serviços para atender as expectativas de seus usuários. No início do século XXI, as mídias sociais surgiram como mais uma oportunidade para esses últimos se conectarem a tais espaços e a seus recursos informacionais. Nesse contexto, a Ciência da Informação, apesar de já se constituir de sólidos estudos científicos, reúne incipiente produção sobre essas plataformas, portanto, objeto emergente de investigação. Diante disso, pesquisadores desse campo recorrem a outras áreas, como a Sociologia e Comunicação Social, para fundamentar suas investigações. À luz da análise de domínio desenvolvida a partir das dimensões bibliométricas, históricas, epistemológicas/críticas, terminológicas e de classificações/tesauros, o objetivo geral desta pesquisa foi caracterizar, sob os preceitos da literatura, o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* no Brasil, Espanha e Estados Unidos, no campo da Ciência da Informação. Para alcançá-lo, desdobraram-se os seguintes objetivos específicos: a) analisar os atores atuantes e influentes no interdomínio, assim como a evolução do conhecimento científico decorrente de suas pesquisas; b) especificar sua origem como objeto de pesquisa da área; c) apresentar as contribuições teóricas e metodológicas dessas produções, bem como o desenvolvimento na área; d) descrever as terminologias emergentes e comumente adotadas pela comunidade discursiva para representar os ambientes informacionais digitais; e) sistematizar as categorias e conceitos já consolidados, a fim de prospectar as lacunas referentes ao objeto de estudo. Trata-se de uma investigação com alcance descritivo em organização do conhecimento, com abordagem quali-quantitativa, apoiada na pesquisa bibliográfica como procedimento técnico, elaborada a partir da análise de domínio proposta por Hjørland. O universo do presente estudo se constituiu de artigos publicados em periódicos científicos da Ciência da Informação. A amostra analisada foi composta de 54 artigos publicados no Brasil, indexados na Brapci; 54 artigos de revistas espanholas, recompilados no ÍndICE-CSIC e Dialnet; 69 artigos de publicações dos Estados Unidos, disponibilizados na LISA, no período de 2006 a 2017. Embora na literatura existam trabalhos anteriores sobre *mídias sociais e bibliotecas*, desde 2006, essa temática é

objeto de investigação da comunidade científica dos Estados Unidos e Espanha; no Brasil, isso ocorre a partir de 2007, principalmente no âmbito das bibliotecas universitárias. A maioria dos autores citantes pertence à Ciência da Informação, em colaboração com pesquisadores de outras áreas básicas das Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra e Engenharias, inclusive no exterior. Em adição a isso, identificou-se o estágio inicial de formação de uma comunidade epistêmica no campo aqui de ênfase. Introdutor dos conceitos basilares de repercussão mundial, como Web 2.0 e Library 2.0, o país norte-americano tem maior visibilidade internacional. Além de *Web 2.0*, *redes sociais* ainda é a expressão preferencial para nomear os ambientes informacionais digitais; no entanto, *mídias sociais* tem conquistado mais evidência nos últimos anos, por ser um conceito abrangente que engloba múltiplas plataformas de comunicação on-line. Ainda, nota-se uma predisposição para pesquisas de aplicações práticas, seguida de estudos teóricos. Foram indicados novos léxicos representativos do interdomínio para posterior análise e possível atualização de glossários e tesouros nesse âmbito, de modo a acompanhar, assim, as tendências da sociedade atual.

Palavras-chave: Mídias sociais. Tecnologias da Web 2.0. Rede sociais. Bibliotecas. Análise de domínio.

ABSTRACT

As organizations responsible for providing accurate and up-to-date information, libraries continually experiment with new technological resources and, consequently, remodel their services to meet the expectations of their users. At the beginning of the 21st century, social media emerged as another opportunity for the users to connect to such spaces and their information resources. In this context, Information Science, despite already constituting solid scientific studies, gathers incipient production on these platforms, therefore, an emerging object of investigation. Thus, researchers in this field turn to other areas, such as Sociology and Social Communication, to support their investigations. In the light of the domain analysis developed from the bibliometric, historical, epistemological/critical, terminological and classifications/thesaurus dimensions, the general objective of this research was to characterize, under the precepts of literature, the interdomain social media and libraries in Brazil, Spain and the United States, in the field of Information Science. In order to achieve this, the following specific objectives were developed: a) to analyze the active and influential actors in the interdomain, as well as the evolution of scientific knowledge resulting from their research; b) specify its origin as an object of research in the area; c) present the theoretical and methodological contributions of these productions, as well as the development in the area; d) describe the emerging and commonly adopted terminologies by the discursive community to represent digital informational environments; e) systematize the categories and concepts already consolidated, in order to explore the gaps related to the object of study. It is a research with a descriptive scope in knowledge organization, with a qualitative and quantitative approach, supported by bibliographic research as a technical procedure, elaborated from the domain analysis proposed by Hjørland. The universe of the present study consisted of articles published in scientific journals of Information Science. The analyzed sample was composed of 54 articles published in Brazil, indexed in Brapci; 54 articles from Spanish magazines, compiled on the Index-CSIC and Dialnet; 69 articles from publications in the United States, available on LISA, from 2006 to 2017. Although in the literature there are previous works on social media and libraries, since 2006, this topic has been the subject of investigation by the scientific community in the United States and Spain; in Brazil, this has occurred since 2007, mainly within the

scope of university libraries. Most of the citing authors belong to Information Science, in collaboration with researchers from other basic areas of Human Sciences, Exact Sciences and Earth Sciences and Engineering, including abroad. In addition to this, the initial stage of formation of an epistemic community was identified in the field of Information Science. Introducing the basic concepts of worldwide repercussion, such as Web 2.0 and Library 2.0, the North American country has greater international visibility. In addition to Web 2.0, social networking is still the preferred expression for naming digital informational environments; however, social media has gained more evidence in recent years, as it is a comprehensive concept that encompasses multiple online communication platforms. Still, there is a predisposition for research on practical applications, followed by theoretical studies. New lexicons representative of the interdomain were indicated for further analysis and possible updating of glossaries and thesaurus in this area, in order to follow, thus, the trends of the current society.

Keywords: Social media. Web 2.0 technologies. Social networks. Libraries. Domain analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casa da Cultura Bi Moreira (Lavras/MG).....	22
Figura 2 – Do antigo ao moderno: bibliotecas pelo mundo.....	41
Figura 3 – Noção de redes sociais: âmbito de aplicação da pesquisa.....	44
Figura 4 – Mídia social x rede social em ambientes informacionais digitais	46
Figura 5 – Dados digitais ao redor do mundo, 2020	47
Figura 6 – Plataformas sociais mais usadas do mundo, 2020	48
Figura 7 – Esquema representativo da tese.....	52
Figura 8 – Ondas significativas de inovação	57
Figura 9 – Marco histórico de conceitos e teorias no contexto das redes.....	70
Figura 10 – Marco histórico das principais ações e políticas de informação no contexto das redes	71
Figura 11 – Abrangência da produção científica em nível internacional	80
Figura 12 – Interdomínio da pesquisa	96
Figura 13 – Modelo híbrido da tese.....	113
Figura 14 – Índice de coautoria.....	125
Figura 15 – Distribuição geográfica dos autores por país.....	127
Figura 16 – Autores mais citados, citantes mais representativos e comunidade epistêmica	131
Figura 17 – Terminologias representativas do interdomínio	149
Figura 18 – Influências terminológicas do interdomínio na Ciência da Informação.	153
Figura 19 – Termos adjacentes às terminologias que representam os ambientes informacionais digitais	155
Figura 20 – Mídias sociais mais utilizadas por bibliotecas, 2006-2017	159
Figura 21 – Percurso temático das pesquisas, 2006-2017	162
Figura 22 – Representação do interdomínio na Ciência da Informação	172

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição do número de artigos, 2006-2017.....	115
Gráfico 2 – Colaboração científica nos três países	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre o tema no âmbito da pós-graduação na Ciência da Informação, 2010-2018.....	81
Quadro 2 – Intersecções e avanços da pesquisa.....	93
Quadro 3 – Formação acadêmica dos autores.....	121
Quadro 4 – Autores internacionais que publicam nos países analisados	123
Quadro 5 – Autores citantes com mais de dois artigos por país.....	129
Quadro 6 – Contribuições teóricas de outros campos do conhecimento	140
Quadro 7 – Contribuições teóricas da Ciência da Informação.....	144
Quadro 8 – Características metodológicas das pesquisas	146
Quadro 9 – Contexto temático das pesquisas	166
Quadro 10 – Representatividade do interdomínio no TBCI/Ibict e proposta de novos termos	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de artigos recuperados na LISA por país	98
Tabela 2 – Distribuição dos artigos selecionados por base de dados	101
Tabela 3 – Distribuição dos periódicos nas zonas de Bradford	117
Tabela 4 – Fator de Impacto dos periódicos disseminadores do interdomínio	120
Tabela 5 – Distribuição do número de autores por artigo	124
Tabela 6 – Lei do Elitismo de Price	130
Tabela 7 – Percentual de uso dos termos	148
Tabela 8 – Esfera de aplicação das pesquisas sobre mídias sociais e bibliotecas .	160
Tabela 9 – Distribuição da atribuição dos artigos no plano geral do TBCI/Ibict	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.	autor(a)
AB	resumo
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Acafe	Associação Catarinense de Fundações Educacionais
ACRL	Association of College and Research Libraries
ALA	American Library Association
ALCTS	Association for Library Collections and Technical Services
Aneca	Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación
BAAB	Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios
Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CB-14	Comitê Brasileiro de Documentação
CCHS	Centro de Ciencias Humanas y Sociales
CSIC	Consejo Superior de Investigaciones Científicas
Cetic	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CMS	Content Management Systems
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNSL	Colégio Nossa Senhora de Lourdes
E-digital	Estratégia Brasileira para a Transformação Digital
Eblida	European Bureau of Library, Information and Documentation Associations
Edufu	Editores da Universidade Federal de Uberlândia
EGD	Estratégia de Governança Digital
EIICA	Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação
Enancib	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
EPI	El Profesional de la Información
Esbi	Escola de Biblioteconomia
e-SIC	Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão
EUA	Estados Unidos

Faac	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Faced	Faculdade de Educação
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FI	Fator de Impacto
Fuom	Fundação Educacional Comunitária Formiguense
GII	Global Information Infrastructure
GPNTI	Grupo de Pesquisa Novas Tecnologias em Informação
GT	Grupo de Trabalho
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICANN	Internet Corporation for Assigned Names and Numbers
IF	Palavras-chave
IFLA	International Federation Of Library Associations and Institutions
ISO	International Organization for Standardization
ISCED	International Standard Classification of Education
Itec	Informação & Tecnologia
ITU	International Telecommunication Union
JCR	Journal Citation Reports
JIF	Journal Impact Factor
KPI	Key Performance Indicator
LAI	Lei de Acesso à Informação
LAI	Library Association of Ireland
LDO	Lei de Diretrizes Orçamentárias
Lecotec	Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia, Educação e Criatividade
LISA	Library and Information Science Abstracts
LOA	Lei Orçamentária Anual
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MP	Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
OECD	Organisation for Economic Co-operation and Development
ONU	Organização das Nações Unidas
Orient.	Orientador(a)
PBLOC	Local de publicação
PDA	Plano de Dados Abertos

PGD	Política de Governança Digital
PNIS	Política Nacional de Informação e Informática em Saúde
PNPS	Política Nacional de Participação Social
PPA	Plano Plurianual
PPGCE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
RDBCI	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
RIDC	Rede Internacional para Diversidade Cultural
RIPC	Rede Internacional de Políticas Culturais
ROI	<i>Return On Investment</i>
RSS	<i>Really Simple Syndication</i>
Secin	Seminário em Ciência da Informação
Secom	Secretaria Especial de Comunicação Social
Sisbi	Sistema de Bibliotecas
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
SNIS	Sistema Nacional de Informação em Saúde
SocInfo	Programa Sociedade da Informação
TBCI	Tesouro Brasileiro da Ciência da Informação
TD	Teses e Dissertações
TI	Título
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UC3M	Universidad Carlos III de Madrid
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFF	Universidade Federal Fluminense
Ufla	Universidade Federal de Lavras
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro.
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Unei	Unidade de Ensino Integral
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Unilasalle	Centro Universitário La Salle
Unifai	Centro Universitário Assunção.
Unifor	Centro Universitário de Formiga
UninCor	Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Uniube	Universidade de Uberaba
USP	Universidade de São Paulo
WoS	Web of Science

SUMÁRIO

	PRÓLOGO: indissociabilidade entre identidade pessoal, acadêmica e profissional	22
1	INTRODUÇÃO	40
1.1	Contextualização	40
1.2	Motivação e justificativa	48
1.3	Objetivos	51
1.4	Estrutura da tese	51
2	ESTADO INFORMACIONAL: SOCIEDADE, POLÍTICA E TECNOLOGIA ...	55
2.1	Sociedade em rede	60
2.2	Políticas públicas de informação no contexto das redes	66
3	MÍDIAS SOCIAIS EM BIBLIOTECAS: CONEXÃO E INTERAÇÃO	77
3.1	Produção científica sobre o interdomínio em nível internacional e no âmbito da pós-graduação no Brasil	79
3.2	Da internet às mídias sociais nas bibliotecas	86
4	METODOLOGIA	92
4.1	Bases de dados	97
4.2	Análise de dados	102
4.2.1	<i>Estudos históricos</i>	103
4.2.2	<i>Estudos bibliométricos</i>	103
4.2.2.1	<i>Periódicos científicos que publicam estudos sobre o interdomínio</i>	103
4.2.2.2	<i>Autores com maior produção no interdomínio</i>	104
4.2.2.3	<i>Autores citados</i>	105
4.2.2.4	<i>Comunidade epistêmica</i>	106
4.2.3	<i>Estudos epistemológicos e críticos</i>	107
4.2.4	<i>Estudos terminológicos</i>	108
4.2.5	<i>Classificações e tesouros</i>	109
4.3	Modelo híbrido da tese	111
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	115
5.1	Estudos históricos	115
5.2	Estudos bibliométricos	117
5.2.1	<i>Periódicos científicos que publicam estudos sobre o interdomínio</i>	117

5.2.2	<i>Autores com mais produção no interdomínio</i>	120
5.2.3	<i>Autores citados</i>	130
5.2.4	<i>Comunidade epistêmica</i>	134
5.3	Estudos epistemológicos e críticos	136
5.4	Estudos terminológicos	148
5.4.1	<i>Fatores internos da língua</i>	154
5.5	Classificações e tesouros	158
6	CONCLUSÃO	174
	REFERÊNCIAS	187
	APÊNDICE A – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO BRASILEIRO	213
	APÊNDICE B – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO ESPANHOL	219
	APÊNDICE C – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO ESTADUNIDENSE	225
	APÊNDICE D – DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS E ARTIGOS EM ZONAS (BRADFORD): VERSÃO COMPLETA	231
	ANEXO A – CONTATO COM PROQUEST: ATUALIZAÇÃO LISA	233
	ANEXO B – ATUALIZAÇÃO NA BASE LISA: CAMPO PAÍS	236

PRÓLOGO: INDISSOCIABILIDADE ENTRE IDENTIDADE PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

“Minhas memórias se constroem, se demolem no decorrer da vida, minha lida, minha sina, nas escolhas pretéritas ou futuras que se forjem.” (CHRISTI, 2018).

Desde bem pequena, tive interesse especial por livros. Inclusive, meus pais sempre gostaram de contar que eu, antes dos dois anos, mal sabendo andar e falar, dentre meus brinquedos prediletos, escolhia uma coleção de pequenos exemplares de contos infantis, dos quais não me separava facilmente, sobretudo durante a madrugada. Muitas vezes, mesmo quando apagavam a luz do quarto, eu permanecia resistente ao sono, manuseando as miniaturas, experimentando os primeiros sons, balbuciando histórias ao vento, o que contribuiu diretamente para o desenvolvimento de minha oralidade no decorrer da interação com o ambiente informacional.

No início da década de 1980, em minha infância, comecei a frequentar a Biblioteca Pública Municipal “Meirinha Botelho” de minha cidade natal, Lavras/MG, acompanhando minha tia, bibliotecária, que trabalhava nessa unidade. Naqueles tempos, a biblioteca pública estava sediada na Casa da Cultura Bi Moreira (Figura 1), antigo e imponente prédio de estilo colonial, construído em 1894 e tombado como Patrimônio Histórico de Lavras, em 1999 (CASA..., 2020).

Figura 1 – Casa da Cultura Bi Moreira (Lavras/MG)



Fonte: Antiga... (2020).

Particpei de diversas atividades voltadas à leitura, como as famosas e inesquecíveis colônias de férias, naqueles anos geralmente nos meses de julho e janeiro. Por meio da contação de histórias, dança, teatro, concurso de leitura,

gincanas, trabalhos manuais, dentre outras, aquele espaço cumpria sua função cultural e de participação social. Também existia o projeto biblioteca ambulante, que levava o ato de ler aos bairros carentes da cidade, onde, por algumas vezes, tive a oportunidade de acompanhar minha tia “a tiracolo”. Lembranças saudosas! Poderosas conexões ao passado emocional, catalogadas na memória. Recordações de uma das etapas mais marcantes de minha infância, impregnadas do odor inesquecível de suas salas de leitura e demais ambientes, além do prazer de manusear as coleções de livros infantis que me fascinavam.

Fui crescendo, tomando gosto maior pela leitura, manuseio dos livros e pesquisas. A biblioteca de minha escola se tornou um espaço de visita frequente, em especial nos intervalos. Em 1994, ao terminar o curso de habilitação ao magistério no Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CNSL), influenciada por minha mãe, pela profissão de minha tia e boas lembranças de infância relacionadas com a biblioteca, optei pelo curso de graduação em Biblioteconomia na Escola de Biblioteconomia (Esbi), da Fundação Educacional Comunitária Formiguense (Fuom), atual Centro Universitário de Formiga (Unifor), localizado nessa mesma cidade mineira. Nesse contexto, cabe relembrar o privilégio de fazer ensino superior com meus pais. Minha mãe, que resolveu voltar a estudar, foi minha colega de sala, porém fazia parte da turma do “fundão”; eu, por outro lado, preferia as primeiras fileiras; enquanto isso, meu pai cursava Estudos Sociais com licenciatura em Geografia e História na mesma faculdade. Formamos em dezembro de 1997. Nos quatro anos que passamos bem mais próximos, ajudávamos-nos e, muitas vezes, superávamos os desafios e dificuldades acadêmicas em um trabalho conjunto. Uma experiência simplesmente indescritível!

Durante esse período, além de ministrar aulas de inglês para crianças do ensino fundamental no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, atuei como estagiária na Biblioteca Central da Universidade Federal de Lavras (Ufla) e, posteriormente, no Departamento de Ciência do Solo da mesma universidade, onde conheci meu esposo. Na primeira, eu indexava artigos de periódicos científicos na AgroBase,² e no “Solos” era responsável pela automação do acervo de separatas na área de Microbiologia do

² Uma das principais bases bibliográficas da agricultura brasileira, contemplando mais de 280 mil documentos da literatura agrícola, técnica-científica e de extensão rural do país, corrente e retrospectiva, desde 1870. Cf. <http://orton.catie.ac.cr/agb.htm>.

Solo no Micro-ISIS.³ Já em Formiga, cumpri os estágios obrigatórios na Biblioteca da Escola de Música, Biblioteca Paroquial Sagrado Coração de Jesus e Biblioteca Pública Municipal “Dr. Sócrates Bezerra de Menezes”.

Após a conclusão do ensino superior, em dezembro de 1997, fui aprovada em um processo seletivo realizado na Universidade de Uberaba (Uniube), para atuar como bibliotecária nessa mesma cidade do estado de Minas Gerais. Nos dois anos que lá fiquei (1998-1999), concluí o curso de especialização em *Gerenciamento Estratégico da Informação*, promovido pela mesma instituição.

Em 2000, solicitei desligamento da função, retornei a Lavras e trabalhei por três anos como bibliotecária na biblioteca escolar do CNSL, onde já havia cursado o ensino fundamental II e médio (habilitação para o magistério). No mesmo colégio, além das macrofunções inerentes a esse ambiente, desenvolvia semanalmente diversas atividades relacionadas com a leitura, destinadas a alunos das séries iniciais e nível seguinte.

Também em 2000, atuei como professora universitária no curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (UninCor), na referida cidade mineira, onde ministrei as disciplinas *Informação e Biblioteconomia e História da Cultura*.

Em 2001, aprovada em concurso público municipal, tomei posse e atuei como professora inicial da Prefeitura Municipal de Lavras, na educação infantil (3º período, hoje 1º ano do ensino fundamental), em uma das escolas da periferia da cidade. Alguns meses depois de ingressar nesse sistema, fui convidada pelo secretário de educação (gestão 2001-2004) para assumir o cargo de diretora da Biblioteca Pública Municipal “Meirinha Botelho”.

Dentre as atividades desenvolvidas nos dois anos subsequentes, enquanto ocupava esse cargo, destaco a criação do grupo de estudos com os representantes de bibliotecas das escolas municipais locais. A Biblioteca Pública Estadual “Luiz de Bessa”, sediada em Belo Horizonte/MG, enviou para a Biblioteca Pública de Lavras, naquela ocasião considerada polo regional, inúmeros exemplares do livro *Curso de*

³ Software de gerenciamento de bases bibliográficas de dados, desenvolvido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), lançado no final de 1985. Nesse período, além do serviço de indexação, colaborei com a criação do Centro de Documentação do Departamento de Administração e Economia, cujo acervo foi doado em 2015 para a Biblioteca Central, e com a seleção do acervo bibliográfico do Museu de História Natural, também incorporado na referida biblioteca. Todas as unidades administrativas mencionadas pertencem à Ufla.

Capacitação para Dinamização e Uso da Biblioteca Pública (ANTUNES, 2000), que integravam o programa de apoio à organização de unidades informacionais escolares e formação de leitores, implantado pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Logo, cada uma delas recebia seu exemplar, enquanto cada representante era responsável por administrar a organização de seu acervo e desenvolver atividades voltadas para formação de leitores.

Para alcançar melhores resultados, entramos em contato com a direção desses estabelecimentos e solicitamos a liberação dos profissionais, uma vez por semana, para que, juntos, na biblioteca pública, pudéssemos trabalhar o conteúdo do manual. A formação desse grupo de estudo foi uma oportunidade ímpar, através da qual pudemos dividir experiências, conhecer diferentes realidades, fazer orientações técnicas e, conseqüentemente, contribuir com a melhoria dos serviços oferecidos⁴.

No final de 2002, fui consultada por representantes da Uniube a respeito do meu possível interesse em colaborar novamente com a instituição, atuando na criação da biblioteca de um futuro campus em Uberlândia/MG. Assim, em janeiro de 2003, mudei-me com minha família para essa cidade, na qual iniciei funções de implantação, organização e funcionamento dessa unidade de informação.

Ao matricular meu filho, na época com 4 anos, na escola particular Unidade de Ensino Integral (Unei), fui convidada por sua direção a prestar serviço na criação e organização de uma biblioteca escolar, trabalho desenvolvido no período de 2003 a 2005. Aproximadamente 10 anos depois, retornei ao ambiente educacional como consultora da biblioteca do Colégio Marista Champagnat de Uberlândia.

No início de 2004, participei de concurso público para preencher uma vaga ao cargo de bibliotecário-documentalista na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no qual fui aprovada. Já em 17 de setembro do mesmo ano, tomei posse no setor de referência da Biblioteca do Campus Santa Mônica. Nessa etapa de minha carreira profissional, pude participar de diversas atividades e ações administrativas que me permitiram desenvolver uma visão prática e sistemática do funcionamento do Sistema de Bibliotecas (Sisbi) da UFU.

⁴ Esta e outras ações promovidas pela biblioteca, que ratificam sua importância para a construção de uma sociedade crítica, inclusiva e intercultural, são descritas e analisadas por Ariana Silva e Ilsa Goulart (2019, p. 21), no trabalho *Biblioteca Pública de Lavras: redesenhando a história e sua relevância para a comunidade lavrense*.

Em março de 2005, fui convidada pela diretora desse último para chefiar o setor de referência da Biblioteca do Campus Umuarama; em setembro de 2006, assumi a gerência dessa unidade de informação. De 2005 a 2011, representei o Sisbi/UFU no Comitê Brasileiro de Documentação (CB-14), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com a responsabilidade de atualizar e elaborar a padronização das normas de publicações técnico-científicas. A partir dessa experiência (2005), fui convidada a ser coautora, pelas bibliotecárias da UFU Ângela Maria Silva Fuchs e Maria Salete de Freitas Pinheiro, do projeto de revisão e atualização do *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos*,⁵ pela Editora da UFU (Edufu), utilizado na maioria dos cursos de graduação e pós-graduação da universidade.

Em 2013, foi publicada de forma didática e ilustrada, também pela Edufu, a 1ª edição do *Guia para normalização de publicações técnico-científicas* (FUCHS; FRANÇA; PINHEIRO, 2013)⁶, que, além dos 6 capítulos da obra anterior, contou com mais 9 seções referentes às normas da ABNT de documentação. De 2006 a 2011, atuei na mesma editora como revisora de normalização de mais de 100 livros publicados nas mais diversas áreas do conhecimento.

Em março de 2008, tive a oportunidade de retornar para a Biblioteca Central do Campus Santa Mônica, dessa vez com a função de gerente da Divisão de Atendimento ao Usuário do Sisbi/UFU. Já em janeiro de 2013, fui designada para coordenar esse mesmo departamento, mas nas oito bibliotecas do sistema — Santa Mônica, Umuarama, Educação Física, Escola de Educação Básica, Hospital das Clínicas, Ituiutaba, Monte Carmelo, Patos de Minas —, e acompanhar a construção da nona unidade no campus Glória, atividades que desenvolvi até dezembro de 2016, quando me afastei para dar continuidade aos estudos. Dessa forma, iniciei o curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Câmpus Marília/SP.

Nesses 10 anos como membro da equipe de administração do Sisbi/UFU, tive a responsabilidade de orientar, acompanhar e coordenar atividades realizadas nos setores de atendimento ao público, a fim de garantir qualidade nos serviços prestados a diversos perfis. Portanto, oferecer à comunidade universitária, juntamente com toda equipe da biblioteca, o suporte necessário para o exercício do ensino, pesquisa, extensão e inovação.

⁵ A última edição desse título foi atualizada em 2011.

⁶ A 2ª edição está prevista para ser publicada no primeiro semestre de 2021.

Em síntese, o capital cultural adquirido no ambiente familiar influenciou meu gosto pelos livros e leitura. Ainda, marcou definitivamente toda minha trajetória acadêmica e percurso profissional tanto na docência quanto na atuação em bibliotecas dos tipos escolar, especializada, pública, universitária, ao longo dos últimos 20 anos. Por sua vez, as inquietações e questionamentos resultantes dessa atuação têm me servido de motivação, de modo a despertarem o interesse investigativo acerca do tema aqui proposto.

Nesse sentido, em março de 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE), da Faculdade de Educação (Faced) da UFU, em nível de mestrado, no qual cumpri os créditos exigidos em disciplinas e atividades programadas. Em abril de 2015, defendi a dissertação intitulada *Gestão em bibliotecas universitárias públicas: um enfoque tecnológico* (FRANÇA, 2015).

Nessa pesquisa, sob a orientação da professora Dra. Angela Maria Grossi, foram analisadas e sistematizadas as principais ideias norteadoras e configuradoras da gestão de bibliotecas universitárias públicas no período de 2009-2014, especificamente no que se referia às inovações tecnológicas e seu impacto nessas unidades de informação. Além de dois artigos derivados desse estudo, mencionados mais adiante, destacam-se:

- a) os trabalhos *Sociedade da informação e biblioteca universitária: contribuições para a democratização do acesso ao conhecimento* (FRANÇA; CARVALHO, 2015b) e *Gestão em bibliotecas universitárias públicas: um enfoque tecnológico* (FRANÇA; CARVALHO, 2015a), ambos apresentados na modalidade oral no XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), realizado em João Pessoa, em 2015; sendo o primeiro divulgado no Grupo de Trabalho 5 (GT-5): *Política e Economia da Informação*, e o segundo, no Grupo de Trabalho 8 (GT-8): *Informação e Tecnologia*;
- b) capítulo 7, do livro *Convergencia: medios, tecnologías y educación en la era digital* (2016, EDULP, Argentina) – *Planejamento e Práticas Administrativas na Adoção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em Bibliotecas Universitárias Públicas Federais no Brasil* (FRANÇA; CARVALHO, 2016);

- c) o trabalho *Tendências tecnológicas em bibliotecas universitárias: o cenário atual na Universidade Federal de Uberlândia, MG* (FRANÇA; SOUZA, 2016), apresentado em formato de pôster, no XIX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), realizado em Manaus/AM, em outubro de 2016.

Dentre as diversas tecnologias e inovações analisadas na pesquisa de mestrado, observou-se que mais de 50% das bibliotecas universitárias públicas do país, incluindo da UFU, utilizavam redes sociais como canais de divulgação de seus produtos, serviços e comunicação junto aos usuários.

Como coordenadora de atendimento do setor, em parceria com outros bibliotecários, atuei diretamente na implantação desse tipo de plataforma no Sisbi/UFU, com destaque para criação do perfil *Bibliotecas UFU*, no Twitter⁷, em novembro de 2009, e a *fanpage Bibliotecas UFU*, no Facebook⁸, em outubro de 2010. Em 2015, foram criadas mais três contas diferentes: no Instagram⁹, em abril; no Flickr¹⁰, em maio, e canal oficial do Sisbi/UFU no Youtube¹¹ no final do ano; em abril de 2016, foi disponibilizado mais um canal de atendimento ao público, dessa vez, via WhatsApp.

Os laços (redes sociais) produzidos pelas mídias sociais têm sido cada vez mais promissores, embora requeiram análise crítica, pois a cada ano aumenta consideravelmente o número de brasileiros que investe seu tempo produzindo e consumindo informação nos ambientes digitais. Logo, como os usuários vivem em um mundo digital, é essencial estabelecer, desenvolver e refletir a presença da biblioteca nas mídias sociais, ou seja, nos lugares que ocupam.

Nesse contexto, reflexões e discussões com pares sobre como as unidades de informação universitárias utilizavam as redes sociais como recurso de diálogo direto com seus usuários me levaram pela primeira vez ao principal evento de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: o Enancib. Em sua 15ª edição, realizada em Belo Horizonte/MG (2014), compartilhei os resultados do trabalho *Redes sociais em bibliotecas: trabalhos apresentados no XVII SNBU* (FRANÇA; CARVALHO, 2014) no GT-8, como comunicação oral. A visibilidade que esse trabalho alcançou em 2020, ao

⁷ Cf. <https://twitter.com/bibliotecasufu>.

⁸ Cf. <https://www.facebook.com/bibliotecas.ufu>.

⁹ Cf. <https://www.instagram.com/bibliotecasufu/>.

¹⁰ Cf. <https://www.flickr.com/photos/bibliotecasufu/albums>.

¹¹ Cf. https://www.youtube.com/channel/UC1y4d2uQmS5fRoDRHOAc_Pg.

chegar a mais de 700 visualizações na rede social para pesquisadores Academia.edu¹², ratificou minha intenção de aprofundar os estudos sobre esse fenômeno que impactou radicalmente o modo de interação e compartilhamento de informação na sociedade contemporânea.

Assim, como desdobramento de minha dissertação, em março de 2016, iniciei atividades acadêmicas na linha *Informação e Tecnologia* do PPGCI/Unesp, nível doutorado, sob orientação da professora Dra. Angela Maria Grossi. O foco, nesse caso, foi inicialmente o de desvendar a intersecção de saberes entre os domínios *mídias sociais* e *bibliotecas*, bem como reconhecer o valor da interação com usuários e fortalecimento das conexões sociais nesse segmento.

Nos dois primeiros anos (2016-2017), cumpri os créditos de disciplinas cursadas no PPGCI e em programa externo à Unesp, após o ingresso; também aproveitei parte das competências concluídas no mestrado. Em adição a isso, concluí exigências de outras atividades, como participação em eventos de natureza científica e grupos de pesquisa, além de publicação científica com Qualis na área, conforme será apresentado a seguir. No decorrer das atividades de cada disciplina, busquei aproximar o conteúdo ministrado e discutido com o objeto de pesquisa. Assim, seria possível alcançar o aprofundamento teórico, metodológico e de aplicação necessário ao desenvolvimento proposto.

Em *Fundamentos tecnológicos de representação de dados e informações*, dirigida pelos professores Dr. Ricardo Sant'ana e Dr. Rogério Ramalho, conheci os principais conceitos que alicerçam o uso das tecnologias de representação na web. Dessa ocasião, resultou o trabalho apresentado, como comunicação oral, no *VII Seminário em Ciência da Informação* (Secin), em agosto de 2017, realizado em Londrina/PR, sob o título *Tecnologias de representação de dados e de informação: revisão bibliográfica no Information Research* (FRANÇA; CARVALHO; RAMALHO, 2017).

Já em *Arquitetura da informação digital*, conduzida pela professora Dra. Silvana Vidotti, foram abordados os subsídios teóricos para desenvolvimento e avaliação de sites da web, além de bibliotecas digitais, repositórios institucionais,

¹² Cf.

https://www.academia.edu/9271564/REDES_SOCIAIS_EM_BIBLIOTECAS_TRABALHOS_APRESENTADOS_NO_XVII_SNB_U.

dentre outros recursos. Um dos pré-requisitos de aprovação era a elaboração de uma resenha do livro *Information Architecture: For the Web to Beyond* (4. ed., 2015, O'Reilly Media). Desse modo, no segundo semestre de 2018, surgiu o texto intitulado *Arquitetura da informação para ambientes informacionais digitais* (CARVALHO; FRANÇA, 2018), publicado na revista *Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia* (Qualis A2).

Também para conclusão da etapa foi produzido o trabalho final, denominado *Elementos de la Arquitectura de la Información en el Contexto de las Redes Sociales*, submetido para avaliação do corpo editorial de uma revista da área (Qualis B1). Uma das contribuições desse estudo foi a adaptação do conceito de *arquitectura da informação* de Silvana Vidotti, César Augusto Cusin e Juliane Corradi (2008, p. 182) para o contexto das redes sociais:

En estos ambientes de información, los actores sociales (individuos y organizaciones), partiendo de su experiencia digital, atribuyen metadatos basados en hipertexto (marcadores), conocidos como *tags* o *hashtags* (*sistema de etiquetado*), con la función de organizar y clasificar el contenido (*sistema de organización*) y facilitar la recuperación de informaciones relacionadas (*sistema de busca*). En las redes sociales, los actores se relacionan con otros actores y comparten informaciones mediante comentarios en posts, tweets, me gusta (*sistema de navegación*). Por la interacción de los actores en la red es posible identificar el papel de cada uno, conocer y contactar otros actores (*usabilidad/comportamiento informacional*), así como identificar sus percepciones, gustos, sentimientos y motivaciones (*user experience*) para acceder y encontrar informaciones relevantes y confiables (*credibilidad*), independientemente de su condición física (*accesibilidad*). (FRANÇA; GROSSI, 2020, em avaliação, grifos nossos).

No segundo semestre de 2016, cursei a disciplina *Políticas públicas de informação e tecnologia*, ministrada pela professora Dra. Angela Maria Grossi, minha orientadora. Tal contexto me permitiu conhecer e analisar o cenário das políticas públicas de informação e tecnologia no país, discutir seus diferentes segmentos, refletir sua evolução, bem como contradições inerentes a esse segmento. Como prosseguimento, foi produzido o trabalho conclusivo *Redes sociais no contexto das políticas de informação: um estudo exploratório*, apresentado no *X Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação* (EIIICA), em formato de pôster, em Marília/SP, em junho de 2018 (FRANÇA, 2018). Seu texto base, que mapeou os principais marcos históricos das políticas de informação no contexto brasileiro das

redes, tem sido objeto de discussão e análise do grupo de pesquisa *Mídias, Informação e Cidadania*¹³, com ênfase em atualização e aprofundamento teórico. Em setembro de 2019, foi publicado o artigo *Perspectiva das pesquisas em ciência da informação sobre mídias sociais e políticas no Brasil*, elaborado por esse mesmo círculo acadêmico, do qual faço parte desde março de 2016, no periódico *Informação e Informação* (Qualis A2) (CARVALHO; FRANÇA; LOPES, 2019).

Para sua realização, documentos recuperados (corpus da pesquisa) no domínio analisado foram submetidos a uma análise bibliométrica e cronológica, sendo identificados fatos que marcaram história no âmbito político brasileiro e mundial, no período de 2007 a 2017. Além do Lecotec, sou membro participante do *Grupo de Pesquisa GEINFO: saberes e fazeres em informação e conhecimento*,¹⁴ da Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde dezembro de 2015, e do *Grupo de Pesquisa Novas Tecnologias em Informação* (GPNTI), da Unesp¹⁵, desde outubro de 2016.

Outra disciplina cursada no segundo semestre daquele ano foi *Preparação de artigos de periódicos: aspectos metodológicos e éticos*, regida pelos professores Dr. José Augusto Guimarães e Dr. Daniel Martinez. Nesse caso, foi possível refletir sobre *o que, por que e com quem* escrever um artigo científico, além sobre *onde* submetê-lo. Como atividade final, a partir das discussões suscitadas em aula, foi possível analisar dois textos, produzidos anteriormente, para então serem enviados a revistas científicas do país, e identificar contribuições da disciplina em minha trajetória acadêmica.

O primeiro artigo avaliado foi *Novos cenários tecnológicos para gestores de bibliotecas universitárias públicas* (FRANÇA; CARVALHO, 2017c), publicado pela *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação* (Qualis B1), no segundo semestre de 2017, com o objetivo de divulgar à comunidade científica da Ciência da Informação o resultado de minha dissertação, defendida em 2015. Outro texto revisado a partir das contribuições da disciplina mencionada foi a pré-pesquisa, integrante do mesmo trabalho, realizada para elencar, dentre as bibliotecas

¹³ Grupo liderado pela professora Dra. Angela Grossi, pertencente à linha *Mídia, Criatividade e Cidadania*, do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia, Educação e Criatividade (Lecotec), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp, Câmpus Bauru/SP, e coordenado pelos professores Dr. Juliano Maurício de Carvalho e Dr. Antonio Francisco Magnoni.

¹⁴ Liderado pela professora Dra. Nídia Maria Lienert Lubisco.

¹⁵ Liderado pela professora Dra. Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti.

universitárias nacionais, a que faria parte de um estudo comparativo com as bibliotecas da UFU, sendo o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apontado como referência no segmento tecnológico do país. Denominado *Tecnologias da informação e comunicação em bibliotecas universitárias públicas brasileiras: um estudo preliminar*, foi publicado na *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis/SC (Qualis B2), no início de 2019 (FRANÇA; CARVALHO, 2018/2019).

No primeiro de semestre do mesmo ano, cursei a matéria optativa *Monitoramento e análise de mídias sociais*, ministrada pela professora Dra. Mirna Tonus, ofertada na linha *Tecnologias e Interface da Comunicação* do PPGCE/Faced/UFU, em Uberlândia. Dessa forma, considerei a relação direta do meu objeto de pesquisa doutorado com o objetivo geral da disciplina¹⁶.

Em outubro de 2017, apresentei no *GT-8: Informação e Tecnologia* do XVIII *Enancib*, realizado em Marília, modalidade comunicação oral, o trabalho final intitulado *Monitoramento de Mídias sociais: um estudo exploratório em bibliotecas universitárias públicas federais* (FRANÇA; CARVALHO, 2017a). Em junho de 2018, recebi um convite do corpo editorial da *Informação & Tecnologia* (Itec) (Qualis B5) para publicar esse mesmo texto, então apontado por seu comitê como um dos melhores trabalhos apresentados no GT-8 (FRANÇA; CARVALHO, 2017b).

Em 2017, havia sido também contemplada com uma bolsa de estudos para participar do curso a distância *Biblioteca e imagen: redes sociales visuales*, concedida pelo Programa Ibero-americano de Bibliotecas Públicas, Iberbibliotecas (Edital 2017-2). Oferecido a profissionais da informação do Brasil, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Medellín, México e Chile, foi realizado por docentes do *Co.legi Oficial de Bibliotecaris-Documentalistes de Catalunya* (Barcelona, Espanha), de setembro a outubro daquele ano. Na oportunidade, tive acesso a ferramentas para busca, criação e curadoria de conteúdos visuais na internet. Além disso, aprendi a desenvolver estratégias de marketing de conteúdo visual em redes sociais e otimizar o uso do Pinterest, Instagram, Facebook, Twitter e Youtube. Como tarefa conclusiva, foram criadas peças

¹⁶ Aprofundar o conhecimento sobre as mídias sociais, seu funcionamento, ferramentas de monitoramento e possibilidades de análise.

digitais¹⁷ de temas atuais, posteriormente, encaminhadas à diretoria do Sisbi/UFU para avaliação e possível publicação nos perfis da biblioteca.

A última disciplina cursada no PPGCI/Unesp, para compor o rol de créditos exigidos, trouxe contribuições profícuas para o delineamento do caminho metodológico a ser percorrido na pesquisa de doutorado. Esse estudo possibilitou a identificação dos meios necessários para se relacionar os fundamentos teóricos com o conhecimento da realidade, a fim de se alcançar o objetivo proposto. Assim, no primeiro semestre de 2017, participei da matéria *Questões bibliométricas em produção e organização da informação*, aplicada pelas professoras Dra. Ely Oliveira e Dra. Maria Cláudia Grácio.

Essa ocasião me possibilitou conhecer recursos e procedimentos metodológicos para avaliar a produção científica de determinado domínio, além de visualizar o comportamento da ciência por meio de análises qualitativas e quantitativas, via estudos bibliométricos, estatísticos e computacionais.

O trabalho final, nesse âmbito, foi apresentado no *I Congresso Internacional de Mídia e Tecnologia*, em Bauru/SP, em outubro de 2017, como comunicação oral, e publicado no padrão de capítulo, intitulado *Presença da temática mídias sociais e bibliotecas na produção científica brasileira na Ciência da Informação: um Estudo de Análise de Domínio*, no livro *Audiovisual, cidades, mobilidade, cidadania, jornalismo, mídia e tecnologia* (2018, UNR Editora; Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, Argentina) (FRANÇA; CARVALHO; GRÁCIO, 2018).

Após a sua exibição no evento citado, no qual pude experimentar a aplicação de alguns instrumentos bibliométricos no domínio de pesquisa do doutorado, fui convidada para ministrar uma oficina, nomeada por mim como: *Estudos bibliométricos como procedimentos metodológicos para mapeamento da produção científica e análise de um domínio*, promovida pelo Lecotec na Faac/Unesp, Câmpus Bauru, em outubro de 2017.

¹⁷ Por meio da ferramenta *Make a gif* foram criados cinco *gifs* interativos para veiculação no Facebook, Twitter e Instagram: a) <https://makeagif.com/i/R68CyZ>, b) <https://makeagif.com/i/giF6Uc>, c) <https://makeagif.com/gif/-VdkpqP>, d) <https://makeagif.com/i/900VN2>, e) <https://makeagif.com/i/lmMGBc>; através do *Powtoon*, foi desenvolvido um vídeo interativo, para divulgação no YouTube, com orientação para submissão de Trabalhos de Conclusão de Curso no Repositório Institucional do Sisbi/UFU: <https://www.powtoon.com/online-presentation/clHzufAaE3n/?mode=movie>. Além disso, as ferramentas *Pablo*, *Canva* e *PicMonkey* foram utilizadas para criação de posts estáticos sobre novos procedimentos para determinados serviços informacionais e divulgação da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, com posterior publicação no Facebook, Twitter e Instagram.

A metodologia adotada para elaboração do trabalho exposto teve aprimoramento e aplicação em uma pesquisa, cujos resultados foram demonstrados no GT8 do *XIX Enancib*, realizado em Londrina/PR, em outubro de 2018, sob o título: *Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos anais do Enancib* (FRANÇA; CARVALHO, 2018). Mediante aprovação da comissão avaliadora do evento, sem necessidade alguma de alteração em termos de conteúdo, eu e minha orientadora (coautora) sentimo-nos motivadas a manter o percurso metodológico como proposta para desenvolvimento desta pesquisa de doutorado e incorporar os resultados alcançados no capítulo 4.

A diferença do conteúdo apresentado em Bauru (*I Congresso Internacional*, 2017) quanto ao de Londrina (*XIX Enancib*, 2018) está especificamente no corpus de análise. No primeiro caso, limitou-se a artigos publicados nos periódicos científicos nacionais da Ciência da Informação, indexados na *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (Brapci). Já no segundo, restringiu-se a produções das edições do Enancib, o que permitiu mapear toda produção científica brasileira na intersecção dos domínios *mídias sociais* e *biblioteca* na Ciência da Informação.

Dentre as considerações finais apontadas no capítulo de livro, resultante do contexto de Bauru, destaca-se

[...] a restrição do *corpus* de análise aos termos de busca (mídias sociais e redes sociais), sinalizando a necessidade de uma expansão, em um segundo momento, com a inclusão dos termos “Web 2.0”, “Web social”, “Library 2.0”, “Biblioteca 2.0”, “Bibliotecário 2.0”, “ferramentas colaborativas”, possibilitando uma perspectiva mais ampliada, representando melhor a temática estudada no âmbito dos periódicos científicos nacionais da Ciência da Informação. (FRANÇA; CARVALHO; GRÁCIO, 2018, p. 364, grifos das autoras).

Nesse sentido, para suprir essa limitação, a pesquisa foi ampliada, enquanto resultados representativos da produção científica nacional, publicados no periódico *Em Questão* (Qualis A2), em setembro de 2019, sob o título *Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos periódicos da Ciência da Informação no Brasil* (FRANÇA; CARVALHO, 2019). Após isso, a fim de adensar seu conceito, metodologia e validação, foi replicado ao âmbito espanhol e estadunidense, cujos resultados serão apresentados e discutidos no capítulo 5.

O levantamento de dados em periódicos científicos do país norte-americano teve início no segundo semestre de 2019. Os resultados dessa etapa foram submetidos à avaliação do corpo editorial de um periódico da área (Qualis A2), em setembro de 2020, sob o título *Mídias sociais e bibliotecas na produção científica dos Estados Unidos*.

Entre o período de coleta de dados e envio do artigo para publicação, mencionados, fui contemplada com uma bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹⁸, para realizar doutorado sanduíche na Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), Espanha, no período de janeiro a junho de 2020, sob a tutoria da professora Dra. Ana Reyes Pacios, coorientadora desta tese.

De acordo com o *QS World University Rankings by Subject 2019*, a UC3M destaca-se como uma das melhores universidades do mundo, ao se distinguir por sua inovação, excelência e qualidade. É também a primeira instituição espanhola a atrair estudantes com melhores qualificações, de acordo com o documento *La Universidad Española en Cifras 2016/2017* (UC3M, 2018, 2019). O corpo docente do seu programa de *Doutorado em Documentação, Arquivos e Bibliotecas no Entorno Digital*, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, é composto por uma rede da elite acadêmica da área de Ciência da Informação, com reconhecido prestígio docente e de investigação em nível nacional e internacional.

Essa unidade acadêmica se pauta em investigações sobre a gestão de bibliotecas, arquivos e outros serviços de informação, com ênfase em estudos métricos na área e avaliação da ciência; descrição e análise de documentos e objetos digitais; sistemas de organização e classificação do conhecimento; gerenciamento de conteúdo e competências em informação; além dos usos de tecnologias desse setor na perspectiva das humanidades digitais, orientado à economia digital (gestão da informação para o marketing digital, gestão de conteúdo, gestão de comunidades, análise e posicionamento web, informática social e usabilidade). Nesse sentido, o escopo indicado apresentava as condições adequadas para a análise do interdomínio na Espanha.

A professora Ana Reyes faz parte do corpo docente da UC3M desde 1991 e já ocupou funções administrativas como: *vice-decana*, subdiretora e diretora de

¹⁸ Processo de seleção Capes/Print – Edital nº 41/2017.

departamento, bem como diretora dos títulos próprios de mestrado e especialização em Bibliotecas e Patrimônio Documental. Sua carreira de pesquisadora se caracteriza pela multidisciplinaridade; conforme os objetivos de interesse deste estudo, ênfase em atividades ligadas à gestão de bibliotecas (planejamento, qualidade, avaliação e marketing) e humanidades digitais, a partir da qual faz parte a unidade acadêmica transdisciplinar da UC3M *Digital Living: Cultura, Sociedade e Conhecimento Digital*, cujas linhas se inserem em um de seus últimos trabalhos.

Faz, ainda, parte de diferentes grupos de pesquisa criados na instituição, em parceria com a Universidade de Barcelona e a Universidade de León. Sua trajetória, portanto, para além das relações consolidadas com pesquisadores brasileiros, contempla, sobremaneira, todos os aspectos requeridos para o pleno desenvolvimento da presente pesquisa.


Assim, a partir de janeiro de 2020, iniciei uma das experiências de crescimento pessoal e científico mais marcantes de minha vida. De início, foram inúmeros encontros presenciais com a referida docente para refletir e discutir sobre o interdomínio no contexto espanhol. Dentre as principais atividades realizadas nesse período, destacam-se: a definição das bases de dados que serviriam como fonte de pesquisa e realização das etapas de seleção, coleta, tratamento e análise.

Nessas últimas etapas, tive a oportunidade de dialogar com outros docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UC3M a respeito do meu estudo, com destaque aos professores Dr. Carlos García Zorita, membro do *Laboratório de Estudios Métricos de la Información*, e o Dr. José Antonio Moreira González, que atua na área de *Linguagens Documentais: Tesouros*. Além de formar redes de pesquisas internacionais para aprimorar a qualidade da produção científica, essas ocasiões me permitiram ampliar a visão de mundo, trocar conhecimentos e costumes, bem como estabelecer laços com espanhóis e pessoas de outros países.

Até então, tudo transcorria em uma rotina de normalidade e bem próxima daquilo que havíamos planejado: presença diária no laboratório de pesquisa, orientações semanais, aulas de espanhol no Centro de Idiomas e atividades físicas no Centro Deportivo, ambos da UC3M, além das profícuas trocas culturais com os membros da comunidade acadêmica e local, como da querida Getafe. Porém no início de março, a dinâmica das relações sociais estabelecidas foi abruptamente alterada no país, em decorrência da pandemia da covid-19. Assim, o presidente espanhol, Pedro Sánchez, decretou estado de alarme nacional, impôs o confinamento flexível

aos cidadãos e recomendou outras medidas de contenção (distanciamento, quarentena e isolamento social), a fim de evitar a propagação do vírus.

Com isso, precisei de alguns dias para me informar, observar, tentar assimilar aquela situação e me adaptar à nova realidade, que exigia novos hábitos — autocuidado, higiene, alimentação, sono, interação social, estudos, saúde emocional, atividades físicas e atualizações constantes. Transcrevo, na sequência, o texto que compartilhei com amigos e familiares do Brasil, em 17 de março de 2020, pelo Facebook, narrando as primeiras sensações e sentimentos sobre a pandemia do coronavírus:

Olá, pessoal! Como esta é uma publicação pública, para quem não me conhece, sou lavrense, bibliotecária do [#SISBIUFU](#) (Uberlândia), doutoranda do [#PPGCIUNESP](#), com extensão sanduíche no Departamento de Biblioteconomía y Documentación da [#UC3M](#) de Madrid. Apesar de estudar mídias sociais, não sou muito de postar, prefiro explorar os bastidores, a teoria, a epistemologia, as relações e o comportamento das/nas redes. No entanto, diante do que temos vivido mundialmente nas últimas semanas, como profissional da informação, não posso deixar de dar minha contribuição social diante de tudo que tenho ouvido, lido e vivenciado sobre a covid-19. Compartilho com vocês o texto que enviei, hoje pela manhã, ao médico do meu filho e aos demais profissionais da saúde que tratam de nossa família e nos acompanham no Brasil. Cuidem de si e daqueles que vocês amam. O quanto antes cada um fizer a sua parte, menor o índice de crescimento do vírus. “Já tem dois meses que estou na Espanha, fazendo doutorado sanduíche, e os ‘meninos’ estão aí. Imagine só o meu coração de mãe. Aqui estamos na terceira semana. Em estado de alarme desde domingo. Confinados em casa por ao menos 30 dias. Só ontem na Itália, que está a algumas semanas à nossa frente, foram quase 3.000 casos e cerca de 300 mortes, isso em 24 horas. Inclusive, multas e detenções estão sendo aplicadas a quem descumpra as regras, logo, nada de socialização nas ruas. Só estão abertos estabelecimentos de primeira necessidade. A sociedade tendo que se reinventar social e tecnologicamente. De casa continuo as aulas de espanhol, as orientações do doutorado e as atividades físicas, por meio de live. Eventos culturais EAD também estão sendo disponibilizados para *no quedarnos tan enfadados en los findes*. A sociedade do ‘ter aprendendo’, a duras penas, a resgatar a sociedade do ser. O momento mais esperado do dia é às 8:00 da noite, quando vamos para as janelas e durante quase 5 minutos nos vemos e aplaudimos de maneira intensa, emocionada, colocando na força das palmas das mãos o grito engasgado. Neste momento, prestamos homenagens a vocês, profissionais de saúde, que de agora em diante em pelo menos 7 semanas vão trabalhar de modo incessante, correndo contra o relógio e contra um vírus  que chega de maneira tímida, sorrateira e como uma onda gigante nos devora. Esses aplausos também dedico aos profissionais que precisam trabalhar para manter a sociedade viva e, na medida do possível, tranquila; aos atendentes de supermercado, farmácias, açougue, frutarias; aos

policiais; indústrias de produtos de primeira necessidades e de tecnologia (se achávamos que ela está com tudo, agora, sim, ela é a bola da vez). Bem ou mal, ela nos mantém unidos, permite exercer e conjugar o verbo ser. Além de homenagear os doentes, com o meu aplauso, me solidarizo com a dor das famílias enlutadas para que tenham calma e esperança. Ontem foi registrado na Espanha uma vítima de 21 anos, portadora do ‘corona’, com histórico de leucemia. No mesmo dia, depois de muito tempo, fui ao mundo maravilhoso das lágrimas, depois de receber uma devolutiva dos profissionais da saúde espanhóis em agradecimento à nossa singela homenagem, nos poucos minutos que temos de socialização (guardadas as devidas restrições de segurança). Sinta um pouquinho da emoção deste momento, e aproveite, ao tomar já muito do seu tempo, para homenagear, por seu intermédio, todos os profissionais da saúde brasileiros que já estão tendo que arregaçar as mangas em uma missão que infelizmente ainda não tem data para acabar. Que Deus os abençoe, tenha piedade de nós e do mundo inteiro.” E foi assim, por meio dos vídeos abaixo¹⁹, que fui ao mundo maravilhoso das lágrimas. [#QuédateEnCasa](#) [#FiqueEmCasa](#) (FRANÇA, 2020, destaques da autora).

Em semanas, a nova rotina foi estabelecida, estudos, orientações, reuniões e aulas passaram a ser em plataformas on-line. O uso da tecnologia, especialmente das mídias sociais, para me conectar com familiares, professores e amigos no Brasil, que era um hábito, foi potencializado para manter as novas relações construídas na Espanha. Em maio de 2020, a convite da professora Dra. Silvana Vidotti, participei da reunião on-line do grupo de pesquisa *Informação e Tecnologia* do PPGCI/Unesp e fiz a apresentação *Doutorado sanduíche: da concepção à concretização: compartilhando experiência*.

No meu último mês no país, ainda cursei a disciplina a distância: *Identidad digital, difusión y reputación online en Library and Information Science*, promovida pelo Programa de Doutorado em Documentação da UC3M, cujos créditos foram aprovados e incorporados ao meu histórico escolar (PPGCI/Unesp).

Aproveito para sublinhar que essa última trouxe contribuições pessoal e profissional no contexto do meu objeto de investigação, pois seu objetivo principal é formar sobre a importância de criar/manter um perfil digital e gerenciar identidade, principalmente, nas redes sociais acadêmicas. Na oportunidade, foram descritas e analisadas diferentes plataformas on-line e diretrizes de uso para criação de uma

¹⁹ Aplausos aos profissionais da saúde nas sacadas dos edifícios da Espanha: <https://www.facebook.com/1751528375/videos/pcb.10207020018736191/10207019989015448>.
Agradecimento dos profissionais da saúde à população: <https://www.facebook.com/1751528375/videos/pcb.10207020018736191/10207019989255454/>.

cadeia de contatos, com vistas a melhorar a visibilidade das produções acadêmicas e profissionais. Logo após meu retorno ao Brasil, os resultados da pesquisa desenvolvida durante os seis meses que estive na UC3M foram submetidos para avaliação de especialistas do comitê editorial de uma revista da área (Qualis B1), em agosto de 2020, sob o título *Medios sociales y bibliotecas en la producción científica de España*.

Por fim, minha atuação nas duas últimas décadas em bibliotecas, aliada às experiências vivenciadas como gestora nessa área, na academia (mestrado, doutorado e doutorado sanduíche), nas orientações (Brasil e Espanha), discussões com colegas de trabalho, de sala e de grupo de pesquisa, somadas à participação em cursos e eventos, têm me possibilitado reflexões mais aprofundadas sobre o tema em questão. Ainda, têm me permitido compreender a nova configuração das interações sociais nas unidades de informação construídas a partir do advento das TIC, bem como me motivado a entender melhor os desafios e possibilidades nesse campo, a fim de contribuir com a construção de uma sociedade mais participativa e incluída digitalmente.

1 INTRODUÇÃO

“Tudo é teoricamente impossível,
até que seja feito.”
(HEINLEIN apud 100 FRASES..., 2020)

No presente capítulo, o objeto de investigação desta pesquisa será contextualizado, seguido da apresentação da motivação e justificativa que permearam seu desenvolvimento. Adiante, haverá especificação de seus objetivos geral e específicos, bem como a estruturação do trabalho como um todo.

1.1 Contextualização

Na pré-história, para garantir sua sobrevivência — alimentação e defesa —, a humanidade começou a estabelecer relações e a desenvolver técnicas. Assim, a pedra lascada, o fogo e a linguagem contribuíram para a evolução, conseqüentemente, diante de suas necessidades, passou a perceber e compreender objetos, bem como fenômenos ao seu redor. Nesse contexto, insere-se o conceito de tecnologia, interpretado como a aplicação do conhecimento técnico e científico para modificar e aperfeiçoar continuamente recursos e processos em busca de efetivas soluções cotidianas.

Nas bibliotecas, não é diferente. O impacto social causado pela inserção desse recurso também pode ser observado desde os grandes centros do saber da Antiguidade, como a famosa Biblioteca de Alexandria (Egito, ca. sec. III a.C.), com catálogo sistematizado por assunto e ordem alfabética (SANTOS, A., 2016) — precursor do sistema de catalogação contemporâneo —, até as mais modernas unidades de informação do mundo.

Além da arquitetura imponente — a exemplo da clareza geométrica da nova Biblioteca de Alexandria (Egito, 2002) (Figura 2A) —, do moderno edifício de aço e vidro da Biblioteca Central de Seattle (Estados Unidos, 2004) (Figura 2B), do fascinante interior da Biblioteca Pública de Stuttgart (Alemanha, 2011) (Figura 2C), da impressionante fachada da Biblioteca de Birmingham (Inglaterra, 2013) (Figura 2D), da *biblioteca sem livros em papel* da Universidade Politécnica da Flórida (Estados Unidos, 2014) (Figura 2E) e da arquitetura futurista da Biblioteca Pública de Tianjin Binhai (China, 2017), apelidada de *O olho*, devido ao seu formato (Figura 2F) —, também oferecem recursos tecnológicos inovadores.

Figura 2 – Do antigo ao moderno: bibliotecas pelo mundo



Fonte: Dreamstime (2000-2020), Nova... (2014), Perez Monzón (2020) e Sevillano (2018).

Nas últimas décadas, em especial a partir de 1990, o avanço do conhecimento tecnológico, impulsionado pela popularização da internet, faz-se presente nos mais diversos segmentos da sociedade e, por conseguinte, nos principais grupos sociais: familiar, educativo, religioso, de lazer, profissional e político. Nesse contexto, as unidades de informação, além de atenderem desde as primeiras bibliotecas públicas de Roma aos propósitos sociais²⁰, buscam estar na vanguarda, incorporando inovações tecnológicas diretamente relacionadas com sua capacidade de adaptação e evolução.

²⁰ Como educação, lazer e cultura.

Dentre as tecnologias determinantes do século XXI, destaca-se o conceito Web 2.0, cuja fundamentação em componentes-chave, como interação e arquitetura da participação — colaboração coletiva —, impacta o aperfeiçoamento e criação de serviços e produtos informacionais. Com isso, ainda são criadas oportunidades de relacionamento com usuários, universo eleito como substrato desta investigação.

O termo *Web 2.0* foi introduzido na literatura pela web designer Darci DiNucci, no artigo *Fragmented future*, publicado na *Print Magazine*. Em julho de 1999, a profissional anunciou o surgimento dos primeiros indícios dessa geração, ou seja, a transformação predominantemente estática da web para uma versão totalmente dinâmica e interativa (DINUCCI, 1999). No entanto, a popularização do termo é atribuída a Dale Dougherty, cofundador da O'Reilly Media²¹ em parceria com Tim O'Reilly em apresentação durante a *O'Reilly Media Web 2.0 Conference*, de 2004. Na ocasião, referiu-se à expressão como uma revolução no negócio de software, causada na internet como plataforma e uma nova maneira de se entender as regras de sucesso desse ambiente (O'REILLY, 2006).

Ao analisar sua origem, Juliano Spyer (2015, p. 92) a descreve como:

[...] sites ou aplicativos com baixo custo de desenvolvimento, em que o conteúdo surge de baixo para cima (bottom-up) a partir do relacionamento entre participantes (user generated content ou UGT), e que pode combinar as soluções e o conteúdo de mais de um site para produzir uma experiência integrada — o que no jargão tech se convencionou chamar de mash-up.

Essas aplicações, fundamentadas na construção coletiva, são identificadas nas redes sociais, wikis, blogs, dentre outros recursos da Web 2.0. Observa-se na literatura científica uma infinidade de terminologias adotadas para representar os ambientes informacionais digitais com as características mencionadas, o que notadamente gera incerteza, divergência e outros equívocos.

O termo *web social*, enquanto conjunto de relações sociais que conecta pessoas pela internet, por exemplo, é empregado como sinônimo intercambiável de *Web 2.0*, tanto na Comunicação Social quanto na Ciência da Informação, praticamente como uma associação de senso comum. Além do primeiro, notam-se

²¹ Companhia de mídia dos Estados Unidos (EUA), que publica livros, desenvolve websites, fornece uma plataforma de aprendizagem on-line, bem como organiza eventos sobre a área de tecnologia. Cf. <https://www.oreilly.com/>.

outros adjetivos qualificadores relacionados com o termo Web 2.0, como *web colaborativa* e *web participativa*, que pertencem a um mesmo campo semântico e são empregados como alternativas para traduzir ideias semelhantes.

Por sua vez, na concepção de alguns pesquisadores, *mídias sociais* e *redes sociais* são similares e até mesmo substituíveis, enquanto para outros, apesar de sua inter-relação, são complementos distintos. Essas últimas, por exemplo, existiam antes mesmo da internet. Ao analisar a origem dos estudos das redes sociais mediadas por computador, Raquel Recuero reporta ao primeiro teorema da teoria dos grafos, criado pelo matemático Leonard Euler, em 1736. “Um grafo é, assim, a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós. [...] Essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas.” (RECUERO, 2009b, p. 20). Logo, segundo a autora, essa definição foi assimilada pelo campo das Ciências Sociais e, a partir de estudos empíricos, deu origem às pesquisas de *Análise de redes sociais*.

O antropólogo inglês Alfred Radcliffe-Brown é responsável por um dos primeiros trabalhos identificados na literatura com remissão ao conceito de redes sociais, intitulado *On social structure* e publicado no *Journal of the Royal Anthropological Institute*, em 1940. Ao refletir sobre o papel do antropólogo social, o autor trata dos fatos observáveis, os quais revelam que “[...] os seres humanos estão conectados por uma complexa rede de relações sociais [...]”, utilizada por ele como objeto de investigação para demonstrar determinada estrutura social (RADCLIFFE-BROWN, 1940, p. 2, tradução nossa).

Tanto Sônia Acioli (2007) quanto Regina Marteleto (2010) mencionam exemplos de aplicação dessa noção na Antropologia Social na década de 1950. “O conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização [...]” (MARTELETO, 2010, p. 28), fora e dentro do mundo digital. Após a introdução e aplicação do conceito Web 2.0, o termo *redes sociais*, usualmente aplicado, foi complementado por outras palavras que remetem à *World Wide Web*. “As *redes sociais na Internet não deveriam ser vistas como um reflexo completo das redes sociais [off-line]*, mas como desveladoras de vários aspectos destas e como complexificadoras de seu espaço de atuação.” (RECUERO, 2009a, grifos da autora).

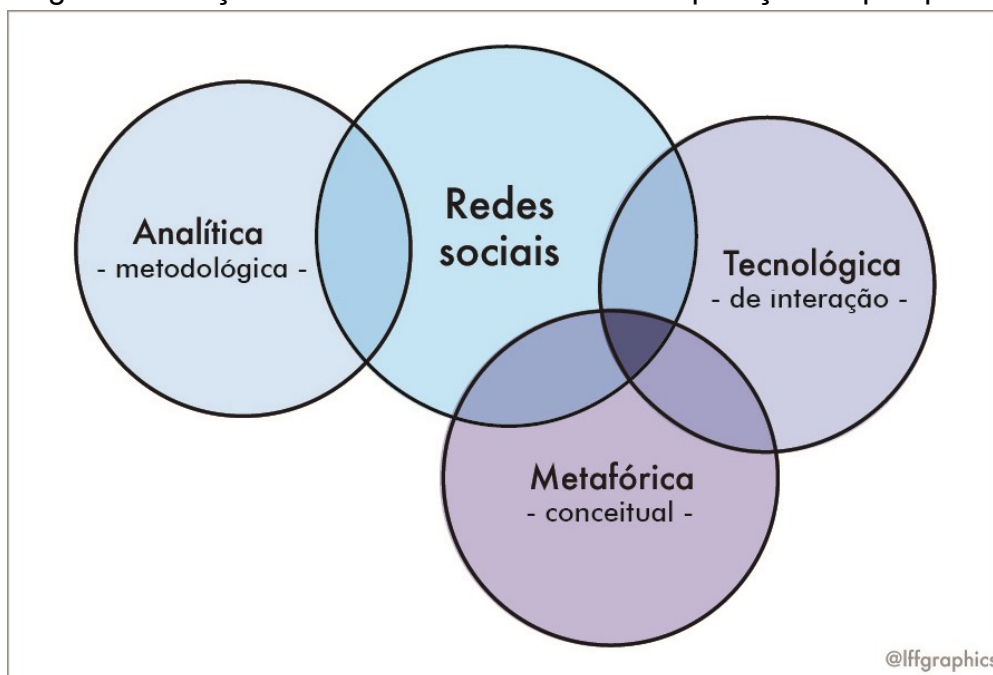
Nessa afirmação, a autora reitera a relevância de se observar a sutil diferença entre redes sociais on-line e offline nas pesquisas que versam sobre essa temática.

Ao refletir sobre o modo como a expressão *redes sociais* estava sendo articulada no campo das Ciências Sociais, especificamente nas áreas em que a noção de redes teve sua origem, tais como: Sociologia, Antropologia, Comunicação e Informação, Acioli (2007) apresenta três possíveis abordagens de análise:

- a) metafórica: voltada à filosofia da rede ou aproximação conceitual;
- b) analítica: centrada na metodologia de análise de redes;
- c) tecnológica: ligada às redes de conexões e possibilidades relacionadas com as interações sociais por meio de redes eletrônicas, de informação e interorganizacionais.

Baseando-se na proposta apresentada por Acioli (2007), a partir dos estudos dos antropólogos J. Clyde Mitchell e J. A. Barnes, esta pesquisa se desenvolve na imbricação entre as abordagens *metafórica* e *tecnológica* no contexto das redes sociais, conforme indicado na Figura 3.

Figura 3 – Noção de redes sociais: âmbito de aplicação da pesquisa



Fonte: representação elaborada a partir da interpretação de Acioli (2007).

A exemplo de redes sociais, o termo *mídias sociais* existia antes do surgimento da internet, no entanto, com a aplicação do conceito Web 2.0 nos mais diversos segmentos — educacional, político, entretenimento, dentre outros —, o uso dessas

expressões foi sendo adaptado para a web. *Mídias* é um vocábulo de origem latina, *media*, com plural de *medium* (meio), e definido por Muniz Sodré (2002, p. 20) como “[...] fluxo comunicacional, acoplado a um dispositivo técnico [...]”. Luís Mauro Martino (2014, p. 11), para além da ideia do suporte físico, considera as mídias digitais passíveis de “[...] compartilhamento, armazenamento e conversão de dados [...]”.

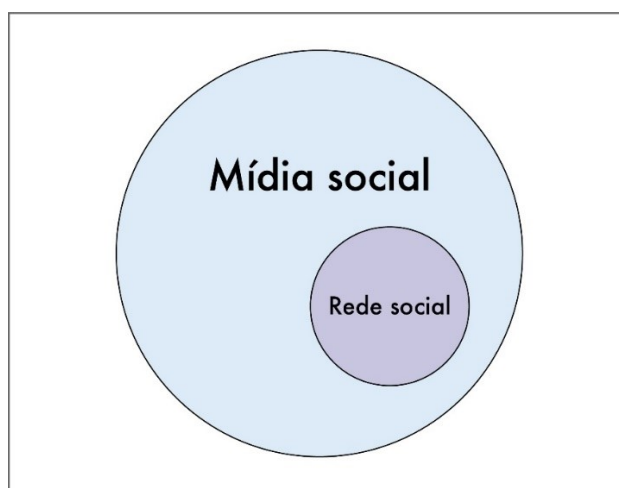
Por sua vez, Andreas Kaplan e Michael Haenlein, em reflexão sobre o conceito, ratificam o fato de não ser recente. “Em 1979, Tom Truscott e Jim Ellis, da Universidade de Duke, criaram a Usenet, um sistema de discussão mundial que permitia aos usuários da internet postar mensagens públicas.” (KAPLAN; HAENLEIN, 2010, p. 60, tradução nossa). De acordo com os autores, as mídias sociais, da forma como as entendemos na atualidade, surgiram na década de 1990, com a criação de um diário on-line escrito por uma comunidade, considerado um dos primeiros sites de redes sociais, o *Open Diary*, fundado por Bruce e Susan Abelson (KAPLAN; HAENLEIN, 2010). Assim, aqueles estudiosos definem as mídias sociais como “[...] um grupo de aplicações baseadas na internet, *fundamentadas nas bases ideológicas e tecnológicas da Web 2.0*, e que permitem a criação e a troca de conteúdo gerado pelo usuário.” (KAPLAN; HAENLEIN, 2010, p. 61, tradução e grifo nosso).

Diante do exposto, apesar da possibilidade de sinônimos entre os termos indicados, observa-se uma linha tênue em sua distinção: as mídias sociais representam um conceito mais amplo, enquanto redes sociais — através da ideia de relação entre grupos de pessoas —, inseridas em ambientes informacionais digitais, funcionam como uma categoria das primeiras (Figura 4).

Para Dennis Altermann (2010), fundador/editor do blog *Midiatismo*, toda rede social on-line é uma mídia social, no entanto, ela pode existir sem ser uma *rede social na internet*²². “As mídias sociais são geração de conteúdos descentralizados e redes sociais são ambientes de relacionamento que podem ser usados para geração de conteúdo [...]” (ALTERMANN, 2010), ou seja, uma tecnologia capaz de divulgar conteúdo é uma mídia social; a partir do momento em que ocorre uma interação entre pessoas, a ferramenta passa a ser uma rede social.

²² Expressão utilizada pela jornalista e pesquisadora Raquel Recuero, inclusive como título de um de seus livros (Editora Sulinas, 2009), que representa as amplas relações sociais (interações) estabelecidas em ambientes de comunicação e informação digital.

Figura 4 – Mídia social x rede social em ambientes informacionais digitais



Fonte: adaptado de Altermann (2010).

Conforme tais explicações, corroborando o entendimento de Kaplan e Haenlein (2010), adotar-se-á nesta pesquisa a expressão *mídias sociais*, por ser um conceito guarda-chuva. Assim, ela engloba múltiplas plataformas de comunicação on-line, permitindo a conectividade e interação das pessoas mediante o uso de distintas tecnologias da Web 2.0, como redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas, marcadores sociais, dentre outras.

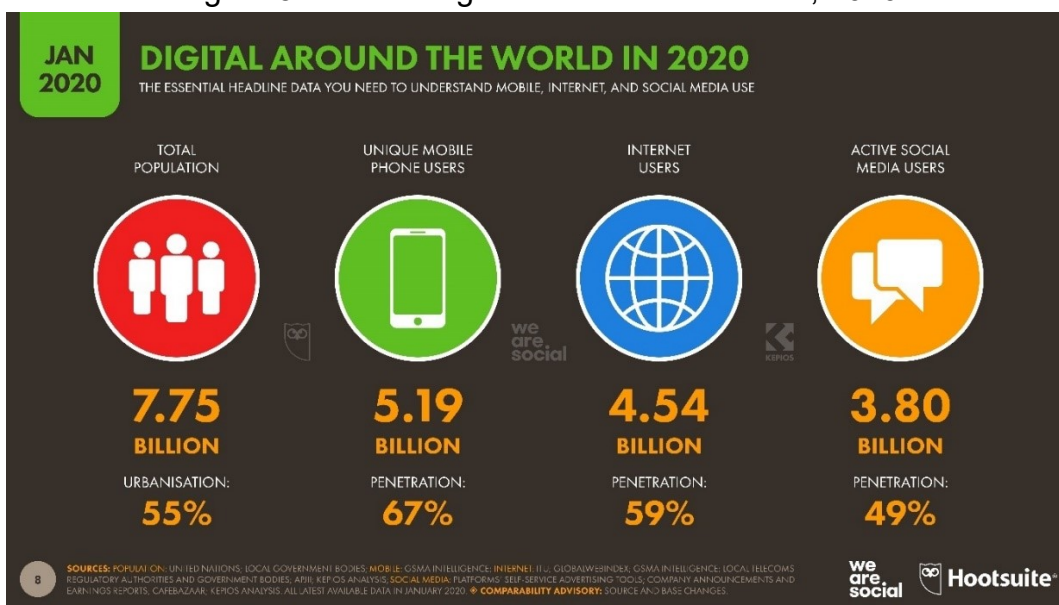
Os dados estatísticos apresentados na sequência, associados aos novos hábitos de socialização digital adquiridos mundialmente durante a pandemia da covid-19, indicam que as mídias sociais são um terreno extremamente fértil para investigação, em nível conceitual, metodológico e experimental, nas mais diversas áreas do conhecimento. Dados do relatório *Digital in 2020*, publicados pela *We Are Social*²³, em parceria com o *Hootsuite*²⁴, revelam que em janeiro de 2020 mais de 4,5 bilhões de pessoas acessavam a internet globalmente, impulsionadas pelo uso de smartphones (KEMP, 2020a), conforme demonstrado na Figura 5.

Ainda, mais da metade da população mundial, em julho de 2020, era usuária ativa das mídias sociais, preferencialmente por meio de dispositivos móveis (99%), o que representou em 2020 um crescimento de 9,2% em relação ao ano anterior, liderado pelo Sul da Ásia e Ásia Central (KEMP, 2020b).

²³ Considerada a maior rede de agências em mídias sociais do mundo.

²⁴ Sistema norte-americano especializado em gestão de marcas na mídia social.

Figura 5 – Dados digitais ao redor do mundo, 2020

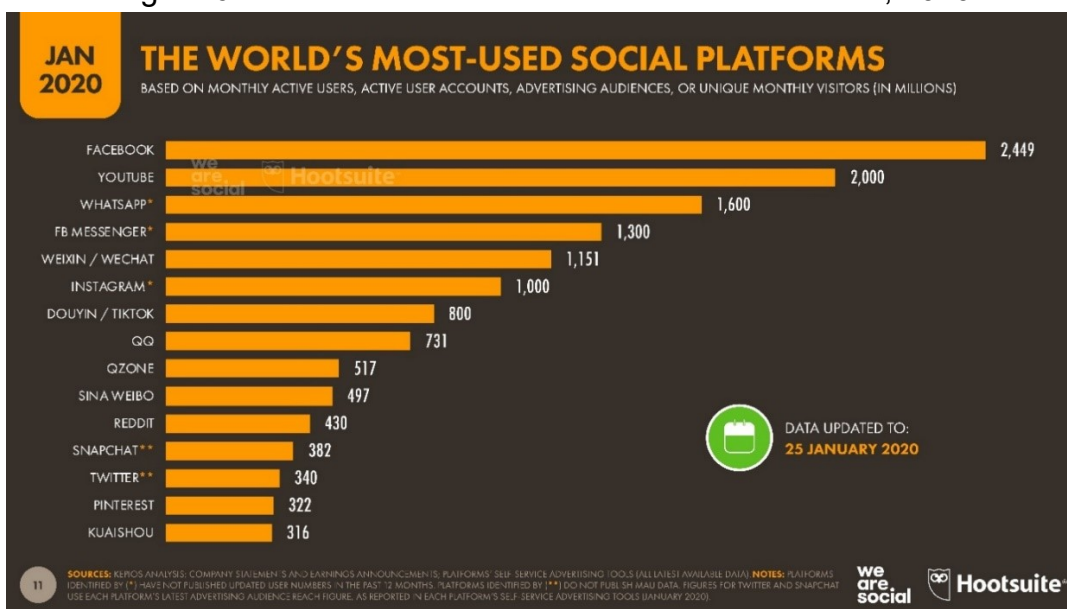


Fonte: Kemp (2020a).

Nesses cenários, os dados indicados na Figura 6 também apontam que praticamente a metade do tempo em que as pessoas utilizam smartphones é dedicado às mídias sociais. Mesmo com os desafios regulatórios enfrentados, esse panorama global ainda é dominado pelo Facebook, de Mark Zuckerberg, o qual em 2020 possuía a audiência total de 1,95 bilhão, sendo acessado pela maioria das pessoas via algum tipo de telefone móvel (98%). Além do YouTube e do WeChat, o WhatsApp e o Facebook Messenger, ambos aplicativos da mesma companhia, destacam-se como as plataformas sociais mais utilizadas no mundo. A grande rede social TikTok²⁵, criada em 2017 por uma empresa chinesa, é notabilizada por aparecer no ranking global de usuários ativos mensais depois do Facebook, WhatsApp, Instagram e WeChat, à frente de outras redes sociais conhecidas (KEMP, 2020a).

²⁵ Dos seus 800 milhões de usuários ativos mensais, 500 milhões vivem na China.

Figura 6 – Plataformas sociais mais usadas do mundo, 2020



Fonte: Kemp (2020a).

O recorte dos dados apresentados ratifica que a popularização das mídias sociais e a ampliação/intensificação de seu uso foram e permanecem sendo responsáveis pela reconfiguração de espaços sociais já existentes. Considerando sua abrangência, o tema *mídias sociais* continua despertando o interesse de investigadores de diferentes áreas do conhecimento que, por meio do senso crítico, impressão da realidade e inquietações — fundamentados em teorias e métodos distintos —, buscam nos ambientes informacionais digitais e interação entre as pessoas uma particularidade a ser pesquisada em torno de uma nova sociabilidade.

1.2 Motivação e justificativa

A origem do desejo de investigar *mídias sociais e bibliotecas* no doutorado emerge da vivência profissional e trajetória acadêmica da pesquisadora, descritas no *Prólogo* deste documento, e das relações sociais estabelecidas nesses âmbitos. Como desdobramento dos estudos relacionados com a gestão de tecnologias da informação e comunicação em bibliotecas universitárias, desenvolvidos durante o mestrado, foram identificadas fragilidades teóricas e metodológicas no interdomínio em discussão, uma vez que as pesquisas nesse segmento adotam, majoritariamente, a vertente empírica. Nesse contexto, buscar-se-á na Ciência da Informação aporte

teórico-conceitual, redefinida pelo cientista da informação Tefko Saracevic, à luz de um enfoque contemporâneo, como

[...] um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p. 47).

O projeto interdisciplinar da Ciência da Informação, sua relação direta com a tecnologia da informação e participação ativa na evolução da sociedade da informação são apontadas por Saracevic (1996) como características gerais que constituem a razão da existência da primeira área. Nesse sentido, Henriette F. Gomes (2001) alerta a relevância de se identificar quais disciplinas de fato dialogam com tal setor, de modo a remodelar essa interdisciplinaridade. E é dessa inter-relação dialógica, de cooperação mútua entre distintos campos do conhecimento que surge a “ação recíproca”, denominada por Olga Pombo (2005, p. 5).

Legitimando essa reflexão, na Ciência da Informação, convém mencionar os estudos de Marteleto (2010, p. 39), que, ao delinear o arcabouço conceitual de redes sociais, ressalta a premência de as pesquisas na área empreenderem o necessário aprofundamento teórico, metodológico e de aplicação, em virtude das “[...] possibilidades interdisciplinares e combinações metodológicas que as perguntas sobre informação e redes sociais demandam nos tempos de hoje e sempre [...]”. Isso é ainda corroborado pela assertiva de Martino (2014, p. 13), da Comunicação Social, de que “[...] o cotidiano se conecta, e com ele a necessidade de se pensar, em termos teóricos e conceituais, o que significam as mídias digitais.”

Nesse contexto, dentre as inúmeras inquietações e questionamentos de pesquisa, destaca-se a questão central desta tese: quais percursos as pesquisas em Ciência da Informação tomaram nos primeiros anos de investigação acerca da inserção das mídias sociais no âmbito das bibliotecas no Brasil, Espanha e Estados Unidos?

Além do interesse em conhecer as impressões dos pesquisadores do Brasil — país em que este projeto foi idealizado — sobre o interdomínio analisado, justifica-se a escolha da Espanha, pelo fato de suas universidades integrarem o *Espaço Europeu*

de Ensino Superior. Proferido na *Declaração de Bolonha*,²⁶ atua na busca constante pela inovação no espaço das bibliotecas, como registrado na primeira tese²⁷ defendida no Brasil acerca de tal objeto. Por sua vez, definiu-se os Estados Unidos em decorrência da contribuição, produtividade e visibilidade internacional de autores estadunidenses, como Michael Casey, que cunhou o termo *Library 2.0*,²⁸ e Jack Maness, responsável por firmar uma definição e teoria²⁹ para o referido termo.

O estudo histórico da produção científica de um determinado domínio possibilita identificar a contribuição de cada pesquisador em uma gama de conhecimentos consolidados ao longo do tempo. “A análise de uma construção científica permite melhor compreender as explicações e o emprego de arcabouços que incluem pressupostos metodológicos e filosóficos.” (LLOYD, 1995, p. 35). Nessa vertente, Richard Smiraglia (2011) ressalta que a análise de domínio em comunidades internacionais de pesquisa permite uma nova compreensão de como as pessoas em diferentes lugares interagem teoricamente com as informações por fronteiras geopolíticas e culturais.

Apesar do fato de a Ciência da Informação, ciência jovem surgida em meados do século XX, constituir sólido campo de pesquisa, identifica-se incipiente número de produção científica de autores brasileiros consignados à própria área no tocante às mídias sociais no âmbito das bibliotecas. Por essa razão, presume-se que trabalhos nesse interdomínio têm buscado um diálogo interdisciplinar a partir dos estudos teóricos em áreas afins, como Sociologia e Comunicação Social.

A produção científica sobre mídias sociais em bibliotecas na Ciência da Informação se consolidou inicialmente em países de centro, como Estados Unidos e Espanha, impulsionada pela introdução do conceito Web 2.0. Logo, esse último somente em um segundo momento passou a fazer parte do universo científico do

²⁶ Documento assinado por ministros da educação de 29 países da Europa, em 19 de junho de 1999, na cidade de Bolonha, Itália. A declaração marca uma transformação nas políticas relacionadas com o ensino superior, em prol do fortalecimento das competências dos cidadãos. Sua versão na íntegra está disponível em: <http://eees.umh.es/contenidos/Documentos/DeclaracionBolonia.pdf>.

²⁷ A tese intitulada *A adoção de redes sociais em bibliotecas universitárias espanholas: um estudo das aplicações dos recursos da Web 2.0* foi defendida por David Vernon Vieira, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Brasília (UnB), em 2013 (VIEIRA, 2013).

²⁸ Em outubro de 2005, Casey publicou o texto *Working Towards a Definition of Library 2.0*, em seu blog *LibraryCrunch* (CASEY, 2005).

²⁹ Suas contribuições foram registradas no artigo *Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications For Libraries*, em 2006, cuja tradução para o português realizada por Geysa Nascimento e Gustavo Henrique Nascimento Neto, foi publicada pela *Informação & Sociedade*, em 2007 (MANESS, 2006, 2007).

Brasil e de outros países periféricos, o que iniciou o processo de formação de um corpus teórico e epistemológico da área do interdomínio em esfera nacional.

1.3 Objetivos

Considerando o arcabouço teórico que fundamenta esta investigação e o fato de a organização do conhecimento produzido ser uma das questões nucleares da Ciência da Informação, desde o seu surgimento como campo científico, esta pesquisa tem como **objetivo geral** caracterizar o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* no Brasil, Espanha e Estados Unidos no campo da Ciência da Informação.

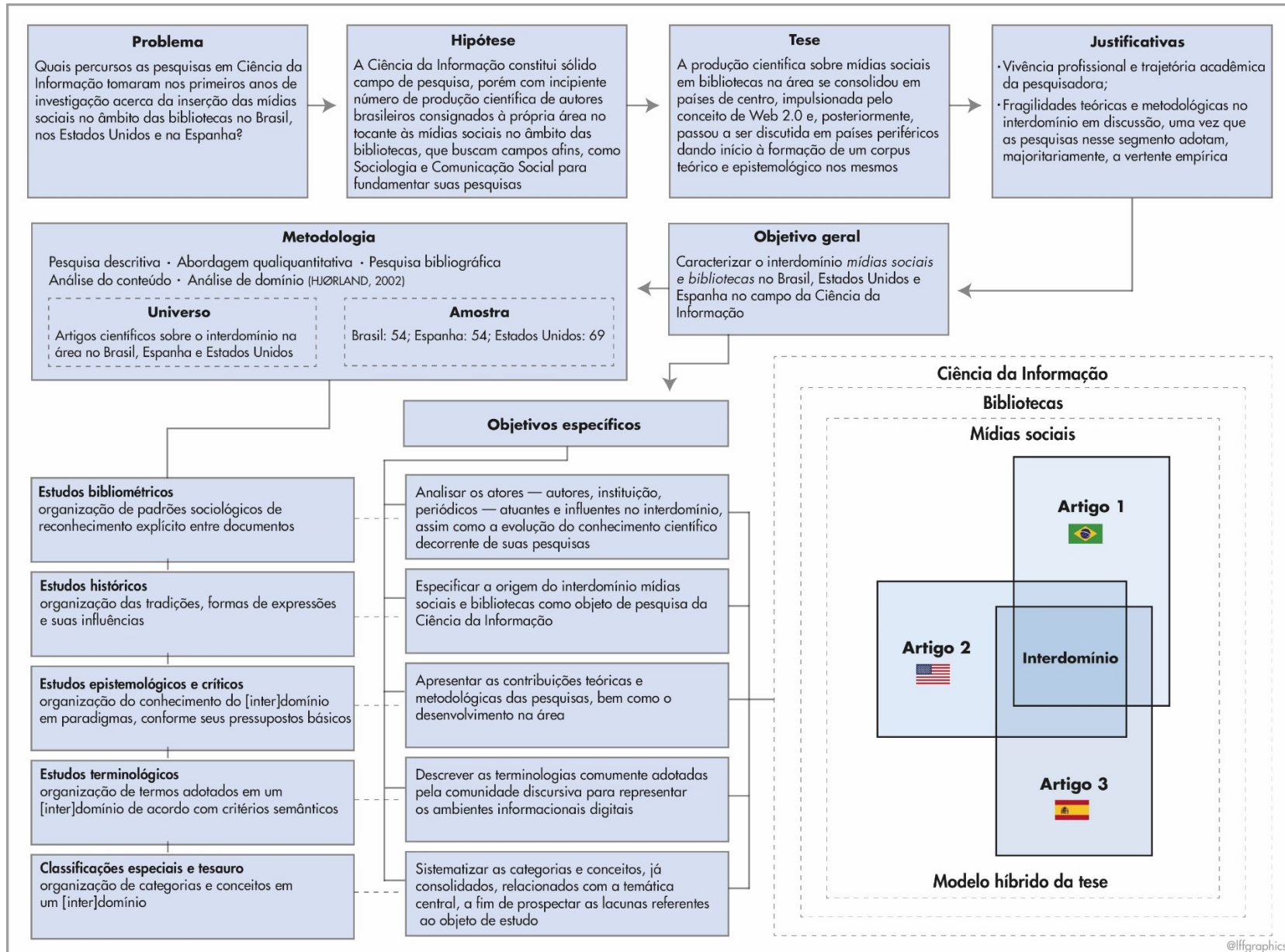
Para alcançá-lo, desdobram-se os seguintes **objetivos específicos**:

- a) analisar os atores — autores, instituição, periódicos — atuantes e influentes no interdomínio, assim como a evolução do conhecimento científico decorrente de suas pesquisas;
- b) especificar a origem do interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* como objeto de pesquisa da Ciência da Informação;
- c) apresentar as contribuições teóricas e metodológicas das pesquisas, bem como o desenvolvimento na área;
- d) descrever as terminologias emergentes e comumente adotadas pela comunidade discursiva para representar os ambientes informacionais digitais;
- e) sistematizar as categorias e conceitos, já consolidados, relacionados com a temática central, a fim de prospectar as lacunas referentes ao objeto de estudo.

1.4 Estrutura da tese

O esquema representativo da tese, apresentado na Figura 7, descreve o problema de pesquisa, hipótese, tese, justificativas, objetivos geral e específicos, metodologia — universo, amostra, tipo de pesquisa, abordagem e análise —, além do interdomínio.

Figura 7 – Esquema representativo da tese



Esta tese está dividida em sete partes, compostas por seis capítulos e prólogo. Nesse último, intitulado *Indissociabilidade entre identidade pessoal, acadêmica e profissional*, estão registradas as informações mais significativas da história de vida pessoal e profissional da pesquisadora. Por meio das “memórias”, é possível perceber sua relação e identificação com o objeto de pesquisa, os meios que possibilitaram o surgimento e registro de ideias, suas impressões sobre o conhecimento adquirido, bem como os resultados dos trabalhos realizados, fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Nesta seção introdutória, capítulo 1, foi apresentado o cenário em que o objeto se insere, com ênfase no surgimento de conceito Web 2.0 e seus desdobramentos na Ciência da Informação. Também se apontou a motivação para a elaboração desta tese, a questão norteadora, hipótese, tese, justificativas, os objetivos geral e específicos, além de sua organização.

O capítulo 2, intitulado *Estado informacional: sociedade, política e tecnologia*, discute as principais características da estrutura social, desde a era pré-industrial até a contemporânea. Na seção, o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* se insere com o desafio de se buscar soluções para um dos maiores problemas desta sociedade pós-industrial: a organização da informação, conhecimento e da ciência, como alertado por Daniel Bell (1973), à luz da Ciência da Informação.

Já no capítulo 3, nomeado como *Mídias sociais em bibliotecas: conexão e interação*, é indicada a repercussão internacional e nacional da assimilação dos ambientes informacionais digitais pelas bibliotecas, especificamente os canais de comunicação mediados por computador/dispositivos móveis/internet, denominados pela comunidade discursiva de *redes sociais, mídias sociais*, dentre outros termos similares, por meio das pesquisas registradas em artigos, teses, dissertações e trabalhos apresentados em eventos científicos.

O capítulo 4 reflete a trajetória metodológica percorrida pela pesquisadora. Fundamentada na análise de domínio de Hjørland, assim como nos conceitos de domínio e interdomínio, é feita a descrição detalhada das etapas de seleção, coleta, tratamento e interpretação dos dados.

No capítulo 5, são analisados os dados resultantes da pesquisa, desenvolvida no âmbito da produção científica brasileira, espanhola e estadunidense na Ciência da Informação. O conteúdo está disposto individualmente por país, em uma perspectiva comparativa, acompanhada de uma análise interpretativa, conforme base teórica.

A conclusão, capítulo 6, reúne os principais elementos que caracterizam o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* na área, limitações e contribuições da pesquisa, recomendações metodológicas e técnicas, bem como a indicação de trabalhos futuros. Além da listagem de obras que fundamentaram esta pesquisa, na seção *Referências*, também constam neste documento as divisões de *Apêndices* e *Anexos*.

2 ESTADO INFORMACIONAL: SOCIEDADE, POLÍTICA E TECNOLOGIA

A integração mundial e o acesso à informação, conhecimento e culturas, facilitado pelas bibliotecas, solidifica-se na sociedade pós-industrial a partir da geração e compartilhamento de recursos informacionais, em um processo histórico, contínuo e cumulativo, com vistas a alcançar o desenvolvimento pessoal e coletivo (BELL, 1973). Nessa lógica, cabe retomar brevemente³⁰ os atributos da sociedade pré-industrial, ainda formada por sujeitos do início do século XVIII. No contexto, as condições de trabalho eram amparadas pela mão de obra e força de camponeses, operários sem qualificação e artesãos, responsáveis por modificar bens necessários à sua sobrevivência. Desse modo, havia ali forte predominância de atividades do campo e, conseqüentemente, dependência dos fenômenos naturais (BELL, 1973).

Já a sociedade industrial, inserida nas metades dos séculos XVIII e XX, era orientada à produção mecânica desses itens — fabricação, transformação e distribuição. Nesse sentido, sua organização partia do preceito de eficiência funcional, normalizado pela máquina e fixado pelo fordismo/taylorismo, logo, em obter o maior número de insumos no menor tempo possível. Com isso, havia considerável necessidade quanto aos recursos tecnológicos e científicos. Nesse caminho, a difusão de informações, desenvolvimento tecnológico e capacitação técnico-profissional dos trabalhadores ganharam impulso em um mundo marcado pelo dinamismo.

Adiante, o conceito de *sociedade pós-industrial*,³¹ defendido pelo sociólogo estadunidense Daniel Bell, remonta a uma nova estrutura social, consolidada a partir da Segunda Guerra Mundial. Nessa transformação, estavam inclusas inovações, como a eletrônica moderna, informática, satélites de comunicação em massa, biogenética e tecnologias intelectuais. Diante disso, o desenvolvimento econômico e

³⁰ Diante do recorte, análise e objetivos propostos para a presente pesquisa, optou-se por apresentar rapidamente essa linha temporal. Para leitura mais aprofundada sobre o tema, conferir o capítulo 2 da dissertação: *Gestão em bibliotecas universitárias públicas: um enfoque tecnológico* (FRANÇA, 2015).

³¹ Termo/conceito inaugurado pelo sociólogo francês Alain Touraine em 1969, na obra *La société post-industrielle*, ao avaliar o “descolamento” da concentração de fonte de riqueza para além das atividades produtivas (TOURAINÉ, 1969). No contexto das lutas de classes e conflitos políticos dessa década, apontou o conhecimento como um diferenciador social. Portanto, pela primeira vez na história, tal distinção não se pautava nos bens materiais, mas no acesso àquele aspecto em adição à disponibilidade de informações (COUTINHO, 2004). Mais tarde, Bell (1973) validou o conceito de sociedade pós-industrial como uma nova organização social, ocasionada pela produção e distribuição dessas últimas e, conseqüentemente, pelo crescente avanço do conhecimento.

estratificação em classes dessa sociedade ocorreram em função do conhecimento teórico, comunicação e cooperação entre as pessoas.

Assim, o sistema econômico era organizado no amplo acesso a serviços e produtos, além de informação, pesquisa científica e ideias. Sobre tal aspecto, Bell (1973) considera a mudança em distribuições ocupacionais como determinadora daquela sociedade, o que também poderia ser interpretado como a busca por flexibilidade e aquisição de conhecimentos em curto prazo (DE CONNINCK, 1995 apud CASTELLS, 1999b). Em meio a essas modificações, também surgiram outras modalidades funcionais, como teletrabalho ou *home office*.³²

Diante da receptividade das teorias pós-industriais do Japão, o conceito Sociedade da Informação³³ passou a ser difundido por Yoneji Masuda, em 1968, por meio da publicação de *An Introduction to the Information Society*³⁴. Na obra, foi especificado como uma expressão interligada a uma economia que tinha a informação como ponto central nas necessidades socioeconômicas. Ainda, esse último fator passou a se desenvolver em decorrência da própria “produção e uso dos valores informacionais”, cuja importância ultrapassava a de “bens, energia e serviços” (MASUDA, 1982, p. 111).

Em consonância com essa conceituação pioneira da ideia de Sociedade da Informação³⁵, a equipe responsável pela elaboração do *Livro verde para Sociedade da Informação de Portugal* a definiu como

³² A modalidade de trabalho a distância, antes mesmo da pandemia da covid-19, já era uma prática comum em alguns países desenvolvidos. Nos Países Baixos, por exemplo, onde mais de 90% das casas têm acesso à internet de alta velocidade, aproximadamente 15% dos neerlandeses trabalham de casa. Além disso, “As bibliotecas públicas se reinventaram como espaços de trabalho modernos, grandes e cômodos.” (BISHOP, 2020). No entanto, as condições sociais e econômicas são bem distintas em outros países que não possuem infraestrutura adequada. Ainda assim, em julho de 2020, o governo federal brasileiro publicou a *Instrução Normativa nº 65*, cujo estabelecimento traz orientações para a adoção do regime de teletrabalho nos órgãos e entidades integrantes do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal, como um programa permanente para servidores do Executivo (BRASIL, 2020c).

³³ Termo cunhado por Fritz Machlup, em 1962, na obra *The Production and Distribution of Knowledge in the United States*.

³⁴ Precursor da famosa obra *The information society as post-industrial society* (Institute for the Information Society, Tokyo, 1980).

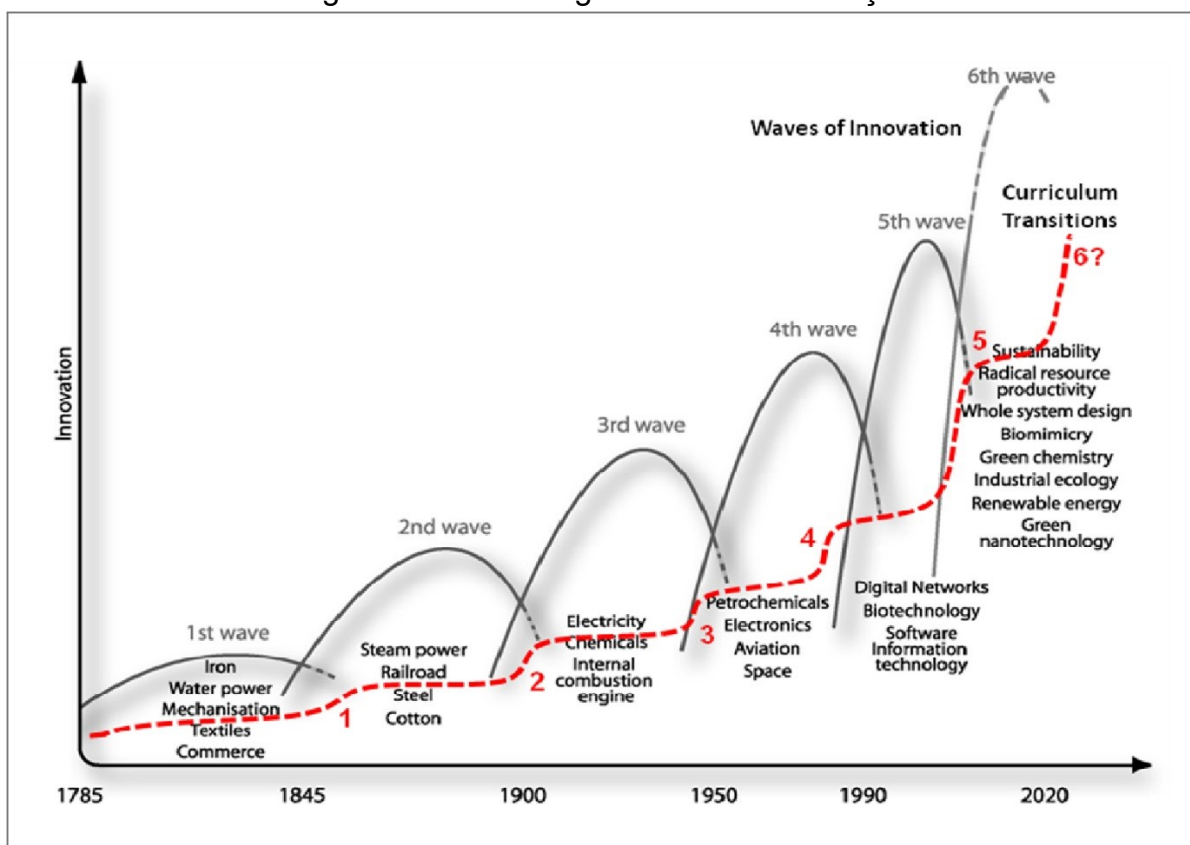
³⁵ Expressão adotada no Plano Plurianual (2000-2003), livro branco: política pública, elaborado a partir do Programa Sociedade da Informação no Brasil (livro verde).

[...] um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais (PORTUGAL, 1997, p. 5).

Nesse contexto, o poderio e potencial de um país começaram a ser determinados por sua capacidade científica, com foco na pesquisa e desenvolvimento (BELL, 1973), função altamente especializada e intelectualizada, orientada à investigação e inovação.

O cenário evolutivo mencionado pode ser representado pelo esquema de ondas significativas de inovação sobrepostas (Figura 8).

Figura 8 – Ondas significativas de inovação



Fonte: Hargroves e Smith (2005) adaptado por Desha e Hargroves (2011, p. 2).

Adaptado por Desha e Hargroves (2011), visa a renovação curricular da área de Engenharia frente ao impacto ambiental, legado da quinta onda — na concepção dos autores —, que afeta economias e indústrias. Nele, a quarta onda, por exemplo,

marcada pela criação dos transistores, semicondutores, laser e desenvolvimento da robótica, teve início após a Segunda Guerra Mundial; seguida da quinta onda, iniciada aproximadamente na década de 1980, com o surgimento do campo da Biotecnologia, redes digitais e softwares de tecnologia da informação. Esse ciclo, na concepção dos autores, está sobreposto pela sexta onda, por meio da criação de “[...] soluções sustentáveis que dissociam o crescimento econômico da pressão ambiental negativa [...]” (DESHA; HARGROVES, 2011, p. 2, tradução nossa), como é o caso da nanotecnologia verde. Diante do exposto, observa-se que o período necessário para superação de uma tecnologia ou surgimento e aplicação de outras, é progressivamente menor. Assim, o avanço nesse sentido (quinta onda) acelerou o processo de mudança nas relações sociais.

Tadao Takahashi (2000) afirma que a origem dessa transformação se sustenta em três fenômenos inter-relacionados: a convergência da base tecnológica — conteúdo, computação e comunicação —, na qual é permitido o processamento da informação na forma digital;³⁶ a dinâmica da indústria, que possibilita a popularização do uso de equipamentos eletrônicos;³⁷ o crescimento exponencial da internet³⁸. Além de impactar a ampliação da velocidade da conexão, em termos de mobilidade e convergência, a evolução e potencialização do uso das TIC, motivada pela popularização da internet a partir da década de 1990, promoveu o acesso à informação e, conseqüentemente, à produção de conhecimento. Na concepção de Masuda (1982, p. 74), esse último “[...] nada mais é do que a informação cognitiva, [...] generalizada e abstraída de uma compreensão das relações de causa e efeito de um fenômeno particular, que ocorre no ambiente externo.”

Complementando essa assertiva, Pierre Lévy (1998, p. 17) afirma que “A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva [...]”. Da

³⁶ Como digitalizar parte de um documento em scanner planetário ou via aplicativo para smartphone e enviá-lo por e-mail ou compartilhá-lo pelas mídias sociais.

³⁷ Dispositivos móveis como smartphones, *smart TVs*, *smartwatches*, leitores eletrônicos, dentre outros.

³⁸ No Brasil, por exemplo, quase 127 milhões de brasileiros — 70% das pessoas de 10 anos ou mais — eram usuários da internet em 2018. De acordo com o estudo *TIC domicílios*, realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), os dados apresentados seguem a “[...] tendência de crescimento já observada ao longo da série histórica da pesquisa.” (PESQUISA..., 2019, p. 109). O relatório ainda revela que, nos últimos 10 anos, principalmente a partir de 2017, o Brasil tem se aproximado do patamar dos países desenvolvidos.

aplicação desses atributos na prática social emerge a subjetividade e, por conseguinte, a emancipação.

Na perspectiva de Bell (1973), a tecnologia é o uso dessa informação cognitiva no desenvolvimento do trabalho com certo grau de perícia, orientado à produção. Embora a inteligência, criatividade e conhecimento sejam alguns dos principais recursos da sociedade pós-industrial, o capitalismo continua se impondo, logo, a demanda do mercado determina a economia e relações socioculturais. Nesse contexto, a informação é recurso estratégico para a produção de conhecimento e processos de tomada de decisão, assumindo a forma de matéria-prima e elemento de emancipação, bem como de dominação e competição político-econômica. Graciela Selaimen e Paulo Henrique Lima (2004, p. 17, grifo dos autores) sinalizam como paradoxo da sociedade da informação o enaltecimento do

[...] fator humano no processo produtivo, ao transformar o conhecimento e a informação em capital, mas [que], simultaneamente desqualifica os novos 'analfabetos' das tecnologias de informação, podendo dar origem a uma nova classe de excluídos.

Um dos grandes desafios impostos a essa entidade recai no esforço de minimizar as desigualdades globais estabelecidas. Enquanto países desenvolvidos se voltam para incorporar uma minoria excluída, na maioria das nações em desenvolvimento, vários setores da população ampliam a larga faixa dos que não integram o novo paradigma tecnológico (AGUDO GUEVARA, 2000 apud WERTHEIN, 2000). “O foco sobre a tecnologia [incluindo as mídias sociais] pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico [...]” (WERTHEIN, 2000, p. 1),³⁹ além de não transformar nem revitalizar o exercício da democracia. Jorge Werthein (2000, p. 72) complementa que

³⁹ No artigo *A sociedade da informação e o determinismo tecnológico*, Marcelo Coutinho ressalta que essa discussão pode ser dividida em duas correntes. De um lado estão os que “[...] consideram que a era atual representa uma descontinuidade brusca (*turning point*) em relação ao passado, marcando o [surgimento] de uma nova ordem social. De outro estão os que, embora reconhecendo que a geração, manipulação e aplicação da informação nas diversas esferas da atividade humana atingiram um nível sem paralelo na história, preferem enfatizar as continuidades em relação ao passado. No primeiro grupo estão os defensores das teorias do pós-industrialismo (Daniel Bell), pós-modernismo (Jean Baudrillard, Mark Poster), especialização flexível (Michel Piore) e do modo informacional de desenvolvimento (Manuel Castells). No segundo grupo [encontram-se] os neo-marxistas (Herbert Schiller), defensores da Teoria da Regulação e da acumulação flexível (Aglietta, David Harvey), e do Estado Nacional e a violência (Anthony Giddens) e da esfera pública (Habermas)” (WEBSTER, 1995, p. 5 apud COUTINHO, 2004, p. 83, grifo do autor).

[...] processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais pré-existent [criatividade, espírito empreendedor, condições da pesquisa científica] afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

Na opinião do autor, a cooperação social é um dos elementos-chave, para o atendimento das benesses da sociedade da informação (WERTHEIN, 2000). Inseridas nesse contexto, as bibliotecas constituem instituições estratégicas a favor do progresso da ciência e sociedade em sua forma ampla, embora tenham, ainda estejam e continuem em uma revolução interna com a implementação e experimentação de tecnologias. A responsabilidade social é uma possível base da Ciência da Informação, por tratar da problemática de se transmitir conhecimento para aqueles que precisam (WERSIG; NEVERLING, 1975). Assim, servir às necessidades sociais e desenvolver trabalho prático a elas relacionado é apontado pelos autores como o mais nobre dos quatro focos⁴⁰ que dão origem a essa área, ao se concentrar nos fins.

2.1 Sociedade em rede

Dentre diferentes abordagens responsáveis por analisar mudanças nos diversos segmentos da sociedade, Maria Nélide González de Gómez (2002) destaca o conceito de rede adotado pelos sociólogos Bruno Latour e Manuel Castells. Na *Teoria do Ator-Rede*, desenvolvida por Latour (2012), distintos atores são capazes de elaborar suas próprias teorias para constituir o social, por meio do constante movimento de associações heterogêneas, reassociações e reagregações.

Corroborando o contexto de uma rede dinâmica, na obra *Estado-rede: a possibilidade do Estado informacional*, Castells (1999a) afirma que a construção do Estado-rede ocorre por meio da reforma da administração pública. Seu papel passa a ser o de receber, processar e adaptar os sinais do sistema global interconectado à realidade de cada país. Nessa proposta, o Estado-nação⁴¹ não é eliminado, mas redefinido: “[...] continua sendo um elemento essencial de regulação econômica, de representação política e de solidariedade social, por outro [lado, ... fica] cada vez mais

⁴⁰ De acordo com Gernot Wersig e Ulrich Neveling (1975, p. 20), as quatro categorias orientadoras da Ciência da Informação são: o fenômeno, os meios, a tecnologia e os fins.

⁴¹ Território, soberania e identidade.

inoperante no plano global e cada vez menos representativo no plano nacional.” (CASTELLS, 1999a, p. 180).

Para o autor, essa autoridade é compartilhada com uma série de instituições políticas, com identidades e interesses distintos, por meio de alianças e estratégias articuladas em uma complexa rede de conexão em nível local, regional e supranacional, com o objetivo de compor processos de tomada de decisão na atualidade.

Na concepção de Marta Pinheiro, a redefinição de seu status burocrático para um *Estado informacional* exige a união de esforços tecnológicos por parte dos atores envolvidos, a fim de integrar ações informacionais para compor a identidade nacional, ou seja, “[...] unir elos isolados entre as diferentes redes de informação já existentes.” (PINHEIRO, 2012, p. 65). Além dos atores inseridos nas organizações formais, González de Gómez (2002) lembra que o ambiente informacional também é composto por subjetividades coletivas, não necessariamente vinculadas a alguma associação territorial, as quais, no entanto, podem contribuir com qualquer outro coletivo da sociedade organizada.

Na concepção de Mariella Pitombo (2009, p. 36), a arquitetura institucional contemporânea tem sido reconfigurada em “[...] verdadeiras ágoras de dimensões transnacionais”,⁴² composta, além dos tradicionais atores sociais — Estados nacionais e organismos internacionais —, por atores sociopolíticos emergentes — organizações não governamentais, associações corporativas, redes sociais de resistência⁴³, dentre outros.

Em março de 1994, ocorreu a *International Telecommunication Union* (ITU), em Buenos Aires,⁴⁴ ocasião na qual o programa da *Global Information Infrastructure* (GII) foi apresentado pelo então vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, no governo

⁴² Mobilização pelas redes sociais, bem como realização de conferências, seminários, congressos, fóruns nacionais e internacionais. Como arenas políticas informais para discussão de questões referentes às políticas culturais, Pitombo (2009) cita a Rede Internacional de Políticas Culturais (RIPC), criada em 1998, e a Rede Internacional para Diversidade Cultural (RIDC), em 2001.

⁴³ Exemplificada por Pitombo pela Rede Coalização para Diversidade Cultural, de iniciativa da sociedade civil, que desde sua criação, em 1998, adota uma postura de resistência. Em 2008, essa era composta por “[...] mais de 30 associações, representando criadores, artistas, produtores, editores dos mais diferentes setores, tais como cinema, televisão, livros, artes cênicas e visuais.” (PITOMBO, 2009, p. 44).

⁴⁴ Na concepção de Mattelart (2002), a cidade foi escolhida intencionalmente, devido à adesão da Argentina à via neoliberal.

Clinton. Em sua comunicação, ele associou os conceitos de infraestruturas⁴⁵ “[...] e informação aos conceitos de ‘rede’, ‘mercado’ e ‘globalização’ [...]” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 30, grifos da autora). Além do propósito explícito do GII, de banir os grandes desequilíbrios sociais, Armand Mattelart (2002) destaca o surgimento da noção de nova economia nos discursos oficiais.

No mesmo ano, para marcar a ruptura com a sociedade industrial, no documento denominado *Bangemann Report*⁴⁶ no lugar de infraestrutura, foi adotado o termo *Sociedade da Informação* para designar transformações no cenário mundial contemporâneo (CARIDAD SEBASTIÁN; MENDEZ RODRIGUEZ; RODRIGUEZ MATEOS, 2000; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002). Para Mattelart (2002, p. 126, tradução nossa), esse relatório propaga “[...] uma rápida liberalização das telecomunicações ao antecipar as melhorias na produtividade, o desenvolvimento das inovações tecnológicas e o pluralismo cultural [...]”.

Ideia oposta à relevância do Estado e políticas públicas apresentadas por Jacques Delors⁴⁷ no livro branco europeu, no início de 1994, no qual diz que “A importância histórica da colaboração internacional baseada no compartilhamento de conhecimento técnico e científico contribui [...] para elevar e crescer a liderança tecnológica de outros países.” (PINHEIRO, 2012). De acordo com Mercedes Caridad Sebastian, Eva Mendez Rodriguez e David Rodriguez Mateos (2000), a elaboração desses documentos oficiais marca o início da política na União Europeia, tendo como objetivo final a construção da Sociedade da Informação.

Ao se basear no modelo norte-americano da década de 1990, González de Gómez (2002) afirma que a internet seria representada por um conjunto de organizações agregadas, com o intuito de construir a *rede de redes*, para além dos limites econômicos e territoriais, que, em parceria com o governo, tomaria decisões quanto à sua constituição e regulação. Enquanto exemplo desse tipo de compartilhamento, a autora destaca a Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN), entidade sem fins lucrativos subordinada ao governo dos Estados Unidos. Criada em 1998, tem como princípio elementar o desenvolvimento de políticas

⁴⁵ Recursos, instalações e meios requeridos para o funcionamento de uma atividade, organização ou sociedade de alcance global e capilaridade local.

⁴⁶ Encomendado pela comunidade europeia e apresentado na reunião do Conselho Europeu, em Corfu, Grécia.

⁴⁷ Economista e político francês, presidente da Comissão Europeia de 1985 a 1995.

sobre essa missão⁴⁸, por meio de processos baseados em consenso, conforme o modelo *bottom-up* de implementação.

Em território nacional, a estratégia para aplicar tecnologias da informação se consolidou durante a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1999, por meio da elaboração do livro verde denominado *Sociedade da Informação no Brasil*. Enquanto representante da medida, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) encomendou a estruturação do Programa Sociedade da Informação (SocInfo), inclusive sob pressão de países desenvolvidos. Assim, o documento tinha o objetivo de integrar, coordenar e fomentar ações de promoção sobre o acesso a essa tecnologia — de modo particular à rede mundial de computadores —, e a utilização das TIC,⁴⁹ de forma a contribuir com o processo de inclusão social dos brasileiros na Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000, p. v), visando implementar políticas públicas na área.

Embora desencadeada com a missão de resolver estruturalmente o problema, essa medida pode não ter sido eficaz. Conforme Carvalho (2010, p. 45, grifo da autora), a melhor concepção para a “entrada” do Brasil na era da informação não foi discutida, pelo o fato de o conteúdo ter sido elaborado às pressas, de modo tecnicista.

Se por um lado a emergência em se desenvolver tecnologia e gerar benefícios econômicos, sociais e culturais estava pressionando o Brasil, por outro era uma maneira de mostrar que o país estava preparado e inserido na sociedade da informação. (CARVALHO, 2010, p. 45).

A partir do SocInfo, foi formulado o *Plano Plurianual (PPA): 2000-2003*⁵⁰ de execução do programa em um livro branco de política pública. Em adição a isso, González de Gómez (2002, p. 27) aponta a elaboração de uma constituição comunicacional e informacional que incluía a “[...] vinculação comunicacional e a

⁴⁸ Coordenar, em nível geral, os sistemas de identificadores únicos da internet e, especificamente, garantir o funcionamento estável e seguro desses sistemas vinculados. Cf. https://www.icann.org/policy#what_is_policy.

⁴⁹ Angela Carvalho (2005), em sua dissertação intitulada *Alfabetização digital: um estudo sobre a apropriação dos instrumentos de e-gov na educação*, destaca que as TIC, desde o final da década de 1960, são consideradas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como vetores para o crescimento econômico e social de um país.

⁵⁰ Um dos três instrumentos que compõe o modelo orçamentário do Brasil, previsto no art. 165 da Constituição Federal de 1988, com o objetivo de “[...] estabelecer as diretrizes, objetivos e metas de médio prazo da administração pública.” (BRASIL, 1988). Os outros dois mecanismos nesse sentido são a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e a Lei Orçamentária Anual (LOA).

circulação de informações entre todos os atores sociais [...]” como pré-requisito básico de um contrato social.

A autora cita a privatização e estratégias comunicacionais do mercado competitivo como forças antagônicas nos espaços sociais, orientadas a impedir sua plena realização. Outra problemática apontada é a falta de regulamentação nos ambientes de rede, que, por sua heterogeneidade e subjetividade, nem sempre respondem aos procedimentos de confiabilidade da informação e critérios de valor, gerando uma “anomia informacional” (STAR; BOWKER; NEUMANN, 1998 apud GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 34). No contexto dos paradigmas das redes e infraestruturas, ela indica a reformulação da constituição comunicacional e informacional como meio de assumir a herança das regras vigentes não satisfatórias, dada a desigualdade social e regional de acesso aos recursos informacionais e culturais.

Dentre os aspectos próprios das redes e infraestruturas que aproximam informação e política, González de Gómez (2002) destaca padrões de infraestruturas da informação. Nessa concepção, são explicitadas decisões e possibilidades resultantes dos jogos de interesse, objetivos e escolhas institucionais, antecipadoras de relações preferenciais nas redes e proporcionadoras de um zoneamento discursivo, capazes de facilitar ou dificultar a ligação entre informações e atores — sujeitos e/ou instituições.

A concepção de *sociedade em rede*⁵¹, popularizada pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, surge em dado momento de expansão social, exploração de novos territórios, utilização de bens e serviços, no qual é levado em consideração um novo paradigma tecnoeconômico, desenhado com a evolução da sociedade industrial para a pós-industrial, como mencionado. Para o autor, esse padrão de transformações sociais reestrutura o modo de produção capitalista a partir da década de 1980.

É nesse contexto que Castells (1999) propõe o conceito de *capitalismo informacional*, formulado a partir de modos de produção — capitalismo e estatismo — e de desenvolvimento — agrário, industrial e informacional. Em seus livros, adota o termo sociedade em rede da era da informação, em lugar de Sociedade da Informação, pelo fato de a nova estrutura onipresente constituir a trama social

⁵¹ Expressão cunhada, em 1991, por Jan van Dijk em *De Netwerkmaatschappij (A sociedade rede)*. A 2ª edição da versão traduzida desta obra para o inglês foi publicada em 2006 e está disponível em: http://www.forschungsnetzwerk.at/downloadpub/The_Network_Society-Jan_van_Dijk.pdf.

tecnológica vivenciada em todas as dimensões e práticas, “[...] cujo funcionamento depende das tecnologias digitais de informação e comunicação [...]” (CASTELLS, 2015).

Nessa sociedade, a organização social em forma de rede, e baseada na difusão de comunicação digital em todos os aspectos da atividade humana (CASTELLS; CARDOSO, 2005), não é novidade e traz consigo fatores positivos e negativos. Embora de um lado encoraje um arranjo flexível e adaptável, de outro, não apresenta capacidade em ampliar e estabelecer recursos essenciais que alcancem a dimensão e complexidade adequadas para tal conquista.

Apesar de a estrutura social ser a responsável por formar a tecnologia, em função de sua demanda, valores e/ou interesses, “[...] é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital [...]” (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 17).

Desse modo, ao estarem abertas à possibilidade de serem uma “coluna vertebral da sociedade em rede”, as redes de comunicação digital serviam como suporte indispensável à construção da sociedade industrial, ao extrapolarem fronteiras; concretizarem a aldeia ou redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 18).

Essa transformação não é necessariamente fruto da internet, mas, conforme os próprios autores, amparada pela própria lógica das redes de comunicação enquanto urgência do individualismo em conexão. Isso porque as novas tecnologias nesse sentido se moldam no padrão de construção de sociabilidades inerentes a tais ambientes, combinadas à autosseleção, ligada ou desligada, de acordo com a necessidade ou interesse de cada sujeito (CASTELLS; CARDOSO, 2005).

Corroborando o conceito de *sociedade em rede*, caracterizado por Castells (2000) pela primazia da nova morfologia em redes — aberta e dinâmica — de nossas sociedades sobre a ação social, González de Gómez (2002) adota o termo *sociedade-rede* como um modelo descentralizado ou policêntrico, no qual cada subsistema constrói uma imagem variada do social a partir de suas semânticas especializadas, em detrimento de uma linguagem comum, representativa da unidade de sociedade.

O tecido das redes sociais acompanha “[...] uma teia social singularizada por sua ancoragem no tempo e no espaço [...]”, em cada um de seus elos, momentos e configurações (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 34). No entanto, a autora alerta que

a ausência de algo em comum pode ser um obstáculo às expectativas de uma democracia extensível à sociedade-rede, podendo provocar a perda do sentido da questão política informacional. González de Gómez (2002) também define a construção do *infrapoder informacional* como um processo irreversível, desencadeado pela reunião de fluxos de informação analógica/digital e a convergência digital no âmbito das redes eletrônicas.

Diante do exposto, a sociedade em rede poderia ser vista como colaboradora dos atos de se processar e distribuir informações a partir de ativos acumulados nos enlaçamentos dessas estruturas. Esse conceito, ainda, impulsiona a manifestação da transformação da sociabilidade, por um lado, com o avanço do isolamento humano diante do computador; por outro, através da utilização social e política de ferramentas digitais, eleva-se a visão de sociedade em rede hipersocial, na qual a tecnologia é integrada ao cotidiano. Esse movimento é, então, responsável por tornar a realidade virtual em virtualidade real, cujo impacto recai diretamente na natureza de se viver coletivamente.

2.2 Políticas públicas de informação no contexto das redes

Como mencionado, a informação enquanto elemento que sintoniza as pessoas na “teia social singularizada por sua ancoragem no tempo e no espaço”⁵², aliada ao avanço tecnológico, tem impactado diversos segmentos — econômico, social, político e cultural — desde o final dos anos de 1950⁵³. No entanto, a partir da década de 1990, inicia-se em nível mundial um debate intenso para elaboração de políticas e ações estratégicas para impulsionar a Sociedade da Informação.

Na concepção de Lluís Anglada (2014), uma política de informação sólida é coordenada entre um amplo número de atores — participação social —, de modo que a definição de finalidades é meta central. O nível de confiança inerente à sociedade é medido por seu dinamismo e quantidade de capital social acumulado (FUKUYAMA, 1995 apud ANGLADA, 2014). A identidade de interesses é outro fator que, segundo

⁵² Expressão utilizada por González de Gómez (2002, p. 34) no artigo *Novos cenários políticos para a informação*.

⁵³ A obra *The Production and Distribution of Knowledge in United States*, publicada em 1962 pelo economista Fritz Machlup, “[...] tornou[-se] o marco inicial nos estudos sobre o impacto do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação na economia e na divisão do trabalho.” (WEBSTER, 1995 apud COUTINHO, 2004, p. 84).

Pinheiro (2012), contribui para a criação desse pacto na rede da comunidade científica. Por sua vez, o processo de produção de políticas públicas informacionais, voltado ao desenvolvimento tecnológico, deve ser pautado na “[...] combinação da variedade de conteúdo e suportes pode[ndo] estabelecer identidades que alcancem diferentes grupos, em diferentes linguagens.” (PINHEIRO, 2012, p. 76).

Quando questionado por Malu Fontes, da plataforma digital *Fronteiras do Pensamento*, sobre a contribuição das conexões em rede para o fortalecimento da democracia, Castells (2015) afirmou que

[...] os movimentos em rede são de um novo tipo e se formam a partir de ideologias diferentes e com diferentes motivações. [...] E como há canais institucionais, a sociedade se expressa através de suas formas autônomas de debate, organização e manifestação, online e nas ruas.

Embora Castells (2015) defenda a comunicação como revitalizadora do processo democrático, há uma vertente contrária, argumentadora de que os ambientes informacionais digitais, principalmente as mídias sociais, ameaçam as democracias e promovem a perda de direitos, incluindo o direito à informação. Nessa perspectiva, destaca-se o pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov, da Universidade Stanford, cuja visão dupla entende a internet como arma de libertação e, ao mesmo tempo, contrária à democracia.

As pessoas que passaram anos pensando em como Facebook ou Twitter podem ajudar movimentos democráticos a disseminar conscientização, em minha opinião, perderam tempo: o que estes movimentos ganham em facilidade de espalhar mensagens acabam perdendo em sua habilidade de analisar como estas mesmas plataformas digitais representam e personificam exatamente o tipo de capitalismo autoritário que estes movimentos dizem estar combatendo. A era das “redes sociais” — em que essas plataformas se resumiam em sequestrar a atenção — terminou; o que veremos na próxima década é a proliferação de serviços avançados, todos sustentados por inteligência artificial, que irão transformar territórios muito mais importantes, da operação do estado do bem-estar e da burocracia até o modo como organizamos a produção. Focar apenas no aspecto da comunicação de tudo isso é ignorar a transformação estrutural do estado e da economia. (MOROZOV, 2018, p. 5, grifo do autor).

Considerando a internet como advento relativamente recente para o grande público, Pinheiro (2012) afirma que o campo de pesquisas em políticas públicas no Estado informacional é ainda incipiente, voltado para técnicas e aparatos de

infraestrutura de redes, em detrimento da coerência e interpretação do valor real da informação. Desde a sua popularização mais intensa, quase 30 anos se passaram, o que permitiria um maior arcabouço teórico nesse segmento, caso houvesse um marco regulatório implantado com metas e ações orientadas a benefícios efetivos para a sociedade, enquanto ainda suscitasse o desenvolvimento de pesquisas.

A disseminação das redes transforma atitudes, hábitos e recria a demanda informacional, assim como novos comportamentos mudam o sujeito da política (PINHEIRO, 2012). Os processos de *input* e *output* de informações, criados em pluralidade de redes, invertem-se dificultando a atividade de análise e síntese dos processos de tomada de decisão nesse sentido. Pinheiro (2012, p. 65) é enfática ao afirmar que o Estado informacional vigente “[...] impõe programas e não uma verdadeira política que traduza a natureza em mudança dos governos [...]”. Isso, no contexto da grande difusão de informações, por meio da rede mundial e globalizada, realça “[...] as vulnerabilidades e os efeitos de fragilidades dos Estados.”

Essa dificuldade nos processos de tomada de decisão, decorrente da inversão da ordem das operações informacionais, apontada por Pinheiro (2012), pode claramente ser identificada em *O dilema das redes*. Lançado em fevereiro de 2020 nos Estados Unidos (Netflix), o filme-documentário representa o momento exato do iminente colapso social que começa a tomar forma em um contexto de desinformação anunciada por leilões de *fake news*.

Fatos não verificados se proliferam largamente à sombra da ausência de regulamentação para as ações, em escala global, das grandes corporações da web que, ao final, polarizam as opiniões das massas e esfacelam o tecido social. Além desse tema, a película, terceira de uma série, também discute outros danos causados pelas redes, como polarização, manipulação por meio de algoritmos, privacidade hackeada, dependência psicológica e tecnológica, dentre outros.

Apesar de sua função ser suprir demandas no setor, Anglada (2014) descreve essa administração como conservadora e omissa nesta época de grandes mudanças. Destaca, ainda, que na Espanha esse problema se acentua por falta de planejamento na área, interesse pela cultura e fragmentação de competências. Defende também a parceria e papel das associações profissionais e institucionais como fundamentais para o estabelecimento de políticas de informação (ANGLADA, 2014).

Para Cristina Carvalho (2009, p. 33), a partir da resistência politizada e afastamento do diálogo com o poder público, “[...] surgem movimentos como a Rede

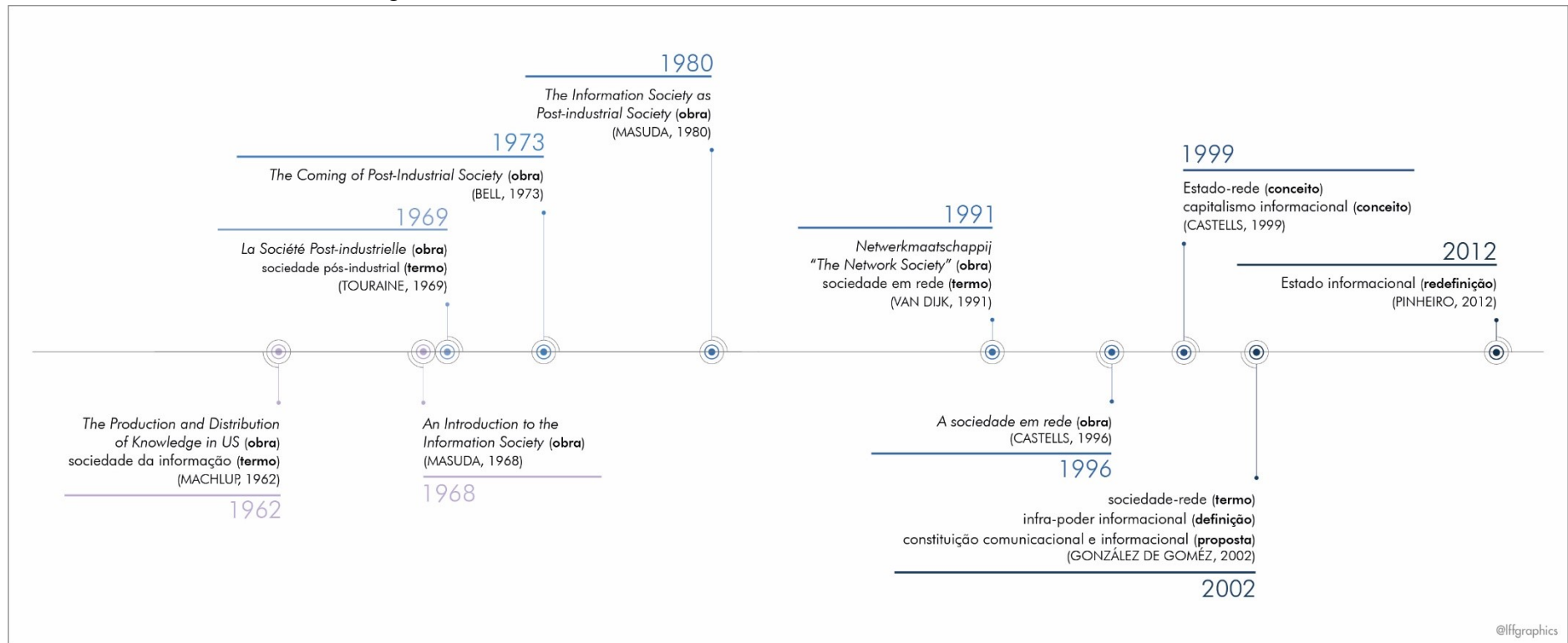
de Resistência Comunicação [...]”, que busca conquistar a emancipação e autonomia para representar os interesses da comunidade. A vigilância invisível e onipresente, favorecida pelas tecnologias da informação, contraria a proteção à privacidade individual, reconhecida “[...] como um tema fundamental para a governança em regimes políticos democráticos.” (PINHEIRO, 2012, p. 67). Nesse contexto, Sandra Braman (2006), citada por Pinheiro (2012), propõe a reinterpretação dos princípios de rastreamento de informações a partir da força das redes sociais.

Apesar de ser uma demanda prioritária do Estado informacional (PINHEIRO, 2012), é uma realidade na sociedade-rede, da qual fazemos parte, a inviabilidade de se elaborar uma única política pública que contemple e coordene os usos reais da rede e o volume de descentralização dos fluxos informacionais. Nesse contexto, é apontada como necessidade premente a busca do equilíbrio entre a proteção da privacidade (PINHEIRO, 2012) — das diferentes redes de computadores vitais ao funcionamento do Estado e sociedade — e a manutenção do desenvolvimento inovativo das tecnologias da informação.

Em síntese, a Figura 9 reúne os principais conceitos e teorias inerentes à sociedade contemporânea, concebidos nas relações e valores sociais estabelecidos no contexto das redes. Como relevantes, destacam-se as concepções de sociedade pós-industrial (TOURAINÉ, 1969; BELL, 1973), Sociedade da Informação (MACHLUP, 1962; MASUDA, 1980) e sociedade em rede (VAN DIJK, 1991; CASTELLS, 1996). O movimento dos teóricos demonstra a continuidade/evolução dos conceitos, na qual, muitas vezes, a ideia inicial passa por lapidação e aprofundamento, ganhando visibilidade e, conseqüentemente, popularidade por meio de outro pensador.

Dentre as políticas de informação e medidas internacionais que contribuíram para a construção da Sociedade da Informação, sublinha-se o programa da Global Information Infrastructure, dos EUA (1994), e o *Bangemann Report*, da União Europeia (1994), além da criação do ICANN (1998). Em seguida, o programa Sociedade da Informação, projetado em diversos países, foi também implantado no Brasil (1999), com vistas a integrar e coordenar o progresso, bem como o uso de serviços de tecnologias da informação e comunicação.

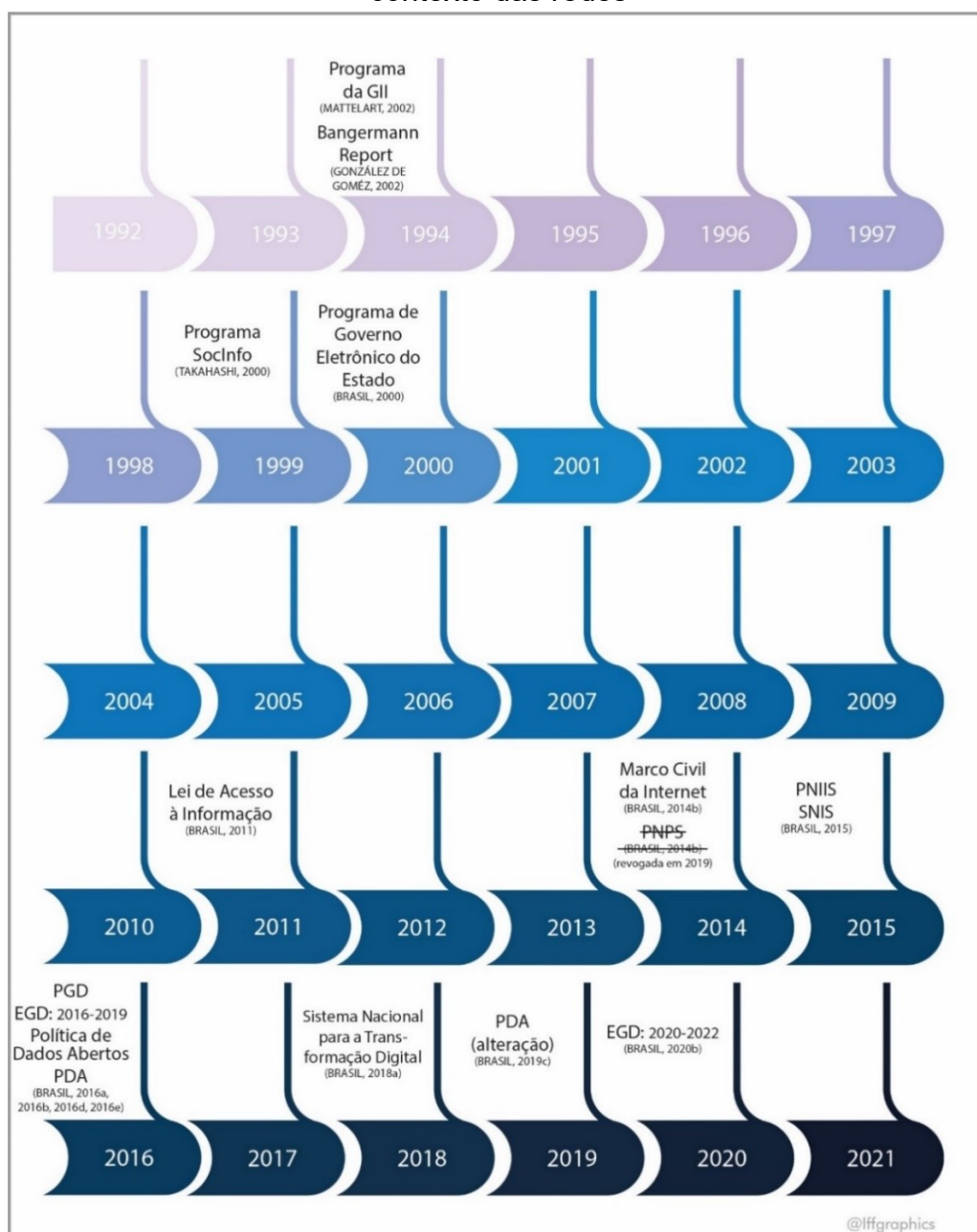
Figura 9 – Marco histórico de conceitos e teorias no contexto das redes



Fonte: elaboração própria.

O primeiro ato oficial, nesse sentido, ocorreu com a criação de um GT Interministerial (2000), com o objetivo de examinar, além de propor políticas, diretrizes e normas relacionadas com as novas formas eletrônicas de interação⁵⁴ (BRASIL, 2000), dando origem ao Programa de Governo Eletrônico do Estado brasileiro. A partir de 2011, destacam-se no país outras ações e políticas públicas, sintetizadas na Figura 10:

Figura 10 – Marco histórico das principais ações e políticas de informação no contexto das redes



Paleta de cores meramente ilustrativa.

Fonte: elaboração própria.

⁵⁴ O decreto de 3 abril de 2000, que instituiu o GT Interministerial, foi revogado pelo Decreto nº 10.087, de 5 de novembro de 2019 (BRASIL, 2019d).

- a) *Lei de Acesso à Informação (LAI)*, nº 12.527/2011, concebida com o intuito de garantir a efetividade do acesso a todas as informações produzidas e custodiadas pelo poder público (BRASIL, 2011);
- b) regulamentação do *Marco Civil da Internet*, aprovado em 2014 pela Lei nº 12.965/2014, para estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para o uso desse recurso no Brasil (BRASIL, 2014b);
- c) ~~*Política Nacional de Participação Social (PNPS)*, instituída em 2014 pelo Decreto nº 8.243, com vistas a fortalecer e articular os mecanismos e instâncias democráticas de diálogo e atuação conjunta entre administração pública federal e sociedade civil (BRASIL, 2014a)⁵⁵;~~
- d) *Política Nacional de Informação e Informática em Saúde (PNIIS)*, instituída em 2015 pela Portaria nº 589/15, do Ministério da Saúde, visando promover o uso inovador, criativo e transformador da tecnologia da informação para melhorar os processos de trabalho, além de criar um Sistema Nacional de Informação em Saúde (SNIS) (BRASIL, 2015). Em 2016, foi elaborado um documento detalhado com princípios e diretrizes norteadores de uma organização institucional, baseado na revisão de documentos relevantes como a *Política de e-GOV*, *Plano Nacional de Saúde 2011-16*, dentre outros (BRASIL, 2016c);
- e) *Política de Governança Digital (PGD)* no âmbito dos órgãos e entidades da administração pública federal, instituída em 2016 pelo Decreto nº 8.638, que, dentre suas finalidades, propõe a geração de benefícios para a sociedade, mediante o uso da informação e dos recursos de TIC na prestação de serviços públicos; estímulo da participação da sociedade na formulação, implementação, monitoramento e avaliação das políticas públicas e serviços públicos disponibilizados em meio digital; etc. (BRASIL, 2016a). A partir da PGD (2016), foi aprovada a *Estratégia de Governança Digital (EGD): 2016-2019*, com a publicação da Portaria nº 68/2016 do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP) (BRASIL, 2016d), com o objetivo de tornar as políticas públicas mais eficientes e econômicas por meio do uso de tecnologias;

⁵⁵ O texto tachado representa a descontinuidade da política, revogada pelo Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019 (BRASIL, 2019b).

- f) *Política de Dados Abertos* do Poder Executivo Federal, estabelecida pelo Decreto nº 8.777 (2016), visando sobretudo franquear aos cidadãos o acesso aos dados governamentais de forma aberta (BRASIL, 2016b); depois foi alterada em julho de 2019, pelo Decreto nº 9.903 (BRASIL, 2019c). Essa política deu origem ao Plano de Dados Abertos (PDA): 2016-2017,⁵⁶ do Ministério do Planejamento, ambos elaborados em consonância com a LAI, dentre outros documentos afins (BRASIL, 2016e);
- g) em 2018, foi instituído pelo Decreto nº 9.319 o *Sistema Nacional para a Transformação Digital* e estabelecida a estrutura de governança para a implantação da Estratégia Brasileira para a Transformação Digital (E-Digital) (BRASIL, 2018a). Na revisão do texto da EGD, realizada em 2018, foram incluídas: avaliações dos órgãos de controle feitas no período; instituição do Conselho Nacional de Desburocratização: Brasil Eficiente; publicação da E-Digital e resultados da Avaliação por Pares em Governo Digital da Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) (BRASIL, 2018b);
- h) em abril de 2020, foi publicado o Decreto nº 10.332, que institui a *Estratégia de Governo Digital para o período de 2020 a 2022*, no âmbito dos órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, dentre outras providências (BRASIL, 2020b). A meta do governo é oferecer, digitalmente, até o fim de 2022, 100% dos mais de 3 mil serviços da União⁵⁷.

A linha do tempo (Figura 10) indica o longo intervalo, aproximadamente 11 anos, entre a publicação do projeto embrionário de modernização da administração pública por meio das TIC, o *Programa de Governo Eletrônico* (BRASIL, 2000), e a lei que assegura o direito fundamental de acesso à informação, a LAI (BRASIL, 2011). Em 2011, surgiram as primeiras oportunidades desse tipo em consonância com a participação dos cidadãos, por meio de ambientes informacionais digitais, contempladas nas políticas de informação instituídas no país.

⁵⁶ Instruções relacionadas com a elaboração dos PDA estão descritas no *Manual para elaboração de planos de dados abertos* (versão jul. 2020). Cf. <https://www.gov.br/cgu/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/transparencia-publica/arquivos/manual-pda.pdf>.

⁵⁷ Cf. <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/EGD2020>.

Com a publicação da LAI, foram estabelecidos mecanismos de divulgação obrigatória dos dados governamentais, por meio do *Portal de Transparência do Governo Federal*, a partir do qual são divulgadas informações de interesse de um coletivo ou geral, como execução orçamentária de órgãos e instituições do âmbito público federal e *Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC)*, que atende solicitações específicas.

Em junho de 2012, o governo definiu as *Diretrizes para o uso seguro das redes sociais na administração pública federal*, com a publicação da Portaria nº 38, responsável por homologar a Norma Complementar nº 15/IN01/DSIC/GSIPR (BRASIL, 2012). Desde então, instituições públicas passaram a adotar as mídias sociais como mais um canal de comunicação para fortalecer o diálogo entre Estado e sociedade.

A PNPS, por exemplo, definia a expressão *ambiente virtual de participação social* como “[...] mecanismo de interação social que utiliza TIC, em especial a internet, para promover o diálogo entre administração pública federal e sociedade civil [...]”. Dentre as diretrizes para criação desses ambientes, contemplava, em seu inciso VII, a “[...] utilização de ambientes e *ferramentas de redes sociais*, quando for o caso [...]”, para aperfeiçoar a participação social como método de gestão (BRASIL, 2014a, grifo nosso). Embora essa política tenha sido revogada pelo Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019, que extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal (BRASIL, 2019b), considera-se importante registrá-la por sua relevância histórica.

Ao alegar redução de gastos, o governo diminuiu drasticamente os espaços participativos, cerceando o debate público e contribuição da sociedade civil na formulação, implementação, acompanhamento e fiscalização das políticas públicas. Isso, conseqüentemente, gerou consternação, manifestações e notas de repúdio por parte de inúmeras associações, conselhos, comitês, dentre outros grupos. Com sua revogação, as informações mencionadas passaram a ser fonte de consulta e pesquisa.

No entanto, em agosto de 2020, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 128/19, apresentado pela deputada Renata Abreu, que instituiu a Política Nacional de Participação Social (PNPS), com o objetivo de “[...] articular o diálogo e a atuação conjunta entre a administração pública federal e a sociedade civil [...]”, além do Sistema Nacional de Participação Social, com a missão de organizar instâncias

consultivas para promover a participação do processo decisório e gestão de políticas públicas (BRASIL, 2019e). Na opinião da deputada Erika Kokay, relatora do projeto, “[...] [r]estabelecer essa política nacional é consolidar a participação social como método de governo.” (BRASIL, 2020a).

Analisando o documento do *Marco Civil da Internet*, o acesso ao recurso é apontado como essencial para a cidadania. Em uma de suas diretrizes, que trata da atuação do poder público em seu desenvolvimento no Brasil, são mencionados múltiplos canais, de modo subjacente às mídias sociais, para prestação de serviços públicos de atendimento ao cidadão de forma integrada (BRASIL, 2014b). Contudo, registro semelhante não foi identificado na LAI (BRASIL, 2011).

No *EGD: 2016-2019*, o portal *Participa.br*⁵⁸ era uma das iniciativas voltada ao envolvimento social em ambiente on-line (Objetivo Específico 05). No entanto, esse site foi substituído pelo *Participa+Brasil*⁵⁹; de maneira diferente em relação ao primeiro, que mencionava as principais mídias sociais como canais de comunicação com o governo, esse disponibiliza canais próprios — denúncias, solicitações, sugestões e elogios. Essa evidência aponta a adoção de uma política distinta pelo governo federal: gestão 2018-2021, em comparação à gestão anterior quanto ao uso das mídias sociais, como mais um meio de participação do cidadão.

No Decreto nº 10.332, que institui a *EGD: 2020-2022*, os “canais e serviços digitais simples e intuitivos” são indicados como o terceiro objetivo norteador para “[...] transformação do governo por meio do uso de tecnologias digitais, com a promoção da efetividade das políticas e da qualidade dos serviços públicos [...]” (BRASIL, 2020b). No referido documento, não há menção alguma sobre a utilização das mídias sociais por parte daquela autoridade política para alcançar o público-alvo de seus serviços, além da transparência.

Por sua vez, a PNIIS, apesar de não citar explicitamente essas plataformas, apontou a implementação e promoção dos usos das TIC como parte de suas diretrizes. Conforme recomendação do Ministério do Planejamento, tais tecnologias — canais de comunicação e participação — também são elementos que devem compor um PDA, documento orientador sobre as ações de implementação e promoção da abertura de dados nas organizações públicas (BRASIL, 2016c).

⁵⁸ Uma plataforma integrada com as principais mídias sociais, desenvolvida para captar contribuições da sociedade na elaboração de políticas públicas e melhoria dos serviços públicos (BRASIL, 2018b).

⁵⁹ Cf. <https://www.gov.br/participamaisbrasil/pagina-inicial>.

A parceria e cooperação são terrenos férteis para a definição de políticas de informação, capazes de permitir às instituições o cumprimento de suas finalidades, com participação da sociedade, preferencialmente a partir do modelo *bottom-up*, a exemplo do ICANN. No entanto, a distância entre o discurso proferido e efetivamente realizado incentiva a disputa por posições de poder e produção de conhecimento em espaços definidos pelas lutas simbólicas.

A rápida expansão do mundo digital e as constantes mudanças no contexto das redes de informação e comunicação têm impactado a rotina das unidades informacionais. Por conseguinte, essa transformação se tornou um desafio a profissionais da área, que passaram a refletir sobre os panoramas político, social e tecnológico, assim como identificar outras maneiras de se fornecer recursos e serviços informacionais, como discutido na seção a seguir.

3 MÍDIAS SOCIAIS EM BIBLIOTECAS: CONEXÃO E INTERAÇÃO

Em meados dos anos 2000, surgiram as primeiras discussões sobre o impacto da incorporação das tecnologias da Web 2.0 em quase todos os campos profissionais e sociais. Aspirando estar na vanguarda do século XXI, as bibliotecas têm conquistado maior projeção e protagonismo, à medida que passaram a incorporar as mídias sociais em suas atividades e a estabelecer diretrizes para gestão desses recursos, aliadas a planejamentos estratégicos. Diante disso, ter presença institucional dinâmica nessas plataformas significa estabelecer comunicação mais próxima aos usuários, por meio do compartilhamento de recursos e informações confiáveis.

Com essas tecnologias, constantes desafios permanecem orientados ao público, isto é, a conhecer seus gostos e preferências, entender novas demandas de informação, bem como facilitar o acesso a produtos e serviços cada vez mais abertos à participação, cocriação e inovação. Nesse caminho, suas percepções podem gerar ideias inesperadas, direcionar a melhoria em serviços oferecidos, antecipar qualquer ameaça e orientar intervenções para evitar possíveis crises.

O uso de serviços da Web 2.0 no campo das bibliotecas é um tanto contraditório. Por um lado, a presença nas mídias sociais promove a identidade e visibilidade digital; instiga a aproximação dos usuários potenciais; aprimora a gestão de custos; melhora a reputação digital; permite a comunicação em tempo real. Mas, por outro, traz consigo inconvenientes, como cultura institucional indefinida; ausência de investimento de tempo e pessoal qualificado; dificuldade de se delimitar o período adequado à comunicação nessas plataformas — se desconectar ou não se comunicar fora do horário de trabalho —; precauções de ordem jurídica, como proteção de dados e privacidade. Ainda assim, prossegue como uma tendência forte nesses espaços.

Segundo o Grupo Durga⁶⁰ (2014), o ano de 2013 se destaca quanto ao crescimento de aplicações sociais audiovisuais e sua readequação nas redes sociais. Nesse mesmo período, as mídias sociais ficaram dentre os 10 assuntos de maior interesse em 3 categorias: marcos internacionais, interesse profissional e olhares para o futuro. O prognóstico de especialistas da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e American Library Association (ALA) quanto ao

⁶⁰ Grupo formado por especialistas da área que se dedicam a refletir a realidade das bibliotecas e seu entorno, considerando um futuro mais ou menos imediato. Cf. <https://bibliotecas2029.wordpress.com/durga/>.

futuro das bibliotecas revelam que muitas das tendências emergentes relevantes para o segmento estão intrinsecamente relacionadas com essas plataformas. Dentre elas, evidenciam-se: o acesso à informação, educação, privacidade, participação digital e transformação tecnológica, conforme apontamento da primeira versão do *IFLA Trend Report 2013* e ratificação na atualização do relatório 2019 (IFLA, 2020). Por sua vez, o Center for the Future of Libraries da ALA (2016-2020) ressalta temas, como a aprendizagem conectada, inteligência artificial, anonimato, gamificação, etc.

A prioridade de se construir habilidades no uso de tecnologias e aplicações sociais de usuários tem amplo impacto no cotidiano dos profissionais de bibliotecas. Contudo, nesse processo é ainda necessária a formação em cultura digital, geralmente impedida, diante da falta de capacitação analítica e qualificada para acompanhar e gerir tais recursos, o que leva ao movimento de autoformação permanente (MARQUINA, 2015).

Mediante à ampla aceitação, as mídias sociais transformam funções macro e cultura organizacional das unidades informacionais. Um exemplo positivo disso é a administração pública da Biblioteca Nacional de Espanha que, em 2015, incorporou o formato de intranet social corporativa, aliando as competências de web institucional e redes sociais, voltada à comunicação, informação e colaboração (CARILLO POZAS, 2015).

Preocupadas com as habilidades de competência digital dos usuários, muitas bibliotecas também incluíram em suas atividades de treinamento a criação e utilização de aplicativos Web 2.0, para facilitar a participação social, reduzir a exclusão digital e cumprir seu compromisso de serviço à investigação. Em 2008, uma estratégia inovadora com plataformas de jogos sociais foi a experiência gamificada da biblioteca da UC3M, que aproveitou o ambiente virtual do *Second Life* para implementar treinamento e comunicação a distância — referência on-line — com usuários (LÓPEZ-HERNÁNDEZ, 2008).

O amplo leque de possibilidades exploradas e consolidadas ou a serem descobertas nesse contexto não tem sido levantado e debatido apenas nos ambientes de trabalho, mas também em espaços acadêmicos de formação e aprendizagem, na internet e em publicações científicas da área — dissertações, teses, livros, periódicos científicos.

3.1 Produção científica sobre o interdomínio em nível internacional e no âmbito da pós-graduação no Brasil

Evidências empíricas validam a integração das mídias sociais às atividades e serviços usuais das bibliotecas. Dessa forma, existe ainda a preocupação de pesquisadores em compreender e lidar com o impacto desse fenômeno, a fim de buscar os melhores caminhos em prol das experiências de crescimento social e cognitivo.

Em um breve levantamento⁶¹, meramente ilustrativo, foi possível dimensionar o nível de internacionalização do trabalho científico avaliado. Assim, na Figura 11, estão representados 37 países que produziram sobre o interdomínio, no período de 2020-2021⁶². O aprofundamento analítico desses dados, como relevância e peso da produção, não será realizado para não evadir dos objetivos desta pesquisa.

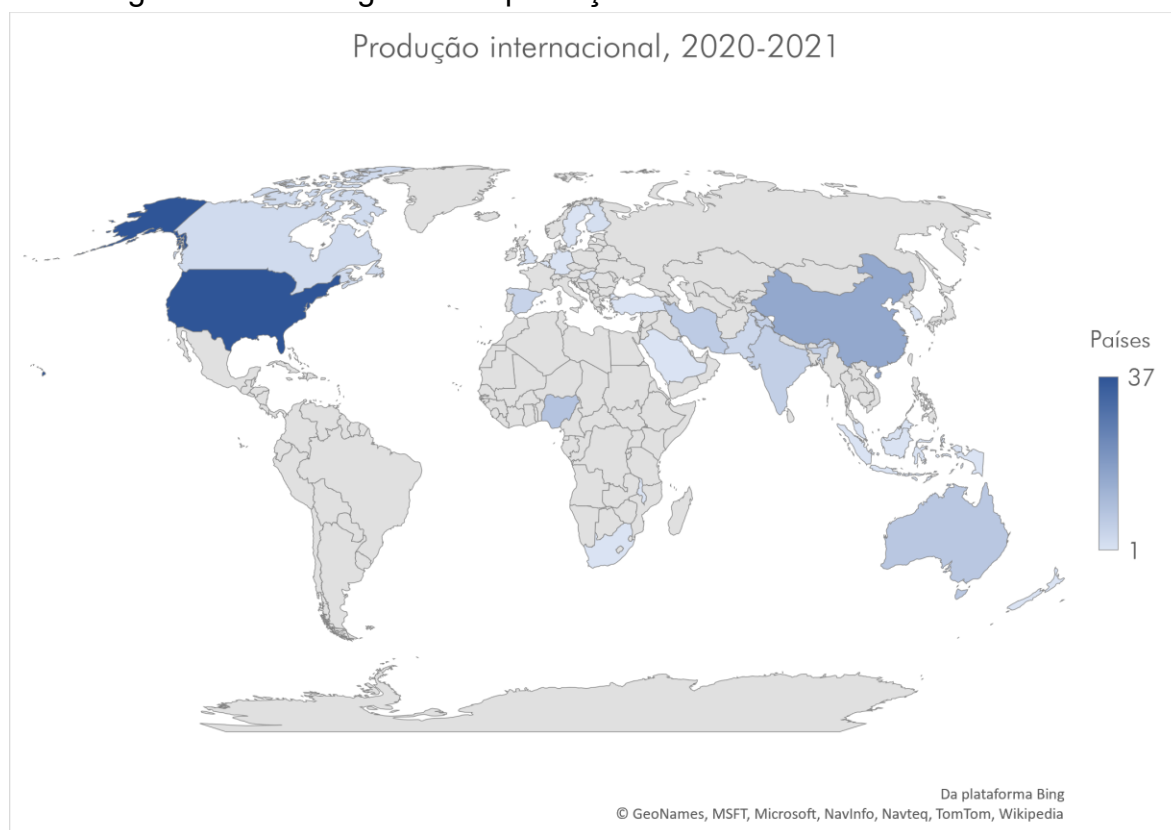
Estados Unidos e China se destacam como os mais bem posicionados no ranking, seguidos da Nigéria, Austrália, Irã, Índia e Espanha. Embora nações em desenvolvimento estejam amadurecendo cientificamente (A BIBLIOMETRIA..., 2014), exemplificadas pela Nigéria, Irã e Índia, observa-se a não representatividade de qualquer país da América Latina. Os resultados encontrados também coincidem com evidências identificadas por Lilian Nassi-Calò (2014), de que a China tem registrado um aumento significativo desse tipo de produção, enquanto o país norte-americano vem perdendo o domínio para economias emergentes no interdomínio analisado.

Já como objeto de investigação, ressalta-se as redes sociais Facebook, Instagram, Twitter e outras mais segmentadas, como ResearchGate e Academia.edu, além de blogs e o serviço de mensagem instantânea WhatsApp. Os estudos, geralmente aplicados em bibliotecas universitárias, públicas e da área médica, versam a respeito de questões relacionadas com marketing e gerenciamento das mídias sociais, serviço de referência virtual, *fake news*, capital social e usabilidade de apps.

⁶¹ Busca realizada na Scopus e Web of Science (WoS), em outubro de 2020, a partir da frase exata “*social media*” AND *library*. Aplicou-se os filtros *ano* (2020 e 2021) e *área* — *Social Science* e *Information Science Library Science* —, sendo recuperados 66 documentos na primeira base mencionada — *article*, *review*, *conference paper* — e 45, na segunda — *article*, *early access*, *editorial*, *review*.

⁶² Incluindo *articles in press* e *final*, quanto ao estágio de publicação.

Figura 11 – Abrangência da produção científica em nível internacional



Fonte: imagem gerada no Excel, vinculado ao Bing, a partir de dados da pesquisa.

Há também um número considerável de investigações relativas a *engagement* social, interação do usuário, análise de sentimento. Constata-se ainda a presença de temas em ascensão, como métricas alternativas de impacto científico (*altmetrics*), identidade e reputação acadêmica no ambiente informacional digital, além de medidas adotadas em resposta à pandemia da covid-19 — que assolou o mundo em 2020, gerando um impacto sem precedentes às bibliotecas.

No Brasil, o pesquisador David Vieira afirmou em entrevista ao blog *Mural interativo do bibliotecário*, durante o *XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, que desde 2005 o tema mídias sociais em bibliotecas no Brasil é discutido; enquanto em 2008, integraram a rotina desses serviços informacionais no país (O USO..., 2015).

Nesse último ano, passaram ainda a ser objeto de investigação de pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, sobretudo na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que apresentam o maior número de produções científicas. Em 2010, Cristina Guilhem defendeu a primeira dissertação sobre o assunto na

Universidade Estadual de Londrina (UEL), com o título *Tendências de produtos e serviços na web no contexto das bibliotecas universitárias*. Já a primeira tese, intitulada *Adoção de redes sociais em bibliotecas universitárias espanholas: um estudo das aplicações dos recursos da Web 2.0*, teve autoria de Vieira (2013), na Universidade de Brasília (UnB). Ainda nesse nível, em 2015, Raquel Santos apresentou a pesquisa de doutorado *Gestão dos dispositivos de comunicação da web social: potencializando as atividades de mediação da informação e do conhecimento em bibliotecas universitárias brasileiras*, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (Quadro 1).

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre o tema no âmbito da pós-graduação na Ciência da Informação, 2010-2018

Autores / Orientadores	Objetivo geral
A.: Guilhem, Cristina B. (2010)* Orient.: Monteiro, Silvana D. (UEL)	Investigar produtos e serviços on-line oferecidos pelas bibliotecas universitárias para análise da aplicação das TIC [Web 2.0] por bibliotecários.
A.: Abreu, Jônatas S. (2012)* Orient.: Corrêa, Renato F. (UFPE)	Analisar a inserção de redes sociais à <i>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações</i> , em resposta ao contexto econômico, social e político da sociedade da aprendizagem.
A.: Aguiar, Giseli A. (2012)* Orient.: Silva, José Fernando M. (USP)	Avaliar a contribuição das ferramentas de redes sociais da web na melhoria da comunicação e da qualidade de serviços e produtos em bibliotecas universitárias .
A.: Garcia, Thais X. (2012)* Orient.: Cunha, Miriam V. (UFSC)	Analisar bibliotecas públicas 2.0 para levantar serviços prestados, perfil e percepção dos bibliotecários.
A.: Lanzi, Lucirene A. C. (2012)* Orient.: Ferneda, Edberto (Unesp)	Demonstrar que é possível inserir tecnologias [plataformas de redes sociais] na rotina de uma biblioteca escolar , tornando-a um espaço dinâmico, motivador.
A.: Santos, Raquel do Rosário (2012)* Orient.: Gomes, Henriette F. (UFBA)	Identificar como as bibliotecas universitárias federais e estaduais têm explorado dispositivos de comunicação em websites para ampliar as ações voltadas à mediação (acesso e uso da informação).
A.: Vieira, David V. (2013)** Orient.: Cunha, Murilo B. (UnB)	Analisar o processo de adoção das redes sociais em bibliotecas universitárias espanholas, para avaliar as condições necessárias visando usufruir de interações entre bibliotecários e usuários.
A.: Medeiros, Déborah (2015)* Orient.: Lucas, Elaine R. O. L. (Udesc)	Verificar como bibliotecas nacionais do continente americano desenvolvem e oferecem produtos e serviços a partir do uso da Web 2.0 e Web 3.0 , além de identificar relações desses serviços com o acúmulo do capital social.
A.: Vicente, Natalí Ilza (2015)* Orient.: Corrêa, Elisa C. D. (Udesc)	Analisar o uso do Twitter e Facebook via sistemas de bibliotecas universitárias federais do Sul do Brasil e suas possíveis contribuições ao processo de divulgação científica.
A.: Prado, Jorge Moisés K. (2015)* Orient.: Corrêa, Elisa C. D. (Udesc)	Elencar diretrizes para o uso de mídias sociais em bibliotecas universitárias brasileiras.
A.: Santos, Raquel do Rosário (2015)** Orient.: Duarte, Emeide N. (UFPB)	Desenvolver um modelo para gestão de dispositivos de comunicação da web social , disponibilizados pelas bibliotecas universitárias , fundamentado na gestão da informação e do conhecimento.

(continua)

(continuação)

A.: Anjos, Cláudia R. (2016)* Orient.: Barros, Moreno A. de (Unirio)	Reunir informações sobre adoção das mídias sociais pelas bibliotecas acadêmicas da UFRJ, através da percepção dos bibliotecários e usuários na indicação de melhores práticas sobre tais recursos.
A.: Capello, Soraia S. (2016)* Orient.: Calil Jr., Alberto (Unirio)	Preparar um guia com orientações que auxiliem bibliotecários, que atuam em bibliotecas universitárias , à utilização/publicação de conteúdo em mídias sociais na internet .
A.: Santos, Bruna B. L. (2016)* Orient.: Gomes, Henriette F. (UFBA)	Analisar/caracterizar a presença das bibliotecas públicas do [Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas] (SNBP) no ambiente dos dispositivos de comunicação da web social , bem como os caminhos percorridos para atrair usuários e verificar o fluxo de informações e trocas sociais.
A.: Souza, Nivea C. R. (2016)* Orient.: Villalobos, Ana Paula O. (UFBA)	Investigar o potencial de acesso à informação, propiciado pelo marketing digital através das ferramentas de Web 2.0 [em bibliotecas universitárias].
A.: Pizzorno, Ana Claudia P. (2016)* Orient.: Corrêa, Elisa C. D. (Udesc)	Investigar a relação entre a competência em informação digital dos bibliotecários da [Associação Catarinense de Fundações Educacionais] (Acafe) e a presença/ausência de suas bibliotecas [universitárias] nos perfis ativos em mídias sociais .
A.: Barros, Diego Bil S. (2018)* Orient.: Furtado, Cassia C. (UFPA)	Analisar a interação dos usuários da Biblioteca Central da [Universidade Federal do Pará] UFPA no Facebook , a partir das ações de mediação da informação.

A. – autor(a); Orient. – Orientador(a); * Dissertação; ** Tese.

Levantamento realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), em outubro de 2020.

As informações entre colchetes foram complementadas pela pesquisadora; os destaques em negrito se referem à mídia social analisada e à tipologia da biblioteca na qual a pesquisa foi aplicada.

Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, as demais dissertações ligadas à Ciência da Informação⁶³ investigaram, no âmbito das *bibliotecas universitárias*, contribuições das redes sociais para o aprimoramento da comunicação e qualidade de produtos e serviços (AGUIAR, 2012); melhores práticas e diretrizes para o uso de mídias sociais (ANJOS, 2016; PRADO, 2015) e preparação de um guia prático com orientações para bibliotecários, a partir da publicação de conteúdo nessas plataformas (CAPELLO, 2016); dispositivos de comunicação em websites (SANTOS, 2012) e interação de usuários no Facebook (BARROS, 2018), ambos com enfoque na mediação; potencial de acesso à informação propiciado pelo marketing digital via ferramentas da Web 2.0 (SOUZA, 2016); divulgação científica por meio do Twitter e Facebook (VICENTE, 2015); competência em informação digital de bibliotecários versus presença/ausência de perfil ativo de bibliotecas nas mídias sociais (PIZZORNO, 2016).

⁶³ Programas de pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade de São Paulo (USP); Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

No contexto das *bibliotecas públicas*, Garcia (2012) analisou os serviços da Web 2.0 prestados e perfil/percepção dos bibliotecários. Já Bruna Santos (2016), pesquisou o uso dos dispositivos de comunicação da web social e formas de se atrair usuários, com enfoque no fluxo de informações e trocas sociais. As *bibliotecas escolares* foram definidas por Lucirene Lanzi (2012) como espaço para investigar a inserção das tecnologias (redes sociais) na identificação de um ambiente dinâmico e motivador, enquanto Déborah Medeiros (2015) verificou como as *bibliotecas nacionais* oferecem produtos e serviços da web social para fomentar o capital social de cada nação analisada. Por fim, Jônatas Abreu (2012) analisou a inserção de redes sociais nas *bibliotecas digitais*.

Quanto ao conteúdo, as pesquisas de mestrado e doutorado brasileiras levantadas tratam sobre o tema informação, versando sobre: gestão de bibliotecas e recursos (produtos e serviços na web, marketing); usuários e usos (redes sociais, Web 2.0, Web 3.0, Biblioteca 2.0, capital social, mediação, interação, apropriação); competências no setor (alfabetização em tecnologias); transferência e acesso (disseminação da informação); políticas e ações (divulgação científica); com predileção para questões relativas à divulgação e disseminação de produtos e serviços, ratificando os resultados encontrados por Giseli Aguiar (2012) e Jorge Prado (2015).

Observa-se também o predomínio de estudos teórico-empíricos, aplicados no contexto das bibliotecas universitárias com uso de variação terminológica — *redes sociais, mídias sociais, Web 2.0 e web social* —, para identificar ambientes informacionais digitais. Além de se preocupar com a preservação da memória histórico-cultural de uma sociedade, uma série de estudos (AGUIAR, 2012; CALIL JÚNIOR; CÔRREA; SPUDEIT, 2013; FRANÇA, 2015; MEDEIROS; LUCAS, 2016) aponta que as unidades de informação têm se apropriado das mídias sociais para interagir com usuários e ampliar a visibilidade às suas ações. Contudo, Prado alertou não haver, em contexto anterior, um exemplo de organização brasileira que fizesse uso pleno desses recursos (ENCONTRO..., 2016).

Por fim, nota-se o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* também como de interesse de pesquisadores pertencentes a outros campos do conhecimento, porém, de estreita proximidade com a Ciência da Informação. Exemplo disso são dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (SILVA, 2014), Comunicação da Universidade Federal de

Goiás (UFG) (NASCIMENTO, 2018; PEIXOTO, 2018), Estudos de Mídias da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (MUNIZ, 2014), Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle (Unilasalle) (SILVA FILHO, 2015) e em Sistemas de Gestão da Universidade Federal Fluminense (UFF) (BATISTA, 2016).

Para compreender a maneira com que o conhecimento científico sobre o interdomínio analisado foi construído e socializado por pesquisadores da área, especificamente aquele produzido no âmbito das edições do Enancib, em 2018 foi desenvolvida a pesquisa *Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos anais do Enancib*, de Maira França e Angela Carvalho (2018)⁶⁴, cujos dados serão apresentados na sequência de forma sintetizada.

Como os fóruns de discussão são ambientes propícios para divulgação de resultados de pesquisas para a comunidade científica, dados levantados indicam que mais da metade das teses e dissertações defendidas na área, de 2010 a 2016, foi exibida nas modalidades comunicação oral e pôster. Nesse cenário, desde 2007, a temática em questão tem ainda sido discutida na maioria dos grupos de trabalhos do Enancib, precisamente do GT-2 ao GT-8, de modo concentrado nos *GT-8 Informação e tecnologia* e *GT-3 Mediação, circulação e apropriação da informação*, representando 0,73% dos temas que contribuem com a consolidação da Ciência da Informação como um campo científico.

Com a aplicação dos estudos bibliométricos, verificou-se que aproximadamente dois terços dos pesquisadores no interdomínio é vinculado à Ciência da Informação em colaboração com acadêmicos da Comunicação Social, Ciências Humanas, Exatas e da Terra, bem como Engenharias. Destacam-se a UFBA, Unesp e UFPB como instituições com maior número de autores sobre o tema. Prevaecem também publicações elaboradas em coautoria, sobretudo aquelas concebidas em dupla.

Com relação aos nomes mais citados, estão: Jack Maness, Raquel Recuero, Úrsula Blattman, Manuel Castells, Regina Marteleto, Tim O'Reilly e Alex Primo. Corroborando a hipótese desta tese, embora os pesquisadores da Ciência da Informação tenham contribuído diretamente com a produção científica do domínio analisado, identificou-se a busca por subsídio em áreas correlatas, como Sociologia e Comunicação Social, para fundamentação teórica.

⁶⁴ Os resultados da pesquisa foram apresentados no *XIX Enancib*, realizado na UEL (Londrina, 2018). Cf. http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1428/1713.

O caráter interdisciplinar da temática, reiterado pela contribuição de especialistas das mais diversas áreas do conhecimento, remete ao conceito de interdomínio, apontado por Leila Bufrem e Juliana Freitas (2015) como uma imbricação de domínios, com possibilidade de constituição provisória, sustentados por relações colaborativas afloradas a partir da movimentação dos envolvidos. Apesar de a produção científica da temática ainda parecer incipiente, já é possível determinar uma comunidade epistêmica do domínio analisado, com destaque para a pesquisadora Henriette F. Gomes, da UFBA.

O termo *redes sociais* é o mais utilizado na Ciência da Informação para nomear ambientes informacionais digitais e, conseqüentemente, representar o interdomínio analisado. Todavia, a expressão *mídias sociais* tem conquistado certa notoriedade, conforme verificado na literatura a partir de 2012.

Por meio das contribuições teóricas de autores citados, observou-se a epistemologia social de Jesse Shera e paradigma social e cognitivo da Ciência da Informação, reconhecidos por Rafael Capurro e Birger Hjørland, e outros paradigmas, como o tecnológico, de Manuel Castells, e o da convergência, de Henry Jenkins.

Além desses, identificou-se fundamentação nos conceitos da área, desenvolvidos por Peter Ingwersen, Frederick Lancaster, Harold Borko, Tefko Saracevic, Michael Buckland, Gernot Wersig e Ulrich Neveling. Quanto à trajetória metodológica, apurou-se a predominância de pesquisas descritivas de abordagem quali-quantitativa. Quanto aos procedimentos técnicos, evidenciaram-se os estudos de caso, de Robert Yin; a observação como instrumento de coleta, além da análise de conteúdo, de Laurence Bardin, para tratamento dos dados, sendo a maior parte dos estudos aplicados no âmbito de bibliotecas universitárias.

Um volume considerável dos trabalhos se enquadra na categoria *uso*, por sua natureza experimental e exploratória (estudos de casos e relatos de experiência), enquanto pesquisas de *desenvolvimento tecnológico* e *questões ética* se apresentam como possíveis brechas de conteúdo. Na Ciência da Informação, o interdomínio tem sido analisado no contexto da *organização do conhecimento*, além de *recuperação*, *gestão* e *acesso à informação*.

Por fim, ao confrontar as Teses e Dissertações (TD) defendidas sobre o interdomínio, até 2017, com os trabalhos apresentados no Enancib, verifica-se que

56,3% dos autores⁶⁵ comunicam e discutem suas descobertas científicas, advindas das pesquisas de doutorado e mestrado, nesse fórum nacional da área. Nesse sentido, Meadows (1999) afirma que as contribuições em eventos ocupam uma posição intermediária entre teses e livros/periódicos.

Por sua vez, ao realizar o mesmo estudo comparativo com os artigos científicos publicados sobre o tema, percebe-se uma queda em relação aos dados identificados no estudo anterior, representado por 37,5%⁶⁶. Ainda assim, o resultado é mais satisfatório quanto à estimativa apontada por Meadows (1999), de que aproximadamente um quinto dos artigos de periódicos nas Ciências Sociais seja precedido por relatórios e teses de doutorado.

Contrastando os dados dos dois levantamentos — TD X trabalhos Enancib X TD-artigos —, é possível afirmar que a comunicação científica publicada em anais de eventos é um dos meios de divulgação mais utilizados pelos pesquisadores, segundo apontamentos de Hayashi e Guimarães (2016), embora essa não tenha o mesmo status — ocupe posição intermediária, segundo Meadows (1999) —, das publicações advindas de canais mais formais, como livros e revistas. Esse estudo mostrou também que alguns pesquisadores optam pelos dois tipos de comunicação — material de anais e periódicos — para divulgarem os resultados de suas investigações, a exemplo de Aguiar (2012) e Santos (2012).

3.2 Da internet às mídias sociais nas bibliotecas

Antes de as mídias sociais chegarem às bibliotecas, faz-se necessário retomar eventos da Guerra Fria (1950-1960), na qual a internet surgiu em cenário político internacional de disputa ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética. No princípio, a rede global era utilizada para fins militares e, posteriormente, como relevante meio de comunicação na academia, o que contribuiu para sua ampliação e, conseqüentemente, para sua popularização na década de 1990.

⁶⁵ Dos 17 trabalhos (teses e dissertações) apresentados no Quadro 1, desconsiderou-se a dissertação de Diego Barros, defendida em 2018, uma vez que o limite temporal do levantamento realizado nas produções apresentadas no Enancib foi até 2017 (FRANÇA; CARVALHO, 2018). Essas produções são resultantes das pesquisas de Aguiar (2012), Capello (2016), Lanzi (2012), Pizzorno (2016), B. Santos (2016), R. Santos (2012, 2015), Souza (2016), Vicente (2015).

⁶⁶ Dentre os pesquisadores que optaram pelos canais formais de divulgação científica, destacam-se: Aguiar (2012), Anjos (2016), Medeiros (2015), Prado (2015), Santos (2012) e Vieira (2013).

Nessa perspectiva, com a evolução da web e de dispositivos associados ao seu uso, ascendeu a segunda geração de comunidades e serviços da internet. Em tal ambiente tecnológico, as mídias sociais passaram a ser incorporadas e integradas. A partir do amplo debate realizado entre empreendedores tecnológicos na *Web 2.0 Conference*, realizada em São Francisco/CA, em 2004, o conceito Web 2.0 se fortaleceu. Uma de suas maiores vantagens, apontada por O'Reilly (2006), é a possibilidade de desenvolvimento de aplicativos via aproveitamento de redes de inteligência coletiva como meio de aperfeiçoamento. Enquanto isso, a arquitetura da participação é uma das competências fundamentais da internet interativa.

Esse conceito carrega consigo dois elementos essenciais para a materialização de rede: os atores — indivíduos, instituições ou grupos —, que representam os nós e suas conexões, bem como as relações e interações. “Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.” (RECUERO, 2009b, p. 24). Como principais funções no meio, Dora Kaufman (2010) aponta esse contato entre indivíduos, em todo o instante; a disponibilização de conteúdo multiplataforma; o compartilhamento de informações e decisões; a customização. Diante disso, a multiplicidade de atribuições as transforma em um espaço contemporâneo de narrativas e representações simbólicas.

A comunicação em rede [também] tem sido explorada como instrumento de ativação de movimentos sociais e culturais como a luta dos direitos humanos, feministas, ambientalistas, etc. [...] Através dessa complexidade de funções, percebe-se que as redes sociais virtuais são canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais, que vêm ampliando, delimitando e mesclando territórios. Entre desconfiados e entusiásticos, o fato é que as redes sociais virtuais são convites para se repensar as relações em tempos pós-modernos (AFONSO, 2009, p. 29).

Como espaços de comunicação, interação e construção social, são inúmeras as possibilidades a serem exploradas pelos atores nas mídias sociais, constantemente visíveis e passíveis de observação. No contexto das bibliotecas, esse processo relacional envolve sujeitos em busca de informação, os usuários, e profissionais responsáveis por facilitar seu acesso, em combinação ao atendimento de interesses da comunidade a que serve (BUCKLAND, 1992), em prol da transformação social.

A aplicação das tecnologias Web 2.0 nos serviços e coleções das bibliotecas, deu origem ao termo *Library 2.0*, introduzido em 2005 na literatura científica pelo bibliotecário americano Michael Casey, em seu blog *LibraryCrunch*. Na oportunidade, ele destacou a descrição de *Library 2.0*, de Sarah Houghton, dentre suas favoritas, apresentada no *Internet Librarian 2005*, após uma provocação do professor Michael Stephens:

[...] na medida em que você não pode mais descobrir o quão grande é a biblioteca pela aparência de seu site — pequenas bibliotecas começam a criar sites que concorrem e, muitas vezes, apresentam-se melhores que os dos grandes sistemas de bibliotecas. Pequenas bibliotecas agora estão “empurrando conteúdo” via RSS, criando métodos para que os usuários personalizem conteúdo, além dos múltiplos pontos de acesso para consultas dos usuários, como e-mail, mensagens instantâneas, blogs, chat, wikis, etc. (CASEY, 2005, grifo e tradução nossa).

A partir do conceito de Casey (2005), e de outros posicionamentos controversos, o também bibliotecário americano Jack Maness (2007, p. 44) definiu *Library 2.0* como “[...] a aplicação de interação, colaboração e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web [...]”. Esse último ainda propôs quatro elementos fundamentais a uma teoria para *Library 2.0*, a saber: ser centrada no usuário — produtor/consumidor de conteúdo —; oferecer uma experiência multimídia; ser socialmente rica — ferramentas assíncronas e síncronas —; comunitariamente inovadora — dinamismo (MANESS, 2007).

Embora muitos elementos que integram os conceitos de *Web 2.0* e *Library 2.0* — interação, espaço social, dinamismo, colaboração, entre outros —, sejam inerentes às mídias sociais, Recuero (2008) defende essa “[...] ferramenta de comunicação, que permite a emergência das redes sociais [...]”, não como uma característica da *Web 2.0*, — apesar de ter sido reforçada nos últimos anos —, mas sempre presente enquanto potencial da internet, desde o início da década de 1990.

A fim de diferenciá-las e caracterizá-las das demais ferramentas de comunicação, a autora aponta a apropriação criativa, conversação, diversidade de fluxos de informação, emergência de redes sociais, além de capital social mediado como elementos especiais, cujo impacto e contribuição têm se refletido para uma significativa mudança na história das bibliotecas.

Henriette F. Gomes, Deise Prudêncio e Adriana Conceição (2010) nomeiam a relação estabelecida entre as unidades de informação, recursos de comunicação na web e interação gerada a partir das ações da biblioteca de *dispositivos de comunicação*. A partir do conceito proposto por Daniel Peraya (1999, p. 146), são “[...] como instâncias constituídas de uma natureza técnico-semiopragmática, na qual os elementos técnicos, semióticos e pragmáticos interagem de modo dinâmico e contínuo, atuando no processo de construção dos sentidos [...]”.

Na concepção das autoras, tais dispositivos viabilizam essa última relação a partir do processo comunicacional dialógico estabelecido entre biblioteca e usuários, que favorece a apropriação de informação. De acordo com Santos e Gomes (2015, p. 18), investigar a presença dessas organizações nas redes sociais possibilita compreender “[...] como elas têm construído sua imagem dentro desse dispositivo e ampliado suas relações sociais com os usuários, bem como identificar que os serviços da biblioteca não se restringem ao seu espaço físico, sendo possível também no espaço virtual.”

As *redes sociais* das bibliotecas — termo adotado por Maness (2007) —, além de promoverem interação entre bibliotecários e usuários, são oportunidade de compartilhamento e transformação de recursos informacionais pela internet; criação de vínculos na relação usuário-biblioteca; identificação das similaridades das demandas informacionais, a partir de informações pessoais — perfil, comentários, curtidas, dentre outras — fornecidas por esse público. No entanto, Prado é enfático ao afirmar que uma biblioteca dificilmente consegue disponibilizar produtos e serviços capazes de oferecer engajamento on-line; emplacar um meme ou viral, a partir de mensagens sazonais que circundam determinado fato; ou acompanhar as métricas de monitoramento (ENCONTRO..., 2016).

Visando contribuir com a construção e manutenção da presença digital de bibliotecas universitárias, o autor apresenta como diretrizes do uso das mídias sociais: o planejamento (objetivos, equipe, diferentes canais, serviços e produtos); aspectos comportamentais e sociais (perfil do público real e potencial, interação, engajamento); aspectos éticos e jurídicos (plágio, direito autoral, fontes críveis); linguagens e tipos de conteúdo (mensagem clara, padrão, qualidade); monitoramento e métricas (acompanhamento contínuo, uso de ferramentas); gestão de crise (resposta rápida, cordialidade) (PRADO, 2015).

Por meio dessas plataformas, uma instituição cria uma imagem, mostra sua cultura e conquista apreciadores virtuais e na vida real. Em 2014, a Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República publicou o *Manual de orientação para atuação em mídias sociais*, relevante documento de referência para bibliotecas vinculadas às instituições públicas da esfera federal, contendo conceitos básicos, diretrizes gerais, ativações, monitoramento e métricas, gerenciamento de crises de imagem e manual interno de conduta (BRASIL, 2014c).

Considerando o fato de as bibliotecas possuírem equipes reduzidas, ou seja, não disporem de profissionais exclusivos para o gerenciamento de mídias sociais, a Secom recomenda o uso de ferramentas voltadas à gestão/automação nesse sentido, inclusive com o recurso de agendamento de publicação de conteúdo, bem como postagem simultânea em mais de uma plataforma (BRASIL, 2014c).

A análise de *Métricas e monitoramento constante*, apontados nas diretrizes recomendadas por Prado (2015) e para uso das mídias sociais da Secom, possivelmente é a fase mais importante de todo o processo. Isso porque temas mais relevantes são identificados, aspectos estratégicos são descobertos a partir das demandas reais dos usuários, novas oportunidades e nichos surgem, bem como outras estruturas passam a ser criadas (BRASIL, 2014c). Para analisar, classificar e extrair a percepção do público — opiniões e experiências —, desde 2001, as instituições têm classificado suas crenças e sensações por meio da *análise de sentimento*, também conhecida como plano de polaridade — positivo, neutro, negativo ou misto —, de forma manual, semiautomatizada ou automatizada — mineração de opinião (SALUSTIANO, 2016; VIEIRA, 2012).

Existe uma variedade de ferramentas de monitoramento disponíveis no mercado, orientadas a diversos tipos de demanda e orçamento, desde opções gratuita ou parcial,⁶⁷ prevalentes no princípio da década de 2010, até os formatos plenos,⁶⁸ desenvolvidos para atividades de gestão e análise de dados para fins de tomada de decisão (ZANDAVALLE, 2016). Nesse contexto, Mirna Tonus (2017), além de elencar diversos recursos de monitoramento de mídias sociais, alerta sobre o seu caráter temporário considerando o dinamismo do fenômeno social.

⁶⁷ “[...] geralmente gratuitas [...], permitem a recuperação da informação, sem a possibilidade de tratamento dos dados.” (ZANDAVALLE, 2016, p. 21).

⁶⁸ “Essas ferramentas são pagas. [...] [C]ontemplam todas as fases do monitoramento, como coleta, armazenamento, classificação, categorização e visualização de dados, sendo ainda capazes de recuperar e armazenar uma grande quantidade de dados.” (ZANDAVALLE, 2016, p. 21).

Desse modo, as métricas se refletem nos objetivos desse processo e, por conseguinte, nos recursos utilizados. Diante da exigência de se ajustar o alvo de monitoramento ao presente contexto e, conseqüentemente, à sua eficiência, Salgado (2016) indica o uso de versões de teste — ou *trial* gratuitos —, além da visita a organizações do setor que exploram a tecnologia prevista, neste caso, *benchmarking*. Isso porque, através desse, é possível determinar pontos fortes e fracos de uma biblioteca, bem como localizar problemas circundantes e tendências que pavimentem sua melhoria. Nesse viés, o *IFLA Trend Report 2019 Update* destaca a relevância de se fortalecer maneiras de medir o impacto das atividades realizadas como uma recomendação para enfrentar incertezas sobre o futuro (IFLA, 2020).

Portanto, bibliotecas em geral que desejam acompanhar o desenvolvimento tecnológico, e enquanto espaços em constante transformação, têm dentre os desafios impostos pela sociedade contemporânea a responsabilidade de conhecer, analisar criticamente e incorporar recursos nesse sentido. Isso se reflete ainda na readequação de atividades, serviços e produtos, a fim de garantir, bem como melhorar, o acesso à informação de maneira equitativa, em um ambiente cooperativo orientado à construção social.

4 METODOLOGIA

“A ciência conhece um único comando:
contribuir com a ciência.”
(BRECHT apud 100 FRASES..., 2020)

O percurso metodológico aplicado nesta pesquisa foi concebido na disciplina *Questões bibliométricas em produção e organização da informação* (PPGCI/Unesp), em 2017, aperfeiçoado e validado em estudos posteriores (FRANÇA; CARVALHO; GRÁCIO, 2018; FRANÇA; CARVALHO, 2018, 2019). No Quadro 2, estão sintetizadas suas intersecções e avanços, por meio dos trabalhos apresentados, publicados e submetidos para avaliação, mencionados também no *Prólogo*.

Trata-se de uma investigação com alcance descritivo em organização do conhecimento, com abordagem qualiquantitativa, apoiada na pesquisa bibliográfica como procedimento técnico, desenvolvida a partir da análise de domínio proposta por Hjørland (2002). As pesquisas descritivas visam especificar propriedades, características, bem como particularidades relevantes de determinado fenômeno e/ou estabelecer correlações entre variáveis, designando sua natureza, situação e comportamento (GIL, 1999). Além disso, elas servem de base para explicá-lo, embora não tenha necessariamente esse compromisso (VERGARA, 2000).

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica tanto na etapa de fundamentação teórica, em que foram selecionados os documentos referenciais e norteadores, quanto na de definição e análise de amostra, uma vez que este estudo se desenvolveu exclusivamente a partir de artigos científicos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 1999, p. 50).

Quadro 2 – Intersecções e avanços da pesquisa

Documento	Referência	Capítulo da tese	Contribuição
Trabalho apresentado em evento (Enancib)	FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Sociedade da informação e biblioteca universitária: contribuições para a democratização do acesso ao conhecimento. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i> , 16., 2015, João Pessoa. <i>Anais [...]</i> . João Pessoa: Ancib, 2015b. p. 1-18.	Capítulo 2 Estado informação	Estado da arte da nova estrutura social, na qual se inserem as universidades e bibliotecas, e mapeamento das principais políticas públicas brasileiras na Sociedade da Informação.
Trabalho apresentado em evento (Enancib)	FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Monitoramento de mídias sociais em bibliotecas universitárias públicas federais. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i> , 18., 2017, Marília. <i>Informação, sociedade e complexidade</i> . Marília: Ancib, 2017a. p. 1-22.	Capítulo 3 Mídias sociais e bibliotecas	Levantamento parcial da produção no âmbito da pós-graduação da Ciência da Informação e de algumas diretrizes de uso das mídias sociais.
Capítulo de livro	FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi de; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Presença da temática mídias sociais e bibliotecas na produção científica brasileira na Ciência da Informação: um estudo de análise de domínio. <i>In: IRIGARY, Fernando; GROSSI, Angela; MACHADO FILHO, Francisco; MORAES, Osvaldo de; VENTURA, Mauro (org.). Audiovisual, cidades, mobilidade, cidadania, jornalismo, mídia e tecnologia</i> . Rosário: UNR Editora: Editorial de la Universidad Nacional de Rosário, 2018. p. 344-367.	Capítulo 4 Metodologia	Validação da proposta metodológica — primeira aplicação.
Trabalho apresentado em evento (Enancib)	FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos anais do Enancib. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i> , 19., 2018, Londrina. <i>Anais [...]</i> . Londrina: Ancib, 2018. p. 4910-4929	Capítulo 3 Mídias sociais e bibliotecas	Resultados de pesquisa no âmbito do Enancib.
		Capítulo 4 Metodologia	Validação da metodologia — aprimoramento das limitações identificadas na primeira aplicação.
Trabalho apresentado em evento (EICA)	FRANÇA, Maira Nani. <i>Redes sociais no contexto das políticas de informação: um estudo exploratório</i> . Marília: Unesp, 2018. Trabalho apresentado no X Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação, na modalidade pôster.	Capítulo 2 Estado informação	Mapeamento das principais políticas públicas de informação no contexto das redes.
Artigo (<i>Em Questão</i>)	FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos periódicos da Ciência da Informação no Brasil. <i>Em Questão</i> , Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 296-320, set./dez. 2019.	Capítulo 5 Resultados e discussão	Resultados parciais: contexto brasileiro.
Artigo	FRANÇA, Maira Nani; GROSSI, Angela Maria; PACIOS, Ana R. <i>Mídias sociais e bibliotecas na produção científica dos Estados Unidos</i> . Submetido à avaliação do corpo editorial de um periódico da área (Qualis A2), em setembro de 2020		Resultados parciais: contexto estadunidense.
Artigo	FRANÇA, Maira Nani; PACIOS, Ana R.; GROSSI, Angela Maria. <i>Medios sociales y bibliotecas en la producción científica de España</i> . Submetido para avaliação de especialistas do comitê editorial de uma revista da área (Qualis B1), em agosto de 2020		Resultados parciais: contexto espanhol.

Fonte: modelo adaptado de Sant Geronikolou (2020).

Para descrever, caracterizar e interpretar o objeto investigado e suas relações, adotou-se a análise do conteúdo dos documentos selecionados, de acordo com a combinação de 5 das 11 abordagens⁶⁹ da análise de domínio, a saber: *estudos históricos; estudos bibliométricos; estudos epistemológicos e críticos; estudos terminológicos; classificações especiais e tesouro* (HJØRLAND, 2002), às quais se relacionam, respectivamente, com cada um dos objetivos específicos desta tese.

Os cientistas da informação Birger Hjørland e Hanne Albrechtsen, em 1995, formularam o conceito *análise de domínio*, apresentado-o de três modos: *paradigma social; abordagem funcionalista*, para se compreender as funções da informação e da comunicação por meio de atores sociais distintos; *filosófico-realista*, apoiada em fatores externos ao entendimento subjetivo. Para os autores, analisar um domínio é a melhor maneira de se compreender a informação, sua estrutura, linguagens adotadas, a forma como é comunicada. Também como o conhecimento é organizado, refletindo a comunidade discursiva e o papel que assume na sociedade (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

A partir de 2002, Hjørland apresenta mais detalhadamente para a Ciência da Informação a dimensão conceitual da análise de domínio por meio de abordagens que possibilitassem revelar as características e enfatizar a relevância do conhecimento de um campo, gerado por um determinado grupo de pessoas de compromissos afins. Ele ressalta que os estudos epistemológicos são frequentemente combinados com os estudos históricos, os quais podem se beneficiar também dos estudos bibliométricos. Ainda, alerta que se essa primeira abordagem fosse negligenciada, todas as outras se tornariam superficiais.

Quanto à segunda categoria, Hjørland (2002, p. 436, tradução nossa) afirma que “Métodos históricos deveriam ser considerados como métodos substanciais na Ciência da Informação [...]”, com capacidade de representarem pesquisas mais profundas e coerentes. Para caracterizar um domínio de modo mais abrangente, Hjørland e Albrechtsen (1995) recomendam a aplicação dessas abordagens de maneira combinada, portanto, não isolada.

⁶⁹ Produção de guias de literatura e obras de referência; elaboração de classificações especiais e tesouros; indexação e recuperação da informação; estudos empíricos de usuários; estudos bibliométricos; estudos históricos; estudos de documentos e gêneros; estudos epistemológicos e críticos; estudos terminológicos; estrutura e instituições da comunicação científica; cognição científica, conhecimento especializado e inteligência artificial (HJØRLAND, 2002).

Ao descrever o verbete *análise de domínio* da *Encyclopedia of Knowledge Organization*, Hjørland (2017) menciona a revisão das 11 abordagens, proposta por Smiraglia (2015). Esse último defende a exclusão de *indexação e recuperação da informação e estrutura e instituições da comunicação científica*, além do acréscimo de outras duas: *semântica de bases de dados e análise do discurso*. Hjørland (2017) também considera a contribuição de José Augusto Guimarães e Natália Tognoli (2015), que recomendam a inclusão da *procedência*, aplicada na organização do conhecimento arquivístico.

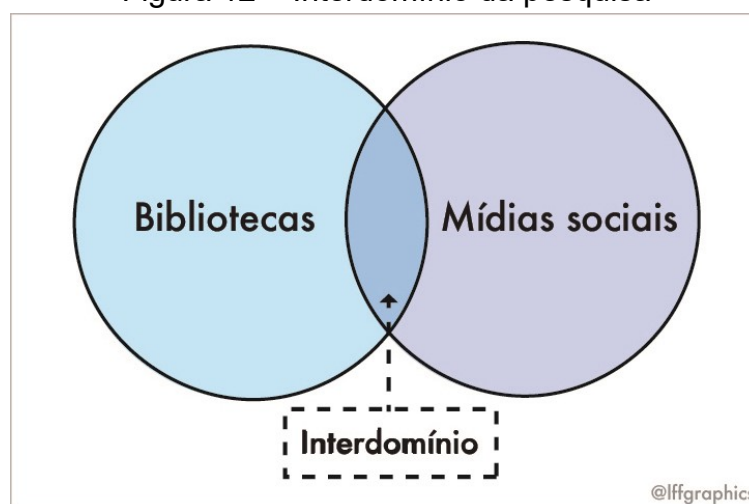
Nesse contexto, *domínio* é interpretado por Ely Oliveira (2013, p. 26) como “[...] uma área de conhecimento, atividade, interesse, em que se demarca determinado conhecimento com limites definidos, com profissionais ou grupos articulados em pensamento e em linguagem [...]”. Seu conceito é evolutivo, aberto e se desenvolve na medida em que é aplicado na teoria e na prática (MAI, 2005). A partir das contribuições de Bufrem e Freitas (2015), Hjørland (2017) e Oliveira (2013), é considerado como uma maneira racional de se delimitar um campo e obter um corpo de conhecimento produzido a partir da interação de um grupo de pessoas que compartilham compromissos ontológicos e epistemológicos — comunidade discursiva —, visando a produção de novos conhecimentos.

Em 2015, Bufrem e Freitas apresentaram para a área da Ciência da Informação o conceito de *interdomínio*, concebido como “[...] um espaço de intersecção ou conjunção apropriado por domínios distintos de uma ou mais áreas, de modo a constituir um locus para o estabelecimento de relações interdisciplinares e colaborativas entre estes domínios [...]”, ou seja, “[...] um processo relacional representado em um espaço comum entre dois ou mais domínios ou áreas do conhecimento [...]” (BUFREM; FREITAS, 2015, p. 1).

Em sua tese, Freitas (2017) relata que essa concepção, interpretada como a “imbricação de domínios”, foi fundamentada a partir dos estudos de *syndisciplinarity* de Ingetraut Dahlberg (1994), da perspectiva teórico-metodológica de análise de domínio de Joseph Tennis (2003) e do uso do termo de interconceitos apresentado por Gernot Wersig (1993). A autora considera que “[...] os interdomínios podem constituir domínios provisórios, fundamentados nas relações entre conhecimentos especializados que o enriquecem, permitindo-lhe apresentar, ou não, as características do campo que o originou e o institucionalizou.” (FREITAS, 2017, p. 17).

A partir do exposto, esta pesquisa abrange o estudo das *mídias sociais em bibliotecas* no âmbito da Ciência da Informação, tendo como recorte geográfico a produção científica produzida no Brasil, Espanha e Estados Unidos. Como o objeto de análise é formado pela intersecção de dois domínios distintos, apesar de complementares, *bibliotecas* — objeto de estudo da Ciência da Informação — e *mídias sociais* — objeto da Comunicação Social —, a partir do seu cruzamento (Figura 12), tem-se o interdomínio aqui estudado.

Figura 12 – Interdomínio da pesquisa



Fonte: elaboração própria.

Considerando que a combinação variada das abordagens propostas por Hjørland (2002), sob uma perspectiva sociológica e epistemológica, fortalece a identidade da Ciência da Informação, bem como a relação entre teoria e prática, para investigar o interdomínio, buscou-se sustentação em cinco delas: *estudos históricos*: organização das tradições, formas de expressões e suas influências; *estudos bibliométricos*: organização de padrões sociológicos de reconhecimento explícito entre documentos; *estudos epistemológicos e críticos*: organização do conhecimento do [inter]domínio em paradigmas, conforme seus pressupostos básicos; *estudos terminológicos*: organização de termos adotados em um [inter]domínio de acordo com critérios semânticos; *classificações especiais e tesouros*: organização de categorias e conceitos em um [inter]domínio (HJØRLAND, 2002).

Pontualmente, nesta pesquisa, por meio dos *estudos históricos*, buscou-se identificar a origem e inserção da temática *mídias sociais* e *bibliotecas* na Ciência da Informação. A partir dos *estudos bibliométricos*, houve o intuito de conhecer indicadores

de produção — publicações, autores, área de formação, padrões de autoria e tipos de colaboração —; autores nacionais e internacionais que constituem a comunidade epistêmica e a base teórica na área ou em correlatas. Além disso, a análise de citação e suas relações contribuíram para a distinção das influências epistemológicas, metodológicas e teóricas do domínio investigado. Por intermédio do *estudos epistemológicos/críticos*, foram apuradas as contribuições teóricas — escolas e correntes filosóficas, paradigmas, principais teóricos, teorias, conceitos, definições, termos, modelos, *frameworks* — dos documentos analisados e métodos de pesquisa adotados pelos investigadores. A determinação da *terminologia* empregada pela comunidade discursiva para representar os ambientes informacionais digitais se pautou nos *estudos terminológicos*. Finalizando, por meio de *classificações especiais e tesouros*, o universo avaliado foi categorizado, o que permitiu identificar brechas (*gaps*) referentes ao objeto de estudo.

Diante da fundamentação das abordagens, citadas anteriormente, foram analisados artigos publicados em periódicos científicos da Ciência da Informação no Brasil⁷⁰, Espanha⁷¹ e Estados Unidos⁷².

4.1 Bases de dados

O levantamento de dados, em um primeiro momento, foi realizado na base *Library and Information Science Abstracts* (LISA), por meio de busca na linha de comando, composta pela combinação de *frase exata*⁷³ + *termo* + *campo*. Nesse sentido, foram empregadas as seguintes frases exatas: “*social media*”; “*social networks*”; “*web social*”; “*Web 2.0*” relacionadas com o termo *library* e com o campo *PBLOC (nome do país)*, por exemplo, “*mídias sociais*” *biblioteca PBLOC (united states)*. Adiante, optou-se pela busca simultânea em: título, palavras-chave e resumo,

⁷⁰ Pesquisa concluída no primeiro semestre de 2018, cujos resultados foram publicados no periódico *Em Questão* (Qualis A2) (FRANÇA; CARVALHO, 2019).

⁷¹ Etapa de pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2020, durante a realização do doutorado sanduíche da pesquisadora na UC3M (Espanha), sob a orientação da professora Dra. Ana Reyes Pacios. Os resultados da investigação foram submetidos a uma revista da área (Qualis B1).

⁷² Estudo iniciado no segundo semestre de 2019 e concluído em 2020, com conteúdo enviado para publicação em um periódico da área (Qualis A2).

⁷³ Também conhecida como *operadores de proximidade*, no contexto das bases de dados, a *frase exata* representa dois ou mais termos delimitados por aspas, de modo que o mecanismo de busca recupere registros exatamente com a sentença de interesse.

complementada pela aplicação dos filtros: *tipo de fonte*: periódicos acadêmicos, *data de publicação*: de 01.01.1969⁷⁴ a 31.12.2017 e *tipo de documento*: artigo.

Nesse cenário, verificou-se baixa representatividade de produção científica na Espanha e no Brasil, se comparada aos Estados Unidos, uma vez que esse último é o país-sede da referida base. Isso pode ser constatado na Tabela 1, na qual é apresentada a distribuição dos artigos encontrados na LISA segundo essas nações, cujos dados ratificaram e inviabilizaram a escolha da referida base como fonte de pesquisa.

Tabela 1 – Distribuição de artigos recuperados na LISA por país

Frases combinadas com o termo <i>library</i>	Distribuição de artigos		
	Brasil	Espanha	Estados Unidos
<i>Social media</i>	1	3	107
<i>Social networks</i>	1	1	39
<i>Social Web</i>	0	2	0
<i>Web 2.0</i>	1	2	192

Fonte: elaboração própria.

Diante do exposto, definiu-se uma base de dados representativa da área em cada país, sendo escolhida a Brapci para o Brasil, e a LISA para os Estados Unidos. No caso da Espanha, o levantamento foi realizado na Información y Documentación de la Ciencia en España (ÍNDICES-CSIC) e Dialnet. Embora o país não tenha uma base específica de dados da Ciência da Informação, optou-se por esses recursos bibliográficos multidisciplinares, devido ao fato de serem referenciais utilizados como fonte de pesquisa por investigadores da área. Em todas as ferramentas, as buscas ocorreram a partir das locuções “rede social”, “mídia social”, “web social” e “Web 2.0”, combinadas com o termo *biblioteca*, em idioma original, e respectivas bases de cada país.

A seleção de amostra teve alicerce em critérios comuns de inclusão e exclusão. Dessa forma, foram consideradas publicações no formato de artigo científico revisado pelos pares, excluindo-se: periódicos de outros países; títulos repetidos; assuntos não pertinentes à temática da pesquisa — a partir da análise do título, resumo e palavras-

⁷⁴ Ano de criação da LISA.

chave —; artigos indisponíveis em texto completo;⁷⁵ documentos com estrutura distinta de artigo científico, embora, em alguns casos, tenham sido enquadrados pelo canal de divulgação científica nessa tipologia textual. Os dados foram tabulados em uma planilha do Microsoft Excel; em seguida, organizaram-se os metadatos *autor(es)-afiliação, título original, resumo, palavras-chave, título da publicação, ano e classificação*. Convém ressaltar que os dados puderam ser exportados em versão de saída do referido software através da LISA e ÍndICES-CSIC.

A Brapci foi concebida em 1995, a partir de uma parceria institucional binacional firmada entre a UC3M (Espanha) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o objetivo de subsidiar estudos e propostas na Ciência da Informação. Em 2018, disponibilizava acesso a, aproximadamente, 20 mil documentos publicados em 57 periódicos nacionais, anais de eventos, livros, dentre outros. Os artigos científicos indexados na base foram selecionados no segundo semestre de 2018⁷⁶, com delimitação temporal abrangendo o período de 1972⁷⁷ a 2017. A busca foi elaborada pela combinação: frase exata e termo — por exemplo, “redes sociais” biblioteca” —, nos campos palavras-chave, título e resumo.

Como dito, os dados da produção científica espanhola foram extraídos de duas bases: ÍndICES-CSIC e Dialnet, no semestre inicial de 2020. A primeira⁷⁸ pertence ao Centro de Ciencias Humanas y Sociales (CCHS) do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC); desde julho de 2018, inclui três bases de dados bibliográficas: IME (Ciências Médicas, desde 1971), ISOC (Ciências Sociais e Humanidades, desde 1975) e ICYT (Ciência e Tecnologia, desde 1979). Já seu âmbito temático, é multidisciplinar, abarcando documentos desde 1916, e indexa mais de 4 mil revistas de diferentes países e idiomas, como: o catalão, galego, basco, dentre outros (PONS, 2019).

⁷⁵ No corpus do Brasil, por exemplo, foram desconsiderados quatro artigos do periódico *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, por apresentarem URL inválida.

⁷⁶ A busca foi realizada na versão antiga da Brapci: <http://old.brapci.inf.br/>. No final do ano de 2018, foi disponibilizada uma versão beta. Cf. <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/>.

⁷⁷ Apesar de a temática *mídia social* ter surgido no início do século XXI, o período de coleta foi mais abrangente — todo o tempo oferecido pela Brapci —, a fim de se identificar o intervalo exato — estudos históricos —, em que o domínio analisado passou a ser objeto de interesse de pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil.

⁷⁸ Cf. <https://indices.app.csic.es/bddoc-inter-net/pages/mtorevistas/ConsultaRevistas.html;jsessionid=3CB48CC7F83F51A21E26758220BF5DE0?faces-redirect=true>.

A exemplo do ÍndICES-CSIC, o Dialnet⁷⁹ é um portal bibliográfico que inclui conteúdos científicos hispânicos, como artigos de periódicos e obras coletivas, teses de doutorado, livros, dentre outros de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Criada pela Universidade de Rioja, em 2002, disponibiliza cerca de 6,5 milhões de documentos, incluindo mais de 10 mil títulos de periódicos (FUNDACIÓN DIALNET, 2019).

No ÍndICES-CSIC, a busca foi realizada simultaneamente nos campos título (*títuloEs*), resumo (*resumenEs*) e palavras-chave (*palabrasClaveAutor*), exemplificada na sentença:

títuloEs:(“medios sociales” and biblioteca) OR resumenEs:(“medios sociales” and biblioteca) OR palabrasClaveAutor:(“medios sociales” and biblioteca)

Além da delimitação temporal, até 2017, foram aplicados os seguintes filtros de pesquisa: *classificação temática*: Ciências Sociais; *tipo de documento*: artigo de periódico, limitado à revisão por pares; *modo de documento*: artigo de pesquisa. Por sua vez, na Dialnet, a operação ocorreu via combinação da frase exata e termo, mencionados anteriormente — por exemplo: “*medios sociales* biblioteca” —, na opção de pesquisa avançada, com aplicação dos filtros: *tipo de documento*: artigos de periódicos; *país*: Espanha; período: de 1960⁸⁰ a 2017; *material Dialnet*: área de Ciências Sociais. Ao contrário do ÍndICES-CSIC, a Dialnet não permite a elaboração de estratégias de pesquisa a partir de sintaxe complexa.

Como indicado, os dados referentes aos Estados Unidos foram coletados na LISA, base de dados internacional, criada em 1969 pela *Cambridge Scientific Abstracts*, que cobre temas relacionados com a teoria e prática de biblioteconomia e informação, bem como indexa o idioma e país de publicação dos periódicos. Esse recurso reúne mais de 440 periódicos de cerca de 45 países, além de 20 idiomas diferentes. Em levantamento realizado no segundo semestre de 2019, elaborou-se uma busca precisa, por meio de operadores booleanos (AND e OR) para combinar campos distintos — título (TI), resumo (AB), palavras-chave (IF) e local de publicação (PBLOC) —, direcionados às frases exatas e termos, o que pode ser exemplificado na sentença:

⁷⁹ Cf. <https://dialnet.unirioja.es/documentos>.

⁸⁰ A exemplo da medida adotada durante a busca realizada na Brapci, quando a base solicita a indicação de uma data inicial para delimitação temporal, optou-se por inserir o ano de criação da ferramenta, considerando os estudos históricos aplicados na pesquisa.

(TI("social networks" AND library) OR AB("social networks" AND library) OR IF("social networks" AND library)) AND PBLOC(united states).

Na oportunidade, para delimitar a busca foram ainda aplicados os filtros: *tipo de fonte*: periódicos acadêmicos; *data de publicação*: de 01.01.1969 a 31.12.2017; *tipo de documento*: artigo, limitado àqueles revisados por especialistas.

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos artigos — recuperados e excluídos —, utilizados para compor as amostras do estudo. Após aplicação dos critérios de exclusão, apresentados anteriormente, do universo de 211 artigos recuperados no Brasil, obteve-se um grupo de 54 documentos, englobando artigos científicos, artigos científicos temáticos, relatos de experiência, revisão de literatura e comunicação⁸¹.

Tabela 2 – Distribuição dos artigos selecionados por base de dados

		Distribuição de artigos			
	Frases combinadas com o termo biblioteca	Recuperados	Crítérios de exclusão	Amostra final	
Brasil	Mídias sociais	39	29	10	
	Redes sociais	92	71	21	
	Web social	22	14	8	
	Web 2.0	58	43	15	
Espanha	Medios sociales	ÍnDICEs-CSIC	53	37	16
		Dialnet	13	13	0
	Redes sociales	ÍnDICEs-CSIC	81	60	21
		Dialnet	49	48	1
	Web social	ÍnDICEs-CSIC	42	35	7
		Dialnet	18	17	1
	Web 2.0	ÍnDICEs-CSIC	34	28	6
		Dialnet	25	23	2

(continua)

⁸¹ Categorização adotada pela Brapci, que nem sempre coincide com as seções definidas na política editorial do periódico analisado. Por exemplo, um dos artigos selecionados foi incluído na categoria *comunicação* da base; no entanto, o periódico o identificou como um *relato de pesquisa*. Para análise dos resultados, considerou-se a classificação de cada uma das bases de dados consultadas.

			(continuação)		
	<i>Social media</i>		111	85	26
Estados Unidos	<i>Social networks</i>	LISA	41	28	13
	<i>Social Web</i>		5	4	1
	<i>Web 2.0</i>		198	159	39

Fonte: elaboração própria.

No caso da Espanha, do universo de 315 documentos foi possível reunir uma amostra de 54 artigos, publicados nas seções: *Artículos, Articles, Análisis, Colaboraciones, Estudios, Experiencias y Miscelánea*.

De 355 artigos dos Estados Unidos, obteve-se inicialmente o total de 79 documentos, englobando as subdivisões: *Original articles, Regular articles, Research articles, Review article, Feature (Article), Papers e Special issue (Article)*. No entanto, durante a etapa de levantamento do fator de impacto dos periódicos que mais publicam sobre o tema na região, observou-se que dois títulos, *DESIDOC* (Índia) e *Health Information And Libraries Journal* (Reino Unido), não pertenciam aos Estados Unidos, embora o refinamento por país [*PBLOC(united states)*] constasse na estratégia de busca precisa pesquisada na LISA. Após confirmação de sua equipe de suporte técnico sobre o assunto (ANEXO A), e atualização da banco de dados da LISA (ANEXO B), o corpus de análise foi redefinido para 69 artigos.

Assim, determinou-se como amostra de pesquisa: 54 artigos do Brasil e Espanha cada, bem como 69 dos Estados Unidos, perfazendo como corpus de análise o total de 177 documentos. As suas respectivas referências se encontram nos Apêndices A-C do presente documento.

4.2 Análise de dados

A seção a seguir é composta de uma apresentação detalhada da trajetória metodológica adotada em cada categoria de análise, definida a partir das cinco abordagens de Hjørland (2002). Todas as figuras que contêm a marca d'água @lffgraphics, dispostas principalmente no capítulo 5, foram desenvolvidas a partir das ferramentas Adobe Photoshop e Adobe Illustrator do pacote Creative Cloud 2020, com base nos dados levantados ao longo da pesquisa.

4.2.1 Estudos históricos

Na intenção de apontar a necessidade de estudos históricos sobre a ciência, Simon Schwartzman (1976, p. 2, grifo do autor) ressalta sua característica de possibilitar melhor compreensão de um dado momento, “[...] saber em que medida um certo tipo de atividade denominada ‘científica’ teve condições de florescer, e em que medida ele exerceu alguma influência sobre outros aspectos daquela sociedade [...]”. Na opinião de Hjørland (2002), essa modalidade não tem sido muito empregada na Ciência da Informação.

Nesta pesquisa, é possível observar a imbricação dos estudos históricos com as demais categorias analíticas — bibliométricas, terminológicas, epistemológicas e classificações. Para identificar as primeiras pesquisas sobre a temática no âmbito da Ciências da Informação, foi levantado o número de produção/ano por país.

4.2.2 Estudos bibliométricos

Os *estudos bibliométricos* são apontados por Hjørland (1995, 2002) como uma abordagem empírica e consistente, baseada na análise detalhada das conexões entre documentos e indivíduos, de modo a contribuir com a organização de padrões sociais na comunicação científica. Em um primeiro momento, foram levantados os periódicos científicos com maior volume de publicação sobre a temática. Posteriormente, identificou-se o perfil dos autores que citam — formação, afiliação/país, padrão de autoria, índice de coautoria e tipo de colaboração —, nomes mais citados — análise de citação —, análise dos citantes e pesquisadores mais representativos, bem como a formação de uma possível comunidade epistêmica em nível nacional e internacional.

4.2.2.1 Periódicos científicos que publicam estudos sobre o interdomínio

Para conhecer as publicações mais produtivas e relevantes, aplicou-se a Lei da Dispersão de Bradford, segundo a qual o número de periódicos disseminadores de conhecimento sobre determinado tema se divide em um *core* (núcleo) e zonas sucessivas com a mesma quantidade de artigos que o *core*, na relação 1:n:n2 (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 1996).

Apesar de a *Comunicação e Informação* ser uma área recente e de alcance regional, para fins de padronização, optou-se por utilizar o indicador bibliométrico *Journal Citation Reports* (JCR) da Web of Science (WoS). Dessa forma, seria possível determinar o impacto dos títulos que mais publicam sobre o interdomínio analisado. Destaca-se que o *Journal Impact Factor* (JIF), da Clarivates, é um dos indicadores que consta na metodologia adotada pela Capes para avaliar os periódicos informados pelos programas de pós-graduação do Brasil, nos anos de 2017 e 2018 (BRASIL, 2019a).

4.2.2.2 Autores com maior produção no interdomínio

A afiliação dos autores com mais produção no interdomínio, aqui chamados de autores citantes, foi definida a partir da instituição à qual cada um estivesse vinculado, conforme informado nos artigos observados. Os mapas dinâmicos com indicação do número de pesquisadores por região, segundo o país, foram gerados a partir de dados registrados em planilhas do Microsoft Excel, vinculados ao Bing. Quanto à localização geográfica, realizou-se manualmente um levantamento com base na afiliação institucional de cada autor.

Os dados referentes à sua formação acadêmica foram extraídos das plataformas: Lattes, LinkedIn, ORCID, Google Scholar, ResearchGate, Wikipédia, Taylor & Francis Online, Directorio EXIT, website institucional ou página pessoal eletrônica. Por sua vez, o país associado aos autores foi abreviado de acordo com o *ISO 3166-1 alpha-3 code* da International Organization for Standardization (ISO). Para obter tratamento mais equitativo e resultados mais refinados, optou-se por normalizar a formação profissional dos citantes, selecionando o grau mais elevado de educação acadêmica — graduação ou mestrado ou doutorado — ou estágio pós-doutoral.

Adotou-se, ainda, a *Tabela de áreas do conhecimento/avaliação*, da Capes, para padronização desse fator (BRASIL, 2017). Nos casos em que o pesquisador indicou um título de mesmo grau, foi priorizado aquele mais próximo à área de Ciência da Informação ou à *Comunicação e Informação*. No artigo elaborado com os dados da Espanha, a área de formação acadêmica dos autores foi normalizada de acordo com as 21 áreas e suas respectivas disciplinas indicadas pela Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación (ANECA, 2017), versão de novembro de 2017. Nos documentos referentes aos dados dos EUA, caracterizou-se esse aspecto conforme

o campo (amplo e detalhado) da International Standard Classification of Education (*ISCED-F 2013*), da Unesco (2015). Para a tese, foi realizada uma padronização dos dados conforme *Tabela de áreas do conhecimento/avaliação*, da Capes.

Para conhecer as tendências colaborativas do interdomínio analisado, foram identificados o padrão de autoria, índice de colaboração — determinado pelo número médio de autores por artigo —, e seus tipos. Esse aspecto teve base na classificação proposta por Ana Emilce Jiménez González et al. (2018, p. 307): autoria única, colaboração intrainstitucional — quando pesquisadores estivessem ligados à mesma instituição —, interinstitucional — de diferentes organizações de um mesmo país — e internacional — de instituições de nações distintas. Foram definidos como citantes com mais produções aqueles que publicaram até dois documentos.

4.2.2.3 Autores citados

Para melhor determinar o modo pelo qual o conhecimento científico em *mídias sociais* e *bibliotecas* foi construído e socializado, ou seja, conhecer a relação estabelecida entre os autores citantes dos artigos analisados e os responsáveis pelas obras referenciais utilizadas, realizou-se análise de citação na amostra de pesquisa por país.

Na visão de Maria Claudia Grácio, os estudos de citação são procedimentos analíticos relevantes, por avaliarem o vínculo dialógico e o papel de cada ator de/em campos distintos, “[...] na medida em que contribuem para a visualização do processo comunicativo e interativo e da estrutura subjacente [...]” (GRÁCIO, 2018, p. 17-18).

Vale-se [...] da citação como um indicador objetivo da comunicação científica, que evidencia o processo de construção da ciência, por meio das relações observadas entre os documentos e entre os autores, tanto na perspectiva citante-citado, como citante-citante ou citado-citado na visão do citante [...] (GRÁCIO, 2018, p. 18).

Para elaboração de tal análise, consideraram-se os autores com ou sem indicação explícita de responsabilidade por conjunto da obra (coletânea) — organizador, editor e similares —, que figuram nas referências dos artigos analisados, incluindo as autocitações, a fim de evidenciar o lastro científico e consolidar a sua contribuição no interdomínio. Nas referências com três ou mais pesquisadores, expressados com o termo *et al.* (e outros), realizou-se uma pesquisa prévia em

documento original para identificação de cada nome. Não foram consideradas as obras elaboradas por organizações ou de autoria desconhecida (entrada pelo título).

O conjunto de referências das publicações em um campo científico pode ser analisado como um retrato empírico e objetivo de uma comunidade científica discursiva, na medida em que explicita tanto as relações semânticas entre os autores citantes e citados, como o reconhecimento das proximidades e vizinhanças teórica e/ou metodológicas entre os citados por essa comunidade, revelando e descrevendo assim características de um [ou mais] domínio[s] científico[s] (GRÁCIO, 2018, p. 19).

Para identificar o grupo de autores mais citados, aplicou-se a Lei do Elitismo, proposta pelo cientista da informação Solla Price, na qual a raiz quadrada do número total de colaboradores em um determinado [inter]domínio representa a elite da área estudada (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2009).

4.2.2.4 Comunidade epistêmica

A comunidade epistêmica, concebida como uma rede de profissionais com reconhecida competência e expertise em um campo específico do conhecimento, foi definida pela intersecção do conjunto de especialistas que mais produzem⁸² sobre o interdomínio analisado (autores citantes) e o conjunto de mais citados.

Para organizar os pesquisadores que mais produzem sobre o tema, os mais citados e a formação de uma comunidade epistêmica em nível nacional e internacional, foi realizada uma representação gráfica conhecida como Diagrama de Venn, a fim de compreender a relação estabelecida entre os três países.

A aplicação dos estudos bibliométricos viabiliza o entendimento da trajetória de construção do conhecimento, formas de expressão e fundamentos — influências históricas, terminológicas, epistemológicas, metodológicas —, a sistematização das principais contribuições teóricas, além da descoberta de novos conceitos e tendências que o representam — classificações/tesauros e estudos terminológicos. Para interpretar tal análise, Hjørland (2002) menciona a necessidade de outros tipos de conhecimentos, como os estudos históricos e epistemológicos/críticos indicados.

⁸² Na etapa de seleção dos autores citantes mais representativos, também foi aplicada a Lei de Price.

4.2.3 Estudos epistemológicos e críticos

É comum ao ser humano buscar explicações para fenômenos ao seu redor; trabalhar com construções lógicas e de sentido. Diante disso, estabelecer e aprimorar resultados dessas observações é parte do processo histórico de construção das sociedades em diferentes contextos. Nesse sentido, Leandro Marshall (2009) defende que essa perseguição ao conhecimento deveria obedecer a uma organização baseada no sujeito (homem), método (caminho), verdade (veritas) e objeto (realidade).

Esta ordem é base do que chamamos de Teoria do Conhecimento, a matriz de todas as operações físicas, metafísicas ou pósmetafísicas que determina o caminho inexorável percorrido pelo homem em busca da verdade última para livrá-lo das profundezas do obscurantismo e do medo. (MARSHALL, 2009, p. 1).

Como há diferentes caminhos para construí-lo, por meio da abordagem *dos estudos epistemológicos/críticos*, foi estabelecido o objetivo de se identificar os pressupostos explícitos que fundamentam as pesquisas analisadas. Para atingi-lo, além da leitura crítica do corpus investigado, como protocolo de análise, realizaram-se buscas pontuais de descritores, segundo o idioma de cada país, tais como: escola, corrente filosófica, filosofia, epistemologia, paradigma, sociedade, teoria, conceito, definição, termo, modelo e *framework*. A partir desses elementos, também seria possível levantar suas principais contribuições teóricas, então agrupadas por campos do conhecimento, conforme *Tabela de áreas* da Capes, e representadas em formato de quadro. O campo Interdisciplinar engloba as contribuições comuns a dois ou mais campos ou extraídas de dicionários e enciclopédias. Embora na Tabela da Capes *Engenharia/Tecnologia/Gestão* seja uma subdivisão do primeiro (BRASIL, 2017), neste estudo, optou-se por considerar *Tecnologia* como um campo, para facilitar a organização e interpretação dos dados coletados.

Ainda com base nas contribuições dessas publicações, extraídas sobretudo das seções *Referencial teórico* e *Metodologia*, outros apontamentos foram realizados, de forma complementar, a partir de outros estudos, como Coutinho (2004) e Marshall (2009). Na seção 5.3 também foi elaborado um quadro com as aportações dos pesquisadores da Ciência da Informação. Como os estudos epistemológicos desse domínio estão diretamente relacionados com os estudos históricos (HJØRLAND,

2002), optou-se por indicar uma referência temporal (estudos históricos) de cada contribuição — informações mencionadas pelos autores citantes no texto —, a partir das obras que fundamentaram suas pesquisas (autor citado). Por sua vez, para as perspectivas metodológicas, utilizaram-se os termos *abordagem*, *pesquisa*, *técnica*, *procedimento*, *coleta de dados*, *análise* e *avaliação*. Os dados coletados foram sistematizados a partir da classificação de pesquisas de Edna Silva e Estera Menezes (2005).

4.2.4 Estudos terminológicos

Realizou-se nos artigos, o levantamento terminológico empregado pela comunidade discursiva de cada país, para representar os ambientes informacionais digitais investigados. Essa etapa teve início na busca das frases exatas: “mídias sociais”, “redes sociais”, “web social” e “Web 2.0”, nos respectivos idiomas dos documentos.

Além disso, recorreu-se a autores da Linguística, área que estuda a língua e seus fenômenos. Assim, avaliaram-se brevemente aspectos a respeito do *uso* e sua adaptação nos três contextos — espanhol, estadunidense e brasileiro. Para tanto, foi feita uma avaliação de termos adjacentes conforme padrões gramaticais e estruturais — frasais, oracionais —, se de modo anteposto ou posposto nas produções.

Na etapa seguinte, no caso do Brasil, levaram-se em consideração fatores interdisciplinares, relacionados com noções da Linguística Histórica, cujo objeto é o desenvolvimento histórico da língua (FARACO, 2007; GRAME, 2006); Sociolinguística, que estuda sua diversidade a partir de práticas sociais (LABOV, 1991); Semântica, ciência que explora a significação (ILARI; GERALDI, 2006).

Quanto à Sociolinguística, convém ressaltar o caráter heterogêneo da língua, sua constante transformação sob influência de fatores externos e internos — histórico, cultural, local, dentre outros. Nesse sentido, a adoção por determinados termos em comparação a outros está ligada ao contexto de uso e dos falantes, inseridos em uma comunidade discursiva (OLIVEIRA, 2017).

Para identificação das influências terminológicas do interdomínio, foram representados os autores que introduziram o tema por descritor (Web 2.0, web social, redes sociais, mídias sociais) na Ciência da Informação, e seus respectivos referentes utilizados como fundamentação teórica. Após identificação dos termos adjacentes,

buscaram-se similaridades estruturais dentre os três idiomas selecionados, para justificar o volume de tais colocações. Para constatação da forma com que os termos foram aplicados no contexto nacional, fez-se ainda um breve comparativo e levantamento a respeito dos padrões encontrados e suas potenciais motivações.

Por fim, ressalta-se que Hjørland (2002) defende os estudos terminológicos aplicados a um [inter]domínio combinado a estudos bibliométricos, históricos e epistemológicos.

4.2.5 Classificações e tesouros

“Tanto os sistemas de classificação quanto os tesouros consistem basicamente nos conceitos centrais de um [inter]domínio organizado de acordo com relações semânticas [...]” (HJØRLAND, 2002, p. 426). Para organização e, conseqüentemente, melhor compreensão do conhecimento produzido, foram consideradas as estruturas lógicas de alguns modelos de representação da Ciência da Informação.

As tipologias das mídias sociais mais utilizadas pelas bibliotecas nos últimos anos foram definidas a partir do mapa conceitual proposto por Lara María Infante-Fernández e Cristina Faba-Pérez (2017) com algumas adaptações. Selecionaram-se somente as plataformas mencionadas em pelo menos dois artigos do corpus de cada país. Por sua vez, as bibliotecas, contexto de aplicação das pesquisas, tiveram classificação segundo tipologias definidas pela IFLA (2019).

Além disso, foram utilizados outros dois sistemas de organização do conhecimento no campo da Ciência da Informação, desenvolvidos no âmbito brasileiro:

- a) as categorias do contexto de abordagens das TIC — teoria, desenvolvimento, uso, avaliação, políticas, ética (SANTOS et al., 2013) e competência em informação⁸³ (FRANÇA; CARVALHO; GRÁCIO, 2018, p. 363) —;

⁸³ No I Congresso Internacional de Mídia e Tecnologia, realizado na Unesp, Câmpus Bauru (2017), Maira França, Angela Carvalho e Maria Cláudia Grácio (2018), ao validarem pela primeira vez a metodologia desta pesquisa, sugeriram a ampliação do modelo proposto por Plácida Santos et al. (2013) com a incorporação da categoria *competência em informação*. Naquela oportunidade, as pesquisadoras identificaram que 25,8% dos trabalhos analisados versaram sobre alfabetização, letramento, competência ou habilidade informacional. De modo similar, durante a 18ª edição do Enancib, organizada por essa instituição, mas no Câmpus Marília, no mesmo ano, Santos et al. (2017) anunciaram a inclusão da categoria *ensino* ao modelo de categorização temática, estruturada a partir da ementa do GT-8. No XIX Enancib (Londrina, 2018), após revisão e revalidação da

- b) *Plano Geral de Classificação do Tesauro Brasileiro da Ciência da Informação* (TBCI), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) (PINHEIRO; FERREZ, 2014).

Os dados referentes à classificação (alínea a), foram representados em gráficos, com distribuição por ano e país. Os trabalhos pertencentes à categoria *avaliação* passaram por uma análise para extração de fatores referentes a métricas e indicadores de mídias sociais para bibliotecas. Em adição à leitura crítica e análise do conteúdo, foram realizadas buscas pontuais nos artigos pelos termos: *índice*, *indicadores*, *qualidade*, *engagement*, *Key Performance Indicator (KPI)*, *Klout Score* e *software*. Os dados coletados passaram por sistematização de acordo com os objetivos de negócios táticos: alcance e frequência da atividade; fidelização (tráfego da web); influência (percepção da marca) e participação; interação ou *engagement*; conversão (*Return On Investment — ROI*), propostos por Nieves González-Fernández-Villavicencio (2016).

Diante das principais ideias e conceitos extraídos de títulos, resumos e palavras-chave, os artigos foram classificados e agrupados a partir do *Plano de Classificação do TBCI/Ibict*, bem como representados em um quadro. Ao realizar o estudo comparativo, analisando os dados mencionados referentes ao Brasil, percebeu-se a necessidade de normalizá-los com os mesmos parâmetros adotados nos outros dois países, considerando o aprimoramento do processo de classificação com a evolução da pesquisa. Assim, os resultados que retratam o contexto brasileiro, publicados na *Em Questão* (FRANÇA; CARVALHO, 2019), nesse segmento, são um pouco distintos dos apresentados na seção 5.5 deste documento.

Embora não estivesse prevista nos objetivos da pesquisa, essa análise possibilitou a identificação de termos emergentes — gerais, específicos e relacionados — que representassem o interdomínio analisado. Para facilitar a visualização dos dados, optou-se por registrar em um quadro, indicado na seção 5.5, a contribuição de cada país em uma cor, sendo verde para Brasil, vermelho para Espanha, azul para Estados Unidos e preto atribuído às informações comuns a todos os âmbitos. Segundo Hjørland (2002), uma pesquisa pode ser enriquecida por meio de

metodologia, França e Carvalho (2018, p. 16, grifos das autoras) ratificaram “[...] a relevância da incorporação da nova categoria, aqui denominada *competência em informação*, correspondendo a 20,7% dos trabalhos analisados, com representatividade semelhante aos resultados encontrados no trabalho apresentado por França, Carvalho e Grácio, em outubro de 2017.”

investigações combinadas entre a classificação de [inter]domínios com os estudos bibliométricos, históricos, epistemológicos/críticos e terminológicos.

4.3 Modelo híbrido da tese

A estruturação desta pesquisa constitui-se de um modelo híbrido, que considera os formatos tradicional — organizado por capítulos — e alternativo — compilação de artigos. O estilo adotado nesse sentido varia, principalmente, conforme a área dos programas de pós-graduação, de mestrado e doutorado, em diferentes países. De acordo com Björn Gustavii (2012), há a tendência crescente de valorização de teses baseadas em artigos, também conhecidas como compilação de artigos de pesquisa, de forma dominante nas Ciências da Saúde e Ciências Exatas, mas também na área da Tecnologia. O autor apresenta o modelo escandinavo, em que esse conjunto textual é anexado a um resumo geral de conteúdo, bem como o sanduíche, cuja inserção ocorre entre capítulos introdutórios e finais (GUSTAVII, 2012).

Nas Ciências Humanas e Ciências Sociais, o mais comum ainda é o tradicional, no entanto, conforme indicado por Lisbeth Lundahl (2010), na Suécia, por exemplo, nota-se o incentivo de elaboração de teses por publicações — compilação de artigos — nas Ciências Sociais e Ciências Humanas (Educação). Isso seria a origem do impulso da introdução de alocação de recursos, baseada na qualidade e padrões de avaliação de desempenho, definidos a partir da contagem do número de artigos publicados em periódicos de alto impacto, bem como menções em citações. Outro motivo que estimula o formato alternativo de teses e dissertações é o baixo volume de pessoas que lê um trabalho acadêmico do início ao fim — em média 1,6, incluindo o autor (editorial da Nature, 2016 apud NASSI-CALÒ, 2016).

[...] a CAPES, órgão que atribui conceitos aos cursos de pós-graduação em todo o país, reconhece esta modalidade de tese [formato alternativo], assim como a [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] (FAPESP) e Fundações de Amparo à Pesquisa de outros estados, na concessão de bolsas e auxílios (NASSI-CALÒ, 2016).

Mesmo despertando polêmica e incertezas em alguns programas de pós-graduação do Brasil, observa-se que o formato alternativo tem sido adotado,

principalmente nas áreas das Ciências da Saúde, Tecnologia e Biodiversidade, a exemplo de alguns programas de pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo⁸⁴, do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Alagoas⁸⁵, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp (Câmpus Araraquara)⁸⁶ e da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Unesp⁸⁷.

Nessa proposta, denominada por Alejandro Frank (2013) de artigos horizontais, ressalta-se que os objetivos desses textos científicos são os mesmos da tese, aqui variando apenas em termos de âmbito geográfico de aplicação. No entanto, apesar da similaridade, em consideração ao volume dos dados levantados, justificou-se o desdobramento em mais de uma publicação.

Na Ciência da Informação, destaca-se o novo formato de tese, aprovado em 2015 pela comissão acadêmica do Programa de Doutorado em Documentação da UC3M (Espanha). Em maio de 2020, foi defendido o primeiro trabalho dessa modalidade, de autoria de Stavroula Sant Geronikolou (2020). Em suas páginas iniciais, estão descritas detalhadamente as informações referentes aos artigos publicados de modo prévio. Nesse caso, é importante especificar os critérios de qualidade exigidos, que englobam a publicação⁸⁸ ou aceite⁸⁹ de no mínimo quatro artigos⁹⁰ por periódicos indexados na Web of Science ou Scopus. Quanto à autoria, podem ser elaborados por até três pesquisadores, de modo que o nome do doutorando figure em primeira posição em todas as contribuições (ORTIZ-REPISO JIMENEZ, 2020)⁹¹.

⁸⁴ Cf. Proposta do programa, ano base 2012, p. 3, em:
http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/VisualizadorServlet?nome=2012/33009015/017/2012_017_33009015024P0_Proposta.pdf&aplicacao=cadernoavaliacao.

⁸⁵ Cf. Documento *Sobre teses e dissertações em formato de artigo(s)* em:
https://ctec.ufal.br/posgraduacao/ppgrhs/Sitenovo/Downloads/TESES_DISSERTA%C3%87%C3%95ES_EM_FORMATO_DE_ARTIGO.pdf.

⁸⁶ Cf. http://www.fcfar.unesp.br/arquivos/link/20160628143234dissertacao_an.doc.

⁸⁷ Cf. Instrução normativa nº 08 – Programa de Pós-Graduação em Biociências, de 21 de novembro de 2013.

⁸⁸ No caso de trabalhos não publicados (aceitos), a data de publicação deve estar compreendida entre o período em que o doutorando estiver matriculado no programa até 18 meses posteriores. Um dos artigos pode ter sido publicado até 12 meses antes de sua matrícula no programa.

⁸⁹ Desde que possua DOI atribuído, com alguns dos status: *Early views*, *Online first*, *Early cite*, *Article in press* ou similares, registrados publicamente no sistema editorial do periódico.

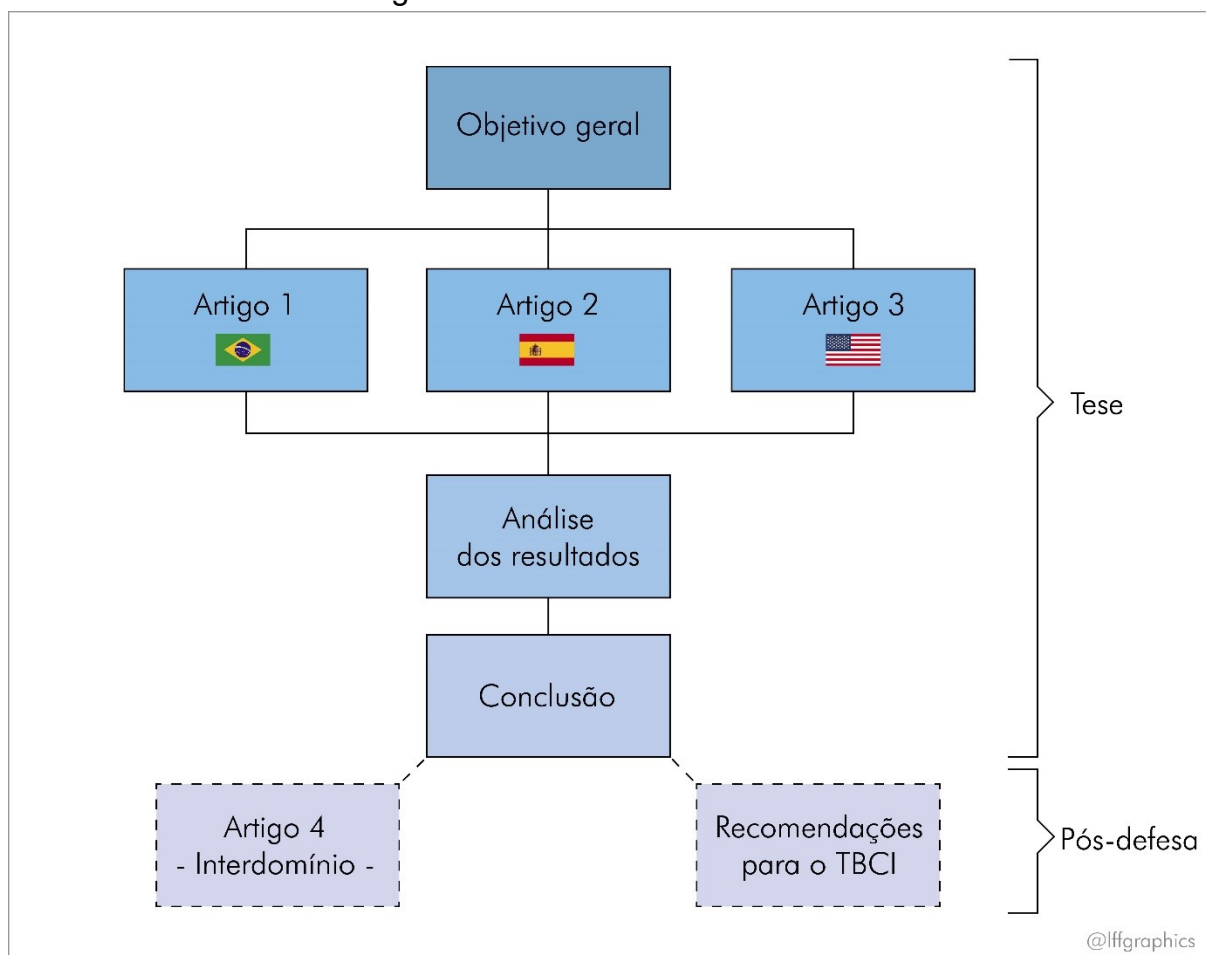
⁹⁰ Pelo menos dois deles devem estar posicionados no primeiro (Q1) ou segundo (Q2) quartil.

⁹¹ Convém ressaltar a possibilidade de se admitir em duas das contribuições que o aluno de doutorado não seja o primeiro da lista. Nessas situações, deverá apresentar relatório com especificação de sua atuação científica em determinada publicação, cuja atividade deverá ter comprovação pelo orientador da tese.

Referente à estrutura, a tese deve conter introdução, metodologia e uma narrativa lógica, embora alguns capítulos possam ser compostos pelos artigos publicados ou aceitos, os quais não devem ser incluídos isoladamente. O conteúdo de cada parte deve ter relação entre si e com o assunto do documento principal, compondo um todo. Para apresentá-la nesse modelo, é necessária a aprovação do orientador e comissão acadêmica (ORTIZ-REPISO JIMENEZ, 2020).

Apesar de este documento estar estruturado na linha tradicional, em uma única ideia central, serão apresentados e discutidos no capítulo 5 os resultados da pesquisa realizada na produção científica do Brasil, Espanha e Estados Unidos (Figura 13), publicados e submetidos para avaliação no formato de artigo, conforme apontado nas notas de 70 a 72.

Figura 13 – Modelo híbrido da tese



Além dos trabalhos publicados no decorrer desta pesquisa, indicados no Quadro 2 deste capítulo, está prevista a publicação de um quarto artigo contendo as

aproximações e distanciamentos identificados no âmbito dos três países, assim como a recomendação de novos termos que representem o interdomínio, para análise e possível atualização do Tesouro do Ibict.

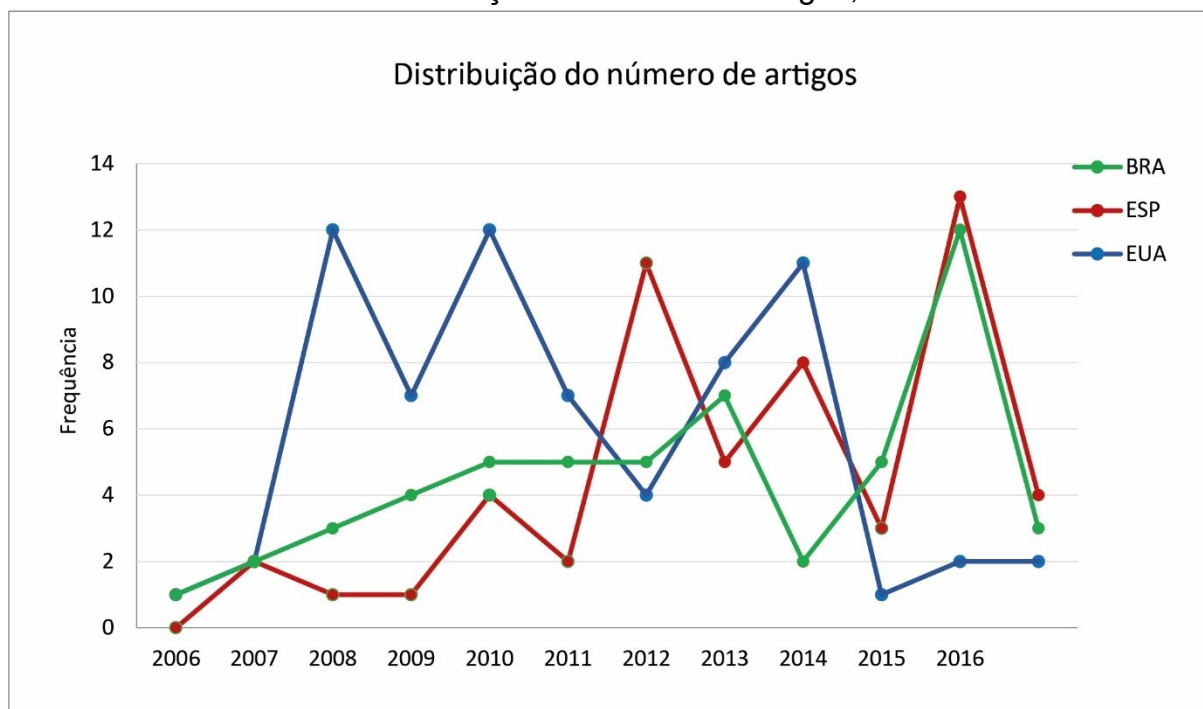
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção de interpretação dos resultados encontrados está organizada em cinco partes, diretamente relacionadas com os objetivos específicos desta pesquisa, à luz das abordagens de análise de domínio: estudos históricos, bibliométricos, epistemológicos, terminológicos e classificações/tesauros.

5.1 Estudos históricos

Os primeiros estudos sobre *mídias sociais e bibliotecas* surgiram na produção científica dos países analisados a partir de 2006, dois anos após a realização da primeira *Web 2.0 Conference*, promovida pela O'Reilly Media, quando o conceito Web 2.0 começou a ganhar popularidade. A evolução da produção científica sobre o tema em questão pode ser observada no Gráfico 1, sob uma perspectiva ininterrupta e diacrônica, desde aquele período até 2017.

Gráfico 1 – Distribuição do número de artigos, 2006-2017



Fonte: elaboração própria.

A produção científica, em termos de análise de artigos, registra nos primeiros anos (2006 a 2008) tendência de crescimento nos três países. Após isso, apresenta

oscilação em períodos subsequentes. Embora em 2017 seja observada uma queda considerável nesse sentido, o interdomínio continua um tema de interesse de investigação, com propensão ao crescimento.

No Brasil⁹², em específico, os textos iniciais a esse respeito datam de 2007. Um deles é considerado clássico da área, por ser a versão traduzida do artigo *Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries*, de Jack Maness, publicada pela *Informação & Sociedade*. Maness (2006) apresenta uma definição e uma teoria para *Library 2.0*, defendendo uma significativa mudança na história das bibliotecas. Outro trabalho, de Ursula Blattman e Fabiano Correa, disponível na *Revista ACB*, descreve algumas ferramentas da Web 2.0 e Biblioteca 2.0, destacando seu potencial colaborativo para interação de usuários.

Na produção científica espanhola, Joan Roca inaugurou a pesquisa sobre o tema, em publicação na *Item: Revista de Biblioteconomia i Documentació*, em 2006, intitulada *La transformació dels sistemes integrats de gestió bibliotecària*. Apoiado nas características da Web 2.0, reflete sobre o conceito de *Biblioteca 2.0*, termo cunhado por Michael Casey, ao evidenciar o princípio da centralidade orientada aos usuários e a importância da adaptação dos serviços/recursos da biblioteca para as necessidades de informações individuais. Roca (2006) descreve as transformações dos catálogos online e exemplifica a relação de obras da unidade de informação da *North Carolina State University* que, naquela época, já permitia ao público recuperar resultados em ordem de relevância e explorar, profundamente, sua coleção multifacetada.

Nos Estados Unidos, o primeiro artigo nesse âmbito é assinado por Melissa Rethlefsen, Nicole Engard, Daphne Chang e Carol Haytko (2006), publicado no *Journal of Hospital Librarianship*. Enquanto a segunda geração de comunidades e serviços ganhava notoriedade, em nível internacional, as autoras aproveitavam a oportunidade para descrever *softwares social* — marcadores sociais, wikis, *Really Simple Syndication/RSS*, blogs — para bibliotecas da área da Saúde, embora aplicável a todas as outras, e compartilhar como seu potencial estava sendo explorado por bibliotecários. Nesse sentido, ainda apontavam como vantagens o aprimoramento das conexões e comunicação com usuários, a ampliação da visibilidade, bem como a produtividade das unidades de informação.

⁹² No decorrer desta tese, as menções aos países analisados se referem aos artigos publicados nos periódicos de seus respectivos contextos.

Os resultados encontrados permitem conhecer impressões iniciais e experiências de bibliotecários, enquanto agentes de transformação, no que se refere à aplicação do conceito Web 2.0 em sua prática laboral. Afinal, tal experiência se refletia em uma mudança substancial no modelo de serviços de biblioteca, mais centrado no usuário e em sua participação. Outro fator de destaque é a contribuição de autores estadunidenses nas primeiras produções científicas no Brasil e Espanha, o que demonstra a influência do país norte-americano no surgimento do interdomínio na Ciência da Informação.

5.2 Estudos bibliométricos

Quanto aos atores influentes do interdomínio, são detalhados nesta seção o comportamento dos periódicos no que diz respeito às pesquisas sobre o objeto investigado, o perfil dos autores citantes e citados mais representativos na área, além da formação de uma possível comunidade epistêmica.

5.2.1 Periódicos científicos que publicam estudos sobre o interdomínio

De acordo com a amostra de 177 artigos científicos do estudo — Brasil, Espanha e Estados Unidos —, inicialmente os periódicos foram analisados com base na Lei de Bradford (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 1996). Na Tabela 3, estão indicados os dados conforme a distribuição dos canais de comunicação científica referentes aos três países nas zonas de Bradford⁹³.

Tabela 3 – Distribuição dos periódicos nas zonas de Bradford

	Distribuição de Bradford											
	Brasil				Espanha				Estados Unidos			
	Core	Z1	Z2	Total	Core	Z1	Z2	Total	Core	Z1	Z2	Total
Periódicos	3	5	14	22	2	3	10	15	3	5	17	25
Artigos	17	17	20	54	26	14	14	54	25	21	23	69
Produtividade	5,7	3,4	1,4	2,5	13,0	4,7	1,4	3,6	8,3	4,2	1,4	2,8

Z1: Zona 1; Z2: Zona 2.

Fonte: elaboração própria.

⁹³ A versão completa da distribuição se encontra no Apêndice D.

No Brasil, o *core* (núcleo) é composto por 3 periódicos — com destaque para a *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSC* e *Perspectivas em Ciência da Informação* —, que juntos publicaram 17 artigos sobre o tema, com produtividade média de artigos de 5,7. A Zona 1 possui 5 publicações, com o total de 17 trabalhos e produtividade de 3,4, enquanto a Zona 2 reúne as quantidades de 14, 20 e 1,4, respectivamente.

O núcleo espanhol é representado por 2 títulos, sendo esses os mais fomentadores no interdomínio: *El Profesional de la Información* (EPI) e *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios* (BAAB), ambos com 13 artigos e produtividade igual a 13. A Zona 1 é formada por 3 revistas, que publicaram o total de 14 estudos e contavam com produtividade de 4,7; a Zona 2 agrupa 10 periódicos, que reúnem 14 artigos e 1,4 de produtividade.

Nos Estados Unidos, observa-se que do *core* emergem 3 periódicos disseminadores do assunto, nos quais se concentram 25 artigos com produtividade de 8,3. As publicações com mais conteúdo nesse sentido são: *Medical Reference Services Quarterly* (10 artigos), *Journal of Web Librarianship* (9 artigos) e *Internet Reference Services Quarterly* (6 artigos). Na Zona 1, concentram-se 5 revistas com o total de 21 artigos e produtividade de 4,2. Já a Zona 2, reúne 17 publicações, 23 artigos e 1,4, conforme a referida ordem.

Os resultados para as três zonas indicam uma similaridade dentre os três países, sendo o multiplicador do Brasil igual a 2,1, da Espanha, 2,2 e Estados Unidos, 2,2. Por sua vez, o número de periódicos do núcleo é de 3, 2 e 3, respectivamente. A quantidade de artigos em cada zona do Brasil é de, aproximadamente, 18 (núcleo=17, Zona 1=17, Zona 2=20); na Espanha, cerca de 18 (núcleo=26, Zona 1=14, Zona 2=14); nos Estados Unidos, em torno de 23 (núcleo=25, Zona 1=21, Zona 2=23).

Ao analisar o foco dos periódicos que compõem o *core*, verificou-se nas publicações nacionais um escopo abrangente e genérico, contemplando trabalhos inéditos vinculados às áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia, Museologia, Documentação e correlatas. Nas revistas da Espanha, observou-se tanto um perfil mais abrangente, como no Brasil, quanto mais segmentado. A EPI, por exemplo, em cada ano e número divulga temas de atualidade, definidos por seu conselho assessor. De 2007 a 2017, dedicou diversas edições diretamente interligadas ao interdomínio: Web 2.0; blogs, participação e Lib 2.0; inovação em bibliotecas; redes

sociais; fontes de informação 2.0; comunicação digital; marketing de informação; informetria.

Por outro lado, nos Estados Unidos, percebeu-se o enfoque das publicações orientado ao interdomínio, por explorar tópicos, como biblioteconomia de referência na era digital, uso de blogs e *RSS feeds* por bibliotecas, referência virtual (chat), tendências de sites de redes sociais, dentre outros. Desperta a atenção o fato de o periódico com o maior volume de artigos sobre o interdomínio ser da área da Saúde — *Medical Reference Services Quarterly*.

Quanto à distribuição temporal da produção nesses periódicos, observou-se certa ausência de uniformidade. No Brasil, esse tipo de operação ocorreu nos seguintes anos: 2007, 2010, 2012-2014, 2016-2017, sem qualquer concentração perceptível. Na Espanha, também há uma descontinuidade nesse aspecto — 2007-2008, 2010-2012, 2015-2016 —, com maior intensidade pontual em 2016. Nesse ano, não foi publicado número algum em formato especial ou temático, no entanto, destaca-se que 7 dos 8 artigos de discussão relativos às redes sociais e bibliotecas fizeram parte da edição 111 do BAAB.

Essa considerável quantidade de documentos sobre uma mesma temática em uma só revista provavelmente esteja relacionada com a realização da *II Jornadas Técnicas de Bibliotecas*, organizada pela *Dirección General de Innovación Cultural y del Libro*, em colaboração com a Asociación Andaluza de Bibliotecarios, sob o tema *Marketing bibliotecarios a través de las redes sociales*. Por outro lado, a produção nos periódicos dos Estados Unidos ocorreu entre 2008 e 2014, em maior abundância de 2009 a 2010, e de modo mais homogêneo, no *Medical Reference Services Quarterly* — 2008-2012, 2014.

O escopo pode ser um fator relevante no processo de escolha do título científico no qual se deseja publicar, porém estudos (ALMEIDA, 2019; SCHAUDER, 1994 apud MEADOWS, 1999) demonstram que a maioria dos pesquisadores considera, neste momento, a consolidação da qualidade, prestígio, visibilidade e reputação de tal veículo. Nesse sentido, destaca-se que apenas 16% dos periódicos levantados possuem Fator de Impacto (FI), *JIF (Journal Impact Factor)*, sendo a maior concentração nesse sentido nos Estados Unidos.

Na Tabela 4, estão listados os valores de FI de 2017 dos periódicos responsáveis por disseminar o interdomínio na Ciência da Informação.

Tabela 4 – Fator de Impacto dos periódicos disseminadores do interdomínio

Países	Periódicos	FI 2017
Brasil	<i>Informação & Sociedade: estudos</i>	0,159
	<i>Transinformação</i>	0,255
Espanha	<i>El Profesional de la Información</i>	1,318
	<i>Revista Española de Documentación Científica</i>	0,632
Estados Unidos	<i>Information Technology and Libraries</i>	0,968
	<i>Library & Information Science Research</i>	1,372
	<i>Library Trends</i>	0,474
	<i>Reference & User Services Quarterly</i>	0,377
	<i>Library Resources & Technical Services</i>	0,657
	<i>Portal: Libraries and the Academy</i>	1,473

Fonte: elaboração própria.

Apesar de possuir FI baixo, em comparação aos demais países, no Brasil, notabilizam-se as publicações *Informação & Sociedade* e *Transinformação*, apontadas por pesquisadores da área como periódicos “[...] usualmente citados em suas pesquisas científicas [...]”, conforme identificado no estudo de Cátia Almeida (2019, p. 100). Na Espanha, *El Profesional de la Información* se sobressai como a revista de maior influência e prestígio (FI= 1,318), enquanto nos Estados Unidos, sublinham-se os veículos *Portal: Libraries and the Academy* (FI=1,473) e *Library & Information Science Research* (FI=1,372).

5.2.2 Autores com mais produção no interdomínio

Considerando o âmbito de aplicação deste estudo (bibliotecas), como já era esperado, mais da metade dos autores citantes pertence à Ciência da Informação, sendo esse conjunto distribuído da seguinte maneira: Brasil, 83%; Espanha, 51%; Estados Unidos, 88% (Quadro 3).

Quadro 3 – Formação acadêmica dos autores

País	Brasil	Espanha	Estados Unidos	
Nº de autores	123	119	138	
Formação	Ciência da Informação	83%	51%	88%
	Outros campos	Comunicação, Administração, Sociologia, Letras, Geociências, Interdisciplinar	Educação, Ciência da Computação, História, Comunicação, Sociologia, Letras, Filosofia, Medicina, Ciência Política, Artes, Administração	Comunicação, Filosofia, Educação, Ciência da Computação, Letras, Administração, Artes, Bioquímica, Química
	Não identificada	–	20%	2%

Fonte: elaboração própria.

No entanto, observou-se a colaboração de pesquisadores de outros campos, como: Comunicação — comum a todos os países —, Sociologia, Administração, Letras, Educação, Filosofia, Artes, Ciência da Computação, História, Ciência Política, além de, curiosamente, Geociências⁹⁴, Interdisciplinar,⁹⁵ Medicina (Espanha), Química e Bioquímica (Estados Unidos). Nesse caso, o Brasil passa a liderar o ranking (89%), apesar de os Estados Unidos apresentarem o maior número de autores ligados à Ciência da Informação, ao se considerar que cerca de 8 deles têm formação *interdisciplinar* em áreas correlatas.

Se comparada a ambos os países, a Espanha exibe o menor número de autores diplomados na área. Embora não tenha sido identificada a formação de 20% dos pesquisadores espanhóis, observou-se que 12% deles (14) atuam em bibliotecas, como: bibliotecários (4), técnicos especialistas (3), técnicos auxiliares (2), técnico de biblioteca (1), ajudante de base (1), chefe (1), seção de referência (1), decano do serviço de biblioteca (1) e informático (1). É possível inferir, com base nos dados levantados, que a diferença significativa encontrada no país europeu, em relação ao Brasil e Estados Unidos, indica possível falha no processo de atualização dos bancos de dados pesquisados.

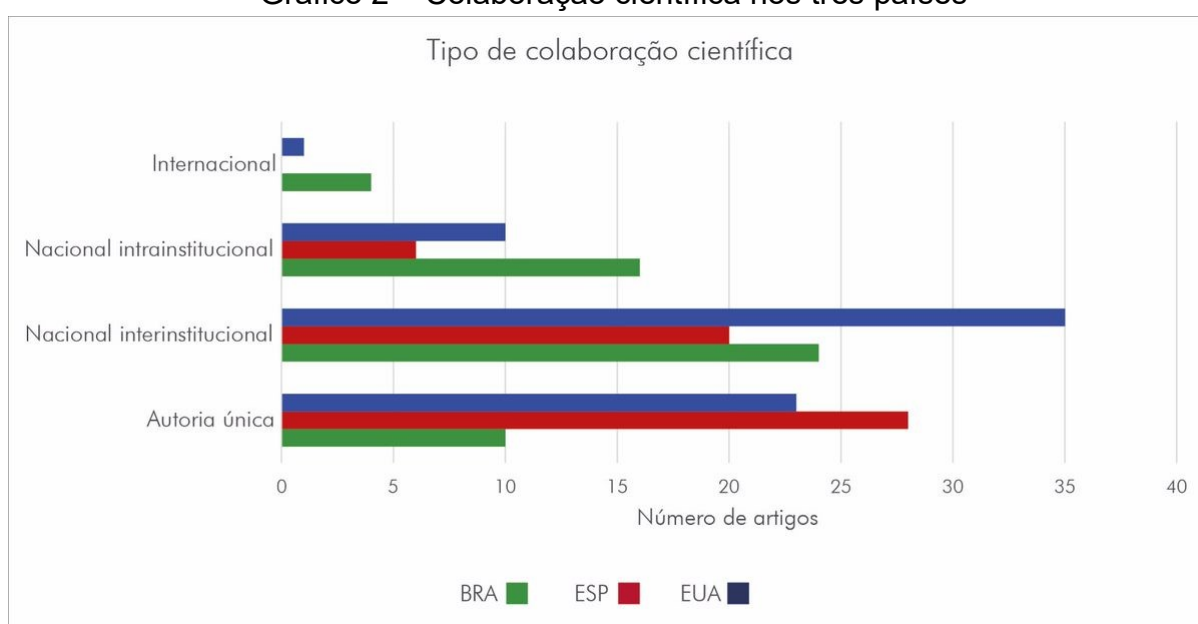
O Gráfico 2 apresenta os tipos de colaboração segundo a afiliação institucional dos autores identificada nos três países. Diante disso, a modalidade *nacional*

⁹⁴ Memória social e bens culturais.

⁹⁵ Formação em Comunicação e Documentação, Comunicação e Informação, Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, Política Científica e Tecnológica, Ciência da Informação e Educação.

interinstitucional é a mais predominante nos Estados Unidos (35) e Brasil (24), enquanto na Espanha a mais comum é a *autoria única*. O rápido crescimento da produção de países cientificamente emergentes, como Brasil, China e Índia, está diretamente relacionado com a intensificação da colaboração doméstica, correspondendo “[...] mais de 70% de suas publicações somente de pesquisadores nacionais [...]” (THE ROYAL SOCIETY, 2011, p. 47, tradução nossa). Dados semelhantes foram identificados neste estudo, no qual 80% das investigações brasileiras foram desenvolvidas por pesquisadores do país.

Gráfico 2 – Colaboração científica nos três países



Fonte: elaboração própria.

Por outro lado, “O mundo científico está se tornando cada vez mais interconectado, com a colaboração internacional em ascensão.” (THE ROYAL SOCIETY, 2011). No Quadro 4, estão descritas as relações internacionais estabelecidas entre os países, seja por interesse dos pesquisadores em publicar em periódicos de outros territórios, seja por colaboração internacional.

Na visão de Wolfgang Glänzel (2001), esse tipo de trabalho conjunto pode refletir interesses individuais dos cientistas, dependência econômica e/ou política de um país, parceria em projetos multinacionais, fortalecimento de blocos econômicos, acordos bilaterais entre instituições, dentre outros. No entanto, segundo o relatório final *Knowledge, networks and nations*, da The Royal Society (2011), os próprios cientistas são os grandes responsáveis pela maior parte desse tipo de projeto. “No

desenvolvimento de suas pesquisas e na busca de respostas, os cientistas procuram trabalhar com as melhores pessoas, instituições e equipamentos que complementem suas pesquisas, onde quer que estejam.” (THE ROYAL SOCIETY, 2011, p. 6, tradução nossa).

Quadro 4 – Autores internacionais que publicam nos países analisados

País	Internacional	Nacional interinstitucional	Nacional intrainstitucional	Autoria única
Brasil	Brasil-Espanha e Portugal-Espanha	Portugal	–	Cuba, Espanha, Estados Unidos, Índia e Portugal
Espanha	–	Argentina, Chile e México	Uruguai (2)	Argentina, Cuba e Estados Unidos
Estados Unidos	Estados Unidos-China	Canadá, Israel, Itália, Nigéria, Paquistão e Singapura	Canadá, Grécia, Irã, Nigéria e Paquistão	Canadá, Itália e Nigéria

Fonte: elaboração própria.

Embora 87% dos autores citantes brasileiros estejam vinculados a instituições de ensino superior nacionais, é possível afirmar que periódicos científicos da área no território têm ampliado seu processo de internacionalização. Isso decorre, sobretudo, da publicação de artigos de autoria de pesquisadores associados a estabelecimentos educacionais de outros países, como: Portugal, Cuba, Espanha, Estados Unidos e Índia, por meio de colaboração única, interinstitucional (Portugal) ou internacional, firmada entre Brasil-Espanha e Portugal-Espanha.

Como no Brasil, apesar de a maioria dos investigadores espanhóis (88%) pertencer a uma instituição ou organização nacional, é possível afirmar que o interdomínio tem esse nível ampliado com contribuições de autores de outros países, como: Argentina, Chile, Cuba, Estados Unidos, México e Uruguai. Não foram identificadas redes de colaboração entre autores nacionais e internacionais, somente aquelas de autoria única e de tipo inter ou intrainstitucional.

Já nos Estados Unidos, 75% dos autores estão afiliados a uma instituição ou organização do país, no entanto, foram localizados pesquisadores vinculados a universidades, institutos de pesquisas e associação de profissionais da Informação do Canadá, China, Nigéria, Grécia, Irã, Israel, Itália, Paquistão e Singapura. Observou-

se, ainda, colaboração única, nacional inter e intrainstitucional, além de internacional estabelecida entre os Estados Unidos e China.

A juventude do interdomínio na área e o trabalho realizado em cada país para sua consolidação nacional podem ser alguns dos fatores justificadores do número reduzido de colaboração internacional. Ainda assim, um dado revelador é o fato de o Brasil apresentar o maior índice de parceria científica nesse segmento se comparado a outros territórios.

Outra característica referente à produção científica é o padrão de autoria. Na Tabela 5, encontra-se a distribuição do número de pesquisadores por artigo e país. Os dados revelam a prevalência de publicações em coautoria, principalmente no Brasil e Estados Unidos, evidenciando a presença de colaboração científica no interdomínio.

Tabela 5 – Distribuição do número de autores por artigo

	Brasil		Espanha		Estados Unidos	
	Número de autores	Total de artigos	Número de autores	Total de artigos	Número de autores	Total de artigos
1		10	1	28	1	23
2		24	2	11	2	32
3		16	3	6	3	7
4		3	4	4	4	6
5		1	5	1		
			6	1	6	1
			7	1		
			8	1		
			9	1		
Total	-	54	-	54	-	69

Fonte: elaboração própria.

No Brasil, ocorre a concentração de autoria em dupla (44%), em consonância com o índice de coautoria de 2,27 (Figura 14), com variação de 1 a 5 autores por artigo. No caso da Espanha, há o predomínio individual (52%), embora o índice de coautoria seja de 2,2 e exista uma variação de 1 a 9 investigadores (48%) por documento. Nos Estados Unidos, o volume maior está na contribuição em dupla, mas com alguma variação de 1 a 6 pesquisadores, enquanto o índice de coautoria é de 2,0.

Figura 14 – Índice de coautoria



Fonte: elaboração própria.

Ainda convém ressaltar na produção científica espanhola uma particularidade quanto à tendência de artigos elaborados por grupos, como o caso do *Grupo de Trabajo Biblioteca 2.0* da biblioteca da Universidad de Huelva (seis autores/artigo); *Subgrupo de Decálogo del Grupo de Trabajo de Marketing Bibliotecario* da Asociación Andaluza de Bibliotecarios (sete autores/artigo); *Grupo de Trabajo de Información y Formación de la Biblioteca/CRAI* da Universidad Pablo de Olavide (oito autores/artigo); *Grupo de Mejora de Redes Sociales, Marketing y Comunicación* da biblioteca universitária de Granada⁹⁶. O artigo assinado por nove autores — oito bibliotecários de instituições distintas (bibliotecas da área da Saúde) e um médico — se refere a um trabalho colaborativo que discute a criação de webs temáticas virtuais a partir de *Really Simple Syndication* (RSS) e *widgets* (ESTRADA et al., 2013).

Além disso, em 2017, a biblioteca universitária de Huelva foi reconhecida como uma das melhores na habilidade de uso das redes sociais; enquanto o *Grupo de Trabajo Biblioteca 2.0* recebeu o *Premio PAS 2015*, por compartilhar sua experiência e metodologia de trabalho nessas plataformas. Geralmente, os membros desses coletivos são integrantes da equipe de alguma biblioteca, nem sempre com formação em Comunicação (*Community Manager*), que, além de se ocuparem com as atividades rotineiras, acumulam tarefas ligadas ao gerenciamento de mídias sociais.

Diferentemente da Espanha, a autoria individual (17%) não é um traço marcante da produção científica estadunidense. O padrão, nesse sentido, revela tendência aos trabalhos colaborativos, com variação de 2 a 6 autores por publicação, predominância de artigos escritos por 2 pessoas (46%), ratificado pelo índice de coautoria de 2,0 nomes por documento. Por exemplo, notou-se a assinatura de um artigo por 3 autoras integrantes do *GIDIF-RBM Web 2.0 Working Group*, da Associação Italiana de Documentalistas Biomédicos (Milão, Itália). O único elaborado coletivamente (6), cujo conteúdo não menciona se é fruto de trabalho de um grupo específico, tem

⁹⁶ A autoria do artigo elaborado é do próprio grupo, não sendo mencionado o nome dos membros integrantes; logo, considerou-se como autoria individual.

contribuição interinstitucional entre bibliotecários que investigam o uso e preferências da internet e TIC por alunos da Sam Houston State University. No Brasil, não foi identificada essa característica de publicação em artigos elaborados coletivamente.

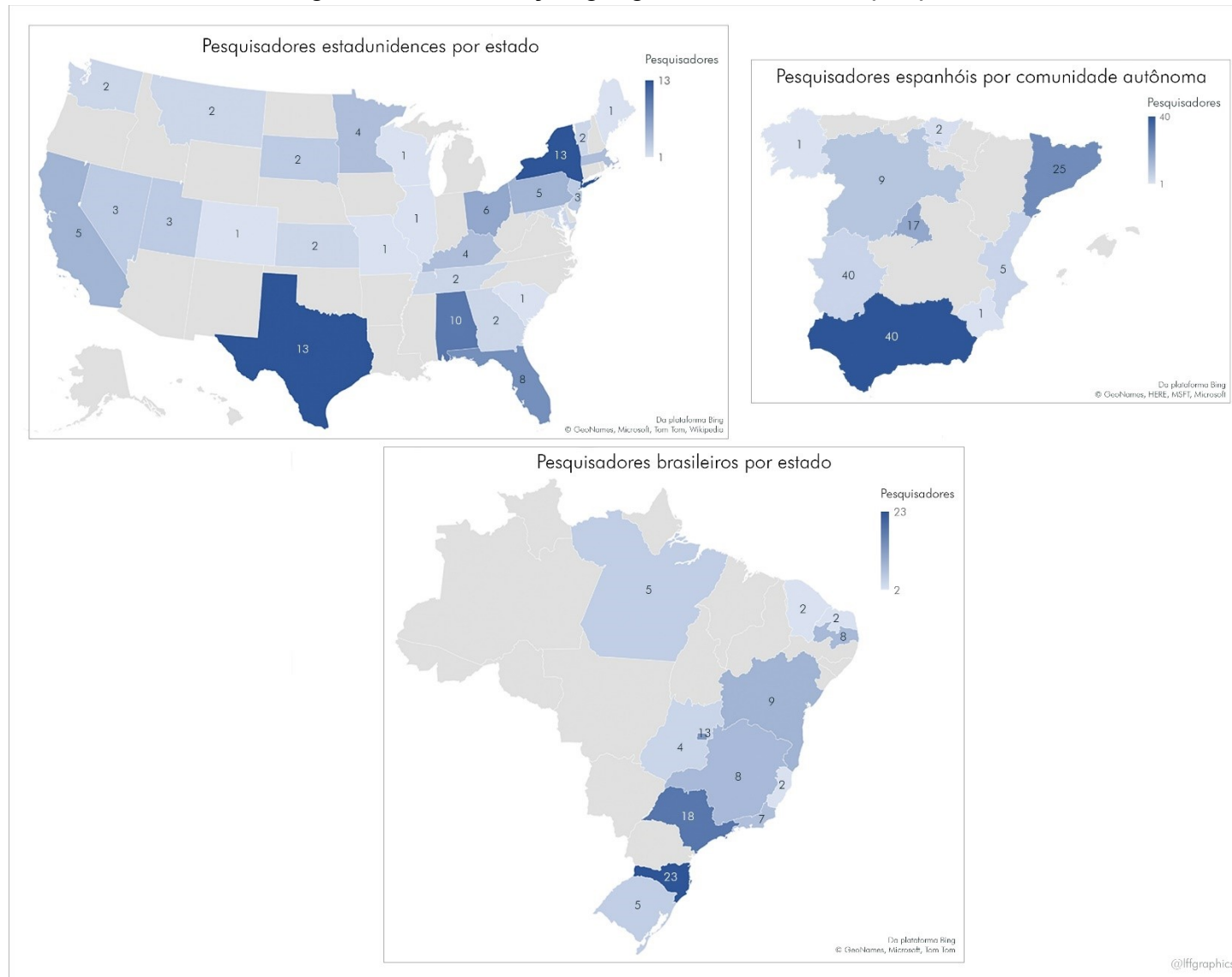
A distribuição geográfica do número de autores de cada país,⁹⁷ em seu respectivo território, é representada na Figura 15. Desse modo, também é possível notar o alcance regional do interdomínio.

No Brasil, Santa Catarina é o estado com maior número de pesquisadores (19%), seguido de São Paulo (15%), Brasília/DF (11%), Bahia (7%), Paraíba (7%), Minas Gerais (7%), Rio de Janeiro (6%), Rio Grande do Sul (4%), Pará (4%), Goiás (3%) além de Ceará, Espírito Santo e Rio Grande do Norte que juntos correspondem à mesma porcentagem (5%).

Das 17 comunidades autônomas da Espanha, a Andaluzia aportou o maior número de investigadores (38%) com produção na área, seguida daqueles com vinculação institucional na Catalunha (24%), Madrid (16%), Castela e Leão (9%), Comunidade Valenciana (5%), Estremadura (5%), bem como País Basco, Galícia e Múrcia, os quais juntos somam uma só porcentagem (4%). Dentre as instituições e organizações espanholas — universidades, Biblioteca Nacional de España, bibliotecas públicas, especializadas na área da Saúde e museus, associações profissionais, instituições culturais e de negócios, além de empresas privadas — que tratam desse tema, contam com maior abundância de investigadores: a red de Biblioteques de Barcelona, a Universidad de Sevilla e a Universidad Pablo de Olavide.

⁹⁷ Dos 123 autores que publicaram nos periódicos brasileiros, desconsiderou-se 16, por serem de outros países, e 1, cuja vinculação não foi identificada. Dos 119 da Espanha, desprezou-se 14, por possuírem outra nacionalidade; dos 138 dos Estados Unidos, não foram contabilizados 34, pelo mesmo motivo.

Figura 15 – Distribuição geográfica dos autores por país



Fonte: imagens geradas por meio do Excel, vinculadas ao Bing, com dados de pesquisa.

Ao serem avaliados os 50 estados norte-americanos, além do Distrito Federal, Nova Iorque e Texas tiveram o maior número de pesquisadores (25%) voltados ao interdomínio analisado. Logo em seguida estão aqueles afiliados a universidades, organizações e faculdades no Alabama (10%), Flórida (8%), Ohio (6%), Califórnia (5%), Pensilvânia (5%), Kentucky (4%), Massachusetts e Minnesota (ambos com 4%). Por sua vez, correspondem a 31% das produções do país: Dakota do Sul, Nevada, Nova Jersey, Utah, Geórgia, Kansas, Maryland, Montana, Tennessee, Vermont, Washington, Carolina do Sul, Colorado, Illinois, Maine, Missouri e Wisconsin. Nessas regiões, destacam-se as instituições: Sam Houston State University, Texas; Troy University Library, Alabama; University of South Alabama, Alabama; Murray State University, Kentucky; Mayo Clinic, Minnesota; University at Buffalo, Nova Iorque.

Os dados mencionados reforçam a relevância do objeto investigado na Ciência da Informação, indicando a distribuição mais uniforme do número de autores nos territórios estadunidense e espanhol, além de considerável concentração quanto a esse aspecto no Brasil. Embora haja maior representatividade na região Sudeste, seguida da Sul e Centro-Oeste, reúnem o maior volume de estudiosos da área, em nível institucional: UFSC, UnB, Udesc, UFBA e UFPB, com pelo menos uma publicação no período de 2015 a 2017.

O Quadro 5 mostra a posição de cada autor responsável por pelo menos 2 documentos na amostra analisada. Esse grupo é formado por 15 pesquisadores do país — UFBA, UnB, UFSC, UFPB, Unirio, UFRJ⁹⁸, Udesc, UFPA, Unifai⁹⁹ —, de Portugal (Universidade de Aveiro) e Espanha (Universidad Complutense de Madrid), representando 28% do número total de citantes.

No âmbito brasileiro, sublinha-se a pesquisadora Henriette F. Gomes, da UFBA, responsável por 4 artigos que versam sobre a condição estruturante das relações sociais no contexto tecnológico e o uso dos dispositivos da web social pelas bibliotecas como um recurso para potencializar a mediação da informação.

Por outro lado, na Espanha não foram identificados autores de outras nações quanto a esse respeito. Os 8 pesquisadores do país ibérico estão vinculados à Universidad de Sevilla, bibliotecas públicas de Barcelona, Universidad Politécnica de Valencia e Universidad de Salamanca — 20% do total de citantes. Distingue-se dos demais a investigadora Nieves González-Fernández-Villavicencio, que publicou 6

⁹⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹⁹ Centro Universitário Assunção.

artigos com discussões sobre a formação em competências informacionais, marketing em rede, reputação corporativa, ROI, métricas e indicadores (KPI) no contexto do interdomínio.

Quadro 5 – Autores citantes com mais de dois artigos por país

País	Autores e respectivas instituições de afiliação	Artigos
Brasil	Gomes, Henriette Ferreira (Universidade Federal da Bahia, BRA)	4
	Furtado, Cassia Cordeiro* (Universidade de Aveiro, PTR)	3
	Silva, Márcio Bezerra da (Universidade de Brasília, BRA)	3
	Araújo, Walqueline da Silva (Universidade Federal da Paraíba, BRA)	2
	Calil Junior, Alberto (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, BRA)	2
	Cuevas-Cerveró, Aurora (Universidad Complutense de Madrid, ESP)	2
	Freire, Gustavo Henrique de A. (Universidade Federal do Rio de Janeiro, BRA)	2
	Lucas, Elaine Rosângela de O. (Universidade do Estado de Santa Catarina, BRA)	2
	Muriel-Torrado, Enrique (Universidade Federal de Santa Catarina, BRA)	2
	Oliveira, Lídia de Jesus (Universidade de Aveiro, PTR)	2
	Pires, Erik Andre de Nazaré (Universidade Federal do Pará, BRA)	2
	Prado, Jorge Moisés Kroll do (Universidade Federal de Santa Catarina, BRA)	2
	Rufino, Fernanda Maciel (Universidade de Brasília, BRA)	2
	Santos, Raquel do Rosário (Universidade Federal da Bahia, BRA)	2
	Valencia, Maria Cristina P. (Centro Universitário Assunção, BRA)	2
Espanha	González Fernández-Villavicencio, Nieves (Universidad de Sevilla, ESP)	6
	Bröll Nadal, Anna (Biblioteques de Barcelona, ESP)	3
	Cabré Serra, Ana (Biblioteques de Barcelona, ESP)	3
	Gándara Sanz, Dolores (Biblioteques de Barcelona, ESP)	3
	Margaix Arnal, Dídac (Universidad Politécnica de Valencia, ESP)	3
	Alonso Berrocal, José Luis (Universidad de Salamanca, ESP)	2
	Figuerola, Carlos G. (Universidad de Salamanca, ESP)	2
	Zazo Rodríguez, Angel Francisco (Universidad de Salamanca, ESP)	2
Estados Unidos	Aharony, Noa (Bar-Ilan University, ISR)	2
	Bronstein, Jenny (Bar-Ilan University, ISR)	2
	De Jager-Loftus, Danielle P. (University of South Dakota, USA)	2
	Rethlefsen, Melissa L. (Mayo Clinic, Rochester, USA)	2

* Pesquisadora brasileira com doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro.

Fonte: elaboração própria.

Por fim, nos Estados Unidos observou-se um número reduzido de autores com menos produção (6%). Além das contribuições de pesquisadores do próprio país — Danielle De Jager-Loftus e Melissa Rethlefsen das bibliotecas da University of South Dakota e Mayo Clinic, respectivamente —, evidenciam-se as pesquisas das israelenses Noa Aharony e Jenny Bronstein, do Departamento de Ciência da

Informação da Bar-Ilan University. Na próxima seção, são apresentados e discutidos o perfil dos autores mais citados pelos pesquisadores mencionados anteriormente.

5.2.3 Autores citados

Após aplicação da Lei do Elitismo no corpus de análise, no que diz respeito aos autores citados, identificou-se o total de 54 artigos analisados no Brasil e 32 pesquisadores dentre os mais citados em pelo menos 5 documentos. Na Espanha, essas quantidades foram de 54, 35 e 4, respectivamente; nos Estados Unidos, a sequência foi de 69, 43 e 5, conforme indicado na Tabela 6.

Tabela 6 – Lei do Elitismo de Price

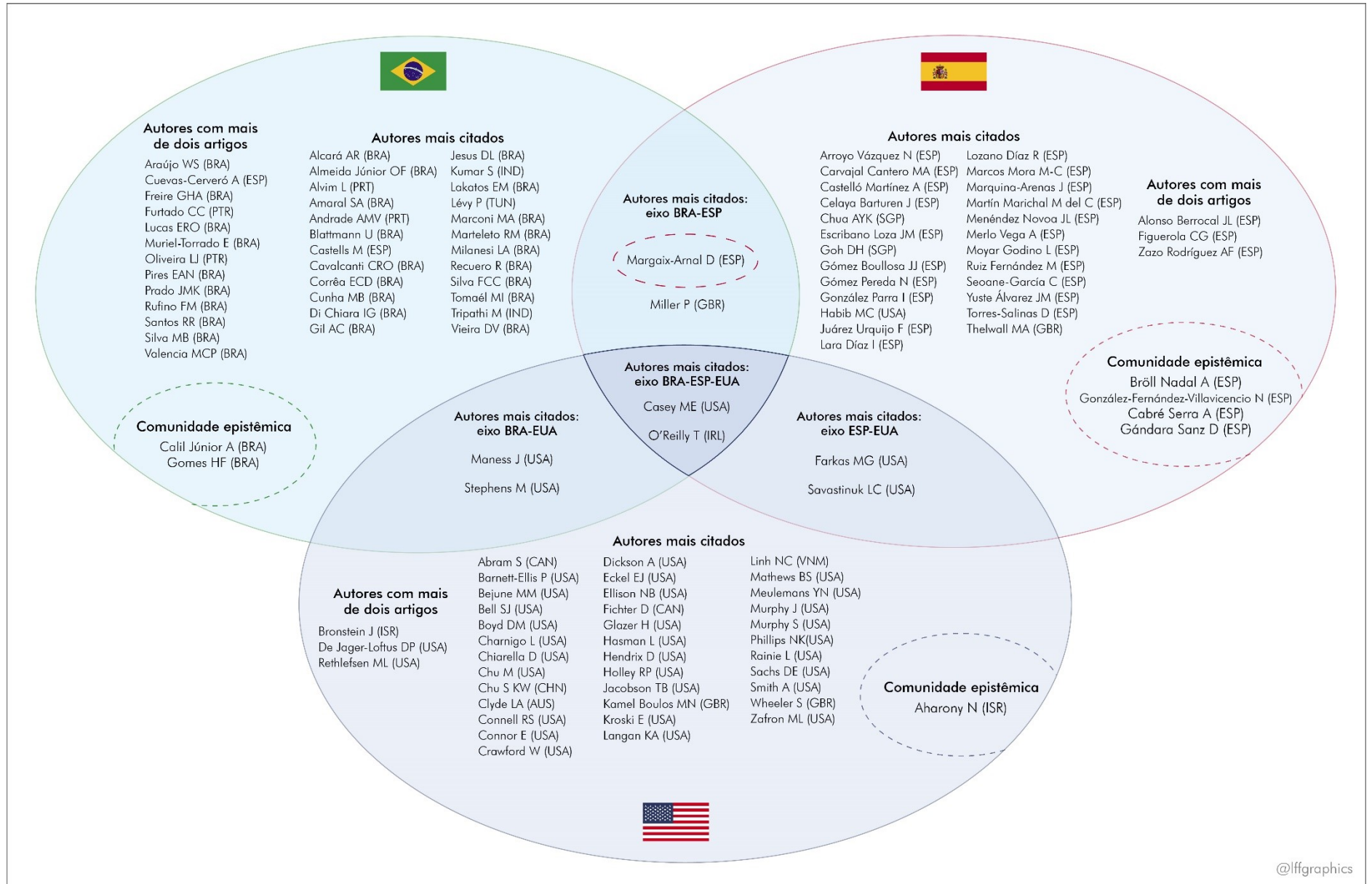
	Autores citados (n)	Mencionados uma vez	%	\sqrt{n}	Valor aproximado	Número de artigos em que foram citados
Brasil	952	774	81	30	32	5
Espanha	770	616	80	28	35	4
Estados Unidos	1.678	1.459	87	41	43	5

Fonte: elaboração própria.

A Lei de Price é, então, confirmada através dos resultados encontrados nos três contextos. Desse modo, alguns autores, supostamente de maior reconhecimento, produzem em maior dimensão; enquanto outros, talvez de menor visibilidade, seguem o caminho inverso. Isso é notado, por exemplo, no âmbito científico dos Estados Unidos, onde a amostra de 1.459 autores corresponde a 87% daqueles mencionados somente uma vez.

Para facilitar o entendimento dessa relação, indica-se na Figura 16, representada por meio de um Diagrama de Veen, os autores mais citados nos três países analisados, bem como os citantes e a formação de uma possível comunidade epistêmica em nível nacional — elipses pontilhadas — e internacional — intersecções das elipses.

Figura 16 – Autores mais citados, citantes mais representativos e comunidade epistêmica



Fonte: elaboração própria.

No Brasil, os pesquisadores mais citados em artigos foram Jack Maness (21), Ursula Blattmann (19), além de Tim O'Reilly (18). Murilo Cunha (16) e Fabiano Corrêa (16) também se encontram no conjunto, assim como Raquel Recuero (13) e Manuel Castells (11). Ressalta-se, ainda, que apenas 4 artigos (7%) não evidenciaram alguns pesquisadores, considerados o núcleo da literatura científica analisada, o que reforça a visibilidade e o reconhecimento do grupo de autores listados na Figura 16. No entanto, embora não constem esses dados, demonstram a existência de relação direta das produções avaliadas com esta pesquisa, por discutirem as possibilidades de potencialização dos hábitos de leitura e da função educativa das bibliotecas via plataformas sociais.

Dentre os diversos legados para a Biblioteconomia no país, a professora Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, que faleceu em abril de 2017, deixou a obra *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (Ed. Briquet de Lemos, 2008) — mencionada em 8 dos trabalhos analisados —, elaborada em coautoria com Murilo Cunha. Outro resultado encontrado no contexto foi a inclusão de renomados teóricos da metodologia científica brasileira, como Antônio Carlos Gil, Eva Lakatos e Marina Marconi, ratificando a assertiva de Smiraglia (2011) de que estudos dessa natureza apontam tendências teóricas e/ou metodológicas de uma comunidade de pesquisa.

Quanto à origem dos autores mais citados em âmbito internacional, destacam-se regiões, como: Espanha, Estados Unidos, Índia, Irlanda, Portugal, Reino Unido e Tunísia. Mesmo que se trate de pesquisa realizada em publicações periódicas do Brasil, os dados apontam o predomínio (63%) e, conseqüentemente, a visibilidade de pesquisadores nacionais na temática analisada.

No contexto espanhol, embora a maioria dos autores mais citados (74%) seja do próprio país, a exemplo do Brasil, também foram identificadas contribuições daqueles pertencentes a outros países, como Estados Unidos, Irlanda, Reino Unido e Singapura. Os investigadores Nieves González-Fernández-Villavicencio e Dídac Margaix-Arnal (Figura 16) são os mais indicados em pelo menos 20 artigos cada um, figurando em 37% das produções analisadas. Na área de Biblioteconomia e Documentação também são evidenciados: Natalia Arroyo Vázquez (12), Julián Marquina-Arenas (9) e José Antonio Merlo Vega (8). Por seu turno, Tim O'Reilly foi mencionado em 10 trabalhos, e Javier Celaya Barturen, em 9.

Vale destacar que autores de reconhecido prestígio no interdomínio analisado não foram citados em apenas 3 artigos da amostra da produção científica espanhola

(6%), cuja relevância é, dessa forma, reforçada. Apesar de especialistas de elite não terem sido indicados, foi verificada uma relação direta com o presente estudo, diante do fato de os trabalhos analisarem a situação de incerteza vivenciada pelas bibliotecas ante os recursos colaborativos, investigarem o uso das tecnologias sociais e suas aplicações para formação de competências informacionais dos bibliotecários, além de proporem boas práticas a serem contempladas no desenho de projetos de *crowdsourcing*, realizados nesse âmbito.

Já os membros do *Grupo de Trabajo Biblioteca 2.0*, da Biblioteca de la Universidad de Huelva, foram mencionados em 4 artigos, alcançando visibilidade com a publicação do artigo *Biblioteca 2.0, nuevas estrategias de comunicación y marketing: el caso de la Biblioteca Universitaria de Huelva*.

Por fim, na produção científica dos Estados Unidos, embora a maioria dos autores mais citados seja norte-americana (79%), também foram constatadas influências externas, como: Canadá, Reino Unido, Austrália, China, Irlanda, Israel e Vietnã. Tim O'Reilly recebeu o maior número de citações (15), seguido de Meredith G. Farkas (12) e Brian S. Mathews (10), ao constarem em 42% dos documentos avaliados. Destacam-se ainda no campo de Biblioteconomia e Ciências da Informação: Noa Aharony, Michael Casey, Melanie Chu, Terra Jacobson e Yvonne Nalani Meulemans, referenciados em 9 produções cada um (Figura 16).

Assim como no Brasil e Espanha, apesar de alguns investigadores de prestígio não terem sido citados, no caso dos Estados Unidos, 17% dos artigos tiveram ligação com o interdomínio, por descreverem as mídias sociais, discutirem sua criação, implementação e manutenção, explorarem seu uso em bibliotecas — informações de *profile*, integração, interatividade e marketing —, bem como refletirem sobre oportunidades colaborativas.

Um dado relevador é o reconhecimento por parte da comunidade discursiva brasileira quanto à pesquisa realizada pelo teórico espanhol Castells quanto aos reflexos da sociedade em rede na economia e nas relações sociais. Contudo, essa visibilidade não é percebida nos Estados Unidos e na Espanha, país de origem do estudioso.

5.2.4 Comunidade epistêmica

A Ciência da Informação em nível nacional possui uma comunidade epistêmica em estágio inicial de formação, sobretudo, quanto aos bibliotecários e docentes Henriette F. Gomes (UFBA) e Alberto Calil Júnior (Unirio), como é possível notar na Figura 16, apresentada na seção 5.2.3. Tal comprovação partiu da contraposição da elite de autores citantes responsáveis por 2 ou mais artigos em relação a 32 mais citados, em amostra de 15 investigadores, diante de uma produção científica relativamente nova (2007-2017).

Assim, ressalta-se o fato de esses pesquisadores, ao mesmo tempo em que publicam sobre o interdomínio, serem reconhecidos pela comunidade científica como referentes em outros trabalhos. Ratificando esse resultado, em estudo recente, França e Carvalho (2018) inclusive identificaram Gomes como única pesquisadora apontada enquanto comunidade epistêmica no âmbito das edições do Enancib no interdomínio.

Nesse sentido, Thomas Soderqvist e Arthur Silverstein (1994, p. 514, tradução nossa) defendem que os eventos científicos não podem ser definidos somente como espaços para a troca de informações a respeito de novas teorias, dados e técnicas. Mas também trazem consigo a noção de unidades abertas (arenas), de cunho político-retórico para a discussão de quais temas seriam interessantes para pesquisas, determinação de limites cognitivos, divulgação do “status científico”, bem como para funcionalidades ligadas à “hierarquia disciplinar”. Desse modo, essa noção reafirma a importância da participação nesses encontros para o desenvolvimento/ manutenção da reputação acadêmica.

Ao confrontar os 8 autores espanhóis detentores de mais produção sobre o tema com os 35 mais citados, é possível afirmar que o interdomínio na Ciência da Informação ainda está em fase inicial e possui uma comunidade epistêmica em desenvolvimento. A maior, quanto aos demais países, é composta por um grupo representativo de 5 bibliotecários: Anna Bröll Nadal, Anna Cabré Serra e Dolores Gándara Sanz, Nieves González-Fernández-Villavicencio e Dídac Margaix-Arnal. Desse grupo, destacam-se os dois últimos, com suas respectivas contribuições de maior alcance: *ROI en medios sociales: campañas de marketing en bibliotecas* (2015) e *Las bibliotecas universitarias y Facebook: cómo y por qué estar presentes* (2008).

Curiosamente, nos Estados Unidos foi identificada a menor comunidade epistêmica, formada apenas Noa Aharony da *Bar-Ilan University* de Israel, que se

sobressai dentre os mais produtivos e, ao mesmo tempo, dentre os mais citados — fontes de informação. Além de constar como citante em duas produções, é reconhecida pela comunidade científica por outros cinco trabalhos, com ênfase a *Twitter use in libraries: an exploratory analysis*, publicado em 2010.

Na Figura 16, também é possível identificar um grupo de autores com competência reconhecida na área, que exerce influência na produção científica de outros pesquisadores (comunidade epistêmica), construído a partir da intersecção do mais citados no interdomínio. Ocupando uma posição central do diagrama, estão o irlandês Tim O’Reilly e o estadunidense Michael Casey, por receberem, simultaneamente, reconhecimento da comunidade discursiva nos três contextos analisados. Suas contribuições, como dito, são de grande relevância para consolidação do interdomínio na Ciência da Informação, uma vez que o primeiro, enquanto entusiasta da tecnologia, é um dos responsáveis pela popularização do conceito Web 2.0, em 2004; enquanto o segundo, por ser o precursor da divulgação do conceito *Library 2.0* (Library + Web 2.0), em 2005.

Na intersecção Brasil-Espanha, evidenciam-se o espanhol Dídac Margaix-Arnal, que explorou o conceito OPAC social, dentre outras contribuições, e o britânico Paul Miller, um dos pesquisadores a definir *Library 2.0*, inicialmente. Ressalta-se que Margaix-Arnal é o único a figurar como comunidade epistêmica em nível nacional e internacional, simultaneamente. No cruzamento do âmbito espanhol e estadunidense, recebem atenção Laura Savastinuk (EUA), também exploradora do conceito *Library 2.0*, em parceria com Michael Casey, e inauguradora de uma definição para a comunidade discursiva, além de Meredith Farkas (EUA) por publicar, em 2007, o primeiro livro sobre o fenômeno crescente das tecnologias sociais aplicadas em bibliotecas, intitulado *Social Software in Libraries: Building Collaboration, Communication, and Community Online*, dentre outras obras, sobretudo, em meados (2005-2009) de exploração do tema em formato de pesquisa.

Por fim, na intersecção Estados Unidos-Brasil, encontram-se os estadunidenses Jack Maness, que em 2007 postulou uma definição e teoria para *Library 2.0*, e Michael Stephens, cujo trabalho inclui delineações para Web 2.0 e blog, em 2006, além de, a exemplo de Farkas, contribuições com inúmeras publicações no período de surgimento do interdomínio na Ciência da Informação.

5.3 Estudos epistemológicos e críticos

Os artigos analisados, nos três âmbitos, revelam os elementos mencionados de maneira subjacente — como paradigmas ou conceitos propostos por teóricos de determinada corrente ou autores citados — e os caminhos percorridos pela comunidade discursiva no processo de construção do conhecimento referente ao interdomínio na Ciência da Informação, refletindo seus contextos epistemológicos. Contudo, ressalta-se que tal conclusão foi alcançada mesmo sem a identificação de pressupostos explícitos de diferentes visões teóricas, como escolas filosóficas e sociológicas.

As inovações tecnológicas introduzidas a partir da segunda metade do século XX impactaram diretamente os processos de produção, tratamento, armazenamento, assim como distribuição de dados e informação nos mais diversos segmentos. Desse modo, outras concepções de sociedade passaram a ser discutidas e defendidas, em dado momento, a partir de determinada orientação principal da nova ordem social predominante.

Nesse sentido, percebe-se que na minoria das pesquisas o fenômeno investigado é contextualizado em um tipo específico de sociedade de maneira explícita — Brasil, 35%; Espanha, 19%; Estados Unidos, 9%¹⁰⁰. A tipologia mais usual empregada foi *Sociedade da Informação*, ligada às reflexões teóricas e de aplicação da nova estruturação de atividades e serviços oferecidos pelas bibliotecas a partir da adoção das TIC. Em países em desenvolvimento, como o Paquistão, o uso de tecnologias por profissionais da Informação tem aumentado, configurando-se como contribuição positiva para a construção da *Sociedade da Informação*, embora seja uma realidade distante (ATA-UR-REHMAN; SHAFIQUE, 2011).

Já a *Sociedade do Conhecimento*¹⁰¹, considerada herdeira das contribuições do primeiro conceito por parte da Unesco (2005), também foi utilizada como pano de

¹⁰⁰ Os conceitos de Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento são empregados pelos três países; sociedade pós-industrial, por Brasil e Espanha; sociedade da aprendizagem, sociedade pós-moderna e sociedade contemporânea, somente pelo Brasil; Sociedade da Informação e do conhecimento — com base em ambos os conceitos de sociedade, cujo debate é contínuo —, sociedade em rede, sociedade atual ou de hoje, nova sociedade digital, marcada pela interconectividade e uso generalizado de dispositivos móveis e recursos de internet, como as mídias sociais, somente pela Espanha.

¹⁰¹ Termo utilizado pela primeira vez por Peter Drucker na obra *The Age of Discontinuity*, em 1968. O autor defende o conhecimento como principal fonte econômica da sociedade, com vistas a alertar organizações que se dedicam à produção e distribuição de conhecimento e informação a ocuparem o lugar central da economia (DRUCKER, 1993).

fundo em alguns trabalhos. As bibliotecas são agentes sociais que contribuem para a criação e desenvolvimento do conhecimento. Nesse sentido, os bibliotecários passam a conhecer, interpretar (conhecimento teórico) e experimentar (conhecimento empírico) as tecnologias sob uma perspectiva pedagógica. A colaboração entre esses profissionais e docentes no processo de alfabetização em informação é uma ação essencial para o funcionamento da *Sociedade do Conhecimento*.

Motivado a identificar a fonte do dissenso existente entre os cientistas sociais acerca dos métodos e problemas científicos legítimos, Thomas Kuhn apresenta sua concepção de paradigma. Nesse viés, observa-se que poucos artigos explicitam como resultado de pesquisa os paradigmas científicos, interpretados pelo autor como uma realização científica aplicada no campo filosófico, relacionada com a epistemologia, que oferece “[...] problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” (KUHN, 1998, p. 13). Walqueline Araújo, Júlio Afonso Pinho Neto e Gustavo Henrique Freire (2016, p. 6) se apoiam no *paradigma sistêmico*, em oposição ao *cartesiano e positivista*, quando apontam que “[...] as tecnologias precisam estar integradas às pessoas e não isoladas [...]”.

Ressalta-se também a menção ao *paradigma tecnológico* (BERNARDINO; SUAIDEN; CUEVA-CERVERÓ, 2014), conceito formulado por Giovanni Dosi em analogia ao paradigma científico, defendido por Kuhn (1998), a fim de entender as forças propulsoras do progresso tecnológico. Por outro lado, segundo Jenkins (2009), citado por Kelley Gasque (2016), o *paradigma social* se apoia em três fenômenos distintos, porém correlacionados, que estão no centro do discurso contemporâneo: convergência, inteligência coletiva e participação.

Allan Cho (2013) se fundamenta no campo da Educação, especificamente, no *paradigma construtivista*, para compreender a maneira como os usuários aprendem a partir de suas próprias experiências e conhecimentos prévios. Conforme isso, as mídias sociais são apontadas como um fenômeno que desafia o *paradigma educacional*, centrado no ensino (escola tradicional) (CHO, 2013).

Nesse viés, a Biblioteca de la Escuela Politécnica Superior de Ingeniería de Vilanova y la Geltrú, na Espanha, “[...] tem o objetivo de integrar os recursos 2.0 para se adaptar ao *novo paradigma docente* que potencializa a aprendizagem bidirecional.” (AMAT-BOZZO et al., 2010, p. 55, tradução nossa). Também foram identificados alguns casos com remissão ao conceito geral do rompimento de valores, crenças e

práticas anteriores, como a transição do *paradigma de consumo de informações* para o de criação, além do afastamento de um *paradigma de cópia impressa* (TODD, 2008).

Por outro lado, o termo *paradigma* foi empregado no contexto contemporâneo da Filosofia da Ciência ou Epistemologia, para refletir sobre a evolução das bibliotecas a partir de vários pontos de vista, assegurando uma mudança de natureza por meio do conceito de *mudança de paradigma* cunhado por Thomas Kuhn (VICENTE DE BILLION; OYARCE GATICA, 2010). Para encerrar esses registros, nota-se também a adoção usual ou genérica do vocábulo em questão no sentido de modelo, padrão a ser seguido ou percepção.

O advento da internet, Web 2.0, *streaming*, Wikipédia, redes sociais, mídias sociais e da Biblioteca 2.0, por exemplo, foram mencionados como novos paradigmas significativos nos serviços de biblioteca, enquanto forma de impactar favoravelmente a qualidade do atendimento às demandas dos usuários (BLATTMANN; SILVA, 2007; FURTADO; OLIVEIRA, 2011; GARCÍA GIMÉNEZ, 2010; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, 2013; ROCA, 2006). Apesar de muitos autores apontarem a necessidade de um novo paradigma para a Biblioteconomia, enquanto bibliotecários são desafiados a romperem com estruturas ultrapassadas, ainda existem resistências à mudança.

Na literatura, é comum encontrar o uso do termo *filosofia* no sentido de *pensamentos e ideias*, que exercem influência sobre a sociedade. Diante disso, a expressão *filosofia da Web 2.0*, também chamada de *Filosofia 2.0*, *filosofia da web social*, *filosofia da web colaborativa*, é empregada para designar ideias de profissionais da área da Tecnologia, interligadas ao uso da web como plataforma participativa e sua democratização, em adição a novos métodos de distribuição de informação (DRAPER; TURNAGE, 2008; EZE, 2016; GIL-SOLÉS, 2010; GRANDE GONZÁLEZ; DE LA FUENTE REDONDO, 2012; JUÁREZ URQUIJO, 2008; MARGAIX ARNAL, 2007; ROCA, 2006; OVALLE PERANDONES; GUARDADO GARCÍA 2013; VALLEZ MARCOS, 2009).

Na visão de Jill Sordt e Terri Summey (2009), a aplicação dessa expressão na Ciência da Informação, bem como de *filosofia da Biblioteca 2.0*, pode ser interpretada como pensamentos convertidos em rica experiência para bibliotecários e usuários. Como visto, é ainda comum a inclusão de adjetivos qualificativos nesses casos, exemplificada no seguinte contexto: a “filosofia colaborativa e interativa da Web 2.0”

agrega novos valores aos serviços e atividades da biblioteca (YOOSE, 2011, p. 132, tradução nossa).

Além do conceito Web 2.0, promovido por Dale Dougherty, Tim O'Reilly, Craig Cline e Paul Miller, em 2004, foram dispostos no Quadro 6 teorias, conceitos, definições, termos, modelos e *frameworks* de outras áreas do conhecimento que fundamentam o interdomínio analisado. Nesse segmento, destacam-se contribuições teóricas das Ciências Sociais (Administração, Comunicação, Direito e Economia), Ciências Humanas (Antropologia, Ciência Política, Educação, Filosofia e Sociologia), Ciências Biológicas (Biologia), Ciências Exatas e da Terra (Ciência da Computação, Física Computacional, Matemática, Probabilidade e Estatística) e Multidisciplinar (Interdisciplinar e Tecnologia).

Nesse grupo, encontram-se reunidos os aportes de pesquisadores que atuam nesse último, apesar de, não necessariamente, possuírem formação em Ciência da Computação ou correlata. Exemplo disso é o empresário e entusiasta tecnológico Tim O'Reilly, especializado em Filologia Clássica, enquanto um dos responsáveis pela popularização do termo Web 2.0.

A [Ciência da Informação] é a disciplina mais interdisciplinar de todas, e sua tarefa de ordenar, relacionar e estruturar o conhecimento e os conceitos, a torna estreitamente interrelacionada com a semântica geral, também altamente interdisciplinar, epistemológica, e envolvida na linguagem, simbolismo, abstração, conceituação e avaliação do conhecimento. (SHERA, 1977, p. 9).

Portanto, a colaboração entre distintos campos do conhecimento na discussão de um mesmo objeto de investigação ratifica a natureza interdisciplinar da área. Nesse processo interacional do discurso, destacam-se as proposições de teóricos da Educação (John Keller), Filosofia (Martin Heidegger, Marshall Berman, Régis Debray, Pierre Lévy, Jürgen Habermas, Axel Honneth e Stephen Downes), Psicologia (Lev Vygotsky), História (Roger Chartier), Sociologia (Daniel Bell, Edgar Morin, Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Armand Mattelart, Anthony Giddens, Manuel Castells, Bruno Latour, Nathan Jurgenson e Zeynep Tüfekçi), Comunicação (Henry Jenkins, Luís Mauro Sá Martino e Raquel Recuero) e da Tecnologia (Steven Rosenbaum).

Quadro 6 – Contribuições teóricas de outros campos do conhecimento

Área	Campo	Brasil	Espanha	Estados Unidos
Ciências Sociais Aplicadas	Administração	–	–	Termo: Pareto <i>principle</i> (80/20 rule) (1941)
	Comunicação	Conceitos: dispositivo (1999), mídia social (2009) Definição: Whuffie (2010) Modelo Aida (2008) Teoria do fator Whuffie (2010) Termos: Whuffie (2003), Web 3.0 (2004), folksonomia (2004)	Conceitos: prosumidor (1972), <i>inteligencia colectiva</i> (2004), <i>alquimia de las multitudes</i> (2008), <i>medios sociales</i> (2010), marca corporativa (2012) Definição: <i>PeerIndex</i> (2012) Hipermediaciones: <i>teoría de la comunicación digital interactiva</i> (2008) Termo: <i>crowdsourcing</i> (2006)	Conceitos: <i>relationship marketing</i> (2005), <i>social media</i> (2010) Definições: <i>context</i> (1997), <i>social network</i> (2010) <i>Petronio's privacy management theory</i> (1991) Termo: <i>Web 3.0</i> (2006)
	Direito	–	–	Termo: <i>Information literacy</i> (1974)
	Economia	Conceito: Marketing 3.0 (2011) Definições: marketing (1988, 1994), economia compartilhada (2011)	Conceito: <i>responsabilidad social corporativa</i> (2003)	Definição: <i>Return On Investment (ROI)</i>
Ciências Humanas	Antropologia	–	Conceito: <i>red social</i> (1952)	–
	Ciência Política ¹	Conceito: serviço (1995)	Conceito: <i>red</i> (1999), <i>web participativa</i> (2007) Definições: <i>medios de comunicación de masas</i> (2004), <i>influencia</i> Modelo BIIR (Brand, Integration, Interaction, Retention) (2011)	–
	Educação	Conceitos: capital social (1915), biblioteca escolar (1996), competência (1999)	Definição: <i>Literacy 2.0</i> (2008) Modelo Gavilán (<i>Competencia para Manejar Información/CMI</i>) y Modelo Gavilán 2.0 (2006)	Conceitos: <i>active learning</i> (1991), <i>online video education using the Internet</i> (1996) P21 Definição: <i>digital literacy</i> (2005) <i>Framework for 21st Century Learning</i> (2009) <i>Keller's ARCS motivational model of instructional design</i> (1979) <i>Conversation Theory</i> (1975)
	Filosofia	Conceito: transmissão (1995), inteligência coletiva (1999)	<i>Evolución tecnológica: teoría de los estudios de ciencia, tecnología y sociedad</i> (1971) Termo: <i>cambio de paradigma</i> (1962)	Conceito: <i>communicative action</i> (1984), <i>technological determinism</i> (1999) Definição: <i>social networks</i> (2005) <i>Honneth's theory of recognition</i> (1995)
	Sociologia	Conceito: <i>capital social</i> (1980) Definição: <i>rede social</i> (1999, 2004)	Termo: <i>modernidad liquida</i> (2000)	Definição: <i>social network site</i> (2007) Termo: <i>digital dualism</i> (2011)

(continua)

Ciências Biológicas	Biologia	Teoria geral de sistemas (1950)	<i>Teoría de la evolución</i> (1859)	–
Ciências Exatas e da Terra	Ciência da Computação	Definição: <i>usabilidade</i> (1993) Termo: <i>wiki</i> (1995) <i>Framework Bubble</i>	–	Conceito: <i>Computer-Supported Collaborative Work (CSCW)</i> (1984) Definição: <i>Web 3.0</i> (2007) Termo: <i>wiki</i> (1995) <i>Tripartite model of ontologies (actors, concepts, and instances)</i> (2007)
	Física Computacional	–	–	Termo: <i>The Long Tail</i> (2006)
	Matemática	–	<i>Digital Information Fluency Model</i> (2005)	<i>Graph theory</i>
	Probabilidade e Estatística	Definição: <i>rede social</i> (1994)	–	–
Multidisciplinar	Interdisciplinar	Conceito: <i>competência</i> (2001) Definições: <i>usabilidade</i> (2002), <i>tecnologia</i> (2002), <i>competência infomidiática</i> (2012), <i>fadiga da mídia social</i> (2015)	Definição: <i>reputación online</i>	<i>Social Network Theory</i>
	Tecnologia	Conceitos: <i>blended learning</i> (2003), <i>Web 2.0</i> (2004) Definição: <i>Web 2.0</i> (2005) Termos: <i>comunidade virtual</i> (1993), <i>Web 2.0</i> (1999, 2004, 2005), <i>blog/weblog</i> (1997)	Conceito: <i>Web 2.0</i> (2005) Termos: <i>beta perpetuo</i> (1995), <i>Web 2.0</i> (2004) Definição: <i>actitud 2.0</i>	Definições: <i>Internet 2.0 services</i> (2006), <i>curation</i> (2011) Termos: <i>weblog</i> (1997), <i>Web 2.0</i> (1999), <i>Internet 2.0</i> (2006)

¹ Na Espanha, este campo do conhecimento é classificado pela Aneca como *Ciência Política e de Administração*.

Contribuições comuns a mais de um país.

Fonte: elaboração própria.

Uma vez que algumas dessas contribuições são inclinadas a diferentes campos do conhecimento, a exemplo dos conceitos *Information Literacy* (Educação, Direito e Ciência da Informação) e ROI (Economia, Marketing e Ciência da Informação), considerou-se a área de atuação dos autores das obras citadas nas produções levantadas, para sustentar investigações ou eventos consagrados, como a Teoria da Evolução (1859) de Charles Darwin.

Os dados encontrados comprovam a hipótese de pesquisa, quanto às contribuições da Sociologia e da Comunicação para consolidação do interdomínio, e surpreendem diante das relações estabelecidas com outros campos, como Física Computacional, Direito, Biologia, contribuindo para a ampliação do conhecimento. Nesse sentido, Pombo (2005, p. 13) afirma que

Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo.

Na imbricação dos estudos epistemológicos com os históricos, é possível observar a remontagem de bases teóricas do interdomínio desde renomadas contribuições, por exemplo, a referida Teoria da Evolução (1859), princípio de Pareto (1941) e teoria geral dos sistemas, às mais contemporâneas, como: as definições de *curation* (2011), competência infomidiática (2012), conceito de Marketing 3.0 (2011), marca corporativa e PeerIndex (2012), noção do termo *digital dualism* (2011), o Modelo BIIR (*Brand, Integration, Interaction, Retention*) (2011).

Destaca-se, ainda, a orientação de investigadores à aderência de conceitos e definições de outros campos, por exemplo *marketing* na obra *Marketing para serviços profissionais*, de Philip Kotler e Paul Bloom (1988), da Economia. Convém informar que esse conceito, cuja origem remonta ao final do século XIX, orientou os trabalhos dos bibliotecários Melvil Dewey e Shiyali Ranganathan (RENBORG, 1997 apud GUPTA, 2003)¹⁰² e foi contemplado na literatura da Ciência da Informação em obras, como *The Marketing of Library and Information Services*, editada por Blaise Cronin (1981).

¹⁰² “Renborg (1997) considers that marketing is not new to libraries, it is as old as modern librarianship and the origin of marketing dates back in 1870s. The approaches of library experts like Melvil Dewey, SR Ranganathan, and others were marketing oriented. Even Ranganathan’s Five laws have been seen in the light of today’s marketing concepts (Ranga, 1986).” (GUPTA, 2003, p. 98).

Especificamente, esse campo passa a ser objeto de interesse dos pesquisadores do interdomínio, ao analisarem as mídias sociais como um recurso promissor de divulgação e promoção de serviços e ações das bibliotecas. Inclusive, os dados revelam que sua discussão em artigos é muito mais tardia, se comparada aos manuais e livros. Isso, possivelmente, por preferência dos pesquisadores das Ciências Sociais e Humanidades em publicar nesse último formato, conforme identificado nos estudos mencionados por Meadows (1999).

Por fim, ressalta-se a aproximação entre os países aqui analisados quanto à fundamentação teórica no campo da Comunicação para conceituar *mídias sociais*; o reconhecimento do termo *wiki*, em 1995, na Ciência da Computação; a concepção do vocábulo *blog*, em 1997, advindo da área da Tecnologia; a criação da expressão *Web 2.0*, sua conceitualização e definição, mesmo com algumas divergências. Por exemplo, alguns pesquisadores atribuem a concepção do referido termo à web designer DiNucci (1999), e outros, a O'Reilly (2005), sendo o segundo responsável, em parceria com outros informáticos, por sua popularização, como apontado.

Na Ciência da Informação, também foram identificadas bases conceituais que têm contribuído para a consolidação do interdomínio analisado, apresentadas no Quadro 7.

Além disso, nota-se exíguo aporte conceitual em teóricos da Ciência da Informação, sobretudo Shiyali Ranganathan, disseminador da ideia de classificação facetada; Frederick W. Lancaster, com os estudos do desempenho das linguagens documentárias na recuperação da informação; Michael Buckland, a partir da teoria informação-como-coisa; Bernad Frohmann, por meio do conceito de regime de informação; Tefko Saracevic, defensor do caráter interdisciplinar, tecnológico e social da Ciência da Informação; Jesse H. Shera (1977, p. 9), com a criação da disciplina epistemologia social, que investiga “[...] os meios pelos quais o conhecimento é coordenado e integrado dentro de uma organização social complexa”.

Quadro 7 – Contribuições teóricas da Ciência da Informação

Contribuições	Brasil	Espanha	Estados Unidos
Modelos	–	<i>Modelo CRAI (Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación) (2003)</i> <i>Red de Bibliotecas Universitarias Españolas (Rebiun)</i>	<i>Taylor's Value-Added Model (1986)</i> <i>Robert Saxton Taylor</i>
	–	–	<i>Learning 2.0 – modelo de ensino (2006)</i> <i>Helene Blowers</i>
Frameworks	–	–	<i>Framework for integration of participatory librarianship (2007)</i> <i>David Lankes, Joanne Silverstein e Scott Nicholson</i>
Termos	<i>Biblioteca 2.0 (2005)</i> <i>Michael Casey</i>	<i>Webmetría (1997)</i> <i>Tomas Almind e Peter Ingwersen</i>	<i>Library anxiety (1986)</i> <i>Constance Mellon</i>
	–	<i>Biblioteca 2.0 (2005)</i> <i>Michael Casey</i>	<i>Library 2.0 (2005)</i> <i>Michael Casey</i>
	–	–	<i>Helicopter librarian (2012)</i> <i>Felicia Smith</i>
Conceitos	<i>Biblioteca nacional (1971)</i> <i>Frank L. Schick</i>	<i>Opac Portal (2002)</i> <i>María Victoria Játiva</i>	<i>Librarian 2.0 (2005)</i> <i>Stephen Abram</i>
	<i>Biblioteca digital (1999)</i> <i>Tefko Saracevic</i>	<i>Opac social (2008¹, 2009²)</i> <i>David Maniega¹; Julio Macías e Pablo Pérez¹;</i> <i>Margaix Arnal²</i>	<i>Wiki (2005)</i> <i>Gerry McKiernan</i>
	<i>Bibliotecas 2.0 (2007¹, 2010²)</i> <i>Michael Casey e Laura Savastinuk¹; Alexandra Santos¹ e António Antonio²</i>	<i>Lib-SNS (2010)</i> <i>J. Wang, C. Zhang e Y. Zou</i>	<i>Participatory networking (2017)</i> <i>David Lankes, Joanne Silverstein e Scott Nicholson</i>
	<i>Blogosfera (2007)</i> <i>Luisa Alvim</i>	–	–
	<i>Web social (2007)</i> <i>Úrsula Blattmann e Fabiano Couto Corrêa da Silva</i>	–	–
	<i>Mediação da informação (2008¹, 2012², 2015³)</i> <i>Oswaldo Almeida Júnior^{1,3}; Carlos Alberto Araújo²</i>	–	–
	<i>Rede social da web (2012)</i> <i>Giseli Aguiar</i>	–	–
	<i>Preservação digital (2016)</i> <i>Association for Library Collections and Technical Services (ALCTS) da American Library Association (ALA)</i>	–	–
Definições	<i>Biblioteca pública (1951)</i> <i>Jesse H. Shera e Margaret E. Egan</i>	<i>Formación de usuarios (1977)</i> <i>Milagros del Corral</i>	<i>Information-literate person (1989)</i> <i>ALA</i>
	<i>Serviço de referência (1961)</i> <i>Shiyali Ranganathan</i>	<i>Alfabetización informacional (2000)</i>	<i>Digital reference services (2003)</i> <i>Catherine Jane e Dawn McMillan</i>

(continua)

Definições		Association of College and Research Libraries (ACRL) da ALA	
	Biblioteca digital (1999 ¹ , 2002 ²) David Bawden e Ian Rowlands ¹ , Jesús Tramullas ²	Biblioteca 2.0 (2005 ¹ , 2006 ² , 2007 ³) Ken Chad e Paul Miller ¹ , Michael Casey ² e Laura Savastinuk ² , Jack Maness ² , Michael Habib ² , Margaix Arnal ³	Library 2.0 (2005 ¹ -2006 ²) Paul Miller ¹ , Michael Casey e Laura Savastinuk ² , Jack Maness ²
	Rede social (2001 ¹ , 2007 ²) Regina Marteleto ^{1,2}	[Sitios de] redes sociales (2008) Dídac Margaix, Natalia Arroyo	Blog (2006) Michael Stephens
	Information Literacy (2003) Elisabeth Dudziak	–	Folksonomies (2006) Louise Spiteri
	Bibliotecas 2.0 (2005 ¹ , 2006 ^{2,3} , 2007 ³ , 2016 ⁴) Paul Miller ¹ , Walt Crawford ² , Jack Maness ³ , ALA ⁴	–	Marketing (2006) Dinesh Gupta
	Era da Informação (2005) Murilo Cunha e Cordélia Cavalcanti	–	Tag (2006) Marieke Guy and Emma Tonkin
	Web 2.0 (2005 ¹ , 2013 ²) Ken Chad ¹ , Ronaldo Ferreira Araújo ²	–	Web 2.0 (2006) Michael Stephens
	Blog (2007) Luisa Alvim	–	Liaison librarian (2009) Kara Whatley
	Mediação da informação (2007 ¹ , 2009 ² , 2014 ³) Jean Davallon ¹ , Regina Marteleto ² , Henriette F. Gomes ³	–	–
	Disseminação Seletiva da Informação (2008) Murilo Cunha e Cordélia Cavalcanti	–	–
	Diversidade cultural (2008) IFLA	–	–
	Mediação (2009) Oswaldo Almeida Júnior	–	–
	Interação usuário-web (2012) Deise Jesus e Murilo Cunha	–	–
	Teorias	Teoria analítico-sintética Shiyali Ranganathan	Teoría de la Biblioteca 2.0 (2006) Jack Maness
Teoria da Biblioteca 2.0 (2006) Jack Maness		–	–

ACRL: Association of College and Research Libraries; ALA: American Library Association; ALCTS: Association for Library Collections and Technical Services.

Contribuições utilizadas como referência por pesquisadores dos três países.

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 8, estão apresentadas as seguintes características metodológicas dos artigos analisados: método, abordagem, objetivos, procedimentos técnicos, levantamento/coleta de dados, definição da amostra, tratamento e análise de dados, análise estrutural no que se refere às seções *Metodologia* e *Referências*. Com isso, averigua-se a inclinação de uma minoria a informar pressupostos lógicos de pesquisa, especialmente no que diz respeito a métodos empíricos de John Locke (método indutivo) e fenomenológico de Edmund Husserl (fenomenologia). Ainda nesse contexto, também se identificou a adoção do modelo comparativo de Edward Tylor e funcionalista de Émile Durkheim, enquanto vias de procedimento.

Quadro 8 – Características metodológicas das pesquisas

Aspectos	Brasil N=54	Espanha N=54	Estados Unidos N=69
Método	Indutivo e fenomenológico (4%) Comparativo e funcionalista (4%)	Não informado	Indutivo (1%)
Abordagem	Quantitativa (9%) Qualitativa (9%) Mista (24%)	Quantitativa (11%) Qualitativa (7%) Mista (9%)	Qualitativa (3%) Quantitativa (6%) Mista (7%)
Objetivos	Exploratório (19%) Descritiva (13%) Descritiva-exploratória (7%)	Exploratório (6%) Descritiva (35%)	Exploratório (10%) Descritivo (13%)
Procedimentos técnicos	Bibliográfico (24%) Estudo de caso (15%) Bibliográfica e documental (13%) Documental (4%) Survey (4%) Netnográfica (2%)	Estudo de caso (50%) Relatos de experiência (9%) Documental (22%)	Estudo de caso (13%) Relatos de experiências (5%)
Levantamento e coleta de dados	Observação (15%) Questionário (11%) Entrevista (4%) Ferramentas on-line: Encuesta Fácil, Google Docs e Google Forms	Observação (9%) Questionário (4%)	Observação (4%) Questionário/quiz (22%) Entrevista (3%) Grupo focal (1%) Ferramentas on-line: Survey Monkey, UW's Catalyst Web Tools e Prezza Checkbox
Definição da amostra	Não informada	Não informada	Probabilística (amostra aleatória simples e amostra estratificada) e não probabilística (amostra por conveniência)
Tratamento e análise de dados	Análise de conteúdo (8%) Análise combinatória (2%) Avaliação heurística (2%) Análise estatística (2%)	Análise de conteúdo (9%) Análise cibernética (2%) Análise de redes sociais (2%) Análise da literatura (4%) Análise qualitativa (2%) Análise estatística (2%) – programa <i>Statistical Package for Social Sciences</i> (SPSS)	Análise de conteúdo (9%) Análise comparativa (3%) Análise semântica (1%) Análise <i>snapshot</i> (1%) Análise textual (1%) Análise temática (1%) Análise estatística (estatística descritiva) (15%) – uso do SPSS (versão 20) e testes de homogeneidade de variância
Seção de Metodologia	50% dos artigos apresentam esta seção. Em alguns casos, esse procedimento é indicado na introdução	22% dos artigos indicam esta seção, e 9% apresentam o procedimento metodológico no resumo	58% dos artigos possuem esta seção

(continua)

(continuação)

Seção de Referências	Todos os artigos apresentam esta seção	15% dos artigos não têm esta seção. 15% dos artigos de uma revista mencionam citações apenas no corpo da pesquisa	A maioria dos artigos apresenta uma seção com as fontes citadas nos textos, com a variação de título: <i>Referências</i> (87%), <i>Referências e notas</i> (6%), <i>Notas</i> (3%) ou <i>Bibliografia</i> (3%)
----------------------	--	--	--

Fonte: elaboração própria.

Apesar de na maioria dos estudos não ter sido mencionado o tipo de abordagem empregada, observa-se o predomínio das pesquisas mistas (qualiquantitativas). Quanto aos objetivos, preferencialmente, apoiam-se nos modos descritivos, na Espanha e nos Estados Unidos, e exploratórios, no Brasil. Já problemas reais de implementação das mídias sociais nas bibliotecas, foram analisados por meio de estudos de casos; relatos de experiência; pesquisas bibliográfica, documental e netnográfica.

Como técnicas de coleta de dados, destacam-se: observação, questionários ou quiz, *survey*, entrevistas e discussão de grupo focal, em alguns casos, empregadas de maneira combinada. Também houve menção à aplicação do método triangular de pesquisa. Por sua vez, questões on-line foram elaboradas nas ferramentas Encuesta Fácil, Google Docs e Google Forms, no Brasil, além de Survey Monkey, UW Catalyst Web Tools e Prezza Checkbox, nos Estados Unidos.

Para estudar e caracterizar a população de algumas investigações, observaram-se métodos predominantes de amostragem probabilística (aleatória simples e estratificada) e não probabilística (por conveniência). Exclusivamente nos Estados Unidos, constatou-se o uso da escala Likert para dimensionar respostas em pesquisas com questionários.

As estratégias analíticas usadas para atribuir sentido e significado ao objeto foram: estatística, do conteúdo, comparativa, combinatória, cibernétrica, de redes sociais, semântica, *snapshot*, textual, temática e avaliação heurística. Para tanto, alguns estudos que aplicaram o método estatístico (por exemplo, testes de homogeneidade de variância) utilizaram o software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) (versão 20).

Independentemente da natureza dos objetos investigados e da complexidade dos métodos empregados em uma pesquisa, especificar o caminho metodológico percorrido é um processo fundamental para determinar se são cumpridos critérios de

rigorosidade e qualidade científica, como confirmabilidade, aplicabilidade, reprodutibilidade, transparência, dentre outros. Estruturalmente, nem todos os artigos destinam uma divisão específica para discutir abordagens metodológicas, justificar o parâmetro escolhido e descrever o processo de investigação.

No Brasil, por exemplo, 50% das produções consultadas apresentaram uma seção específica para esse fim. Inclusive, em alguns casos, a trajetória metodológica foi indicada na *Introdução*, enquanto nos Estados Unidos 58% contavam com essa divisão. Por outro lado, no âmbito espanhol, menos de um terço dos trabalhos (22%) a indicaram e, em algumas situações, isso foi feito apenas no *Resumo*. Contudo, em sua maioria constava, ao final, uma seção dedicada à lista de fontes citadas, usualmente, denominada *Referências*. Quando isso não ocorre, como em alguns casos observados no corpus da produção científica, os estudos bibliométricos são comprometidos, especificamente a análise de citação, aplicada aqui, cujas limitações estão indicadas no capítulo 6 deste documento.

5.4 Estudos terminológicos

Na literatura, há quatro termos usualmente empregados como sinônimos para representar os ambientes informacionais digitais no contexto das bibliotecas que oportunizam compartilhamento de conteúdo. No entanto, cada um possui sua especificidade. Na Tabela 7, é apresentada a distribuição do percentual desse uso segundo cada país.

Tabela 7 – Percentual de uso dos termos


Termos	Brasil	Espanha	Estados Unidos
Web 2.0	69%	61%	78%
Web social	24%	44%	10%
Redes sociais	76%	87%	77%
Mídias sociais	50%	39%	46%


Fonte: elaboração própria.


Analisando as terminologias utilizadas pela comunidade discursiva, observou-se a preferência dos pesquisadores que publicam nos periódicos do Brasil pelo termo *redes sociais* (76%), empregado de 2007 a 2017 de forma ininterrupta, conforme

evidenciado na Figura 17, seguido por *Web 2.0* (69%), *mídias sociais* (50%) e *web social* (24%). Com exceção de *mídias sociais*, introduzido em 2009, os demais têm sido aplicados desde 2007, marco inicial dos estudos sobre o interdomínio no país, identificado nesta pesquisa. Por sua vez, os primeiros registros sobre as expressões *redes sociais* e *Web 2.0* foram percebidos nas pesquisas de Maness (2007) (versão traduzida), bem como Blattmann e Silva (2007).

Figura 17 – Terminologias representativas do interdomínio

	2006(0)	2007(2)	2008(1)	2009(1)	2010(4)	2011(2)	2012(11)	2013(5)	2014(8)	2015(3)	2016(13)	2017(4)	Total(54)
 Web 2.0		2		1	4	2	8	4	5	3	6	2	37
web social		1	1	1	1		3	1	2	2	1		13
redes sociais		2	1	1	4	1	11	4	5	2	7	3	41
mídias sociais				1	1	1	4	2	4	1	10	3	27

	2006(1)	2007(2)	2008(3)	2009(4)	2010(5)	2011(5)	2012(5)	2013(7)	2014(2)	2015(5)	2016(12)	2017(1)	Total(54)
 Web 2.0	1	2	2	4	2	4	2	6	2	1	5	2	33
web social			2	3	4	1	1	4		2	6	1	24
redes sociales			2	4	4	5	5	7	2	4	11	3	47
medios sociales				1		1	1	4		3	9	2	21

	2006(1)	2007(2)	2008(12)	2009(7)	2010(12)	2011(7)	2012(4)	2013(8)	2014(11)	2015(1)	2016(2)	2017(2)	Total(69)
 Web 2.0	1	1	12	6	10	6	3	7	7		1		54
social Web				1	2	1		1	1		1		7
social networks	1	2	8	6	10	3	4	6	8	1	2	2	53
social media	1		1	1	3	2	3	7	10	1	1	2	32

@lffgraphics

Fonte: elaboração própria.

Nota-se que a expressão *web social* está relacionada diretamente com a finalidade do conceito Web 2.0 de facilitar a comunicação por meio da interação, colaboração e compartilhamento de informações geradas a partir das relações sociais

estabelecidas na web. O primeiro termo indicado foi introduzido na produção científica brasileira pelo pesquisador espanhol José-Antonio Gómez-Hernandez (2008, p. 51, tradução nossa e grifo do autor), ao “[...] descrever as possibilidades de algumas ferramentas participativas da ‘web social’ para potencializar a função educativa de bibliotecas e bibliotecários.” Na opinião do autor, o interesse de estudiosos e profissionais da Informação em buscar possíveis respostas às incertezas ante à nova web explica as inúmeras publicações e eventos científicos sobre o tema.

Nesse sentido, evidenciam-se a *Jornada Sedic, Biblioteca 2.0, la web social en las bibliotecas ¿nueva moda o reto profesional?*; jornada *Las bibliotecas en la web social*, realizada Madrid (Espanha), em outubro de 2007.¹⁰³ Por sua vez, identificou-se o registro da expressão *mídias sociais* em 2009, quando a pesquisadora brasileira Cassia Furtado (2009, p. 141, grifo da autora), então doutoranda na Universidade de Aveiro (Portugal), mencionou que a *Library 2.0* “[...] se constitui num híbrido de *social media*, enfim é uma biblioteca interativa para o século XXI [...]”, baseando-se no trabalho de Maness (2006).

Na Espanha, verificou-se o uso de *Web 2.0* de forma ininterrupta de 2006 a 2017, com alcance representativo (61%) (Tabela 7, Figura 17). Seu primeiro registro aparece em estudos do pesquisador estadunidense Joan Roca (2006). Por sua vez, *redes sociales* figura como termo de maior popularidade tanto na Espanha quanto nos demais países (87% dos artigos). Foi mencionado inicialmente na literatura, em 2008, pelos pesquisadores espanhóis González-Fernandez-Villavicencio, ao investigar a formação de competências informacionais no interdomínio, e Margaix-Arnal, quando analisou o conceito e as tipologias dos *sítios de redes sociales*, nomenclatura empregada pelo autor, apoiado nas pesquisas de Danah Boyd e Nicole Ellison (2007), dentre outros especialistas da Ciência da Informação.

Por outro lado, a expressão *web social*, entendida como recursos e práticas que permitem aos usuários criar, editar, alterar e/ou apagar conteúdo de maneira colaborativa na web, também é utilizada desde 2008, mesmo em menor frequência (44%), se comparada aos termos *redes sociales* e *Web 2.0*. Seu primeiro registro foi identificado no estudo de caso aplicado na Biblioteca Municipal de Musquis (Biscaia, Espanha), por Fernando Juárez-Urquijo (2008), sobre o uso da *web social* para oferecer novos serviços em unidades de informação.

¹⁰³ Cf. <http://datos.bne.es/edicion/a4269798.html>.

Embora no Brasil as publicações inaugurais sobre o interdomínio tenham ocorrido em 2007, portanto, um ano depois da Espanha, inesperadamente, os termos *redes sociais* e *web social* foram introduzidos de modo antecipado na produção científica brasileira. Apesar de *medios sociales* ter sido a expressão de menor ocorrência (39%) no país ibérico, trata-se da mais recente difusão de nomenclatura, com vistas a uma certa tendência de uso por sua amplitude conceitual.

Como no Brasil, seu registro foi captado inicialmente na produção espanhola em 2009, no estudo de González-Fernandez-Villavicencio (2009, p. 5, tradução nossa). Nesse último, sob o intuito de aproximação teórica entre o conceito de marketing e sua aplicação em biblioteca, à luz das transformações tecnológicas e sociais, definiu *medios sociales*, a partir da Wikipédia, como “[...] uma fusão da sociologia e tecnologia, que transforma os monólogos em diálogos [...]”.

Por fim, nos Estados Unidos, o termo *Web 2.0* passou a ser utilizado a partir de 2006, com ápice de aplicação registrado até 2012 (Figura 17). Uma das causas desse alcance representativo (78%) (Tabela 7) é atribuída a uma infinidade de serviços e aplicativos da web, originados a partir desse conceito. Sua ocorrência foi captada a princípio no estudo de Rethlesfsen et al. (2006), apontada apenas como uma palavra-chave relacionada com seu foco de discussão: *software social e bibliotecas*.

Já a expressão *social web*, teve emprego tardio (2009) na literatura norte-americana, se comparada ao Brasil (2007) e à Espanha (2008). Por meio de apenas uma menção em seu artigo, Kristi Holmes e Ellen Dubinsky (2009) associaram a popularidade dos *social networking sites* com a construção de presença social na web.¹⁰⁴

Ao comparar os dados apresentados na Tabela 7, verifica-se que *Social Web* não é uma terminologia muito usual na produção científica estadunidense, além de ser, dentre todas as expressões analisadas nos três países, a de menor ocorrência (10%). Por sua vez, *social networks* tem sido empregada desde 2007, de forma ininterrupta (2007-2017), com alcance considerável (77%). Seu surgimento ocorreu em um artigo de Laurie Charnigo e Paula Barnett-Ellis, quando utilizaram a expressão *online social networks*, a partir dos estudos do filósofo canadense Stephen Downes, referindo-se ao Facebook como uma tendência digital em bibliotecas universitárias. Na oportunidade, as autoras comentaram sobre o baixo número de estudos

¹⁰⁴ “Social networking sites have gained currency as the fame of Facebook and MySpace spreads. Indeed, it is possible for anyone to build a rich *social Web* presence based upon any topic imaginable.” (HOLMES; DUBINSKY, 2009, p. 313, grifo nosso).

aprofundados a respeito do tema no campo da Biblioteconomia, embora o fenômeno social já estivesse disseminado na mídia.

Também em 2007, David Lankes, Joanne Silverstein e Scott Nicholson refletiram sobre as oportunidades e desafios das redes participativas para as bibliotecas, destacando características dos *social networking sites*¹⁰⁵, fundamentados na obra do jornalista canadense Malcom Gladwell. A exemplo de *Web 2.0*, a locução *social media* foi empregada pela primeira vez em 2006, por Rethlefsen e colaboradores, ao descreverem as aplicações de *social media*, dentre outros *social softwares*¹⁰⁶.




No entanto, essa terminologia passou a ser utilizada com maior constância a partir de 2010. “Nos últimos anos, o cenário tecnológico da Web passou por profundas transformações exigindo novos rótulos. Em decorrência, a popularidade do termo Web 2.0 diminuiu e a de *social media* começou a ganhar espaço.” (FARRELL; MAYER; RETHLEFSEN, 2011, p. 234, tradução nossa). *Social media*, apesar de não ser o mais frequente (46%), sobrepõe-se como uma tendência tanto por evidências quanto, e principalmente, por ser um conceito *guarda-chuva*, incluindo várias aplicações complementares entre si.

A partir das análises realizadas, este estudo define *social media* como um conjunto de aplicativos e plataformas de comunicação on-line, que possibilita a criação de conteúdo, além do compartilhamento de dados e informações de maneira colaborativa, nos mais diversos formatos — fotos, vídeos, textos, áudios e outros —, por meio de computadores ou dispositivos móveis. Na Figura 18, encontra-se uma síntese dos propositores terminológicos/nacionalidade da Ciência da Informação, conforme cada contexto, e demais possíveis influenciadores nesse sentido. Por fim, vale ressaltar que os universos analisados não são mutuamente excludentes. Afinal, esta investigação se aplica ao universo dos periódicos científicos do Brasil, Espanha e Estados Unidos, que contempla autores de nacionalidades diversas, além dos próprios países discutidos.

¹⁰⁵ Na literatura, foram notadas as variações *social network* e *social networking*. Sobre esse assunto, Garcia-Millian, Norton e Tennant (2012, p. 172-173, tradução e grifos nossos) explicam que Boyd e Ellison “[...] usam o termo *social network* em vez de *social networking* para enfatizarem que, embora *networking* (início de relacionamento entre estranhos) seja possível nesses *sites*, não é o uso principal de muitos deles. Pelo contrário, os indivíduos usam essas redes sociais mediadas por computador [ou dispositivos móveis/internet] principalmente para exibir e manter suas *social networks offline* [...]”.

¹⁰⁶ Termo definido por Rethlefsen et al. (2006) como um *software* que possibilita às pessoas colaborarem, comunicarem e conectarem entre si.

Figura 18 – Influências terminológicas do interdomínio na Ciência da Informação

	Web 2.0	web social	redes sociais	mídias sociais
	Blattman e Silva (2007) BRA Maness (2006) EUA Maness (2007) EUA Maness (2006) EUA	Gómez-Hernandez (2008) ESP <i>Jornadas Las bibliotecas en la web</i> ESP	Blattman e Silva (2007) BRA Maness (2006) EUA Maness (2007) EUA Maness (2006) EUA	Furtado (2009) BRA ¹ Maness (2006) EUA
	Roca (2006) EUA O'Reilly (2005) EUA	Juárez Urquijo (2008) ESP Arroyo (2008) ESP	González-Fernandez-Villavicencio (2009) ESP — Margaix-Arnal (2008) ESP Arroyo (2007) ESP Boyd e Ellison (2007) EUA Charnigo e Barnett (2007) EUA etc.	González-Fernandez-Villavicencio (2009) ESP Wikipedia
	Rethlefsen et al. (2008) EUA —	Holmes e Dubinsky (2009) EUA —	Charnigo e Barnett (2007) EUA Downes (2005) CAN Lankes, Silverstein e Nicholson (2007) EUA Gladwell (2002) CAN	Rethlefsen et al. (2008) EUA —

¹Em 2009, Furtado era doutoranda da Universidade de Aveiro (Portugal).

Citante
Citado

@lffgraphics

Fonte: elaboração própria.

Os dados revelam a influência estadunidense na introdução dos termos *Web 2.0*, *redes sociais* e *mídias sociais* na área, assim como a espanhola para *web social*. Um dado revelador foi o reflexo de autores do Canadá (Downes e Gladwell) com o emprego da expressão *redes sociais*. Analisando o campo de atuação dos citados, conclui-se a contribuição de pesquisadores da Ciência da Informação (ARROYO, 2008; BOYD; ELLISON, 2007; CHARNIGO; BARNETT, 2007; MANESS, 2006) em colaboração com outros campos, como Tecnologia (O'REILLY, 2005), Filosofia (DOWNES, 2005) e Comunicação (GLADWELL, 2002), além da participação social de usuários da Wikipédia.

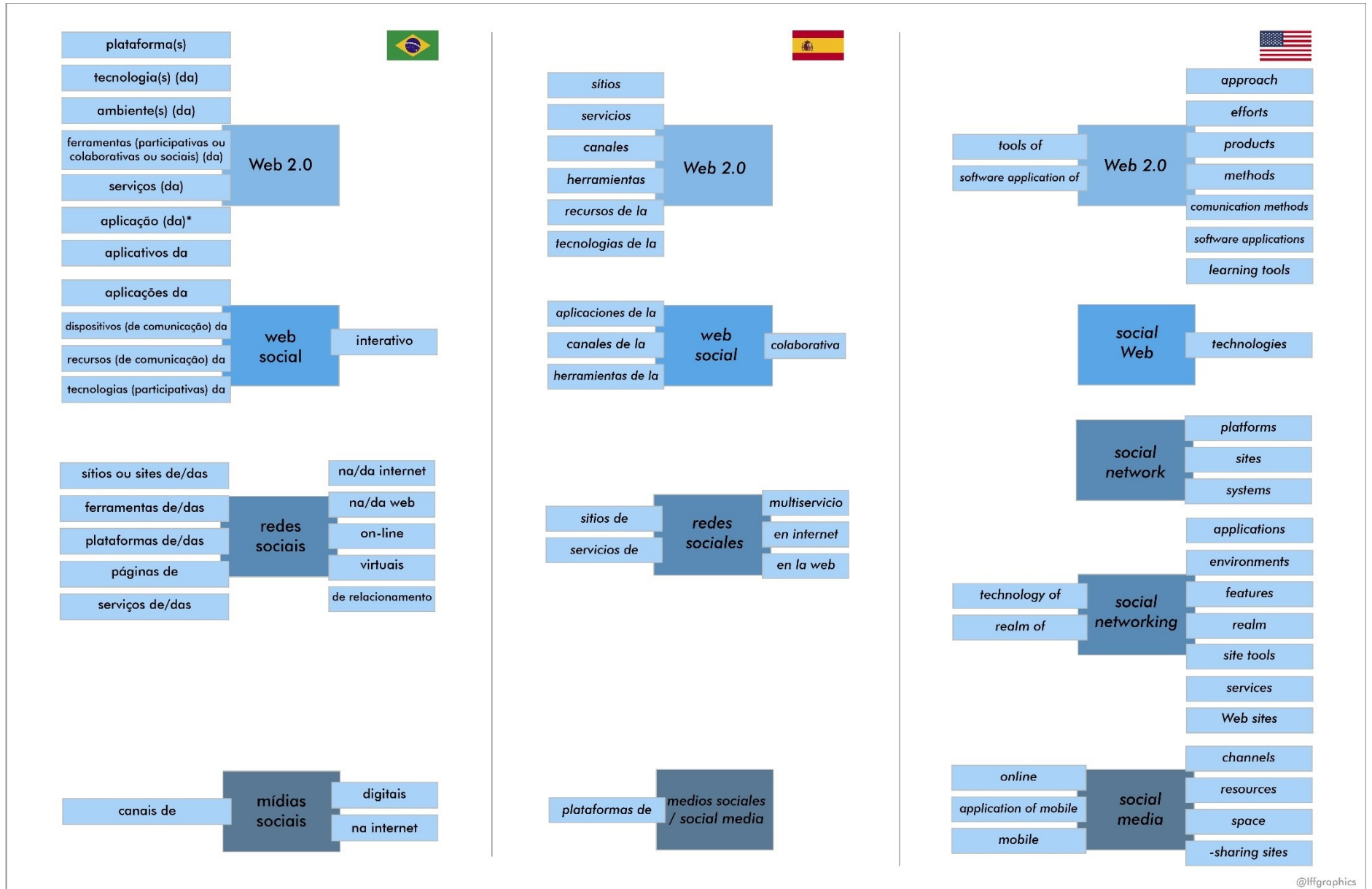
Além disso, houve na produção científica brasileira a ocorrência de outras terminologias similares¹⁰⁷, muitas vezes intercambiáveis, como: ferramentas colaborativas, sites de relacionamento social, ferramentas sociais de tecnologia web, plataformas sociais, e software social, no contexto espanhol e estadunidense interpretado como uma Tecnologia 2.0 ligada ao aproveitamento da inteligência coletiva.

5.4.1 Fatores internos da língua

Variação linguística é um fenômeno heterogêneo, vivo e dinâmico. Dessa forma, o uso da língua é condicionado a fatores internos e externos, tais como: geográfico, sociocultural, contextual e histórico, os quais se alteram conforme a comunidade discursiva e tipo de comunicação. Diante disso, apresentam-se na Figura 19 exemplos referentes a tais mudanças, captadas nas produções levantadas.

¹⁰⁷ Como convergência digital; inteligência coletiva; cibercultura e/ou ciberespaço; Biblioteca 2.0; serviços on-line ou da web; recursos da Web 2.0 e/ou plataformas Web 2.0; ferramentas colaborativas e/ou da Web 2.0 ou, ainda, ferramentas de redes sociais.

Figura 19 – Termos adjacentes às terminologias que representam os ambientes informacionais digitais



Fonte: elaboração própria.

Nota-se, no contexto brasileiro, o uso de termos adjacentes complementares à *Web 2.0*, *web social*, *redes sociais* e *mídias sociais*. Nesse sentido, eles aparecerem nas posições:

- a) anteposta como substantivo (*plataforma*, *tecnologia*, *serviços*, *ferramentas*, *aplicação* ou *aplicativos* + *Web 2.0* / *aplicações*, *dispositivos*, *recursos* ou *tecnologias* + *da web social* / *sítios*, *sites*, *ferramentas*, *plataformas*, *páginas* ou *serviços* + *de/das redes sociais* / *canais* + *de mídias sociais*);
- b) posposta enquanto complemento nominal (*redes sociais* + *na/da internet* ou *web* ou *de relacionamento* / *mídias sociais* + *na/da internet*);
- c) posposta em forma de adjetivos qualificadores (*web social* + *interativa* / *redes sociais* + *virtuais* ou *on-line* / *mídias sociais* + *digitais*).

Convém ainda ressaltar o considerável volume de termos antepostos de função substantiva ou especificamente classificatória, verificado tanto nos dados do Brasil quanto da Espanha, cujas línguas têm base no latim e fenômenos estruturais parecidos nesses casos — por exemplo: *serviços Web 2.0* e *servicios Web 2.0*. Por outro lado, marcadores de função similar podem ser vistos em maior quantidade como posição invertida (posposição) nos levantamentos em inglês, possivelmente devido à sua estrutura de raiz germânica — por exemplo: *Web 2.0 products*.

Verifica-se, ainda no âmbito brasileiro, casos de tradução direta do inglês para o português em expressões, como:

- a) *Web 2.0* – *ferramentas/tools of* (acompanhada ou não da proposição “de” e um adjetivo qualificador);
- b) *web social* – *tecnologias/technologies* (junto de um adjetivo qualificador) e a preposição “de”;
- c) *redes sociais* – *serviços de/services* ou *plataformas (de/da)/platforms*;
- d) *mídias sociais* – *canais de/channels*.

Também vale pontuar a adoção desse sistema no que se refere aos termos: *redes sociais* (*social networking/social network*) e *mídias sociais* (*social media*). Outra ocorrência nesse sentido é a influência de adaptação do espanhol para o português, a saber: *serviços/servicios* ou *tecnologias/tecnologías de la* + *Web 2.0*; *aplicações da/aplicaciones de la* + *web social*; *sítios de/sitios de*, *serviços de/servicios de* + *das redes sociais*; *redes sociais* + *na/da internet/en la internet* ou *na/da web/en la web*. Além disso, é possível constatar na base nacional a adaptação de vocábulos

adicionais, por vezes de campo lexical¹⁰⁸ ou semântico¹⁰⁹ aproximado às expressões originais em inglês ou traduzidas do espanhol, como: ambiente ou plataforma + Web 2.0; aplicações, dispositivos ou recursos + da web social; plataformas ou páginas + de redes sociais; redes sociais + on-line, virtuais ou de relacionamento; mídias sociais + digitais ou na internet. Em adição a isso, constata-se a adoção de somente parte de uma expressão, como nos comparativos: aplicativos + da Web 2.0 e *software application + of Web 2.0*; redes sociais + na/da web/*redes sociales + en la web* e *social networking + Web sites*.

Diante desses apontamentos, é possível inferir alguns padrões principais de uso na base do Brasil: tradução direta do inglês¹¹⁰, adaptação do espanhol¹¹¹ (ambos fatores externos) e inclusão de outras expressões sem relação direta com mesmo contexto nas produções de ambos os países exteriores¹¹². Nesse último aspecto, a amplitude de vocabulário, inclusive já na língua portuguesa, pode ter ainda traços de trocas de ocorrências/fragmentos da própria área de tecnologia e sua comunidade, como visto nos casos das palavras consagradas no idioma: *página*, *dispositivos*, *recursos* e *digitais*.

Também é notada no Brasil certa criatividade, em comparação à Espanha e Estados Unidos, na forma com que essas expressões são aplicadas nesse contexto, em face à diversidade apontada — tradução direta ou em parte, adaptação, supressões, adição de novas terminologias e adjetivos qualificadores.

Logo, a aplicação de certas terminologias pode ter origem nas constantes atualizações nesse meio, similarmente à língua em sua incessante transformação e heterogeneidade, cuja assimilação ocorre de diferentes formas, dentre elas conforme a situação dos falantes ou redes de comunicação nas quais estão inseridos. Por isso,

¹⁰⁸ Grupo de palavras pertencentes a uma mesma área (ILARI; GERALDI, 2006).

¹⁰⁹ Conjunto de significados ou conceitos de uma palavra, dessa forma, ela pode ter um ou mais sentidos conforme o contexto de uso (ILARI; GERALDI, 2006).

¹¹⁰ A exemplo da expressão *social network sites* utilizada por Boyd e Ellison, no artigo *Social network sites: Definition, history, and scholarship*, em 2007.

¹¹¹ Baseando-se inclusive nos estudos de Boyd e Ellison (2007), Margaix-Arnal emprega a mesma terminologia que a referida dupla de especialistas, ao analisar o conceito e tipologias dos *sítios de redes sociales* no artigo *Las bibliotecas universitarias y Facebook: cómo y por qué estar presentes*, publicado em 2008. Esse último é um dos pesquisadores da comunidade epistêmica internacional, na rede estabelecida entre Brasil-Espanha, assim, acredita-se que ele possa ter sido um dos responsáveis por difundir a expressão *sítios de redes sociales* na produção científica brasileira.

¹¹² Como *dispositivos de comunicação na web*, abordado por Gomes, Prudêncio e Conceição (2010), a partir do conceito de dispositivo de Peraya (1999).

o uso de um termo pode se prolongar, alterar ou cair em desuso com o passar do tempo.

5.5 Classificações e tesouros

A constante evolução tecnológica, com uma periodicidade cada vez mais curta¹¹³, conduz distintas mídias sociais à incorporação de atividades das bibliotecas, como plataformas de compartilhamento de imagens, wikis, serviços de mensagens instantâneas, plataformas de compartilhamento de vídeos, *content sharing*, além de plataformas de jogos on-line, redes sociais on-line horizontais e verticais, blogs e *Content Management Systems* (CMS), *RSS feeds* e marcadores sociais (Figura 20).

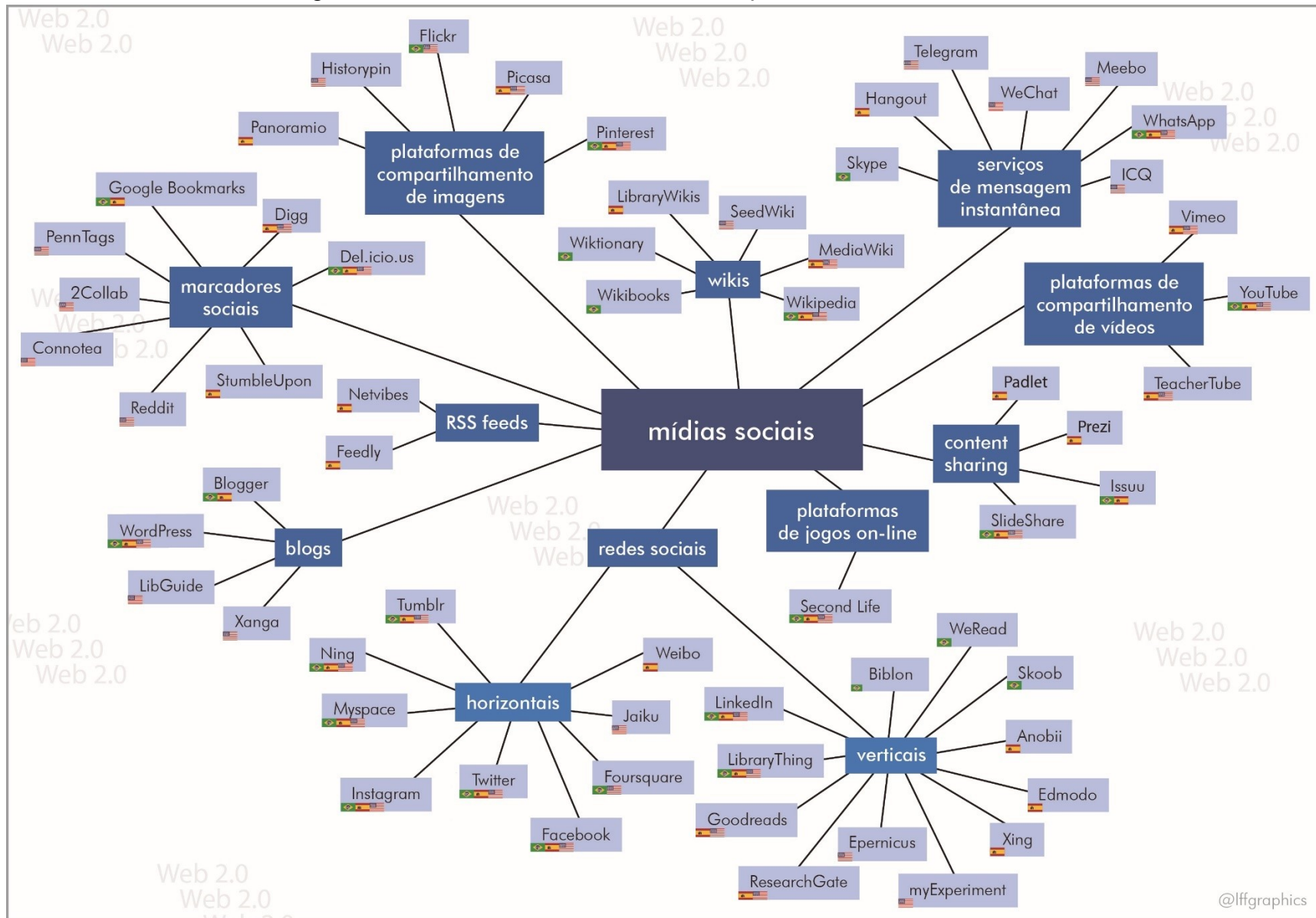
Dentre as mídias sociais de maior interesse investigativo comum aos três países, destacam-se: Facebook, Youtube, WhatsApp, Instagram, Twitter, Pinterest, Library Thing, LinkedIn, Myspace, Ning, Tumblr, Second Life, WordPress, Del.icio.us, Wikipédia, Slideshare. Segundo dados publicados pela *We Are Social* (capítulo 1, Figura 6), em janeiro de 2020, as seis primeiras são integrantes do ranking das plataformas mais usadas no mundo no segmento.

Na dinâmica sociedade contemporânea, na qual “[...] acordos são temporários, passageiros e válidos apenas até novo aviso [...]” (BAUMAN, 2013, p. 14, tradução nossa), mídias sociais são criadas, reinventadas, extintas ou caem no esquecimento em um curto espaço de tempo. No levantamento realizado, foram identificadas ferramentas e aplicações da Web 2.0 adotadas pelas bibliotecas em questão, tais como Google+, Friendster e Orkut (*online social networks*), em adição às plataformas de mensagens instantâneas Yahoo Messenger, MSN Messenger e AIM, que, apesar de seu êxito e relevância, não existem mais.

Transitar nesse contexto exige esforço contínuo das equipes das unidades informacionais em se adaptarem às circunstâncias em constante mudança, pois “[...] as condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

¹¹³ Representada no esquema de ondas significativas de inovação sobrepostas de Hargroves e Smith (2005), adaptado por Desha e Hargroves (2011), conforme apresentado no capítulo 2 (Figura 8).

Figura 20 – Mídias sociais mais utilizadas por bibliotecas, 2006-2017



Fonte: adaptado de Infante-Fernández e Faba-Pérez (2017).

Na Tabela 8, estão indicadas as tipologias de bibliotecas nas quais, geralmente, são aplicadas as pesquisas do interdomínio.

Tabela 8 – Esfera de aplicação das pesquisas sobre mídias sociais e bibliotecas

Tipologia	Brasil		Espanha		Estados Unidos	
	#	%	#	%	#	%
Bibliotecas universitárias	27	50	20	37	50	73
Bibliotecas em geral ¹	14	26	14	26	12	17
Bibliotecas públicas ²	5	9	12	22	0	0
Bibliotecas escolares	4	7	2	4	2	3
Bibliotecas nacionais	3	6	2	4	0	0
Bibliotecas especializadas	1	2	4	7	3	4
Bibliotecas digitais	0	-	0	0	2	3
Total	54	100	54	100	69	100

¹ Engloba pesquisas aplicadas em mais de uma tipologia de biblioteca.

² Refere-se a bibliotecas municipais, estaduais e/ou provinciais.

Fonte: elaboração própria.

Além das reflexões sobre a implementação das tecnologias da Web 2.0 em bibliotecas em geral, os trabalhos avaliados têm sido aplicados majoritariamente naquelas voltadas aos segmentos universitário e de pesquisa do Brasil (50%), Espanha (37%) e Estados Unidos (73%). Além disso, foram identificados estudos em unidades de informação de Portugal, Nigéria, Canadá, Israel, China e México. Nesse grupo, inserido na produção científica estadunidense, sobressaem-se as bibliotecas da área de Ciências da Saúde, reafirmando os resultados encontrados nos estudos bibliométricos (seção 5.2), no qual o *Medical Reference Services Quarterly*, do referido setor, é o periódico com o maior número de artigos sobre o interdomínio.

Como as instituições de ensino superior recebem investimento financeiro e outros tipos de apoio, conseqüentemente, suas bibliotecas tendem a possuir tecnologias e equipamentos mais avançados, combinados a padrões mais elevados, sendo pioneiras na prestação de serviços de informação (HUANG; GUO, 2017).

Também foram notados, nos três países, estudos em bibliotecas escolares e especializadas — museus, arquivo, instituto de estudos, jurídica e saúde/biociências. No Brasil e na Espanha, realizaram-se, ainda, pesquisas em bibliotecas públicas (municipais e provinciais) e nacionais; enquanto nos Estados Unidos, em bibliotecas digitais. A partir de estudos similares aos exibidos por França e Carvalho (2018) no

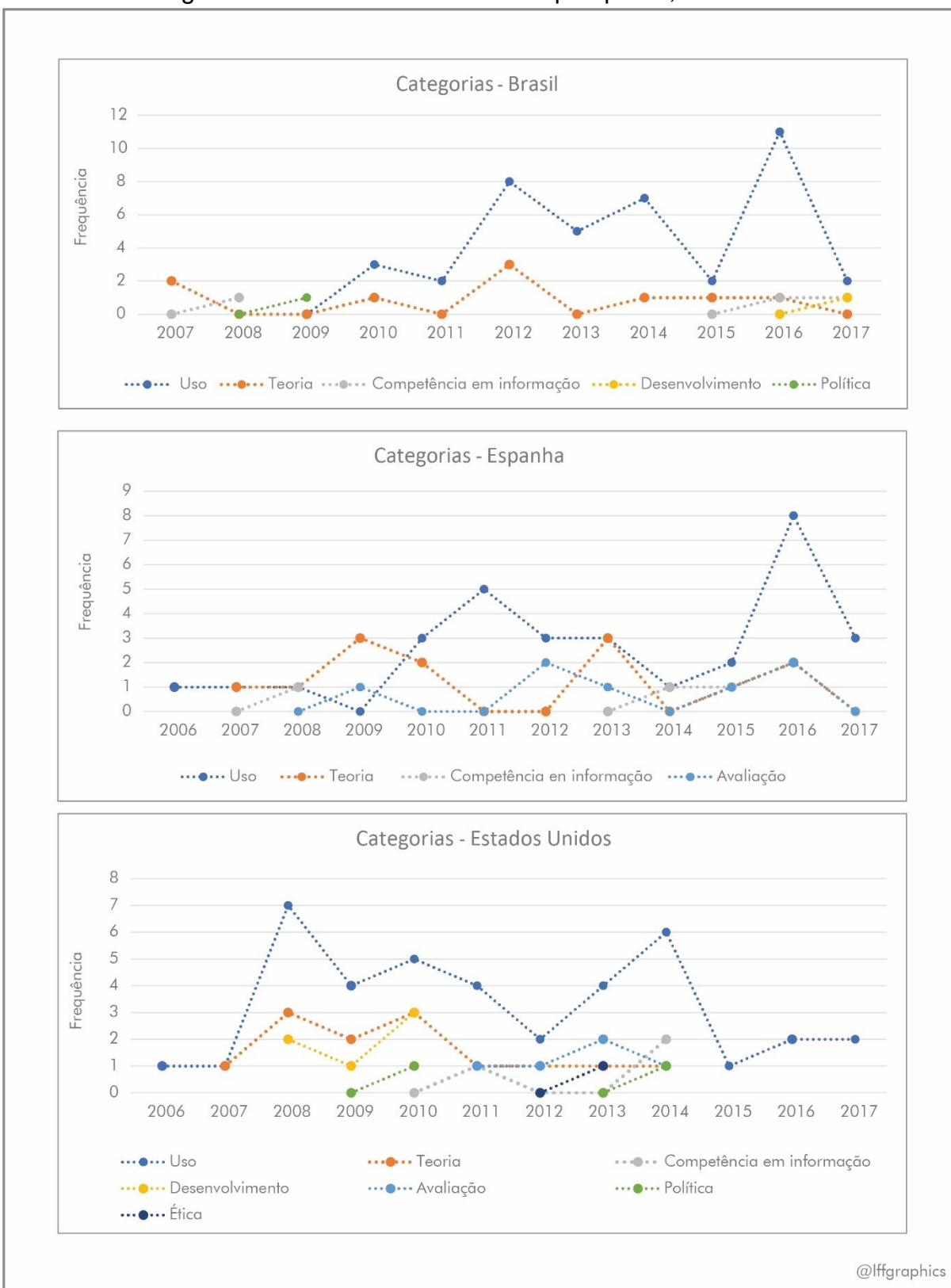
Enancib, percebeu-se que investigadores do Brasil têm desenvolvido pesquisas sobre mídias sociais nesse último contexto.

Na Figura 21, é possível acompanhar o mapeamento do contexto temático das pesquisas, no período de 2006 a 2017, nos âmbitos analisados, a partir das categorias propostas por Santos et al. (2013), ampliadas por França, Carvalho e Grácio (2018). Independentemente das incertezas, limitações e complexidades inerentes, a evolução das mídias sociais é uma realidade imprescindível que continua a crescer, e “[...] configurou-se [...] como um novo estado natural das coisas [...]”, nas palavras dos responsáveis pelo serviço web da Biblioteca Nacional da Espanha (MELÓN RODILLA et al., 2012, p. 128). Na literatura, o *uso* dessas plataformas em bibliotecas convencionais — atividades internas, serviços e gestão — e digitais, bem como por profissionais da informação e usuários foi exaustivamente discutido a partir de 2006, na Espanha e nos Estados Unidos; no Brasil, de maneira ininterrupta, de 2009 em diante.

Desde os primeiros documentos analisados, nota-se a persistência dos autores em compartilharem experiências, o que indica certa preocupação recorrente em refletir a práxis com rigor intelectual para mostrar a relação estabelecida entre bibliotecas e mídias sociais. Em adição à análise da presença dessas organizações em tais plataformas, os estudos visaram compreender e explorar o seu *uso*; verificar o grau de conscientização, conhecimento e colaboração dos bibliotecários; conhecer as preferências e nível de interação dos usuários; compartilhar êxitos, insucessos e desafios; elaborar diretrizes e sugerir boas práticas. Na opinião de Jonathan Bodnar e Ameer Doshi (2011, p. 109, tradução nossa), “Na área de uso, permanecem questionamentos importantes a serem feitos, áreas a explorar e pesquisas a conduzir.”

Nessa mesma linha, identifica-se o comportamento de uma série de investigações de caráter *teórico*, fomentadora do pensamento crítico, registrada a partir de 2007, de maneira diacrônica no Brasil (2007, 2010, 2012, 2014-2016) e Espanha (2007-2010, 2013, 2015-2017), mas de maneira ininterrupta nos Estados Unidos (2007-2014). Esses estudos buscaram conhecer as propriedades — tipologias, funcionamento e aplicações — caracterizadoras do objeto; as bases conceituais que o fundamentam e capacidade de questionar sua natureza; analisar sua criação, ascensão e queda; além de avaliar problemas, oportunidades e desafios.

Figura 21 – Percurso temático das pesquisas, 2006-2017



Fonte: elaboração própria.

Superadas as inquietações da primeira fase, com vistas ao aprofundamento de determinados âmbitos e ampliação de outros, a partir de 2013, na Espanha, assomam-se as contribuições teóricas de caráter *avaliativo*.

A avaliação da qualidade sempre foi um componente crítico da gestão de bibliotecas e um tema de interesse e discussão entre profissionais da informação e pesquisadores. Com a implementação das mídias sociais nas organizações, surgem novos indicadores, métricas e instrumentos para auxiliar o monitoramento e gerenciamento do grande volume de dados gerado a cada dia.

Conhecer, experimentar e implementar ferramentas que otimizem o tempo dedicado às tarefas operacionais é um dos grandes desafios já enfrentados. Nesse contexto, novos conceitos também passam a fazer parte de discussões da área (identidade digital, KPI, reputação digital, ROI), surgem novos questionamentos (métricas e indicadores), enquanto outros modelos são propostos (índice Influ@RT e outros indicadores).

Nesse segmento, González-Fernández-Villavicencio (2014), a partir da tese intitulada *La rentabilidad de la biblioteca en la web social*, avaliou métricas ou indicadores classificados por objetivos de negócio ou táticos e estratégicos, que serviram de base para recompilação de dados mensais de 18 bibliotecas espanholas — universitária, públicas, especializadas e escolares — com perfis ativos nas mídias sociais durante o ano de 2012. Já em 2016, publicou o livro *Métricas de la web social para bibliotecas*, como resultado de sua pesquisa de doutorado.

A especialista se evidencia dentre os membros da comunidade epistêmica de seu país e, embora não tenha visibilidade internacional, parte de seus trabalhos relacionados com marketing digital e ROI foi utilizada como base teórica de alguns artigos da produção científica brasileira, embora não haja menção à sua tese ou livro. Seguramente, o avanço desses estudos coloca o país à frente dos demais no tocante a essa área. Isso se deve, sobretudo, à influência da autora em trabalhos de caráter prático, teórico e avaliativo, publicados em 2016.

Visando o processo de tomada de decisão e êxito nos objetivos definidos em bibliotecas, dentre as métricas e recursos de coleta de dados, gestão e análise social, experimentadas pela comunidade discursiva espanhola, sublinham-se: Klout, PeerIndex, SoMeS, Tfengyun.com, Twitter Analytics, Twitter-Grader, Twitalyzer, TweetLevel, Twittonomy, Facebook Insights, LikeAlyzer, Fanpage Karma, Hootsuite, Feedly, WP Statistics e Alexa.

Nos Estados Unidos, as contribuições a respeito da avaliação discutiram o uso das ferramentas Facebook Insights e Page Insights e da métrica *anecdotal evidence*. Verificou-se, ainda, a criação de sistemas próprios para examinar a implementação de wikis nos departamentos de serviços técnicos e com o foco em medir a qualidade de websites em mídias sociais. Ressaltam-se as categorias uso, política e desenvolvimento, nas quais havia artigos cujo objetivo se interligava de maneira indireta a um processo ou projeto de avaliação.

Conforme Vieira (2013) e Prado (2015), o viés avaliativo é etapa essencial no contexto do uso de mídias sociais em bibliotecas, contudo, no Brasil não foi encontrado estudo com esse teor. Das sete *diretrizes* apontadas por Prado (2015), em sua dissertação, destacam-se três relacionadas com o tema em questão: monitoramento e métricas, assim como gestão de crise e cronograma avaliativo. Por sua vez, o *modelo conceitual de adoção de redes sociais*, desenvolvido por Vieira (2013) em sua tese, contempla seis, dentre as quais se insere o referido processo avaliativo.

Segundo o autor, tal elemento determina o momento exato em que as ações desenvolvidas nesses canais serão medidas e avaliadas pela equipe ou responsável por essa função na biblioteca. A etapa também é definitiva para constatar a sua melhoria ou até mesmo o cancelamento de perfil, se o retorno não tiver sido proveitoso.

Além disso, convém considerar o monitoramento de indicadores e métricas, conforme delimitação de González-Fernández-Villavicencio et al. (2013), citada por Vieira (2013), para o alcance do ROI em projetos ligados ao uso de plataformas de aplicações para a web social. Nesse ponto, cabe a decisão de se definir quais ferramentas Web 2.0 serão adotadas, de modo a ser considerada sua necessidade ou benefício para aquela unidade de informação (VIEIRA, 2013).

Nos três âmbitos, observou-se ainda a aplicação de indicadores e métricas relacionados com objetivos de negócios táticos: alcance e frequência de atividade, fidelização, influência, participação e ROI, propostos González-Fernández-Villavicencio (2016). Contudo, no Brasil e Estados Unidos estudos dessa natureza não estavam fundamentados na pesquisa e obra da referida autora.

Por outro lado, somente em ambos os países houve artigos na área de *desenvolvimento* de recursos de informação na internet, nos períodos de 2008-2010 e 2017, respectivamente. Os trabalhos estadunidenses exploraram o compartilhamento

de experiências quanto à incorporação dos recursos da biblioteca em sistemas de gerenciamento de conteúdo (CMS) de cursos, em complemento ao processo de planejamento, construção e implementação de CMS, páginas personalizáveis e websites colaborativos. Já os elaborados no Brasil, buscaram a criação de um protótipo de rede social destinada ao empréstimo de livros. Esses estudos também discutiram desafios enfrentados, apresentaram recomendações e sintetizaram melhores práticas.

Por sua vez, as pesquisas referentes à *competência em informação* discutiram o processo e criação de material didático para treinamento de usuários e capacitação de equipes de bibliotecas, bem como o impacto das mídias sociais na alfabetização informacional e em tecnologia da informação. Embora o número de artigos dessa categoria não seja representativo — Brasil: 2008, 2016, 2017; Espanha: 2008, 2014, 2015; Estados Unidos: 2011, 2014 —, salienta-se o processo de formação de usuários e profissionais da informação como preocupação constante.

Inclusive, o tema aparece de maneira subliminar nas abordagens dos cunhos teórico, de desenvolvimento e aplicações práticas, apresentado como desafio ou recomendação a bibliotecários, associações de profissionais e escolas de Biblioteconomia. Tanto nas investigações sobre avaliação como nas de competências em informação, identificam-se relações entre teoria e prática.

Na categoria *política*, encontram-se os estudos do Brasil (2009) e Estados Unidos (2011-2014), nos quais há programas públicos de incentivo e implantação de bibliotecas, elaboração de políticas de comunicação com foco em mídias sociais — privacidade, uso, conteúdo e alcance —, além de políticas técnica e organizacional de marcação social para ampliar a capacidade de fluxo de informações do usuário. Por fim, a proteção à privacidade no contexto da Biblioteca 2.0 foi tema de discussão de um trabalho classificado em *ética*, especificado somente na produção científica estadunidense em 2013.

O Quadro 9 sintetiza o contexto temático em que as pesquisas sobre o interdomínio foram desenvolvidas.

Quadro 9 – Contexto temático das pesquisas

Categorias	Brasil	Espanha	Estados Unidos
Uso	X	X	X
Teoria	X	X	X
Avaliação		X	X
Desenvolvimento	X		X
Competência em Informação	X	X	X
Política	X		X
Ética			X

Fonte: elaboração própria.

No Brasil e na Espanha, não foram identificadas produções sobre questões éticas no interdomínio. Nesse último país, em particular, não houve investigação adscrita nas categorias *política* e *desenvolvimento* — planejamento e construção de tecnologias. Considerando a subjetividade no momento de se classificar o interdomínio, suas distintas possibilidades interpretativas, bem como o fato de o conteúdo dos artigos se perpassar, articular e, de certo modo, complementar-se a outros, percebeu-se que as categorias de *uso* e *avaliação* ainda figuraram como subcategorias.

Mediante à pandemia da covid-19, disseminada no primeiro trimestre de 2020, as comunidades internacionais de bibliotecas (associações e instituições desse segmento) passaram a publicar declarações (respostas iniciais) frente ao novo cenário, reforçando a importância do papel de tais espaços em situações de emergência e tempos de crise. Diante disso, a *migração dos serviços para plataformas digitais* surgiu dentre os cinco padrões para uma Agenda da Biblioteca Europeia na era pós-covid19, conforme identificado pela European Bureau of Library, Information and Documentation Associations (EBLIDA, 2020). Essa iniciativa sugere que práticas de *competências em informação* por parte de bibliotecas possam emergir como uma das grandes tendências dos próximos anos, cujo desafio está no desenvolvimento de habilidades específicas voltadas a equipes da área e informações de seus usuários, considerando o compromisso das bibliotecas em prol da alfabetização informacional.

“As plataformas de mídia social também são úteis em serviços de referência e informação on-line, bem como programas de orientação de bibliotecas e alfabetização informacional [...]” (IFIJEH; YUSUF, 2020, p. 3, tradução nossa). Essa, portanto, é uma das práticas orientadas, para que essas unidades informacionais possam garantir

seu espaço na sociedade, mediante à eminente mudança nas metodologias de ensino pós-covid-19.

Ainda sobre a promoção de recursos digitais, a Library Association of Ireland (LAI) divulgou que esses profissionais têm facilitado o envolvimento de grupos remotos — clube de livros on-line e contação de histórias — através das mídias sociais (KOSCIEJEW, 2020). Na Alemanha, Holanda, Noruega e Espanha, por exemplo, o serviço de narrativa digital foi oferecido por meio de grupos do Facebook e perfis do YouTube; enquanto na Bulgária, a primeira rede indicada e Instagram foram usadas para promover encontros tradicionais com poetas e escritores, “[...] intercâmbio de bibliotecas e (re)uso de produtos digitais.” (EBLIDA, 2020, p. 11, tradução nossa).

Sobre a colaboração interbibliotecária, outro tema relevante nesse âmbito, a LAI declara o uso das mídias sociais como canal oficial de comunicação, além de websites institucionais e plataformas de videoconferências para reuniões, grupos de estudo e sessões em geral (KOSCIEJEW, 2020). Portanto, definitivamente, as bibliotecas estão sendo modificadas e suas práticas remodeladas pelas tecnologias.

Na Tabela 9, é possível observar a distribuição dos artigos no plano geral de classificação: o Tesouro do Ibict. Seus dados revelam que a maioria dos documentos, nos três âmbitos, enquadra-se no grupo dos serviços de bibliotecas (Brasil, 46%; Espanha, 48%; Estados Unidos, 65%). Isso decorre, seguramente, pelo fato de essas atividades passarem a ser oferecidas via web, sobretudo por meio das mídias sociais, as quais ainda ampliam o compartilhamento de informação on-line. Destacam-se, ainda, os estudos de *metrias da informação e comunicação* (6%), identificados apenas na Espanha; os relacionados ao *desenvolvimento de coleções* (1%) e *direito à informação* (1%); somente nos Estados Unidos; e, exclusivamente no Brasil, as pesquisas relativas aos *serviços de informação* (2%), *programas e aplicações de computador* (4%), *transferência e acesso à informação* (2%) e *políticas e ações de informações* (2%).

Tabela 9 – Distribuição da atribuição dos artigos no plano geral do TBCI/Ibict

Classificações TBCI/Ibict	Brasil		Espanha		Estados Unidos	
	#	%	#	%	#	%
1.4.1 Metrias da informação e comunicação	0	-	3	6	0	-
2.1.1 Representação da informação	0	-	3	6	1	1
2.1.2 Sistemas de organização do conhecimento	0	-	1	2	3	4
3.1 Gestão de bibliotecas	10	19	15	28	1	1
3.1.1 Serviços de bibliotecas	25	46	26	48	45	65
3.1.2 Desenvolvimento de coleções	0	-	0	-	1	1
3.2 Usuários e Usos da Informação	0	-	2	4	6	9
3.3 Serviços de informação	8	15	0	-	0	-
5.2 Programas de computador	1	2	0	-	0	-
5.3 Aplicações de computador	1	2	0	-	0	-
5.4 Redes de comunicação e informação	0	-	1	2	7	10
5.5 Gestão nas TIC	1	2	1	2	1	1
6.2 Transferência e acesso à informação	3	6	0	-	0	-
6.2.1 Direito à informação	0	-	0	-	1	1
6.2.2 Políticas e ações de informação	1	2	0	-	0	-
6.4 Sociedade da Informação	4	7	2	4	3	4
Total	54	100	54	100	69	100

Fonte: elaboração própria.

Como mencionado na *Metodologia*, um volume dos artigos do Brasil passou por um processo de reclassificação, sendo uma parte transferida do *3.1 Gestão de bibliotecas* (1) e *6.4 Sociedade da Informação* (3) para *3.1.1 Serviços de bibliotecas*; e outra, de *3.3 Disseminação da informação* (3) para *6.2 Transferência e acesso à informação*. Essa não linearidade no estudo do interdomínio é prevista e comparada, por Albrechtsen (2015), citado por Hjørland (2017), com a espiral hermenêutica: o pesquisador investiga domínios a partir de sua pré-compreensão, no entanto, durante o percurso, o conhecimento muda, alterando a maneira de estudá-lo em uma espiral.

No Quadro 10, encontram-se as principais ideias e conceitos articulados nos artigos analisados, sistematizados a partir da classificação do TBCI do Ibict (PINHEIRO; FERREZ, 2014).

Quadro 10 – Representatividade do interdomínio no TBCI/Ibict e proposta de novos termos

Classificação TBCI/Ibict	Ideias e conceitos	Novos termos
1.4.1 Métricas da informação e comunicação	<i>Métricas das redes sociais . Cibermetria</i>	<i>Altimetría. Cibermetría. Métricas de los medios sociales.</i>
2.1.1 Representação da Informação	Catálogo coletivo	<i>Opac social. Opac 2.0. Social Opac. Opac 2.0.</i>
2.1.2 Sistemas de organização do conhecimento	Folksonomia <i>Biblioteca 2.0 . Etiquetas . Web social . Searchable signatures</i>	<i>Tags. Indización colectiva. Nubes de etiquetas. Etiquetado social. Folksonomies. Social tagging.</i>
3.1 Gestão de bibliotecas e recursos de informação	<i>Marketing . Fidelização . Promoção da leitura Escrita . Vlogs literários . Tecnologias digitais Canal de Informação . Promoção de produtos e serviços Cooperação bibliotecária. Fidelização . Identidade e reputação digital</i>	<i>Marketing digital. Fidelização. Identidad digital. Reputación online. Fidelización. Política bibliotecaria. Canales de comunicación¹ (marketing). Indicadores de calidad. Gestión de medios sociales. Digital marketing. Digital Identity. Engagement. Quality Indicators. Social reach. Return On Investment. Social Media Management. Channels of communication¹ (marketing).</i>
3.1.1 Serviços de biblioteca	<i>Biblioteca 2.0 . Cooperação bibliotecária . Serviços de referência on-line Uso de redes sociais pelas bibliotecas e percepção de seus bibliotecários/equipe Colaboração . Interação . Participação . Inteligência coletiva Presença digital . Diretrizes de uso . Função educativa Letramento informacional . Cognição humana Formação de usuários . Alfabetização em informação Bibliotecário 2.0 . Serviços de referência on-line . Serviços técnicos Metatados . Trabalho colaborativo . Difusão da coleção Compartilhamento de recursos . Marketing . Popularidade . Visibilidade Influência . Imagem . Learning 2.0 . Alfabetização digital Melhores práticas . Sistemas de gestão de cursos (CMS)</i>	<i>Colaboração social. Uso de las redes sociales (biblioteca). Uso de las redes sociales (usuarios). Gerenciamento de mídias sociais. Difusión de la información¹. Online reference services. User services. Outreach Programs². Dissemination of the collection. Library staff. Information Professionals. Best practices².</i>
3.1.2 Desenvolvimento de coleções	<i>Coleção digital . Coleções de vídeo</i>	<i>Digital Collection.</i>
3.2 Usuários e usos da informação	<i>Comportamento do usuário . Conteúdo gerado por usuários . Criação de comunidade</i>	<i>User-generated content. Online instruction.</i>
3.3 Serviços de informação	<i>Disseminação seletiva da informação . Serviços de orientação Serviço de referência on-line . Utilização da web . Comunicação Uso de tecnologias . Competência informacional</i>	<i>Mediação da informação</i>
5.2 Programas de computador	<i>Usabilidade</i>	<i>Usabilidade</i>
5.3 Aplicações de computador	<i>Automação de bibliotecas . Informatização de bibliotecas</i>	–

(continua)

5.4	Redes de comunicação e informação, internet, web	Páginas da web . <i>Visibilidade</i> . <i>Acessibilidade</i> Recursos de informação na internet . Biblioteca 2.0 Colaboração bibliotecária . Bibliotecas digitais	<i>Comunicación digital. Usabilidad. Accesibilidad.</i>
5.5	Gestão das TIC	<i>Preservação digital</i> <i>Gestão de conteúdo na web</i> . <i>Agregadores de conteúdo</i> Curadoria digital . Curadoria social	<i>Social curation.</i>
6.2	Transferência e acesso à informação	<i>Interculturalidade</i> . <i>Leitura</i> . <i>Conteúdo digital</i> . <i>Interação</i> <i>Disseminação da informação</i>	–
6.2.1	Direito à informação e propriedade intelectual	Direito à privacidade . Biblioteca digital . Biblioteca 2.0	–
6.2.2	Políticas e ações de informação	<i>Programas de incentivo e implantação de bibliotecas escolares</i> <i>Biblioteca 2.0</i> . <i>Educação</i> . <i>Sociedade da Informação</i>	–
6.4	Sociedade da Informação	Redes sociais . Mídias sociais . Biblioteca 2.0 <i>Cibercultura</i> . <i>E-commerce</i> . <i>Inteligência emocional</i> Alfabetização digital . Software social . Participação social Colaboração . Inteligência coletiva . Redes participativas	<i>Biblioteca 2.0. Blogs. Wikis. RSS feeds. Web social.</i> <i>Marcadores sociais. Mídias sociais. Redes sociais on-line.</i> <i>Tecnologias da Web 2.0. Plataformas de compartilhamento de imagens. Plataformas de compartilhamento de vídeos. Vlogs.</i> <i>Plataformas de jogos on-line. Participação social. Inteligência coletiva.</i> <i>Plataformas de compartilhamento de conteúdo. Interação social.</i> <i>Tecnologías de la Web 2.0. Medios sociales¹. Gamificación.</i> <i>Marcadores sociales. Fotoblogs. Plataformas sociales de imágenes.</i> <i>Plataformas sociales audiovisuales. Plataformas de juegos sociales.</i> <i>Participación social¹. Interacción social¹. Inteligencia emocional.</i> <i>Web 2.0 technologies². Online Social networks. Weblogs. Microblogs.</i> <i>Social Web. Social media^{1,2}. Library 2.0. Social software.</i> <i>Instant messaging. Content sharing. Content Management Systems.</i> <i>Social bookmarkings. Video-sharing platforms.</i> <i>Image-sharing platforms. Online gaming platforms.</i> <i>Social participation¹. Social interaction¹. Collective intelligence.</i>

Fonte na cor preta: comum a mais de um país; verde: Brasil; vermelho: Espanha; azul: Estados Unidos.

¹ Unesco Thesaurus. ² Eric Thesaurus.

Fonte: elaboração própria.





























A construção do conhecimento é um processo dinâmico que acompanha a evolução da sociedade. Assim, a análise e organização do conteúdo dessas produções, a partir das categorias e classificações indicadas, permitiram a determinação de um número considerável de novos descritores. Esses inclusive são muitas vezes atribuídos livremente pelos autores, por falta de representatividade conceitual no campo *palavras-chave* de suas publicações, por se tratar de uma temática emergente. Convém, então, ressaltar o uso de linguagens de indexação, enquanto viabilizador do processo de recuperação da informação. Por sua vez, “[...] vocabulários controlados continuam sendo uma ferramenta essencial e devem ser atualizados adequadamente.” (VÁLLEZ et al., 2015, p. 881).

Diante do exposto, na terceira coluna do Quadro 10, estão indicados termos emergentes — gerais, específicos e relacionados — representativos do interdomínio analisado, no Brasil, Espanha e Estados Unidos, no período de 2006 a 2017. Também estão sinalizadas algumas expressões contempladas no *Unesco Thesaurus* e no *Eric Thesaurus*, como: *canales de comunicación, channels of communication, difusión de la información, medios sociales, social participation, social interaction*, no primeiro; *outreach programs, best practices, Web 2.0 Technologies*, no segundo; *social media*, em ambos.

O estudo dessa abordagem (classificações e tesouros) possibilitou a identificação desses novos elementos e, conseqüentemente, a proposição de atualização do *Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação* (PINHEIRO; FERREZ, 2014), além da ampliação do mapa conceitual sobre as taxonomias das mídias sociais de Infante-Fernández e Faba-Pérez (2017), assim como das categorias do contexto tecnológico de Santos et al. (2013).

Por fim, na Figura 22, é indicada a abrangência do interdomínio analisado na Ciência da Informação de cada país, disposta no *Plano Geral de Classificação* do TBCI/Ibict. Tomando por base essa organização sistemática, é possível afirmar que as pesquisas sobre *mídias sociais* e *bibliotecas* desenvolvidas nessas regiões são aplicadas nas categorias: *Gestão da Informação* quanto ao gerenciamento de bibliotecas, incluindo seus *serviços*; *Tecnologias da Informação e Comunicação*, no tocante à gestão e *Comunicação e acesso à informação*, na qual está inserida a subcategoria *Sociedade da Informação*.

Figura 22 – Representação do interdomínio na Ciência da Informação

1 Epistemologia da Ciência da Informação
1.1 História da Ciência da Informação
1.2 Teorias na Ciência da Informação
1.3 Interdisciplinaridade
1.4 Métodos de Pesquisa e Análise
1.4.1 Métricas da informação e comunicação 
1.5 Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins
1.6 Profissão e Mercado de Trabalho
2 Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação
2.1 Organização do Conhecimento
2.1.1 Representação da informação  
2.1.2 Sistemas de organização do conhecimento  
2.2 Recuperação da Informação
2.2.1 Medidas de avaliação de sistemas de recuperação da informação
3 Gestão da Informação
3.1 Gestão de Bibliotecas e Recursos de Informação   
3.1.1 Serviços de biblioteca   
3.1.2 Desenvolvimento de coleções 
3.1.3 Preservação de documentos
3.2 Usuários e Usos da Informação  
3.3 Serviços de Informação 
4 Informação e Conhecimento Estratégicos nas Organizações
4.1 Inteligência Competitiva
4.1.1 Métodos de análise na inteligência competitiva
4.2 Gestão do Conhecimento
5 Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC
5.1 Equipamentos de Computador
5.2 Programas de Computador 
5.3 Aplicações de Computador 
5.3.1 Bases de dados e extração da informação
5.4 Redes de Comunicação e Informação, Internet, Web  
5.5 Gestão nas TIC   
5.5.1 Normas e protocolos
5.6 Inteligência Artificial e Engenharia do Conhecimento
6 Comunicação e Acesso à Informação
6.1 Comunicação Científica
6.1.1 Produtividade científica
6.1.2 Publicações científicas: periódicos
6.2 Transferência e Acesso à Informação 
6.2.1 Direito à informação e propriedade intelectual 
6.2.2 Políticas e ações de informação 
6.3 Indústria da Informação
6.4 Sociedade da Informação   
7 Documento e Informação como Componente
7.1 Tipos de Documento
7.2 Suportes de Informação
7.3 Conteúdos da Informação
8 Áreas do Conhecimento

Fonte: adaptado de Pinheiro e Ferrez (2014).

Além disso, na Espanha e Estados Unidos, são desenvolvidas pesquisas alocadas na categoria *Organização do conhecimento*. Especificamente nas subcategorias de *Representação da informação* e *Sistemas de organização*, assim como em *Epistemologia da Ciência da Informação*, foram agrupados os trabalhos sobre métricas das mídias sociais. Diante das diversas possibilidades e perspectivas referentes ao fenômeno social aqui explorado, as análises realizadas demonstram sua relevância na área e a necessidade de se refletir e repensar sua representação como objeto de investigação.

6 CONCLUSÃO

“Sapere aude; tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento.”
(KANT, 1783)

No início deste século, quando as mídias sociais eram apontadas como uma tendência e havia poucos estudos sobre sua inserção no contexto das bibliotecas, a maioria dos bibliotecários acreditava que esse fenômeno tecnológico não se adequava à sua realidade laboral. No entanto, o novo comportamento da sociedade frente à popularização da Web 2.0 e facilidades de aquisição de dispositivos móveis impulsionou a reorganização de atividades e serviços oferecidos nesses espaços.

Para se aproximarem de seus usuários, cada vez mais onipresentes nas mídias sociais e, conseqüentemente, atenderem satisfatoriamente às suas demandas, esses especialistas passaram a perceber a crescente necessidade de incorporarem as tecnologias como mais uma oportunidade de cumprir seu papel social. Se, por um lado, elas auxiliam em processos mais dinâmicos, interativos e participativos, por outro, revelam a fragilidade de muitas unidades de informação, resistências, o mau uso, bem como a falta de habilidade em operar recursos.

Acompanhando esse movimento, pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação passaram a refletir e investigar sobre o interdomínio tanto por sua representação quanto por sua aplicabilidade. Na busca por conhecimento, aprimoramento das práticas e de soluções para atingir objetivos, é possível afirmar que, em uma perspectiva histórica, há uma diferença entre os três países analisados, ainda que muito próxima, quanto à gênese dos trabalhos elaborados sobre o assunto.

Nos Estados Unidos e Espanha, os primeiros estudos datam de 2006; no Brasil, efetivam-se significativamente apenas em 2007, embora existam na literatura trabalhos anteriores. A maior concentração desses trabalhos no país norte-americano ocorre em 2008 e 2010, enquanto nas demais regiões acontece tardiamente em relação ao precursor, em 2016.

Desde o princípio, constata-se o interesse dos investigadores em compartilhar experiências e saberes derivados das práticas de utilização das Tecnologias 2.0 — valor, propósito, impacto e uso. Além disso, há a constante preocupação em aportar contribuições de natureza teórica e relacionadas com as competências necessárias para compreensão do universo informacional e, posteriormente, pesquisas

metodológicas, sobretudo na Espanha, como o trabalho de repercussão nacional realizado por González Fernández-Villavicencio.

Por meio dos estudos bibliométricos, foi possível verificar que o princípio da Lei de Bradford se aplica à produtividade dos periódicos com trabalhos sobre o interdomínio. De modo surpreendente, as contribuições mais expressivas são de um periódico estadunidense para profissionais de bibliotecas e Ciência da Informação, especializados em serviços de informação médica e científica da Saúde em ambientes clínicos, educacionais ou de pesquisa. Nesse contexto, também foi verificado que os pesquisadores não necessariamente elegem certo veículo científico por seu escopo, com o intuito de publicar os resultados de pesquisa, mas provavelmente por seu prestígio na área.

Uma aproximação identificada é o fato de grande parte dos autores citantes nos três países pertencer à área de Biblioteconomia e Ciências da Informação, evidenciando que, por meio da vivência e experimentação laboral, na tentativa, com acertos e erros, esse grupo tem maior probabilidade em trazer contribuições mais promissoras à questão analisada. No entanto, particularmente, nota-se a associação externa, impulsionada pela colaboração de autores estrangeiros, e existência de parcerias internacionais, embora ainda com baixo índice, estabelecida entre pesquisadores dos EUA-China (na produção científica dos Estados Unidos), Brasil-Espanha e Portugal-Espanha (na produção científica do Brasil).

Por outro lado, apesar de na Espanha não haver registros de colaboração internacional, sua produção se destaca pelo surgimento de grupos de trabalhos voltados ao gerenciamento de mídias sociais de suas bibliotecas. Nesse sentido, revela uma característica inovadora na área: a formação de uma equipe diversificada para enfrentar os desafios da contemporaneidade, principalmente os de natureza tecnológica, sob uma perspectiva criativa orientada pela intuição e pesquisa.

Outra característica marcante e comum aos três países é a existência, dentre os autores mais citados, de referentes teórico-conceituais nacionais para interpretação e atribuição de significado ao interdomínio analisado. Esse comportamento ratifica certa tendência à valorização dos pares em trabalhos desenvolvidos internamente, assim como o fortalecimento da temática na área. Contudo, ressalta-se a maturidade e consistência teórica da produção científica estadunidense na área, responsável por influenciar diretamente essa atividade em outros países. Exemplo disso é a *Web 2.0*,

como um dos mais recentes conceitos de impacto à sociedade contemporânea mundialmente, criado em 1999 e popularizado em 2004 na região.

Ainda foi constatado nos três âmbitos a possível formação de uma comunidade epistêmica que, além de gerar conhecimento e influência, contribui de forma notória em estudos de outros pesquisadores. No Brasil, destacam-se Henriette F. Gomes e Alberto Calil Júnior; na Espanha, Nieves González Fernández-Villavicencio, Dídac Margaix-Arnal, Anna Bröll Nadal, Anna Cabré Serra e Dolores Gándara Sanz; enquanto, surpreendentemente, nos Estados Unidos apenas uma integrante se sobressai: a israelense Noa Aharony. Em nível internacional, são considerados autores mais influentes: Tim O'Reilly (Web 2.0) e Michael Casey (Library 2.0); nos eixos Brasil-Espanha, Dídac Margaix-Arnal e Paul Miller; Espanha-Estados Unidos, Laura Savastinuk e Meredith Farkas; Estados Unidos-Brasil, Jack Maness e Michael Stephens.

Esses especialistas e suas obras citadas representam princípios, teorias e orientações explicativos quanto ao uso, bem como à interação da informação no interdomínio analisado. Enquanto isso, a integração e articulação do conhecimento produzido surgem da colaboração entre a Ciência da Informação e outros campos. Além da Comunicação e Sociologia, o que confirma a hipótese de investigação, verificou-se a aplicação de conceitos, modelos, definições, teorias, *frameworks* e termos advindos da Educação, Ciência da Computação, Tecnologia, Ciência da Informação, dentre outros.

Nesse último âmbito, em meio à menção a alguns referentes clássicos, como Ranganathan, Shera, Saracevic, Buckland, e diversas contribuições de natureza teórica, destaca-se *Library 2.0*, ao trazer consigo a dualidade entre a biblioteca tradicional e filosofia da Web 2.0. Esse conceito polissêmico está diretamente interligado à modernização dos serviços desses espaços, baseados na web e mais centrados no usuário, em adição ao compartilhamento coletivo de conteúdo e cooperação bibliotecária.

Desde 2006, a expressão *Web 2.0* tem sido empregada pela comunidade discursiva, seguramente por suas características conceituais e técnicas que revolucionaram a maneira de as pessoas se comunicarem e se relacionarem. Além desse termo, a comunidade científica estadunidense já empregava a expressão *social media*, posteriormente mais popular, nos âmbitos analisados, no final da primeira década deste milênio. Essa última se despontou como uma tendência, por conter uma

ampla carga conceitual e se referir a uma infinidade de possibilidades comunicacionais. Em oposição à *web social*, raramente utilizada no contexto avaliado, *redes sociais* se evidenciou dentre as mais aplicadas e difundidas na literatura científica.

Ao se comparar o uso dos termos *Web 2.0*, *web social*, *redes sociais* e *mídias sociais*, nos três países avaliados, observam-se algumas similaridades entre o Brasil e Espanha no que diz respeito à riqueza de termos adjacentes antepostos. Essa aproximação se refere, sobretudo no caso em específico, à estrutura de raiz latina no desenvolvimento dos idiomas espanhol e português, quanto a vocábulos ou expressões de natureza substantiva, referidos na pesquisa. Por outro lado, há maior volume desses elementos em posição posposta na língua inglesa, devido à sua base germânica.

Como particularidade ou distanciamento, a adoção das quatro terminologias mencionadas, por parte da comunidade discursiva nacional, demonstra a amplitude de vocabulário contida no português. Esse traço, certamente mais criativo quanto às demais línguas, tem indicativos de tradução direta ou adaptada, supressões de expressões e inclusões ou trocas de caráter semântico ou lexical advindas do âmbito da tecnologia. Logo o *uso*, nesse sentido, tem possível ligação com as constantes atualizações desse campo em combinação à transformação e caráter heterogêneo da língua.

Perante à velocidade com que as tendências tecnológicas se transformam e como objetivo “de estar onde o usuário está”, as bibliotecas estão utilizando um sem-número de plataformas sociais de comunicação. Por conseguinte, a incorporação desses recursos interacionais nas atividades de trabalho e serviços oferecidos ocorreu principalmente nas bibliotecas universitárias, considerando seu compromisso institucional com a geração de conhecimento, pesquisa, inovação e transferência dos avanços científicos e tecnológicos. Para controlar e melhorar a qualidade dos serviços bibliotecários, são utilizadas inúmeras métricas, indicadores e recursos de gestão e análise sociais, principalmente no âmbito espanhol, indicado como uma referência na área.

As diversas discussões de natureza prática, permeadas por contribuições de base teórica, demonstram a transição e evolução dinâmica de uma fase inicial, da novidade, além de curiosidade, reflexão crítica, em busca do amadurecimento. Nesse sentido, as mídias sociais, como recurso de comunicação e conexão social, tornaram-se cada vez mais indispensáveis. Diante disso, as rápidas mudanças nas relações e a fluidez da sociedade contemporânea têm estimulado o uso da intuição nos mais diversos segmentos, embora o gerenciamento dessas plataformas exija atualização

constante, prática, análise e discussão. Em decorrência desse fato, o compartilhamento de boas práticas, diretrizes e políticas podem ser traduzidas como uma tendência crescente.

Pesquisas de natureza prática, quanto ao uso das tecnologias, complementadas pelo aprofundamento teórico e crítico, devem se perpetuar. Dessa forma, apontam-se como áreas estratégicas do interdomínio: a constante preocupação de profissionais da informação e pesquisadores em melhorar a qualidade dos serviços oferecidos e estudos métricos para planejamento, gestão e tomada de decisão (políticas e avaliação); integração de sistemas (desenvolvimento); uso de dados e políticas de privacidade (ética e política); compromisso com a formação e alfabetização informacional (competência em informação).

Ante ao impacto da pandemia da covid-19 em nível mundial, o uso da tecnologia e, conseqüentemente, das mídias sociais foi ampliado para fazer frente aos novos desafios da sociedade. Nesse contexto mais recente, as práticas de competências em informação e *e-learning* são condição *sine qua non* para garantir o acesso, uso e seu compartilhamento, enquanto figuram como propensões globais da próxima década. Dentre as possíveis lacunas existentes no interdomínio analisado, apontam-se pesquisas com abordagem em questões *políticas* e de *desenvolvimento* de tecnologias (construção e planejamento), no âmbito espanhol; *avaliativas*, no Brasil; de caráter *ético*, em ambos os países. Com isso, assegura-se a construção e acumulação de conhecimento enquanto um processo cíclico.

O diagnóstico de um problema convida à busca de soluções orientadas ao aprofundamento das relações para refinamento da resolução de inquietações e incertezas, aplicando-se ao interdomínio analisado e sinalizando o amadurecimento do que se está alcançando. As pesquisas sobre *mídias sociais* e *bibliotecas* foram desenvolvidas em cinco das oito grandes áreas do plano de classificação do TBCI/Ibict: *epistemologia da Ciência da Informação, organização do conhecimento e recuperação da informação, gestão da informação, tecnologias da informação e comunicação, comunicação e acesso à informação*. Isso, portanto, confirma sua relevância no setor, considerando as trocas informacionais (movimento) e relações complexas que se estabelecem nesse dinâmico fenômeno em observação.

Diante do exposto, é possível afirmar que os Estados Unidos têm a maior visibilidade internacional, ao introduzir conceitos basilares de repercussão mundial, como Web 2.0 e Library 2.0, e explorar o interdomínio nos mais distintos percursos

temáticos. Isso, portanto, legitima sua forte influência na produção científica sobre o interdomínio, em relação à Espanha e Brasil. Embora o avanço no segmento *avaliação* nos estudos desenvolvidos no país europeu sinalize o alcance de um grau de amadurecimento, é superada a etapa do uso generalizado, marcada pela introdução de métodos analíticos para avaliar a aplicação e impacto dos serviços oferecidos pelas bibliotecas via mídias sociais, demonstrando, assim, o seu valor.

Os resultados discutidos anteriormente, sintetizados nesta seção, permitiram conhecer os atores mais influentes do interdomínio, analisar modelos e padrões de comportamento emanados das relações estabelecidas entre os membros da comunidade discursiva, incluindo as conexões semânticas que influenciam a construção social. Além disso, possibilitaram determinar o processo embrionário do objeto investigado na Ciência da Informação, acompanhando de forma ampla e profunda o desenvolvimento da produção do conhecimento, originário das pesquisas.

Por outro lado, foi possível identificar as principais contribuições teóricas e metodológicas que as sustentaram no período, bem como sistematizar o conhecimento produzido a partir da revisão e proposta de atualização de sistemas, já consolidados na área, a fim de prospectar as lacunas referentes ao objeto de estudo.

Posto isso, conclui-se que a imbricação de abordagens para análise de domínio, principalmente os estudos bibliométricos, históricos e epistemológicos, facilitaram a determinação das características e, conseqüentemente, a produção de conhecimento sobre o interdomínio *mídias sociais e bibliotecas* no Brasil, Espanha e Estados Unidos, no campo da Ciência da Informação. Assim, foi alcançado o objetivo proposto para o desenvolvimento desta pesquisa.

6.1 Limitações da pesquisa

Como limitação metodológica para aplicação desta pesquisa, destaca-se a inviabilidade de se utilizar uma mesma base de dados, como a LISA, para identificar a produção científica sobre o interdomínio nos três países, ratificando a baixa representatividade de periódicos do Brasil e Espanha em recursos internacionais dessa modalidade em relação aos Estados Unidos. Por outro lado, a caracterização do interdomínio nas regiões avaliadas se apresenta como um fator limitador à generalização do objeto investigado em outras áreas geográficas. Ainda, no contexto

das fontes de pesquisa, nota-se a limitação de algumas bases de dados não indicarem onde um periódico foi publicado, mas sim o local do proprietário do conteúdo.

Durante a realização dos estudos epistemológicos, especificamente no mapeamento metodológico das pesquisas avaliadas, observou-se que uma minoria dos artigos expõe o passo a passo do caminho percorrido nesse sentido, comprometendo o levantamento de suas características no segmento. Ao desenvolver a análise bibliométrica, algumas dificuldades técnicas se manifestaram durante os processos de padronizar a identificação dos autores citantes e realizar a análise de citação.

A escolha pelo mesmo tratamento desses pesquisadores quanto à normalização de sua formação ou área de atuação — modo como se identificam nas publicações — exige uma investigação minuciosa, mas nem sempre exitosa. A restrição a esses aspectos, bem como à vinculação institucional/corporativa compromete a análise da interdisciplinaridade em sua trajetória e, conseqüentemente, ao modo de abordar uma pesquisa a partir de sua diplomação, se mais generalista ou especialista. Em conjunto com esses dados, o mapeamento das contribuições teóricas (estudos epistemológicos) são fontes para atribuir crédito da contribuição científica à determinada área do conhecimento.

No entanto, a ausência de parâmetros predefinidos para essa delimitação se aponta como uma limitação para investigações dessa natureza. Nesse sentido, recomenda-se a realização de estudos futuros de natureza bibliométrica, visando a reflexão aprofundada da problemática e proposição de um procedimento metodológico para padronização e mensuração desses dados.

Ainda sob a ótica desses estudos, há sobretudo a problemática da ambigüidade de nome dos autores, isto é, mais de uma maneira de apresentá-los, uso de *et al.* em obras de vários pesquisadores e inconsistência de dados. Além disso, outras ocorrências comprometeram a etapa de análise de citação, como: ausência de citação e de lista de referências ou presença de citação não mencionada no final do documento; referências apenas em notas de rodapé ou notas de fim; notas e referências mescladas em uma mesma lista.

Por fim, durante a aplicação da abordagem de classificações e tesouros, a subjetividade do pesquisador eclodiu como um limitador do processo de agrupamento de documentos afins, conforme mencionado na seção 5.5 deste documento. Essa constatação surgiu mediante as distintas possibilidades interpretativas, inseridas no

processo de classificação do conhecimento, produzido a fim de se mapear o interdomínio.

6.2 Contribuições e recomendações

Além do esforço de atualização dos recursos de intervenção da pesquisadora sobre um campo de ação redefinido pela web, materializado nos trabalhos originários desta pesquisa-tese, elencados no Quadro 2 (capítulo 4) deste documento, destacam-se contribuições de natureza técnica, metodológica e conceitual, acompanhadas em alguns casos de recomendações.

Em um primeiro momento, o baixo volume de artigos publicados sobre o interdomínio ao longo de 11 anos abriu margem para limitação de pesquisa. Contudo, a partir da combinação de 5 abordagens de análise de Hjørland, nos três contextos geográficos, além de se complementarem, viabilizaram uma caracterização mais ampla e profunda do interdomínio. Durante o processo, ainda foi possível desenvolver e aprimorar conhecimentos, bem como sistemas para sua organização na área.

Uma colaboração técnica e de ordem prática, realizada durante a etapa de coleta de dados deste documento, refere-se à indicação de possível inconsistência na LISA, analisada e considerada pertinente por sua equipe técnica, reafirmando o princípio de integridade de informações disponibilizadas em base de dados.

Destarte, em nível metodológico, esta pesquisa aplicada oferece um modelo analítico de [inter]domínio — passível de ser replicado em outras investigações tanto da Ciência da Informação quanto de outros campos do conhecimento. Por ser uma estrutura metodológica recém-concebida, as etapas de coleta e análise de dados foram realizadas sem o auxílio de sistemas automatizados, com o objetivo de identificar o maior número de limitações e fragilidades, enquanto o pesquisador desenvolve a habilidade crítica. Para o seu aprimoramento futuro, indica-se a incorporação de ferramentas computacionais que possam agilizar, bem como complementar o trabalho realizado pelo analista de [inter]domínio, como os recursos da Linguística de Corpus, mencionados na seção 6.3.

Considerando a evolução da ciência, que afeta inclusive o processo de comunicação científica, por meio deste estudo foi possível experimentar a viabilidade de se substituir o formato tradicional de teses e dissertações em capítulos pelo modelo

alternativo em artigos. A Resolução Unesp nº 22, de 13 de março de 2019¹¹⁴, permite a obtenção dos títulos de mestre e doutor, desde que o trabalho defendido esteja contemplado em instrução normativa expedida pelo conselho do programa de pós-graduação. Reafirmam essa possibilidade os exemplos mencionados na seção 4.3 deste documento, sobretudo as orientações técnicas legais do programa de doutorado em Documentação da UC3M (Espanha).

Diante do exposto, recomenda-se ao conselho do PPGCI/Unesp, e demais programas desse nível em Ciência da Informação do país, a avaliação da possibilidade de se normalizar o aceite também na configuração alternativa¹¹⁵. Além de agilizar o processo de redação e análise de documentos desse teor, proporciona como vantagens a agilidade e alcance na divulgação de resultados, reforço da qualidade da pesquisa, por meio do duplo processo de avaliação pelos pares — periódico e banca de defesa —, ampliação do prestígio, bem como o reconhecimento do investigador e, conseqüentemente, do programa de pós-graduação.

Embora não estivesse prevista como objetivo desta pesquisa, em nível conceitual, foi elaborada uma definição para o constructo *mídias sociais*. De acordo com o indicado na seção 5.4 desta tese, isso ocorreu a partir da identificação das principais características e reflexões sobre o interdomínio, especialmente durante a realização dos estudos terminológicos.

Nesse mesmo segmento, a sistematização do dinâmico conteúdo analisado, trabalhada na abordagem *classificações e tesouros*, propiciou a adaptação dos modelos conceituais vigentes da Ciência da Informação, como o mapa conceitual das tipologias de mídias sociais (INFANTE-FERNÁNDEZ; FABA-PÉREZ, 2017) e as categorias temáticas do contexto tecnológico (SANTOS et al., 2013), assim como a identificação de novos termos representativos do interdomínio. Com isso, sugere-se a análise dos resultados encontrados para possível atualização do TBCI/Ibict (PINHEIRO; FERREZ, 2014), amplamente conhecido na Ciência da Informação, além de outros vocabulários controlados utilizados por pesquisadores da área. Logo, acompanha-se o desenvolvimento e tendências da dinâmica sociedade

¹¹⁴ Que dispõe sobre o Regimento Geral da pós-graduação da Unesp e contempla em seu capítulo XI o trabalho equivalente como uma modalidade do trabalho de conclusão para obtenção do título de mestre e de doutor, desde que esteja contemplado em instrução normativa expedida pelo conselho do programa (UNESP, 2019).

¹¹⁵ Artigo(s) publicado(s) em periódicos com qualificação de excelência na área, acompanhado(s) de introdução, conclusão e/ou referencial teórico.

contemporânea e seu reflexo no comportamento da produção científica sobre o interdomínio investigado.

Ao refletir sobre mídias sociais e termos relacionados — Web 2.0, web social, redes sociais —, conclui-se o conceito Web 2.0 como base das estruturas apresentadas no referido formato (Figura 21). Nesse sentido, as *redes sociais* são um nó representativo e relevante, pois ali se encontra parte considerável dos justificadores da existência e permanência das bibliotecas: os usuários. Essa categoria de plataforma também está diretamente vinculada ao nó principal *mídias sociais*, que se segmenta em outras tecnologias da web social.

Por sua vez, no TBCI/Ibict a expressão *redes sociais* está inserida na classificação *6.4 Sociedade da Informação*, na qual está agrupado o maior número de novos termos sugeridos, embora grande parte da concentração dos artigos sobre o interdomínio esteja representada na estrutura *3.1.1 Serviços de bibliotecas*. Ainda assim, questiona-se neste estudo a pertinência de alocá-los — *redes sociais* e termos relacionados — no conjunto *5.4 Redes de Comunicação e Informação, Internet, Web*, em que estão outros recursos de informação e comunicação da internet.

Mediante o impacto da colaboração multidisciplinar na prática científica e, conseqüentemente, a crescente introdução de cursos interdisciplinares, torna-se patente a dificuldade em demarcar a área de formação acadêmica de alguns autores a partir das áreas do conhecimento da Aneca (Espanha). Desse modo, propõe-se a ampliação do sistema de classificação para atender novas demandas da sociedade. Exemplo disso é a iniciativa da Capes (Brasil) que, a partir de 2008, incorporou em sua *Tabela de áreas do conhecimento*, especificamente na grande área *Multidisciplinar*, o campo *Interdisciplinar*. Nesse contexto, destaca-se o curso de pós-graduação *Mídia e Tecnologia* da Unesp, Câmpus Bauru, cujas pesquisas promovem a colaboração interdisciplinar entre as Ciências Sociais, Humanidades e Ciências Exatas.

Ainda se apresenta como proposta o interesse em manter serviços, constantemente atualizados, como o *Directorio Exit* (Espanha). Embora seja uma boa fonte de informação, não foi possível localizar no recurso a especialidade dos investigadores espanhóis analisados no respectivo contexto, tornando inviável o uso desse parâmetro como uma categoria de análise.

Também se recomenda aqui a explicitação do percurso metodológico, adotado para o desenvolvimento de uma pesquisa, por ser um dos elementos de contribuição para sua legitimação científica, passível de ser analisada, testada, ampliada e, até

mesmo, contestada por outros investigadores. Ao tornar essa trajetória pública, garante-se ainda aportes para com o processo analítico de estudos futuros, permitindo a sua replicação e transferência.

Atualmente, um dos maiores problemas enfrentados por pesquisadores de temas emergentes é a dificuldade de se encontrar nos vocabulários controlados, indicados por equipes editoriais dos principais periódicos da área, termos que representem o conteúdo do documento a ser publicado. Além de palavras-chave usualmente especificadas nos artigos a partir dos tesouros, relacionar vocabulários livres (*tags*) pode ser uma possibilidade para minimizar essa limitação e contribuir com a atualização constante dos sistemas de organização do conhecimento.

Para aprimorar o processo de análise de citação, sugere-se a avaliação de critérios, por parte de editores, sobre os padrões de publicação, tais como a exigência de uma seção específica para *referências*, de modo a evitar a menção de obras elencadas apenas em notas de rodapé, além da condensação de notas finais com essa divisão. Ainda, salienta-se que publicações periódicas brasileiras, a exemplo da *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, têm exigido a especificação do nome de todos os autores citados nesse tipo de listagem, em vez do uso da expressão *et al.*

Também é notada a diretriz de se apresentar seu nome e sobrenome por extenso, com vistas a evitar a entrada com traço contínuo para substituição desses dados, quando se tratar de várias obras de um mesmo pesquisador. Essas condições estão em conformidade com as orientações da *Norma Brasileira 6023* (elaboração de referências), da Associação Brasileira de Normas Técnicas, atualizada em 2018. Nesse sentido, o documento aconselha a indicação do nome de todos os autores nas referências, quando se tratar de obras com quatro ou mais pessoas, embora o uso de *et al.* seja permitido. Também, nessa versão, não está mais em vigor o uso do traço sublinear, com seis toques, empregado para identificar repetição de mesmo pesquisador. Esses, portanto, são exemplos que atribuem qualidade aos estudos bibliométricos.

A dimensão e contextualização da temática, conforme delineação de análise do interdomínio, permitiu determinar as fundamentações epistemológicas e metodológicas sustentadoras das pesquisas realizadas no país, além de mapear o conhecimento construído na área e estabelecer relações entre teoria e prática. Como demonstrado, o percurso pôde ser completado por meio dos vínculos interdisciplinares

entre os sujeitos sociais (pesquisadores) e suas impressões sobre o fenômeno/objeto de investigação. Portanto, a realização desta pesquisa pode servir como fonte para a formação de novos especialistas da Informação, assim como para o desenvolvimento de futuros estudos e projetos na intersecção *mídias sociais e bibliotecas* na Ciência da Informação.

Investigar a produção de determinados países, por meio da análise de domínio, possibilitou: conhecer o comportamento e desenvolvimento do objeto; compreender o papel que os pesquisadores assumem na sociedade; identificar categorias e conceitos já estabelecidos; verificar lacunas referentes ao objeto de estudo, como possíveis frentes de investigação, o que contribui com a busca pela identidade e consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico.

A partir da relevância do objeto de análise desta pesquisa para a sociedade contemporânea, presume-se que seus desdobramentos econômicos e de bem-estar social para o país sejam indiretos. Isso porque as mídias sociais são espaços de comunicação, interação e construção social, com inúmeras possibilidades a serem exploradas pelos diversos atores sociais, incluindo aqueles cuja necessidade está na busca pela informação (usuários), e aquelas (bibliotecas) enquanto detentoras da responsabilidade de facilitar o seu acesso e atender aos interesses de sua comunidade, em prol da construção social.

6.3 Trabalhos futuros

Além da publicação de um artigo com os resultados finais desta tese, sinaliza-se que trabalhos futuros podem expandir as descobertas atuais por meio de sua aplicação em outras bases de dados, como Scopus e Web of Science, tanto no contexto dos três países analisados quanto outros contextos geográficos.

No que se refere aos estudos terminológicos, a presente pesquisa fornece uma visão geral dos principais padrões de uso de vocabulário, extraídos manualmente dos artigos elaborados pela comunidade científica, para comunicar os resultados de suas investigações. Dessa forma, abre-se a possibilidade do suporte tecnológico inerente à Linguística de Corpus, para melhor refinamento, complemento e análise de dados em produções futuras, bem como concluídas neste e em outros segmentos.

Propõe-se ainda a abertura de se elaborar investigações fundamentadas nos estudos bibliométricos, especificamente quanto à genealogia acadêmica para

investigar a formação de grupos de pesquisa, heranças intelectuais, além do processo de transferência e continuidade da construção do conhecimento científico no interdomínio, estabelecido a partir da relação acadêmica entre orientadores e orientandos. Nessa etapa inicial, o foco do mapeamento das publicações científicas ocorreu na produção de autores que discutem a temática. Contudo, também seria possível aplicar essa metodologia com um aporte da citação recebida pelos estudos, sob o intuito de se representar a elite por meio do impacto e visibilidade de suas produções.

Outra frente de pesquisa, diretamente interligada à anterior, refere-se ao aprofundamento dos estudos epistemológicos, a fim de se examinar os pressupostos implícitos de produções desenvolvidas sobre o interdomínio, configurando-se como complemento das suposições explícitas mapeadas nesta tese.

Por fim, apontam-se como sugestões para pesquisas futuras acerca do interdomínio analisado: aprofundamento em estudos de métricas alternativas de impacto científico; identidade digital, reputação acadêmica e competências profissionais no ambiente informacional digital; nova configuração das bibliotecas ante o impacto da pandemia da covid-19.

REFERÊNCIAS

100 FRASES científicas de grandes cientistas. [S. l.], 2020. Blog Maestrovirtuale. Disponível em: <https://maestrovirtuale.com/100-frases-cientificas-de-grandes-cientistas/>. Acesso em: 29 set. 2020.

ABREU, Jônatas Souza de. *Bibliotecas digitais e redes sociais: motivos para integração*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10432/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20J%c3%b4natas%20de%20Abreu.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

ACIOLI, Sônia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, Londrina, v. 12, n. esp., p. 1-12, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>. Acesso em: 20 maio 2017.

AFONSO, Alexandre Soares. *Uma análise da utilização das redes sociais em ambientes corporativos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18269/1/Alexandre%20Soares%20Afonso.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

AGENCIA NACIONAL DE EVALUACIÓN DE LA CALIDAD Y ACREDITACIÓN. *Criterios de evaluación [noviembre-2017]*. Madrid: ANECA, 2017. Disponível em: <http://www.aneca.es/Programas-de-evaluacion/Evaluacion-de-profesorado/ACADEMIA/Criterios-de-evaluacion-noviembre-2017>. Acesso em: 20 fev. 2020.

AGUIAR, Giseli Adornato de. *Uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-03122012-160409/publico/Giseli_Aguiar_Dissertacao_final.pdf. Acesso em: 3 out. 2020.

ALMEIDA, Cátia Cândida de. *Fator de impacto e avaliação da produção científica: compreensão na perspectiva das áreas de Ciência da Informação e Matemática, Probabilidade e Estatística*. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182447/almeida_cc_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 3 out. 2020.

ALTERMANN, Dennis. *Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?* [S. l.], 6 set. 2010. Blog Midiatismo. Disponível em: <https://www.midiatismo.com.br/qual-a-diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>. Acesso em: 11 fev. 2019.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Trends*. Chicago: ALA, 2016-2020. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/future/trends>. Acesso em: 4 out. 2020.

ANJOS, Cláudia Regina dos. *Mídias sociais nas bibliotecas da UFRJ: adoção e monitoramento*. 2016. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11177/DISSERTA%c3%87AO%20CLAUDIA%20ANJOS%20FINAL%20E%20REVISADA%20-%20NOV%202016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 out. 2017.

ANGLADA, Lluís. De qué hablamos cuando hablamos de políticas de información. *El Profesional de La Información*, Barcelona, v. 23, n. 2, p. 105-111, marzo/abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2014.mar.01>. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2014/marzo/01.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

ANTIGA prefeitura. *In*: MINAS. Belo Horizonte, 2020. Blog. Disponível em: <http://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/lavras/cultura/antiga-prefeitura-0>. Acesso em: 26 set. 2020.

ANTUNES, Walda de Andrade. *Curso de capacitação para dinamização e uso da Biblioteca Pública: TIPS: Tarefas Individuais Programadas (material complementar)*. São Paulo: Global, 2000. Acompanhado de 1 VHS (103min), son., color.

ARROYO VÁZQUEZ, Natalia. Bibliotecas públicas y sitios de redes sociales, ¿una cuestión de visibilidad? *In*: CONGRESO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 4., 2008, A Coruña. [*Anales...*] A Coruña: [s. n.], 2008. p. 1-13. Disponível em: http://eprints.rclis.org/12354/1/Arroyo_IVCongresoBP.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

BARROS, Diego Bil Silva. *Mediação da informação em redes sociais: um estudo sobre a interação dos usuários da Biblioteca Central UFPA no Facebook*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10711>. Acesso em: 3 out. 2017.

BATISTA, Roberta de Sousa. *O uso das ferramentas de redes sociais no Sistema de Bibliotecas do CEFET/RJ: um estudo de caso*. 2016. Dissertação (Mestrado em Sistema de Gestão) – Escola de Engenharia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4288/1/Dissert%20Roberta%20de%20Sousa%20Batista.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. New York: John Wiley & Sons, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1973. Título original: *The Coming of Post-Industrial Society: a venture in social forecasting*.

A BIBLIOMETRIA do mundo em desenvolvimento. *In: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. SciELO em perspectiva*. [S. l.], 2014. Publicado originalmente na newsletter da Elsevier “Research Trends Issue 35: Developing Research in Developing Countries”. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/01/09/a-bibliometria-do-mundo-em-desenvolvimento-publicado-originalmente-na-newsletter-da-elsevier-research-trends-issue-35-developing-research-in-developing-countries/>. Acesso em: 4 out. 2020.

BISHOP, Katie. Teletrabajo y coronavirus: lo que el mundo puede aprender de los Países Bajos sobre el trabajo desde casa. *BBC News*, [s. l.], 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/vert-fut-53239051>. Acesso em: 3 out. 2020.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 210-230, Oct. 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 14 dez. 2018.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Relatório do Qualis Periódicos: área 31: Comunicação e Informação*. Brasília, DF: Capes, 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/relatorio-qualis-comunicacao-informacao-pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação*. Brasília, DF: Capes, 31 jan. 2017. Disponível em: http://www1.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Comissão aprova projeto que retoma criação de Política Nacional de Participação Social*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2020a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/572904-comissao-aprova-projeto-que-retoma-criacao-de-politica-nacional-de-participacao-social/>. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL. Decreto de 3 de abril de 2000. Institui Grupo de Trabalho Interministerial para examinar e propor políticas, diretrizes e normas relacionadas com as novas formas eletrônicas de interação. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 abr. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2000/Dnn8917.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 8.243, de 23 de maio de 2014. Institui a Política Nacional de Participação Social - PNPS e o Sistema Nacional de Participação Social - SNPS, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 maio 2014a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8243.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 8.638, de 15 de janeiro de 2016. Institui a Política de Governança Digital no âmbito dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 11, 18 jan. 2016a. Seção 1, p. 2. Disponível em:

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/01/2016&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=680>. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 8.777, de 11 de maio de 2016. Institui a Política de Dados Abertos do Poder Executivo federal. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 maio 2016b.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8777.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 9.319, de 21 de março de 2018. Institui o Sistema Nacional para a Transformação Digital e estabelece a estrutura de governança para a implantação da Estratégia Brasileira para a Transformação Digital. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 22 mar. 2018a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9319.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019. Extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 abr. 2019b. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9759.htm#art10. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 9.903, de 8 de julho de 2019. Altera o Decreto nº 8.777, de 11 de maio de 2016, que institui a Política de Dados Abertos do Poder Executivo federal, para dispor sobre a gestão e os direitos de uso de dados abertos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 jul. 2019c. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9903.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 10.087, de 5 de novembro de 2019. Declara a revogação, para os fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de decretos normativos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 nov. 2019d. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10087.htm#art1. Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. Decreto nº 10.332, de 28 de abril de 2020. Institui a Estratégia de Governo Digital para o período de 2020 a 2022, no âmbito dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, ed. 81, 29 abr. 2020b. Seção 1, p. 6. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10332.htm. Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. Portaria nº 38, de 11 de junho de 2012. Homologa a Norma Complementar nº 15/IN01/DSIC/GSIPR [que trata das Diretrizes para o uso seguro das redes sociais na Administração Pública Federal]. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 119, p. 3, 21 jun. 2012. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=21/06/2012&jornal=1&pagina=3&totalArquivos=68>. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL. Instrução normativa nº 65, de 30 de julho de 2020. Estabelece orientações, critérios e procedimentos gerais a serem observados pelos órgãos e entidades integrantes do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal - SIPEC relativos à implementação de Programa de Gestão. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, ed. 146, 31 jul. 2020c. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-65-de-30-de-julho-de-2020-269669395>. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de janeiro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990 [...]. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 11, Seção 1, 18 nov. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 abr. 2014b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Informação e Informática em Saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016c. Disponível em: https://saudedigital.saude.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/politica_nacional_infor_informatica_saude_2016.pdf. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 589, de 20 de maio de 2015. Institui a Política Nacional de Informação e Informática em Saúde (PNIIS). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 22 maio 2015. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt0589_20_05_2015.html. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. *Estratégia de Governança Digital: EGD. Transformação digital: cidadania e governo: 2016-2019*. Brasília, DF, maio 2018b. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/estrategia-de-governanca-digital/revisaodaestrategiadegovernancadigital20162019.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Portaria nº 68, de 7 de março de 2016. Aprova a Estratégia de Governança Digital da Administração Pública Federal para o período 2016-2019 e atribui à Secretaria de Tecnologia da Informação a competência que especifica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 46, 9 mar. 2016d. Seção 1, p. 115. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22437493/. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Manual para elaboração de Plano de dados abertos*. Brasília, DF, jul. 2016e. Nova versão: 2016-2017. Disponível em: http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/arquivo/governo-aberto/copy_of_manual_elaboracao_plano_dados_abertos.pdf. Acesso em: 26 abr. 2018.

BRASIL. *PL 128/2019*. Institui a Política Nacional de Participação Social - PNPS e o Sistema Nacional de Participação Social - SNPS, e dá outras providências. Autoria: Renata Abreu. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 4 fev. 2019e. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2190591>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. *Manual de orientação para atuação em mídias sociais: identidade padrão de comunicação digital do Poder Executivo Federal*. Brasília, DF: Secretaria de Comunicação Social, dez. 2014c. Disponível em: http://www.secom.gov.br/pdfs-da-area-de-orientacoes-gerais/internet-e-redes-sociais/secommanualredessociaisout2012_pdf.pdf. Acesso em: 10 set. 2017.

BUCKLAND, Michael. *Redesigning library services: A manifesto*. Chicago: American Library Association, 1992. Disponível em: [http://digitalassets.lib.berkeley.edu/sunsite/Redesigning%20Library%20Services_%20A%20Manifesto%20\(HTML\).pdf](http://digitalassets.lib.berkeley.edu/sunsite/Redesigning%20Library%20Services_%20A%20Manifesto%20(HTML).pdf). Acesso em: 14 dez. 2018.

BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Juliana Lazzarotto. Interdomínios na literatura periódica científica da Ciência da Informação. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1-10, out. 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45956>. Acesso em: 3 out. 2017.

CALIL JÚNIOR, Alberto; CÔRREA, Elisa Cristina Delfini; SPUDEIT, Daniela. O uso das mídias sociais nas bibliotecas brasileiras: análise dos trabalhos apresentados no SNBU e no CBBB. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. Anais [...]*. São Paulo: Febab, 2013. p. 1-16. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1634/1635>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. Web 2.0, Biblioteca 2.0 e Ciência da Informação (I): um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. Anais [...]*. Salvador: ANCIB, 2007. p. 1-16. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--232.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CAPELLO, Soraia Santana. *Boas práticas na utilização de mídias sociais para bibliotecas universitárias: um guia sobre como utilizar adequadamente estas ferramentas*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/99273/308792.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 out. 2020.

CARIDAD SEBASTIAN, Mercedes; MENDEZ RODRIGUEZ, Eva Maria; RODRIGUEZ MATEOS, David. La necesidad de políticas de información ante la nueva sociedad globalizada. El caso español. *Ciencia da Informação*, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 22-36, maio/ago. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000200004>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a04v29n2.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CARILLO POZAS, Ana. *La intranet social de la Biblioteca Nacional de España*. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (21 min 31). Publicado pelo canal Departament de Justícia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJdTEyY4cms>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CARVALHO, Angela Maria Grossi de. *Alfabetização digital: um estudo sobre a apropriação dos instrumentos de e-gov na educação*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

CARVALHO, Angela Maria Grossi de. *Apropriação da informação: um olhar sobre as políticas públicas sociais de inclusão digital*. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2010. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/carvalho_amg_do_mar.pdf. Acesso em: 14 dez. 2018.

CARVALHO, Angela Maria Grossi de; FRANÇA, Maira Nani. Arquitetura da informação para ambientes informacionais digitais. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29941>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/29941/17223>. Acesso em: 10 dez. 2017.

CARVALHO, Angela Maria Grossi de; FRANÇA, Maira Nani; LOPES, Gabriel Henrique de Oliveira. Perspectiva das pesquisas em Ciência da Informação sobre mídias sociais e políticas no Brasil. *Informação e Informação*, Londrina, v. 24, n. 3, p. 260-288, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p260>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34847>. Acesso em: 26 set. 2020.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de. O Estado e a participação conquistada no campo das políticas públicas para a cultura no Brasil. In: CALABRE, Lia (org.). *Políticas culturais: reflexões e ações*. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009. p. 18-34.

CASA da Cultura Bi Moreira. In: WIKIPEDIA. São Francisco: Fundação Wikimedia, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_da_Cultura_Bi_Moreira. Acesso em: 26 set. 2020.

CASEY, Michael. Working Towards a Definition of Library 2.0. Postado por Michael. [S. l.], 21 out. 2005. Blog LibraryCrunch. Disponível em: http://www.librarycrunch.com/2005/10/working_towards_a_definition_o.html. Acesso em: 10 set. 2017.

CASTELLS, Manuel. *Estado-rede: a possibilidade do Estado na sociedade informacional*. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

CASTELLS, Manuel. *Manuel Castells: a comunicação em rede está revitalizando a democracia*. Entrevistadora: Malu Fontes. Porto Alegre, 11 maio 2015. Plataforma digital: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/manuel-castells-a-comunicacao-em-rede-esta-revitalizando-a-democracia>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999b. Primeira edição publicada em 1996. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

CHRISTI, Mônica. *Frase de Mônica Christi*. [S. l.]: 9 out. 2018. Site: KD Frases. Disponível em: <https://kdfrases.com/usuario/Mocrixa/frase/171733>. Acesso em: 7 jan. 2019.

COOKE, Jason. *Re: Subject 03921190: Chat com Maira Nani*. Destinatário: Maira Nani França. [S. l.], 11 jun. 2019. 1 mensagem eletrônica.

CORNEJO, Marcela; SALAS, Natalia. Rigor y Calidad Metodológicos: Un Reto a la Investigación Social Cualitativa. *Psicoperspectivas*, Valparaíso, v. 10, n. 2, p. 12-34, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol10-Issue2-fulltext-144>. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242011000200002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 31 ago. 2020.

COUTINHO, Marcelo. A Sociedade da Informação e o determinismo tecnológico: notas para um debate. *Líbero*, São Paulo, ano 6, v. 6, n. 11, p. 82-93, 2004. Disponível em: https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/coutinho_-_a_sociedade_da_informacao_e_o_determinismo_tecnologico.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

CRONIN, Blaise (ed.). *The Marketing of Library and Information Services*. London: Aslib, 1981.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 71-80, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8>. Acesso em: 28 nov. 2013.

DAHLBERG, Ingetraut. Domain interaction: theory and practice. *Advances in Knowledge Organization*, [s. l.], v. 4, p. 60-71, 1994. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/aikovol04199410.pdf. Acesso em: 3 out. 2017.

DE CONNINCK, Frederic. *Société éclatée*. Travail intégré. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

DESHA, Cheryl; HARGROVES, Karlson 'Charlie'. Informing engineering education for sustainable development using a deliberative dynamic model for curriculum renewal. *In: RESEARCH IN ENGINEERING EDUCATION SYMPOSIUM*, 2011, Madrid. *Proceedings* [...] Brisbane: QUT, 2011. p. 1-7. Disponível em: https://eprints.qut.edu.au/70569/1/REES_paper_Desha-Hargroves__Final_-_clean_.pdf. Acesso em: 1 nov. 2018.

DESIDOC Journal of Library & Information Technology. *In: LIBRARY & INFORMATION SCIENCE ABSTRACTS (LISA)*. [S. l.]: Proquest LLC, 2020. Acesso fornecido por UFU Univers Fed Uberlândia – Capes.

DINUCCI, Darcy. Fragmented future. *Print Magazine*, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 32, 221-222, July/August 1999. Disponível em: http://darcyd.com/fragmented_future.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

DOWNES, Stephen. Semantic Networks and Social Networks. *The Learning Organization*, [s. l.], v. 12, n. 5, p. 411-417, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1108/09696470510700394>.

DREAMSTIME. [S. l.], 2000-2020. Galeria de imagens. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/>. Acesso em: 27 set. 2020.

DRUCKER, Peter F. *Post-Capitalist Society*. New York: HarperBusiness, 1993.

ENCONTRO marcado: marketing, mídias sociais e bibliotecas [com Jorge Moisés Kroll do Prado]. [S. l.: s. n.], 2 fev. 2016. 1 vídeo (14min16), son., color. Publicado por Mural interativo do bibliotecário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PfQ77IStM60>. Acesso em: 27 jun. 2017.

EUROPEAN BUREAU OF LIBRARY, INFORMATION AND DOCUMENTATION ASSOCIATIONS. *A European library agenda for the post-Covid 19 age*. The Hague: EBLIDA Secretary, May 2020. Disponível em: <http://www.eblida.org/Documents/EBLIDA-Preparing-a-European-library-agenda-for-the-post-Covid-19-age.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4411427/mod_resource/content/0/FARACO%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%C3%ADstica%20Hist%C3%B3rica.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

FRANÇA, Maira Nani. [*Disparo do número de casos de Covid-19 na Espanha*]. Getafe, 17 mar. 2020. Facebook: maira.nani. Disponível em: <https://www.facebook.com/maira.nani/posts/10207020018736191>. Acesso em: 27 set. 2020.

FRANÇA, Maira Nani. *Gestão em bibliotecas universitárias públicas: um enfoque tecnológico*. 2015. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17474/1/GestaoBibliotecasUniversitarias.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2019.

FRANÇA, Maira Nani. *Redes sociais no contexto das políticas de informação: um estudo exploratório*. Marília: Unesp, 2018. Trabalho apresentado no X Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação, na modalidade pôster. Disponível em: https://www.academia.edu/37564442/REDES_SOCIAIS_NO_CONTEXTO_DAS_POL%C3%8DTICAS_DE_INFORMA%C3%87%C3%83O_UM_ESTUDO_EXPLORAT%C3%93RIO. Acesso em: 7 jan. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos anais do Enancib. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ANCIB, 2018. p. 4910-4929. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1428/1713. Acesso em: 6 out. 2018.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos periódicos da Ciência da Informação no Brasil. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 296-320, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245253.296-320>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/89958/53589>. Acesso em: 21 ago. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Gestão em bibliotecas universitárias públicas: um enfoque tecnológico. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANCIB, 2015a. p. 1-21. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43969>. Acesso em: 7 jan. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Monitoramento de mídias sociais em bibliotecas universitárias públicas federais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. *Informação, sociedade e complexidade*. Marília: ANCIB, 2017a. p. 1-22. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/129/844. Acesso em: 18 ago. 2018.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Monitoramento de mídias sociais: um estudo comparativo em bibliotecas universitárias públicas federais. *Informação & Tecnologia (Itec)*, Marília/João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 260-283, jul./dez. 2017b. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2358-3908.2017v4n2.40199>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/itec/article/view/40199>. Acesso em: 18 ago. 2018.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Novos cenários tecnológicos para gestores de bibliotecas universitárias públicas. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 388-408, jul./dez. 2017c. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v10.n2.2017.2557>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2557>. Acesso em: 5 jul. 2017.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Planejamento e práticas administrativas na adoção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em bibliotecas universitárias públicas federais no Brasil. In: NOVOMISKY, Sebastián; AMÉRICO, Marcos (comp.). *Convergencia: medios, tecnologías y educación en la era digital*. 1. ed. La Plata: EDULP, 2016. cap. 7, p. 181-211. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/55418>. Acesso em: 5 jan. 2016.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Redes sociais em bibliotecas: trabalhos apresentados no XVII SNBU. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p. 4034-4049. Disponível em: http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/3192/2014_GT8-CO_18.pdf?sequence=1. Acesso em: 7 jan. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Sociedade da informação e biblioteca universitária: contribuições para a democratização do acesso ao conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANCIB, 2015b. p. 1-18. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3012/1120>. Acesso em: 7 jan. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi. Tecnologias da informação e comunicação em bibliotecas universitárias públicas brasileiras: um estudo preliminar. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 24, n. 1, p. 72-112, dez./mar. 2018/2019. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1498/pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Presença da temática mídias sociais e bibliotecas na produção científica brasileira na Ciência da Informação: um estudo de análise de domínio. In: IRIGARY, Fernando; GROSSI, Angela; MACHADO FILHO, Francisco; MORAES, Osvando de; VENTURA, Mauro (org.). *Audiovisual, cidades, mobilidade, cidadania, jornalismo, mídia e tecnologia*. Rosário: UNR Editora: Editorial de la Universidad Nacional de Rosário, 2018. p. 344-367. Disponível em: http://docs.wixstatic.com/ugd/43846c_2e3f2973354349e798390617044d9e55.pdf. Acesso em: 6 ago. 2018.

FRANÇA, Maira Nani; CARVALHO, Angela Maria Grossi; RAMALHO, Rogério Aparecido Sá. Tecnologias de representação de dados e de informação: revisão bibliográfica no Information Research. *In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 7., 2017, Londrina. *Linkando informações, culturas e comunidades: reflexões teórico-práticas*. Londrina: UEL, 2017. p. 1023-1039. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/449/328>. Acesso em: 6 ago. 2018.

FRANÇA, Maira Nani; SOUZA, Kelma Patrícia. Tendências tecnológicas em bibliotecas universitárias: o cenário atual na Universidade Federal de Uberlândia, MG. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 19., 2016, Manaus. *A biblioteca universitária como agente de sustentabilidade institucional*. Manaus: UFAM, 2016. p. 1-3. Pôster. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4548>. Acesso em: 5 jan. 2017.

FRANK, Alejandro G. Formatos alternativos de teses e dissertações. *In: CIÊNCIA prática*. Rio de Janeiro, 15 abr. 2013. Blog. Disponível em: <https://cienciapratica.wordpress.com/2013/04/15/formatos-alternativos-de-teses-e-dissertacoes/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FREITAS, Juliana Lazzarotto. *Dimensões da pesquisa brasileira no interdomínio dos estudos métricos da informação em medicina*. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150189/freitas_jl_dr_mar_int.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 26 set. 2018.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salette de Freitas. *Guia para normalização de publicações técnico-científicas*. Uberlândia: Edufu, 2013. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_guia_de_normalizacao_2018_0.pdf. Acesso em: 26 abr. 2018.

FUKUYAMA, Francis. *The social virtues and the creation of prosperity*. Londres: Hamosh Hamilton, 1995. Versión española: Trust: la confianza. Barcelona: Ediciones B, 1998.

FUNDACIÓN DIALNET. *Dialnet Plus*: dialnet.unirioja.es: manual de uso. La Rioja: Universidad de Rioja, 2019. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/publico/anexos/info_Dialnet_Plus.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

GARCIA, Thais Xavier. *Bibliotecas públicas 2.0: serviços ofertados, perfil e percepção dos bibliotecários*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5007/27265>. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/99273/308792.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 out. 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLADWELL, Malcolm. *The tipping point: how little things can make a big difference*. Boston: Back Bay Books, 2000.

GLÄNZEL, Wolfgang. National characteristics in international scientific coauthorship. *Scientometrics*, Amsterdam, v. 51, n. 1, p. 69-115, Jan. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1010512628145>.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. A04, ago. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44608>. Acesso em: 28 set. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na Web. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 145-156, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9047/4812>. Acesso em: 11 fev. 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/253/1/NELIDACI2002.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000100004>.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. *La rentabilidad de la biblioteca en la web social*. 2014. Tesis (Doctorado en Formación em la Sociedad del Conocimiento) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2014. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/10366/125114/1/DBD_Gonzalez%20Fdez-Villavicencio_Rentabilidad_Biblioteca_WebSocial.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. *Métricas de la web social para bibliotecas*. Barcelona: Editorial UOC, 2016. DOI: <https://doi.org/10.6018/analesdoc.19.1.234001>.

GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. *Análises relacionais de citação para a identificação de domínios científicos: uma aplicação no campo dos Estudos Métricos da Informação no Brasil*. 2018. Tese (Livre Docência em Estudos Métricos da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2018.

GRAME, Davis. *Comparative syntax of old english and old icelandic: linguistic, literary and historical implications*. [Bern]: Peter Lang, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=TSSVGiHRBQcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 ago. 2020.

GRUPO DURGA. Bibliotecas 2013: deconstrucción en 6 decálogos. *Anuario ThinkEPI*, [s. l.], v. 8, p. 87-100, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6670117>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GUILHEM, Cristina Benedeti. *Tendências de produtos e serviços na web no contexto das bibliotecas universitárias*. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/139/4/UEL_PPGGI_M_Guilhem%2c%20Cristina%20Benedeti_2010.pdf. Acesso em: 3 out. 2017.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; TOGNOLI, Natália Bolfarini. Provenance as a domain analysis approach in archival knowledge organization. *Knowledge Organization*, Wurzburg, v. 42, n. 8, p. 562-569, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-8-562>. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_42_2015_8_c.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.

GUPTA, Dinesh K. Marketing of library and information services: building a new discipline for library and information science education in Asia. *Malaysian Journal of Library & Information Science*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 95-108, Dec. 2003.

GUSTAVII, Björn. *How to Prepare a Scientific Doctoral Dissertation Based on Research Articles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139151252>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/how-to-prepare-a-scientific-doctoral-dissertation-based-on-research-articles/compilation-the-articlebased-thesis/39707ECE3074C39205856748350FA0E9>. Acesso em: 14 fev. 2019.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui Guimarães. A comunicação da ciência em eventos científicos na visão de pesquisadores. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 161-183, set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245223.161-183>. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_42_2015_8_c.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis. In: HJØRLAND, B. (ed.). *ISKO: Encyclopedia of Knowledge Organization*. Edmonton: University of Alberta, 2017. Disponível em: http://www.isko.org/cyclo/domain_analysis. Acesso em: 13 fev. 2019.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in Information Science: Eleven approaches: traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, London, v. 58, n. 4, p. 422-462, Jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1108/00220410210431136>.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, v. 46, n. 6, p. 400-425, July 1995. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199507\)46:6<400::AID-ASI2>3.0.CO;2-Y](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199507)46:6<400::AID-ASI2>3.0.CO;2-Y).

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

IFIJEH, Goodluck; YUSUF, Felicia. Covid-19 pandemic and the future of Nigeria's university system: The quest for libraries' relevance. *The Journal of Academic Librarianship*, Ann Arbor, v. 46, n. 6, 102226, Nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102226>.

INFANTE-FERNÁNDEZ, Lara María; FABÁ-PÉREZ, Cristina. El uso de los medios sociales en las bibliotecas de los centros de educación secundaria como canales de difusión de su información: el caso de Extremadura. *Revista Española de Documentación Científica*, Madrid, v. 40, n. 4, p. e187, 2017. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/991/1539>. Acesso em: 12 jun. 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Division of Library Types*. Ville de Laval: IFLA, 2019. Disponível em: <https://www.ifla.org/library-types>. Acesso em: 2 ago. 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Trend report*. Ville de Laval: IFLA, 2020. Disponível em: <https://trends.ifla.org/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

JIMÉNEZ GONZÁLEZ, Ana Emilce; GÓMEZ VELASCO, Nubia Yaneth; AYALA SÁNCHEZ, Yolima; GUERRERO, Sara Cristina. Estudio de la colaboración en publicaciones científicas. Facultad de Ciencias-UPTC, 2002-2014. *Saber, Ciencia y Libertad*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 304-318, ene./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.18041/2382-3240/saber.2018v13n1.2084>. Disponível em: <https://revistas.unilibre.edu.co/index.php/saber/article/view/2084/2003>. Acesso em: 10 maio 2020.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. [S. l.: s. n.], 1784. Disponível em: <https://www.airtonjo.com/download/Kant-Esclarecimento.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020.

KAPLAN, Andreas Marcus; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges 71 and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, Bloomington, v. 53, p. 59-68, Jan./Feb. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>. Disponível em: <https://nohemosentendidonada.com/wp-content/uploads/2018/02/18-kaplanhaenlein2010-usersoftheworldunite-businesshorizons.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

KAUFMAN, Dora. *O processo de tomada de decisão no ciberespaço: o papel das redes sociais no jogo das escolhas individuais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica, Signo e Significação nas Mídias) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/5332/1/Dora%20Kaufman.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

KEMP, Simon. *Digital 2020: 3,8 billion people use social media*. [S. l.], 30 jan. 2020a. Special reports. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KEMP, Simon. *More than half of the people on earth now use social media*. [S. l.], 21 jul. 2020b. Special reports. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2020/07/more-than-half-of-the-people-on-earth-now-use-social-media>. Acesso em: 28 set. 2020.

KOTLER, Philip; BLOOM, Philip. *Marketing para serviços profissionais*. São Paulo: Atlas, 1988.

KOSCIEJEW, Marc. The coronavirus pandemic, libraries and information: a thematic analysis of initial international responses to COVID-19. *Global Knowledge, Memory and Communication*, [s. l.], 12 Aug. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/GKMC-04-2020-0041>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/GKMC-04-2020-0041/full/html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

LANZI, Lucirene Andréa Catini. *Apropriação das tecnologias de informação e comunicação em bibliotecas escolares: em busca de um espaço dinâmico*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93647/lanzi_lac_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 out. 2017.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução a Teoria Ator-Rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LAUAND, Jean. Método y Lenguaje en el Pensamiento de Josef Pieper. *Sapientia*, [s. l.], v. 59, n. 216, p. 433-453, 2004. Disponível em: <http://www.jeanlauand.com/sapientia216.pdf>. Acesso em: 3 out. 2020.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição, cultura e informática*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LUNDAHL, Lisbeth. *On the choice of thesis format and on writing the “kappa” of a thesis of publications*. Umea: Umeå universitet, Nov. 2010. Work in Progress. Disponível em: <http://dl.icdst.org/pdfs/files3/f47beb8b3dcc2926908661d17a0976c9.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

LLOYD, Christopher. *As estruturas da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LÓPEZ HERNÁNDEZ, Francisco. El campus de la Universidad Carlos III en Second Life. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 17, n. 6, p. 657-661, 2008. DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2008.oct.08>. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2008/noviembre/08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

MACHLUP, Fritz. *The production and distribution of knowledge in United States*. New Jersey: Princeton University Press, 1962.

MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information Processing & Management*, Elmsford, v. 41, n. 3, p. 599-611, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2003.12.004>.

MANESS, Jack M. Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries. *Webology*, [s. l.], v. 3, n. 2, [p. 1-11], 2006. Disponível em: https://digitalcommons.du.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1006&context=libraries_facpub. Acesso em: 3 out. 2017.

MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. Traduzido por Geysa Câmara de Lima Nascimento e Gustavo Henrique do Nascimento Neto. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 1, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95861>. Acesso em: 28 set. 2019.

MARQUINA, Júlian. *Los medios sociales en las bibliotecas son una carga de trabajo para su personal*. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.julianmarquina.es/los-medios-sociales-en-las-bibliotecas-son-una-carga-de-trabajo-para-su-personal/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/11995>. Acesso em: 10 maio 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARSHALL, Leandro. *As matrizes filosóficas e sociológicas*. [S. l.], 2009. Site: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. DOI: <https://doi.org/10.5102/uc.v5i2.715>. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marshall-leandro-as-matrizes-filosoficas-e-sociologicas.pdf>. Acesso em: 6 out. 2010.

MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. Barcelona: Paidós, 2002.

MASUDA, Yoneji. *The information society as post-industrial society*. Tokyo: Institute for the Information Society, 1980.

MASUDA, Yoneji. *An Introduction to the Information Society*. Tokyo: Perikan-Sha, 1968.

MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial*. Tradução de Kival Chaves Weber e Angela Melim. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1982.

MEADOWS, A. Jack. *A comunicação científica*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MEDEIROS, Déborah. *Bibliotecas nacionais do continente americano sob a perspectiva dos serviços utilizando Web 2.0 e Web 3.0*. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidade em Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2121/dissertacao_deborah_medeiros.pdf. Acesso em: 3 out. 2017.

MEDEIROS, Déborah; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira. As bibliotecas nacionais latino americanas e o capital social. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 202-224, out./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2754>.

MOROZOV, Evgeny. As plataformas digitias são a vanguarda do capitalismo global. *Folha Independente*, Campos Novos, n. 257, p. 5, 2 nov. 2018. Entrevista. Disponível em: https://issuu.com/folhain/docs/257_. Acesso em: 30 set. 2020.

MUNIZ, Euzebia Maria de Pontes Targino. *Comunicar e interagir em novos espaços: o uso das mídias sociais no Sistema de Bibliotecas da UFRN*. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação midiática: práticas sociais e produção de sentido) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16428/1/EuzebiaMPTM_DISSERT.pdf. Acesso em: 3 out. 2017.

NASSI-CALÒ, Lilian. Países em desenvolvimento liderados pela China ameaçam domínio norte-americano na ciência. *In: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. SciELO em perspectiva*. [S. l.], 17 abr. 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/04/17/paises-em-desenvolvimento-liderados-pela-china-ameacam-dominio-norte-americano-na-ciencia/#.X3zUyGhKjIV>. Acesso em: 6 out. 2020.

NASSI-CALÒ, Lilian. Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo. *In: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. SciELO em perspectiva*. [S. l.], 24 ago. 2016. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/#.XGYDG1xKjIV>. Acesso em: 15 fev. 2019.

NASCIMENTO, Vanessa Guimarães do. *Ação cultural com mídias sociais: análise do Facebook da Biblioteca de São Paulo*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9195>. Acesso em: 31 dez. 2017.

NOVA universidade nos EUA inaugura biblioteca sem livros em papel. *G1*, [s. l.], 26 ago. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/08/nova-universidade-nos-eua-inaugura-biblioteca-sem-livros-em-papel.html>. Acesso em: 27 set. 2020.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de. *Análise de domínio em “estudos métricos” no Brasil: produção, impacto e visibilidade em âmbito nacional e internacional*. 2013. Tese (Livre Docência em Estudos Bibliométricos em Produção e Organização do Conhecimento da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/27925>. Acesso em: 14 fev. 2018.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 1-18, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.3895/rl.v19n25.3168>.

O'REILLY, Tim. Introduction. In: MUSSER, John. *Web 2.0: Principles and Best Practices*. Sebastopol: O'Reilly Media Inc, Nov. 2006. Disponível em: https://learning.oreilly.com/library/view/web-20-principles/0596527691/0596527691_web2research-PREFACE-2.html. Acesso em: 14 fev. 2018.

O'REILLY, Tim. *What is Web 2.0*. [Sebastopol, CA]: O'Reilly Media, set. 2005. Disponível em: <http://www.oreilly.com/go/web2>. Acesso em: 26 mar. 2020.

ORTIZ-REPISO JIMENEZ, Virginia. *Re: Nuevo formato tesis: doctorado Documentación (UC3M): texto para mi tesis*. Destinatário: Maira Nani França. Madrid, 11 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica.

PEIXOTO, Suzane Gonçalves Duarte. *As bibliotecas e as mídias sociais: o uso do Facebook pelas bibliotecas das universidades federais brasileiras*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8829>. Acesso em: 31 dez. 2020.

PERAYA, D. Médiation et médiatisation: le campus virtuel. *Hermes: cognition, communication, politique*, Paris, n. 25, p. 153-167, 1999. DOI: <https://doi.org/10.4267/2042/14983>.

PEREZ MONZÓN, Juan José. *Las bibliotecas más espectaculares y vanguardistas del mundo*. [S. l.], 2 jun. 2020. Site: The Luxonomist. Disponível em: <https://theluxonomist.es/2020/06/02/michel-me-preocupa-que-se-normalice-que-siga-muriendo-gente/amalia-enriquez>. Acesso em: 27 set. 2020.

PESQUISA sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Estado informacional: implicações para as políticas de informação e de inteligência no limiar do século XXI. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 61-77, jan./ jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752012000100004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 dez. 2018.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; FERREZ, Helena Dodd. *Tesouro brasileiro de Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: IBICT, 2014.

PITOMBO, Mariella. Espaços e atores da diversidade cultural. In: CALABRE, Lia. (org.). *Políticas culturais: reflexões e ações*. São Paulo: Itaú Cultural, 2009. p. 34-59.

PIZZORNO, Ana Claudia Philippi. *Competência em informação digital e o uso institucional de mídias sociais pelas bibliotecas das universidades da rede ACADEMIA*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2121/dissertacao_ana_claudia.pdf. Acesso em: 3 out. 2020.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 3-15, mar. 2005. DOI: <https://doi.org/10.18225/liinc.v1i1.186>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082/2778>. Acesso em: 29 set. 2019.

PONS, Amadeu. *ÍNDICES CSIC: control bibliográfico de artículos de revista españoles*. [S. l.], 2019. Blok de Bid. Disponível em: <http://www.ub.edu/blokdebid/es/content/indices-csic-control-bibliografico-de-articulos-de-revista-espanoles>. Acesso em: 20 jan. 2020.

PORTUGAL. Ministério da Ciência e Tecnologia. *Missão para a Sociedade da Informação*. Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1997. Disponível em: <http://homepage.ufp.pt/lmbg/formacao/lvfinal.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do. *Presença digital de bibliotecas universitárias: diretrizes para o uso de mídias sociais*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/bitstream/tede/1689/1/123094.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. On Social Structure. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, v. 70, n. 1, p. 1-12, 1940. DOI: <https://doi.org/10.2307/2844197>.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais online x redes sociais offline*. [S. l.], 26 ago. 2009a. Blog. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html. Acesso em: 11 fev. 2019.

RECUERO, Raquel. *O que é mídia social?* [S. l.], 2 out. 2008. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/10/o-que-e-midia-s.html>. Acesso em: 10 set. 2017.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet?* Porto Alegre: Sulinas, 2009b. (Coleção Cibercultura). DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.v2i0.28>.

THE ROYAL SOCIETY. *Knowledge, Networks and Nations: Global scientific collaboration in the 21st century*. London: The Royal Society, Mar. 2011. (RS Policy document 03/11). Disponível em: https://royalsociety.org/-/media/Royal_Society_Content/policy/publications/2011/4294976134.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

SALGADO, Marcelo. SAC e Social CRM: os 13 passos para estabelecer conversações. In: SILVA, Tarcísio; STABILE, Max. (org.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: IBPAD, 2016. p. 85-103.

SALUSTIANO, Skrol. Análise de sentimento. In: SILVA, Tarcísio; STABILE, Max. (org.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: IBPAD, 2016. p. 29-52.

SANT GERONIKOLOU, Stavroula. *Exploring current practices and Greek and Spanish academic library stakeholder perceptions towards reconceptualizing in-library use data collection ecosystem*. 2020. Tesis (Doctorado en Documentación: Archivos y Bibliotecas en el Entorno Digital) – Universidad Carlos III de Madrid, Madrid, 2020. Disponível em: <https://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/30674>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Alexandra. De Alexandria às bibliotecas digitais. In: CORNELLI, Gabriele; FIALHO, Maria do Céu; LEÃO, Delfim (coord.). *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016. p. 285-295. DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1288-1_19.

SANTOS, Bruna Bomfim Lessa dos. *A mediação da informação e o uso da biblioteca pública: o Facebook como estratégia de interlocução e participação dos usuários*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18659?mode=full>. Acesso em: 3 out. 2017.

SANTOS, Bruna Bomfim Lessa dos; GOMES, Henriette Ferreira. Bibliotecas públicas do Brasil e o uso de dispositivos de comunicação da web social: o Facebook como espaço de mediação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANCIB, 2015. p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.9771/rpa.v10i2.18027>. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43851>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; ROMANETTO, Luiza de Menezes; ARAKAKI, Felipe Augusto; CONEGLIAN, Caio Saraiva; GONÇALEZ, Paula Regina Ventura Amorim; SIMIONATO, Ana Carolina; RODRIGUES, Fernando de Assis. Informação e tecnologia: percurso temático do GT 08. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: UNESP, 2017. p. 1-22. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125128>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; SIMIONATO, Ana Carolina; RODRIGUES, Fernando de Assis; ALENCAR, Cely Martins; FERREIRA, Jaider Andrade; SILVA, Renata Eleutério da; SANTANA, Ricardo Cesar Gonçalves; ALVES, Rachel Cristina Vesú; RODAS, Cecílio Merlotti; PÖTTKER, Luciana Maria Vieira; LOPES, Rita de Cássia Cassiano. Mapeamento do termo tecnologia em periódicos da CI no escopo do GT8: informação e tecnologia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-19. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/2488/MAPEAMENTO%20DO%20TERMO%20TECNOLOGIA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SANTOS, Raquel do Rosário. *Espaço virtual e a comunicação com os usuários para mediação da informação*: utilização pelas bibliotecas das universidades federais e estaduais brasileiras. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7833/1/RAQUEL_TRABALHO%20FINAL_ABSRACT%20REVISTO%20-%2018.08.pdf. Acesso em: 3 out. 2020.

SANTOS, Raquel do Rosário. *Gestão dos dispositivos de comunicação da Web social*: potencializando as atividades de mediação da informação e do conhecimento em bibliotecas universitárias brasileiras. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8018/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 3 out. 2020.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 14 dez. 2018.

SCHWARTZMAN, Simon. *Ciência e história da ciência*. [S. l.]: FINEP, Grupo de Estudos sobre o Desenvolvimento da Ciência, 1976. (Documento de trabalho, n. 2). Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/cciencia.htm>. Acesso em: 6 out. 2020.

SELAIMEN, Graciela; LIMA, Paulo Henrique (org.). *Cúpula mundial sobre a Sociedade da Informação*: um tema de tod@s. Rio de Janeiro: Rits, 2004. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8182A24F0A728E014F0AE5C9817725>. Acesso em: 20 nov. 2014.

SEVILLANO, Elena. As 20 bibliotecas mais impressionantes do mundo. *El País*, Madrid, 31 jul. 2018. Fotografia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/31/album/1533036263_013678.html#foto_gal_1. Acesso em: 27 set. 2020.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SILVA, Ariana Alves da; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Biblioteca Pública de Lavras: redesenhando a história e sua relevância para a comunidade lavrense. *In*: SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/Conteudo/Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>. Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, Valfredo Lima da. *Uso das redes sociais como forma de disseminação da informação*: um estudo de caso nas bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23909/1/Valfredo%20Lima%20da%20Silva_.pdf. Acesso em: 3 out. 2017.

SILVA FILHO, Rubens da Costa. *Biblioteca universitária híbrida no contexto da Web 2.0*: o caso da Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116461/000966705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 out. 2020.

SMIRAGLIA, Richard P. *Domain analysis for knowledge organization: Tools for ontology extraction*. Oxford: Chandos Publishing, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-8-553>.

SMIRAGLIA, Richard P. Domain coherence within Knowledge Organization: people, interacting theoretically, across geopolitical and cultural boundaries. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF CAIS, 39., 2011, Fredericton. *Exploring interactions of people, places and information*. Fredericton: University of New Brunswick, 2011. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/ojs.cais-acsi.ca/index.php/cais-ascii/article/view/601/551>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SODERQVIST, Thomas; SILVERSTEIN, Arthur. Participation in Scientific Meetings: A New Prosopographical Approach to the Disciplinary History of Science: The Case of Immunology, 1951-72. *Social Studies of Science*, London, v. 24, n. 3, p. 513-548, Aug. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1177/030631279402400303>.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*: por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Nivea Câmara Rocha de. *O marketing digital nas bibliotecas universitárias públicas de Salvador*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21203/1/Nivea%20Camara%20Rocha%20de%20Souza%20-%20DISSERTACAO.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

SPYER, Juliano. Web 2.0. *In*: AVORIO, André; SPYER, Juliano (org.). *Para entender a internet*. Versão rev. e ampl. [S. l.: s. n.], 2015. p. 91-92. Disponível em: <http://paraentender.com/sites/paraentender.com/static/pdf/livro.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

STAR, S. L.; BOWKER, G. C; NEUMANN, L. J. *Transparency at different level of scale: convergence between information artefacts and social worlds*. Champaign: Library and Information Science, University of Illinois, 1998. Disponível em: <https://www.ics.uci.edu/~gbowker/converge.html>. Acesso em: 14 dez. 2018.

TAKAHASHI, Tadao (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, set. 2000. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

TENNIS, Joseph. T. Two Axes of Domains for Domain Analysis. *Knowledge Organization*, Wurzburg, v. 30, n. 3/4, p. 191-195, 2003. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2879034. Acesso em: 5 out. 2017.

TONUS, Mirna. O potencial do monitoramento de mídias sociais para o exercício do jornalismo. In: TRÄSEL, Marcelo; LONGHI, Raquel Ritter; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. (org.). *Pensar em rede*: pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais. Macapá : UNIFAP, 2017. p. 123-143.

TOURAINÉ, Alan. *La Société Post Industrielle*. Paris: Denoël, 1969.

UNESCO. *Hacia las sociedades del conocimiento*. Paris: Ediciones Unesco, 2005. Disponível em:

http://www.lacult.unesco.org/docc/2005_hacia_las_soc_conocimiento.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

UNESCO. *International Standard Classification of Education*. Fields of education and training 2013 (ISCED-F 2013). Detailed field descriptions. Montreal: Unesco Institute for Statistics, 2015. Disponível em:

<http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/international-standard-classification-of-education-fields-of-education-and-training-2013-detailed-field-descriptions-2015-en.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

UNIVERSIDAD CARLOS III DE MADRID. *La UC3M atrae a los mejores estudiantes y es líder en movilidad Erasmus*. Madrid: UC3M, 20 dez. 2018. Disponível em: https://www.uc3m.es/ss/Satellite/UC3MInstitucional/es/Detalle/Comunicacion_C/1371260943505/1371215537949/La_UC3M_atrae_a_los_mejores_estudiantes_y_es_lider_en_movilidad_Erasmus. Acesso em: 15 mar. 2019.

UNIVERSIDAD CARLOS III DE MADRID. *La UC3M, entre las mejores del mundo en 11 campos académicos*. Madrid: UC3M, 27 fev. 2019. Disponível em:

https://www.uc3m.es/ss/Satellite/UC3MInstitucional/es/Detalle/Comunicacion_C/1371264997904/1371215537949/La_UC3M_entre_las_mejores_del_mundo_en_11_campos_academicos. Acesso em: 15 mar. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. *Resolução UNESP nº 22, de 13 de março de 2019*. Dispõe sobre o Regimento Geral da Pós-graduação da Unesp. São Paulo: UNESP, 2019. Disponível em:

https://www2.unesp.br/Home/propg/regimento_geral_pos_graduacao_rpgp-.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 38, n. 2, p. 69-79, maio/ago. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000200006. Acesso em: 20 out. 2017.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. Una revisión crítica de la Ley de Bradford. *Investigación Bibliotecológica*, México, v. 10, n. 20, p. 16-26, 1996. DOI: <https://doi.org/10.22201/iibi.0187358xp.1996.20.3835>. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3835>. Acesso em: 20 fev. 2020.

O USO das mídias sociais em bibliotecas universitárias na Espanha com David Vernon Vieira. [S. l.: s. n.], 18 nov. 2015. 1 vídeo (16min50), son., color. Publicado por Mural interativo do bibliotecário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qlg4Ldjv1Rc>. Acesso em: 27 jun. 2017.

VÁLLEZ, Mari; PEDRAZA-JIMÉNEZ, Rafael; CODINA, Lluís, BLANCO, Saúl; ROVIRA, Cristòfol. Updating controlled vocabularies by analysing query logs. *Online Information Review*, Bradford, v. 39, n. 7, p. 870-884, Nov. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1108/OIR-06-2015-0180>.

VAN DIJK, Jan. *De netwerkmaatschappij: sociale aspecten van nieuwe media*. 1st ed. Houten: Bohn Stafleu Van Loghum, 1991.

VAN DIJK, Jan. *The Network Society: social aspects of New Media*. 2nd ed. London: Sage Publications, 2006. Disponível em: http://www.forschungsnetzwerk.at/downloadpub/The_Network_Society-Jan_van_Dijk.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

VERGARA, Sylvia Helena Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VICENTE, Natalí Ilza. *O uso do Twitter e Facebook para divulgação científica: um estudo netnográfico em perfis de bibliotecas universitárias federais do sul do Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://tede.udesc.br/bitstream/tede/1687/1/123092.pdf>. Acesso em: 3 out. 2020.

VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CUSIN, César Augusto; CORRADI, Jiliane Adne Mesa. Acessibilidade digital sob o prisma da arquitetura da informação. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (org.). *Ensino e pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 173-184.

VIEIRA, David Vernon. *Adoção de redes sociais em bibliotecas universitárias espanholas: um estudo das aplicações dos recursos da Web 2.0*. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15815/1/2013_DavidVermonVieira.pdf. Acesso em: 28 set. 2017.

VIEIRA, Rafael. Análise de sentimento automática. *In: SILVA, Tarcísio. (org.). Para entender o monitoramento de mídias sociais. Versão 1.0. [S. l.: s. n.], 2012. p. 53-58.*

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, Elmsford, v. 29. n. 2, p. 229-239, Mar./Apr. 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/0306-4573\(93\)90006-Y](https://doi.org/10.1016/0306-4573(93)90006-Y).

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. *Information Scientist*, London, v. 9, n. 4, p. 127-140, Dec. 1975. Disponível em: <http://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação, Brasília, DF*, v. 29, n. 2, p. 71-77, ago. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000200009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2020.

ZANDAVALLE, Ana Cláudia. O mercado da inteligência de mídias sociais. *In: SILVA, Tarcísio; STABILE, Max (org.). Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: IBPAD, 2016. p. 11-27.*

APÊNDICE A – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO BRASILEIRO

AGUIAR, Giseli Adornato de; SILVA, José Fernando Modesto da. Análise do uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias brasileiras. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 2-10, ago. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46831>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ANJOS, Cláudia Regina dos. A presença da biblioteca universitária nas mídias sociais: um estudo baseado no sistema de bibliotecas da UFRJ. *Biblionline*, João Pessoa, v. 12, n. 4, p. 42-56, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/51137>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ARAÚJO, Walqueline Silva; LOUREIRO, José Mauro Matheus; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. Bibliotecas, usuários e tecnologias info-comunicacionais: perspectivas e transformações. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 7, n. 2, p. 65-77, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1874>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ARAÚJO, Walqueline Silva; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. O uso das mídias sociais pelas bibliotecas universitárias com foco no marketing de relacionamento. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 2-15, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/45966>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. O uso do Facebook pelas Bibliotecas Públicas do estado do Ceará. *InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 5 n. 1, n. 1, p. 112-123, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/53060>. Acesso em: 4 jul. 2018.

BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na web 2.0 e biblioteca 2.0 collaboration and interaction on web 2.0 and library 2.0 p. 191-215. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 12, n. 2, p. 191-215, jul/dez. 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/87520>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BRITO, Regina Garcia; VALLS, Valéria Martin. O papel das bibliotecas no contexto das tecnologias digitais e novas formas de aprendizagem. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 77-110, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/43428>. Acesso em: 4 jul. 2018.

CALIL JUNIOR, Alberto. Mídias sociais nas bibliotecas universitárias brasileiras. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 18, n. 2, p. 1053-1077, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/79358>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CALIL JUNIOR, Alberto; ALMENDRA, Gabriela. As apropriações do Facebook pelas bibliotecas públicas estaduais brasileiras. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 188-213, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46612>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CANELAS, Lygia Luzia Cordon; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. Twitter como disseminador de informação e conteúdo digital em bibliotecas públicas. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 22-32, jan. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46715>. Acesso em: 4 jul. 2018.

CONTI, Daiana Lindaura; PINTO, Maria Carolina Carlos. Ferramentas colaborativas para bibliotecas. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 15, n. 1, p. 7-21, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/79296>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CURIEL, Eva Herrero; LUCAS, Elaine de Oliveira; PRADO, Jorge Moisés Kroll do. Las bibliotecas nacionales iberoamericanas en la Web 2.0. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 19, n. 39, p. 133-152, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/52037>. Acesso em: 15 jul. 2019.

D'ÁVILA, Fernanda Martins. O uso da Web social por bibliotecas de instituições públicas e privadas de ensino superior de Florianópolis: Santa Catarina. *REBECIN: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, Marília, v. 2, n. 2, p. 82-107, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/87162>. Acesso em: 15 jul. 2019.

DANTAS, Cleide Furtado Nascimento; QUARESMA, Ana Carolina Oeiras; PIRES, Érik André de Nazaré; AMANAJÁS, Mikally Alves de Andrade. A mediação da informação na rede de bibliotecas do Ministério Público Federal: um mapeamento sobre o uso dos serviços de referência online disponíveis no sistema pergamum. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 19-31, 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/49519>. Acesso em: 15 jul. 2019.

DIAS, Luana Gomes; CASTRO, Hallison Phelipe Lopes de; SILVA, Márcio Bezerra Da. Categorização de serviços da Web 2.0: uma proposta de apoio aos bibliotecários. *Folha de Rosto*, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 2, p. 5-16, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/52341>. Acesso em: 4 jul. 2018.

FURTADO, Cássia Cordeiro. Bibliotecas escolares e Web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 135-150, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46633>. Acesso em: 15 jul. 2019.

FURTADO, Cássia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. Biblioteca escolar e interculturalidade: rede social em países lusófonos Portal Biblon. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 155-169, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/96693>. Acesso em: 4 jul. 2018.

FURTADO, Cássia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. Biblon: plataforma de incentivo a leitura literária para crianças. *InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 2 n. 1, n. 1, p. 68-85, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46715>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Internet, mídias sociais e as unidades de informação: foco no ensino-aprendizagem. *Brazilian Journal of Information Science*, v. 10, n. 2, p. 14-20, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/48861>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GIRARD, Carla Daniella Teixeira; PIRES, Erik André de Nazaré. O Foursquare como ferramenta de marketing: uma análise sobre a Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, Brasil (UFPA). *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 19, n. 1, p. 89-101, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/78992>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GOMES, Henriette Ferreira; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na Web. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 145-156, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95563>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, José Antonio. La función educativa de bibliotecas y bibliotecarios en el contexto de las tecnologías participativas de la Web social. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 51-71, jun./jul. 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/98734>. Acesso em: 15 jul. 2019.

HUBNER, Marcos Leandro Freitas; TEIXEIRA, Marcelo Votto; KROTH, Diego Fabrizio. Serviços da biblioteca na Web 2.0: um estudo de caso dos tutoriais em vídeo da Universidade de Caxias do Sul no site YouTube.com. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 39-55, abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/98697>. Acesso em: 15 jul. 2019.

IMRAN, Sheikh Mohd. Impacto e aplicação da Web 2.0 em bibliotecas: um estudo de caso de 12 bibliotecas nacionais de nações desenvolvidas. *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, v. 5, n. 2, p. 47-64, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/48639>. Acesso em: 15 jul. 2019.

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. Produtos e serviços da Web 2.0 no setor de referência das bibliotecas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 110-133, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/49747>. Acesso em: 15 jul. 2019.

JESUS, Jaqueline Rodrigues de; RUFINO, Fernanda Maciel; SILVA, Márcio Bezerra da. Análise de websites de bibliotecas sob a ótica da Web 2.0 e acessibilidade. *Revista Informação na Sociedade Contemporânea*, Natal, v. 1 n. 1, p. 1-16, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/80047>. Acesso em: 15 jul. 2019.

JORGE, Pablo Diego Silva de Souza; RIBEIRO, Marcos Maurilio. Ferramentas 2.0 e bibliotecas universitárias brasileiras: levantamento de uso e implicações. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 22-33, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41317/25252>. Acesso em: 15 jul. 2019.

JULIANI, Jordan Paulesky; RIBEIRO JUNIOR, Divino Ignácio; CASTRO JUNIOR, Orlando Vieira de; POMPERMAIER, Salete Teresinha; ROSA, Francisco. BiblioCom: estendendo o acervo de bibliotecas por meio de uma rede social para empréstimo de livros de acervos pessoais. *InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 124-143, set. 2017/fev. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/132103/133889>. Acesso em: 4 jul. 2018.

- MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95861>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- MANSO-RODRÍGUEZ, Ramón-Alberto. ¡Leer, comentar, compartir! el fomento de la lectura y las tecnologías sociales. *Transinformação*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 9-19, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/117907>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- MEDEIROS, Deborah; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira. As bibliotecas nacionais latino americanas e o capital social. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 202-224, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/47084>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- MURIEL-TORRADO, Enrique; DUTRA, Moisés Lima; MACEDO, Douglas Dyllon Jeronimo de; MATIAS, Márcio. Bibliotecas universitárias brasileiras e seus serviços on-line. *Informação & Tecnologia (Ittec)*, Marília/João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/54139>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- MURIEL-TORRADO, Enrique; GONÇALVES, Marcio. Youtube nas bibliotecas universitárias brasileiras: quem, como e para o que é utilizado. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 98-113, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/47349>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- NEVES, Barbara Coelho; SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira. A condição estruturante das tecnologias nas relações sociais: potencialidades na interlocução entre biblioteca e usuário. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 25-31, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95688>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- OLIVEIRA, Lais Pereira de; SILVEIRA, Carlos Eduardo da. Interatividade e colaboração via Web 2.0: estudo de caso em bibliotecas públicas do município de goiânia. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 18, n. 2, p. 901-925, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/86516>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- PEREIRA, Débora Maria Russiano; GRANTS, Andréa Figueiredo Leão; BEM, Roberta Moraes de. Biblioteca 2.0: produtos e serviços oferecidos pelo sistema de bibliotecas da UFSC. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 15, n. 1, p. 231-243, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/87656>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- PEREIRA, Edinete do Nascimento; CARVALHO, Andréa Vasconcelos. A Web 2.0 no serviço de referência: análise do uso nas bibliotecas das universidades federais do nordeste brasileiro. *Informação & Informação*, Londrina, v. 17, n. 3, p. 102-124, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46368>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- PEREIRA, Gleice; GUIMARÃES, Rachel Cristina Mello; SANTOS, Gilcelene Pereira dos. Vlogs literários: o incentivo à leitura por meio da mídia social digital Youtube. *Informação@Profissões*, Londrina, v. 6, n. 2, p. 77-93, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/81085>. Acesso em: 4 jul. 2018.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Bibliotecas universitárias e presença digital: estabelecimento de diretrizes para o uso de mídias sociais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 165-181, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/47296>. Acesso em: 15 jul. 2019.

REZENDE, Laura Vilela Rodrigues; MARTINS, Dalton Lopes; SILVA, Marcel Ferrante. Mídias sociais em tempos de bibliotecas 2.0: um estudo em bibliotecas das instituições federais de ensino brasileiras trazendo perspectivas futuras para a preservação digital. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 484-500, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/114334>. Acesso em: 15 jul. 2019.

RIBEIRO, Adriana; LEITE, Ramon Silva; LOPES, Humberto Elias Garcia. Análise do uso das redes sociais em bibliotecas universitárias brasileiras. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 12, n. 3, p. 5-27, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/114535>. Acesso em: 4 jul. 2018.

ROCHA, Ednéia Silva Santos; SILVA, Márcia Regina da; MAIA, Margareth Barros. Estratégia de marketing em unidades de informação: o uso de ferramentas da Web 2.0. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 349-364, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/87698>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SALGADO, Maria Armanda; PACIOS, Ana Reyes. Social media marketing nas bibliotecas acadêmicas portuguesas. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 10, n. 1, p. 14-31, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n45p115/31139>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, Alexandra; ANDRADE, António. Bibliotecas universitárias portuguesas no universo da Web 2.0. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. esp., p. 116-131, 2. sem. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/96098>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, Ester Laodiceia; ROCHA, Suely Margareth da. O blog como ferramenta de comunicação entre a biblioteca e seus usuários: a experiência da biblioteca Lydio Bandeira de Mello, da Faculdade de direito da Universidade Federal de Minas Gerais. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 134-152, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v27n33p134/21715>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, João Arlindo dos; ANDRADE, Oswaldo Francisco de. Bibliotecas universitárias das instituições estaduais de ensino superior paranaenses e a mediação da informação no Facebook. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 442-468, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/114434>. Acesso em: 4 jul. 2018.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira. Utilização dos dispositivos de comunicação da Web social pelas bibliotecas universitárias: um espaço para mediação da informação. *Transinformação*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/117932>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeida Nóbrega. Processo dialógico entre bibliotecários e usuários: reflexão em torno da utilização dos dispositivos de comunicação da Web social. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 115-129, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n45p115/31139>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SILVA, Kelly dos Reis; ALBUQUERQUE, Leticia R.; PAULA, Mariléia Ap. de; OLIVEIRA, Vanessa Gal Paiva. Serviços oferecidos via Twitter em bibliotecas universitárias federais brasileiras. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 6, n. 3, p. 72-86, dez. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/98691>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SILVA, Márcio Bezerra Da; RUFINO, Fernanda Maciel. A Web 2.0 na informatização de bibliotecas: um estudo propositivo. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 10, n. 2, p. 17-38, ago. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/98682>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SILVA FILHO, Rubens da Costa; MANGAN, Patrícia Kaysar Vargas. Biblioteca universitária híbrida no contexto da Web 2.0: integração de ferramentas para a promoção de produtos e serviços. *Informação & Tecnologia (Itec)*, Marília/João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 62-82, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/53878>. Acesso em: 15 jul. 2019.

VIEIRA, David Vernon; BAPTISTA, Sofia Galvão; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. Adoção da Web 2.0 em bibliotecas de universidades públicas espanholas: perspectivas de interação do bibliotecário com as redes sociais: relato de pesquisa. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 167-181, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46326>. Acesso em: 15 jul. 2019.

YAMASHITA, Denise Sana; CASSARES, Norma Cianflone; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. Capacitação do bibliotecário no uso das redes sociais e colaborativas na disseminação da informação. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 161-172, jan. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46636>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ZAIDAN, Tiago Eloy. As mídias digitais online no contexto da comunicação organizacional das bibliotecas. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 30, n. 2, p. 86-114, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/56958>. Acesso em: 4 jul. 2018.

APÊNDICE B – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO ESPANHOL

ALCALÁ PONCE DE LEÓN, Mireia. Crowdsourcing en las instituciones de la memoria: las transcripciones masivas. *BiD: Textos Universitaris de Biblioteconomia i Documentació*, Barcelona, n. 35, p. 1-22, dic. 2015. Disponível em: <http://bid.ub.edu/pdf/35/en/alcala.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

ALONSO BERROCAL, José Luis; FIGUEROLA, Carlos G.; ZAZO RODRÍGUEZ, Angel F. Propuesta de índice de influencia de contenidos (Influ@RT) en Twitter. *Scire: Representación y Organización del Conocimiento*, Zaragoza, v. 21, n. 1, p. 21-26, 2015. Disponível em: <https://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4139/3805>. Acesso em: 2 fev. 2020.

AMAT BOZZO, Lluïsa; BAGÉS I VISA, Taïs; PÉREZ GÁLVEZ, Andrés; ROCA LEFLER, Marta. Fidelitzant usuaris digitals: innovacions TIC a les biblioteques UPC. *Item: Revista de Biblioteconomia i Documentació*, [s. l.], n. 52, p. 51-61, 2010. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/247191/331073>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BLÁZQUEZ OCHANDO, Manuel; WANG, Yue. La web social en las bibliotecas universitarias de China: análisis de contenidos con mayor impacto. *Métodos de Información*, Valencia, v. 7, n. 13, p. 145-165, 2016. Disponível em: <https://www.metodosdeinformacion.es/mei/index.php/mei/article/view/IIMEI7-N13-145165/925>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRÖLL NADAL, Anna; CABRÉ SERRA, Ana; FRECHINÉ PARRA, Pau; GÁNDARA SANZ, Dolores. Bibarnabloc: el proyecto líquido de Bibliotecas de Barcelona. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 20, n. 6, p. 671-676, nov./dic. 2011. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2011.nov.11/20888>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRÖLL NADAL, Anna; CABRÉ SERRA, Anna; GÁNDARA SANZ, Dolores. Comunicar en la Web. Estrategias de Bibliotecas de Barcelona. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 21, n. 4, p. 406-412, jul./ago. 2012. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2012.jul.13/17907>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRÖLL NADAL, Anna; CABRÉ SERRA, Anna; GÁNDARA SANZ, Dolores. La gestió de la reputació digital a Biblioteques de Barcelona. *Item: Revista de Biblioteconomia i Documentació*, [s. l.], n. 57, p. 111-125, 2013. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/269707/372311>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BUSTAMANTE RODRÍGUEZ, A. Tomás; ORTIGOSA DELGADO, María Teresa; DOMÍNGUEZ FERNÁNDEZ, Carmen; LÓPEZ ROMERO, Marina; SANTOS GÓMEZ, Verónica; AMAYA GÁLVEZ, Rosa María; NAVAS BENITO, Enrique. Decálogo para el buen uso de las Redes Sociales en Bibliotecas. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 112, p. 109-123, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6530616>. Acesso em: 2 fev. 2020.

CARVAJAL CANTERO, María Ángeles; GONZÁLEZ PARRA, Inmaculada; LARA DÍAZ, Isabel; MOYAR GODINO, Lourdes; RUIZ FERNÁNDEZ, Mar; YUSTE ÁLVAREZ, José Manuel. Marketing bibliotecario: 10 campañas exitosas de la Biblioteca Universitaria de Huelva en los medios sociales. Grupo de Trabajo Biblioteca 2.0. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 147-159, 2016. Disponible em: <https://www.aab.es/app/download/26806731/Bibliotecas-Bolet%C3%ADn-111-147-159.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

CASTILLO DÍAZ, Ana; HERRERA MORILLAS, José Luis. Nuevas fórmulas de comunicación con los usuarios de las bibliotecas universitarias. *Historia y Comunicación Social*, Madrid, v. 19, n. esp., p. 813-820, 2014.

CEBOLLA TALENS, Desamparados. Ús de les Xarxes Socials a les Biblioteques Públiques Municipals de la XLPV. *Métodos de Información*, Valencia, v. 6, n. 10, p. 5-28, 2015. Disponible em: <https://www.metodosdeinformacion.es/mei/index.php/mei/article/view/IIMEI6-N10-005028/815>. Acceso em: 2 fev. 2020.

COMAS LAMARCA, Mercè; SADURNÍ LÓPEZ, Maria. El redescobrimient del patrimoni documental: la difusió presencial i virtual a la Biblioteca de Catalunya. *Item: Revista de Biblioteconomía i Documentació*, [s. l.], n. 62, p. 20-34, 2017. Disponible em: <https://raco.cat/index.php/Item/article/view/327903/418424>. Acceso em: 2 fev. 2020.

DOBRECKY, Leticia Paula. Hacia la library 2.0: blogs, rss y wikis. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 16, n. 2, p. 138-142, mar./abr. 2007. Disponible em: <http://eprints.rclis.org/9963/>. Acceso em: 2 fev. 2020.

DELGADO VÁZQUEZ, Ángel; FERNÁNDEZ CORDERO, Rocío; GARCÍA CANTOS, Nieves; LILLO RODRÍGUEZ, Ana Isabel; MATEOS TIMÓN, María del Carmen; RONCERO BAZARRA, Miriam; SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Nuria; TORRALBO ARANDA, Montserrat. Construyendo una identidad corporativa digital: la biblioteca/CRAI de la Universidad Pablo de Olavide en los medios sociales. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 160-178, 2016. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5907068>. Acceso em: 2 fev. 2020.

ESTRADA, José Manuel; GRIFOL, Eulàlia; JAÉN, Belén; JIMÉNEZ, Virginia; MEDINO, Juan; PRIMO, Elena; PUYAL, Cristina; ROA, Leonor; VIVAS, Montaña. Bibliotecas de ciencias de la salud, agregadores de contenido y DíasMundialesDe. *Boletín de la ANABAD* Madrid, v. 63, n. 2, p. 13-28, abr./jun. 2013. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4471851.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

FIGUEROLA, Carlos G.; ALONSO BERROCAL, José Luis; ZAZO RODRÍGUEZ, Angel Francisco. Estructuras de colaboración entre las bibliotecas nacionales de la Comunidad Europea a través de sus portales web y de las redes sociales. *Scire: Representación y Organización del Conocimiento*, Zaragoza, v. 19, n. 2, p. 33-44, 2013. Disponible em: <https://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4066/3728>. Acceso em: 2 fev. 2020.

FREIXA-FONT, Pere. Patrimonio fotográfico y web 2.0: la experiencia Flickr The Commons. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 20, n. 4, p. 432-438, jul./ago. 2011. Disponible em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2011.jul.10/21039>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GARCÍA DE LEÓN, Alicia; PIÑEYRO BASCOU, Gabriela. OPACs, caminos y desafíos 2.0: hacia la convergencia de medios y saberes. *Cuadernos de Documentación Multimedia*, Madrid, v. 24, p. 41-60, 2013. Disponible em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CDMU/article/view/46281/43504>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GARCÍA GIMÉNEZ, Daniel. Redes sociales: posibilidades de Facebook para las bibliotecas públicas. *BiD: textos universitarios de biblioteconomía i documentació*, Barcelona, n. 24, 2010. Disponible em: <http://bid.ub.edu/24/garcia2.htm>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GARCÍA VILLARINO, Beatriz. Bibliotecas especializadas de Zamora: una experiencia de cooperación 2.0. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, v. 26, n. 101, p. 104-113, ene./jun. 2011. Disponible em: <https://www.aab.es/app/download/5987297/BIBLIOT+ESP+ZAMORA.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GIL SOLÉS, Daniel. El sud bibliotecari 2.0: eines del web social a les biblioteques públiques tarragonines. *Item: Revista de Biblioteconomía i Documentació*, [s. l.], n. 52, p. 108-112, 2010. Disponible em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/247197/331079>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GIMÉNEZ CHORNET, Vicent. Redes sociales en las bibliotecas escolares. *Revista sobre la Infancia y la Adolescencia*, [s. l.], n. 8, p. 15-27, 2015. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5074805>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GÓMEZ GÓMEZ, Antonio Agustín. Encuentros y desencuentros en las redes sociales: la experiencia de la Biblioteca Provincial de Huelva. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 27-48, 2016. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5907061>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. ALFIN 2.0: herramientas 2.0 en programas ALFIN en bibliotecas de la Universidad de Sevilla. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, año 23, n. 92-93, p. 11-32, jul./dic. 2008. Disponible em: <http://eprints.rclis.org/14140/>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. Bibliotecas y marketing em red. *BiD: textos universitarios de biblioteconomía i documentació*, Barcelona, n. 23, p. 1-18, dec. 2009. Disponible em: <http://bid.ub.edu/23/gonzalez2.htm>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. Bibliotecas, medios y métricas de la web social. *Anales de Documentación*, Murcia, v. 19, n. 1, 2016. Disponible em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/234001/190721>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. La reputació corporativa de les biblioteques en els mitjans socials. *Item: Revista de Biblioteconomía i Documentació*, [s. l.], 57, p. 97-110, 2013. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4713791>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. ROI en medios sociales: campañas de marketing en bibliotecas. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 24, n. 1, p. 22-30, 2015. Disponible em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2015/ene/03.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves; MENÉNDEZ NOVOA, José Luis; SEOANE GARCÍA, Catuxa; SAN MILLÁN FERNÁNDEZ, María Elvira. Revisión y propuesta de indicadores (KPI) de la Biblioteca en los medios sociales. *Revista Española de Documentación Científica*, Madrid, v. 36, n. 1, p. e005, 2013. Disponible em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/775/910>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GONZÁLEZ GARCÍA, Juan Ángel. Aspectos emocionales en las redes sociales. Como crear comunidad desde la práctica. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 49-63, 2016. Disponible em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5907062>. Acceso em: 2 fev. 2020.

GRANDE GONZÁLEZ, Pilar; FUENTE REDONDO, Pablo de la. Bibliotecas universitarias españolas en la web social. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 21, n. 6, p. 577-584, 2012. Disponible em:

<https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2012.nov.04/17870>. Acceso em: 2 fev. 2020.

INFANTE-FERNÁNDEZ, L. M.; FABA-PÉREZ, C. El uso de los medios sociales en las bibliotecas de los centros de educación secundaria como canales de difusión de su información: el caso de Extremadura. *Revista Española de Documentación Científica*, Madrid, v. 40, n. 4, p. e187, 2017. Disponible em:

<http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/991>. Acceso em: 2 fev. 2020.

JUÁREZ URQUIJO, Fernando. Tecnología, innovación y web social: el valor de la dimensión en la biblioteca pública. El caso de la biblioteca de Muskiz. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 17, n. 2, p. 135-143, 2008. Disponible em:

<http://eprints.rclis.org/11662/1/epimuskiz.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

LAUDANO, Claudia Nora; PLANAS, Javier; KESSLER, María Inés. Aproximaciones a los usos y apropiación de Twitter en bibliotecas universitarias de Argentina. *Anales de Documentación*, Murcia, v. 19, n. 2, 2016. Disponible em:

<https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/246291/196501>. Acceso em: 2 fev. 2020.

LIÑÁN MAZA, María del Carmen; GUZMÁN PÉREZ, Catalina. Las redes sociales en la Biblioteca Universitaria de Córdoba (2008-2016). *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 95-108, 2016. Disponible em:

<https://helvia.uco.es/bitstream/handle/10396/14148/Bibliotecas-Bolet%c3%adn-111-095-108.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acceso em: 2 fev. 2020.

MANSO RODRÍGUEZ, Ramón Alberto. Bibliotecas, fomento de la lectura y redes sociales: convirtamos amigos en lectores. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 21, n. 4, p. 401-405, jul./ago. 2012. Disponible em: <http://eprints.rclis.org/17310/1/401-405.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

MARGAIX ARNAL, Dídac. Las bibliotecas universitarias y Facebook: cómo y por qué estar presentes. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 17, n. 6, p. 589-601, 2008.

Disponible em: http://eprints.rclis.org/12568/1/articulo_Facebook_Margaix.pdf. Acceso em: 2 fev. 2020.

MARGAIX ARNAL, Dídac. Conceptos de web 2.0 y biblioteca 2.0: origen, definiciones y retos para las bibliotecas actuales. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 16, n. 2, p. 95-106, 2007. Disponible em: <http://eprints.rclis.org/9521/1/kx5j65q110j51203.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

MARGAIX-ARNAL, Dídac. L'OPAC Social i la participació dels usuaris als catàlegs

bibliogràfics. *Item: Revista de Biblioteconomia i Documentació*, [s. l.], n. 50, p. 16-30, 2009.

Disponible em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/133083/262429>. Acceso em: 2 fev. 2020.

MARTÍNEZ BALLESTER, Inmaculada. Formación de usuarios online en Bibliotecas Universitarias: estado de la cuestión. *Cuadernos de Gestión de Información*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 38-50, 2014. Disponível em: <https://revistas.um.es/gesinfo/article/view/219011>. Acesso em: 2 fev. 2020.

MELÓN RODILLA, Sergio; PASTRANA GARCÍA, Alicia; PAVÍA FERNÁNDEZ, Javier; PÉREZ MORILLO, Mar. La web institucional y las redes sociales en la Biblioteca Nacional de España. *Boletín de la ANABAD*, Madrid, v. 62, n. 4, p. 114-129, 2012. Disponível em: <https://www.anabad.org/wp-content/uploads/2012/12/2012.4.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

ORDOÑEZ-COCOVI, Elvira; PÉREZ-BENITO, Charo; LOBATO, Carmen; MILLÁN, Laura. Campañas de marketing en la Biblioteca de Arquitectura de la Universidad de Sevilla. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 25, n. 1, p. 125-134, ene./feb. 2016. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2016/ene/12.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

OVALLE PERANDONES, María Antonia; GUARDADO GARCÍA, Sonia. Los servicios 1.0 y 2.0 en las bibliotecas públicas en línea de los municipios de Bizkaia (Euskadi). *BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, Barcelona, n. 31, 2013. Disponível em: <http://bid.ub.edu/es/31/ovalle2.htm>. Acesso em: 2 fev. 2020.

RAINIE, Lee. How libraries can survive in the new media ecosystem. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 19, n. 3, p. 308-314, mayo/jun. 2010. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/29498/1/rainie.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

REAL DURO, Ana; PÓVEDA SÁNCHEZ, Pilar. Situación de la visibilidad y accesibilidad Web en las Bibliotecas de Museos en España. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, v. 26, n. 101, p. 15-26, ene./jun. 2011. Disponível em: <https://www.aab.es/app/download/5986691/SITUACION+DE.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

ROCA, Joan. La transformació dels sistemes integrats de gestió bibliotecària. *Item: Revista de Biblioteconomia i Documentació*, [s. l.], n. 43, p. 91-107, 2006. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/40918/102496>. Acesso em: 2 fev. 2020.

ROSERAS CARCEDO, Elena. La visibilidad de las bibliotecas de museos a través de las redes sociales: propuestas de trabajo cooperativo. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, v. 26, n. 101, p. 59-72, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3826495.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SÁEZ FERNÁNDEZ, José Antonio. Social Media Marketing en la Biblioteca Universitaria de Cádiz. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 109-125, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5907065>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SÁNCHEZ GARCÍA, María José. Las redes sociales en las bibliotecas públicas de la provincia de Málaga. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, 2012, v. 27, n. 104, p. 92-96, jul./dic. 2012. Disponível em: <https://www.aab.es/app/download/10100541/Redes.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SORIA RAMIREZ, Verónica; SORIA RAMÍREZ, Violeta; SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, Apolinar. La web social y su impacto en las bibliotecas universitarias mexicanas. *Ibersid: Revista de Sistemas de Información y Documentación*, [s. l.], v. 3, p. 239-246, 2009. Disponível em: <https://www.ibernid.eu/ojs/index.php/ibernid/article/view/3745/3506>. Acesso em: 2 fev. 2020.

UNIVERSIDAD DE GRANADA. Biblioteca. Grupo de Mejora de Redes Sociales. Marketing y Comunicación. Las redes sociales en la Biblioteca Universitaria de Granada. Grupo de mejora de redes sociales, marketing y comunicación. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, Málaga, n. 111, p. 126-146, 2016. Disponible em: <https://www.aab.es/app/download/26806734/Bibliotecas-Bolet%C3%ADn-111-126-146.pdf>. Acceso em: 2 fev. 2020.

VALLEZ, Mari; MARCOS, Mari Carmen. Las bibliotecas en un entorno Web 2.0. *Hipertext.net*, [s. l.], n. 7, 2009. Disponible em: <https://www.upf.edu/hipertextnet/numero-7/bibliotecas-2.0.html>. Acceso em: 2 fev. 2020.

VICENTE DE BILLION, Chloé; OYARCE GATICA, Alejandro ¿Está muriendo la biblioteca?: Hacia la e-evolución. *El Profesional de la Información*, Barcelona, v. 19, n. 1, p. 70-76, ene./feb. 2010. Disponible em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2012.jul.13/17907>. Acceso em: 2 fev. 2020.

VALLET SANMANUEL, Gloria. Las redes sociales en las bibliotecas públicas de la Provincia de Valencia. *Métodos de Información*, Valencia, v. 8, n. 15, p. 139-168, 2017. Disponible em: <https://www.metodosdeinformacion.es/mei/index.php/mei/article/view/IIMEI8-N15-139168/955>. Acceso em: 2 fev. 2020.

APÊNDICE C – CORPUS DE ANÁLISE: CONTEXTO ESTADUNIDENSE

AHARONY, Noa; BRONSTEIN, Jenny. Academic Librarians' Perceptions on Information Literacy: The Israeli Perspective. *Portal: Libraries and the Academy*, Baltimore, v. 14, n. 1, p. 103-119, Jan. 2014.

ASNAFI, Amir Reza; MORADI, Shima; DOKHTESMATI, Mohadeseh; NAEINI, Maryam Pakdaman. Using Mobile-Based Social Networks by Iranian Libraries: The Case of Telegram Messenger. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 1539, p. 1-16, July 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1539/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

ATA UR REHMAN; SHAFIQUE, Farzana. Use of Web 2.0 and Its Implications for Libraries: Perceptions of Information Professionals in Pakistan. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 623, p. 1-12, Sept. 2011. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/623/>. Acesso em: 9 out. 2019.

BAGGETT, Mark; GIBBS, Rabia. Historypin and Pinterest for Digital Collections: Measuring the Impact of Image-Based Social Tools on Discovery and Access. *Journal of Library Administration*, New York, v. 54, n. 1, p. 11-22, Jan. 2014.

BARR, Dorothy. Reaching Students Where They Go: Embedding Library Resources in Course Content. *Science & Technology Libraries*, New York, v. 29, n. 4, p. 289-297, 2010.

BATTOOL, F.; BHATTI, R. Social Media's Magnetism towards Researchers: Implications for Libraries. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 1181, p. 1-15, Dec. 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1181/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BELDEN, Dreanna. Harnessing social networks to connect with audiences: if you build it, will they come 2.0? *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 13, n. 1, p. 99-111, 2008.

BLACK, Elizabeth L.; KILZER, Rebekah. Web 2.0 Tools Ease Renovation Service Disruptions at The Ohio State University Libraries. *Public Services Quarterly*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 93-109, 2008. Disponível em: https://kb.osu.edu/bitstream/handle/1811/46649/BlackE_PublicServicesQuarterly_2008_v4n2_p93-109.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 ago. 2019.

BODNAR, Jonathan; DOSHI, Ameet. Asking the Right Questions: A Critique of Facebook, Social Media, and Libraries. *Public Services Quarterly*, [s. l.], v. 7, n. 3-4, p. 102-110, July 2011.

BOXEN, Jennifer L. Library 2.0: a review of the literature. *Reference Librarian*, New York, v. 49, n. 1, p. 21-34, 2008.

BOYD, Erin E.; CASEY, Olga; ELDER, Ruth; SLAY, Jana. Collaboration at the Troy University Libraries. *Cataloging & Classification Quarterly*, New York, v. 51, n. 1-3, p. 202-213, Jan. 2013.

BRANTLEY, Steve. Exploring Library 2.0 on the Social Web. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 4, n. 4, p. 351-374, Oct. 2010.

BRONSTEIN, Jenny; AHARONY, Noa. Views and Dreams: A Delphi Investigation into Library 2.0 Applications. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 3, n. 2, p. 89-109, Apr. 2009.

CAO, Dongmei. Chinese Library 2.0: Status and Development. *Chinese Librarianship: An International Electronic Journal*, [s. l.], n. 27, p. 1-8, June 2009.

CASSIDY, Erin Dorris; BRITSCH, James; GRIFFIN, Glenda; MANOLOVITZ, Tyler; SHEN, Lisa; TURNEY, Linda. Higher Education and Emerging Technologies: Student Usage, Preferences, and Lessons for Library Services. *Reference & User Services Quarterly*, Chicago, v. 50, n. 4, p. 380-391, Summer 2011. Disponível em: <https://journals.ala.org/rusq/article/download/3301/3501>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CHARNIGO, Laurie; BARNETT-ELLIS, Paula. Checking out Facebook.com: the impact of a digital trend on academic libraries. *Information Technology and Libraries*, Chicago, v. 26, n. 1, p. 23-34, Mar. 2007. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.465.8179&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

CHASE, Darren. Using online social networks, podcasting, and a blog to enhance access to Stony Brook University Health Sciences Library resources and services. *Journal of Electronic Resources in Medical Libraries*, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 123-132, 2008.

CHATFIELD, Amy J.; RATAJESKI, Melissa A; WANG, John; BARDYN, Tania P. Communicating with Faculty, Staff, and Students Using Library Blogs: Results from a Survey of Academic Health Sciences Libraries. *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 15, n. 3, p. 149-168, July 2010.

CHEN, Sherab. Can Blogging Help Cataloging?: Using a Blog and Other Web 2.0 Tools to Enhance Cataloging Section Activities. *Library Resources & Technical Services*, Chicago, v. 53, n. 4, p. 251-260, Oct. 2009. Disponível em: <https://journals.ala.org/index.php/lrts/article/view/5182/6290>. Acesso em: 11 out. 2019.

CHO, Allan. YouTube and Academic Libraries: Building a Digital Collection. *Journal of Electronic Resources Librarianship*, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 39-50, Jan. 2013.

CHUA, Alton Y. K.; GOH, Dion H. A Study of Web 2.0 Applications in Library Websites. *Library & Information Science Research*, Norwood, v. 32, n. 3, p. 203-211, July 2010.

COLBURN, Selene; HAINES, Laura. Measuring Libraries' Use of YouTube as a Promotional Tool: An Exploratory Study and Proposed Best Practices. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 6, n. 1, p. 5-31, Jan. 2012.

COLLINS, Gary; QUAN-HAASE, Anabel. Are Social Media Ubiquitous in Academic Libraries? A Longitudinal Study of Adoption and Usage Patterns. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 8, n. 1, p. 48-68, 2014.

COSTELLO, Kristen; DEL BOSQUE, Darcy. For Better or Worse: Using Wilds and Blogs for Staff Communication in an Academic Library. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 4, n. 2-3, p. 143-160, 2010.

DALAL, Heather A.; LACKIE, Robert J. What If You Build It and They Still Won't Come? Addressing Student Awareness of Resources and Services with Promotional Videos. *Journal of Library & Information Services in Distance Learning*, [s. l.], v. 8, n. 3-4, p. 225-241, Jan. 2014.

DAMANI, Shamsa; FULTON, Stephanie. Collaborating and Delivering Literature Search Results to Clinical Teams Using Web 2.0 Tools. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 207-217, July 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02763869.2010.494476?needAccess=true>. Acesso em: 11 out. 2019.

DE JAGER-LOFTUS, Danielle. Value-Added Technologies for Liaison and Outreach. *Journal of Electronic Resources in Medical Libraries*, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 307-315, Oct. 2009.

DE JAGER-LOFTUS, Danielle P.; MOORE, A. #gathercreateshare: How Research Libraries Use Pinterest. *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 18, n. 3-4, p. 265-279, July 2013.

DODSON, Sherry; GLEASON, Ann Whitney. Web 2.0 Support for Residents' and Fellows' Patient Care and Educational Needs. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 95-101, 2011.

DRAPER, Lani; TURNAGE, Marthea. Blogmania: blog use in academic libraries. *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 13, n. 1, p. 15-55, 2008.

EZE, Eberechukwu Monica. Awareness and use of Web 2.0 tools by LIS Students at University of Nigeria, Nsukka, Enugu State, Nigeria. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 1355, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1355/>. Acesso em: 17 ago. 2019.

FARRELL, Ann M.; MAYER, Susan H.; RETHLEFSEN, Melissa L. Teaching Web 2.0 Beyond the Library: Adventures in Social Media, the Class. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 233-244, 2011.

GANSTER, Ligaya; SCHUMACHER, Bridget. Expanding Beyond our Library Walls: Building an Active Online Community through Facebook. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 3, n. 2, p. 111, Apr. 2009.

GARCIA-MILIAN, Rolando; NORTON, Hannah F.; TENNANT, Michele R. The Presence of Academic Health Sciences Libraries on Facebook: The Relationship between Content and Library Popularity. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 171-187, Apr. 2012.

GARNER, Anne; GOLDBERG, Johanna; POU, Rebecca. Collaborative Social Media Campaigns and Special Collections: A Case Study on #ColorOurCollections. *RBM: a Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, Chicago, v. 17, n. 2, p. 100, Fall 2016. Disponível em: <https://rbm.acrl.org/index.php/rbm/article/view/9663/11109>. Acesso em: 27 set. 2019.

GLASSMAN, Nancy R.; SORENSEN, Karen. From Pathfinders to Subject Guides: One Library's Experience with LibGuides. *Journal of Electronic Resources in Medical Libraries*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 281-291, Oct. 2010.

GRIFFIN, Melaine; TAYLOR, Tomaro I. Of Fans, Friends, and Followers: Methods for Assessing Social Media Outreach in Special Collections Repositories. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 7, n. 3, p. 255-271, 2013.

HASMAN, Linda; CHIARELLA, Deborah. Developing a Pain Management Resource Wiki for Cancer Patients and Their Caregivers. *Journal of Consumer Health on the Internet*, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 317-326, 2008.

HOLMES, Kristi L.; DUBINSKY, Ellen K. Integration of Web 2.0 Technologies in the Translational Research Environment. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 309-335, Oct. 2009.

HOMENDA, Nick. Music Libraries on YouTube. *Music Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 14, n. 1-2, p. 30-45, Jan. 2011.

HOUK, Kathryn M.; THORNHILL, Kate. Using Facebook Page Insights Data to Determine Posting Best Practices in an Academic Health Sciences Library. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 7, n. 4, p. 372-388, Oct. 2013.

HRICKO, Mary. Using Microblogging Tools for Library Services. *Journal of Library Administration*, New York, v. 50, n. 5-6, p. 684-692, July 2010.

HUANG, Jie; GUO, Jinchi. Providing Library Information Services through WeChat: A Study of Project 985 University Libraries in China. *Library Trends*, Baltimore, v. 66, n. 2, p. 101-118, Fall 2017.

KAKALI, Constantia; PAPTODOROU, Christos. Exploitation of Folksonomies in Subject Analysis. *Library & Information Science Research*, Norwood, v. 32, n. 3, p. 192-202, July 2010.

KARPINSKI, Joanna Lynn. Disconnected in a connected world: knowledge and understanding of Web 2.0 tools at the University of Pennsylvania Medical Center. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 53-72, Apr. 2008.

KRAFT, Michelle A. Getting Wiki with it: Using a Wiki as a Web Site for Regional Health System Libraries. *Journal of Hospital Librarianship*, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 265-278, July 2010.

LANKES, R. David; SILVERSTEIN, Joanne; NICHOLSON, Scott. Participatory networks: the library as conversation. *Information Technology and Libraries*, Chicago, v. 26, n. 4, p. 17-33, 2007. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ital/article/view/3267/2880>. Acesso em: 30 set. 2019.

LOMBARDO, Nancy T.; MOWER, Allyson; McFARLAND, Mary M. Putting wikis to work in libraries. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 129-145, July 2008.

MAZZOCCHI, Juliana. Blogs and social networks in libraries: complementary or antagonistic tools? *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 1191, p. 1-12, Nov. 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1191/>. Acesso em: 17 ago. 2019.

MIRANDA, Giovanna F.; GUALTIERI, Francesca; COCCIA, Paolo. How the New Web Generations are Changing Library and Information Services. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 132-145, Apr. 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02763861003723200?needAccess=true>. Acesso em: 17 ago. 2019.

MIDYETTE, J. David; YOUNGKIN, Andrew; SNOW-CROFT, Sheila. Social Media and Communications: Developing a Policy to Guide the Flow of Information. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 39-50, Jan. 2014.

NASLUND, Jo-Anne; GIUSTINI, Dean. Towards School Library 2.0: An Introduction to Social Software Tools for Teacher Librarians. *School Libraries Worldwide*, Edmonton, v. 14, n. 2, p. 55-67, July 2008. Disponível em: <https://open.library.ubc.ca/cIRcle/collections/ubclibraryandarchives/494/items/1.0077916>. Acesso em: 20 ago. 2019.

O'DELL, Sue. Opportunities and Obligations for Libraries in a Social Networking Age: A Survey of Web 2.0 and Networking Sites. *Journal of Library Administration*, New York, v. 50, n. 3, p. 237-251, Abr. 2010.

OLAJIDE, Adebayo Afolabi; OYENIRAN, Kayode Gboyega. Knowledge and Use of Social Media Among Nigerian Librarians. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 1145, p. 1-15, June 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1145/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

REICHARDT, Randy. How may I help thee? Let me count the 2.0 ways... *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 13, n. 2-3, p. 271-280, 2008.

RETHLEFSEN, Melissa L.; ENGARD, Nicole C; CHANG, Daphne; HAYTKO, Carol. Social software for libraries and librarians. *Journal of Hospital Librarianship*, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 29-45, 2006.

RICHARDSON, Rebecca; VANCE, Candace; PRICE, Elizabeth; HENRY, Jeffrey. A Mightier Pin: Creating a Credible Reference Library on Pinterest at Murray State University. *Internet Reference Services Quarterly*, Binghamton, v. 18, n. 3-4, p. 247-264, July 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/10875301.2013.849319?needAccess=true>. Acesso em: 19 ago. 2019.

ROBERTSON, Justin; BURNHAM, Judy; LI, Jie; SAYED, Ellen. The medical matters wiki: building a library Web site 2.0. *Medical Reference Services Quarterly*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 21-32, Apr. 2008.

SCHLESSELMAN-TARANGO, Gina. Searchable Signatures: Context and the Struggle for Recognition. *Information Technology and Libraries (Online)*, Chicago, v. 32, n. 3, p. 5-19, Sept. 2013. Disponível em: https://ejournals.bc.edu/index.php/ital/article/view/3093/pdf_1. Acesso em: 30 set. 2019.

SODT, Jill M.; SUMMEY, Terri Pedersen. Beyond the Library's Walls: Using Library 2.0 Tools to Reach out to All Users. *Journal of Library Administration*, New York, v. 49, n. 1-2, p. 97-109, Jan. 2009.

STONE, Scott. Breaking the Ice: Facebook Friending and Reference Interactions. *Reference & User Services Quarterly*, Chicago, v. 54, n. 1, p. 44-49, Fall 2014. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA408784905&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=10949054&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 19 out. 2019.

STVILIA, Besiki; GIBRADZE, Leila. What do academic libraries tweet about, and what makes a library tweet useful? *Library & Information Science Research*, Norwood, v. 36, n. 3-4, p. 136-141, Oct. 2014.

TARULLI, Laurell; SPITERI, Louise F. Library Catalogues of the Future: A Social Space and Collaborative Tool? *Library Trends*, Baltimore, v. 61, n. 1, p. 107-131, Summer 2012. Disponível em: https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/15571/06_61_1_tarulli_107-131.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 ago. 2019.

TELLA, Adeyinka; OYEDOKUN, Toyese Tunde. An Evaluation of Online Reference Services Through Social Networking Sites in Selected Nigerian University Libraries. *Reference Librarian*, New York, v. 55, n. 4, p. 343-367, Oct. 2014.

THORNTON, Elaine. Is Your Academic Library Pinning? Academic Libraries and Pinterest. *Journal of Web Librarianship*, New York, v. 6, n. 3, p. 164-175, 2012.

TODD, Ross J. Youth and their Virtual Networked Words: Research Findings and Implications for School Libraries. *School Libraries Worldwide*, Edmonton, v. 14, n. 2, p. 19-34, July 2008.

YOOSE, Becky. Wiki Adoption and Use In Academic Library Technical Services: An Exploratory Study. *Technical Services Quarterly*, New York, v. 28, n. 2, p. 132-159, Apr. 2011.

YOUNG, Scott W. H.; ROSSMANN, Doralyn. Building Library Community Through Social Media. *Information Technology and Libraries (Online)*, Chicago, v. 34, n. 1, p. 20-37, Mar. 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ital/article/view/5625>. Acesso em: 30 set. 2019.

ZIMMER, Michael. Assessing the Treatment of Patron Privacy in Library 2.0 Literature. *Information Technology and Libraries (Online)*, Chicago, v. 32, n. 2, p. 29-41, June 2013. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ital/article/view/3420>. Acesso em: 30 set. 2019.

**APÊNDICE D – DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS E ARTIGOS EM ZONAS
(BRADFORD): VERSÃO COMPLETA**

Distribuição dos periódicos e artigos nas zonas de Bradford		
Zonas	Periódicos	Artigos
Brasil	<i>Core (Núcleo)</i> Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina,	7
	Encontros Bibli	5
	Perspectivas em Ciência da Informação	5
	<i>Zona 1</i> Ponto de Acesso	5
	CRB-8 Digital	3
	Em Questão	3
	InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação	3
	Informação & Sociedade	3
	<i>Zona 2</i> RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e CI	3
	Biblionline	2
	<i>Brazilian Journal of Information Science: Research Trends</i>	2
	Informação & Tecnologia	2
	Transinformação	2
	AtoZ	1
	BIBLOS	1
	Folha de Rosto	1
	Informação & Informação	1
	Informação@Profissões	1
	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1
Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	1	
Revista Ibero-americana de Ciência da Informação	1	
Revista Informação na Sociedade Contemporânea	1	
Espanha	<i>Core (Núcleo)</i> <i>El Profesional de la Información</i>	13
	<i>Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios</i>	13
	<i>Zona 1</i> <i>BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació</i>	7
	<i>Item. Revista de Biblioteconomía i Documentació</i>	4
	<i>Métodos de Información</i>	3
	<i>Zona 2</i> <i>Anales de Documentación</i>	2
	<i>Boletín de la ANABAD</i>	2
	<i>Revista Española de Documentación Científica</i>	2
	<i>Scire. Representación y Organización del Conocimiento</i>	2
	<i>Cuadernos de Documentación Multimedia</i>	1
	<i>Cuadernos de Gestión de Información</i>	1
	<i>Hipertext.net</i>	1
	<i>Historia y Comunicación Social</i>	1
	<i>Ibersid. Revista de Sistemas de Información y Documentación</i>	1
<i>Revista sobre la Infancia y la Adolescencia</i>	1	

(continua)

(continuação)

Estados Unidos	Core	<i>Medical Reference Services Quarterly</i>	10
		<i>Journal of Web Librarianship</i>	9
		<i>Internet Reference Services Quarterly</i>	6
	Zona 1	<i>Library Philosophy and Practice</i>	6
		<i>Journal of Library Administration</i>	4
		<i>Information Technology and Libraries</i>	5
		<i>Journal of Electronic Resources in Medical Libraries</i>	3
		<i>Library & Information Science Research</i>	3
	Zona 2	<i>Journal of Hospital Librarianship</i>	2
		<i>Library Trends</i>	2
		<i>Public Services Quarterly</i>	2
		<i>Reference & User Services Quarterly</i>	2
		<i>Reference Librarian</i>	2
		<i>School Libraries Worldwide</i>	2
		<i>Cataloging & Classification Quarterly</i>	1
		<i>Chinese Librarianship: An International Electronic Journal</i>	1
		<i>Journal of Consumer Health on the Internet</i>	1
		<i>Journal of Electronic Resources Librarianship</i>	1
		<i>Journal of Library & Information Services in Distance Learning</i>	1
		<i>Library Resources & Technical Services</i>	1
	<i>Music Reference Services Quarterly</i>	1	
	<i>Portal: Libraries and the Academy</i>	1	
	<i>RBM: a Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage</i>	1	
	<i>Science & Technology Libraries</i>	1	
	<i>Technical Services Quarterly</i>	1	

Fonte: elaboração própria.

ANEXO A – CONTATO COM PROQUEST: ATUALIZAÇÃO LISA

----- Original Message -----

From: Jason Cooke [proquestcontent@proquest.com]
Sent: 11/6/2019 1:57 PM
To: mairanani@hotmail.com
Cc: angela.grossi@unesp.br; flor.amanqui@proquest.com
Subject: RE: Subject 03921190: Chat com Maira Nani

Oi Maria,

A equipe bibliográfica relata que eles corrigiram o país de publicação do DESIDOC Journal of Library & Information Technology. Espera-se que o ProQuest comece a mostrar a Índia em vez dos Estados Unidos na segunda-feira após a atualização deste fim de semana.

Infelizmente, eles não podem alterar os locais para "Library & Information Science Research" ou "Health Information and Libraries Journal" porque o "país de publicação" do título às vezes pode indicar o local do proprietário do conteúdo, não o local onde o periódico foi produzido.

Transferirei seu caso para nossa equipe de suporte técnico, pois eles podem ajudá-lo com sua consulta de pesquisa para obter os resultados que você procura.

Entre em contato conosco se você tiver quaisquer problemas ou perguntas.

Tenha um ótimo dia!

Jason

[Inline image name : _Signature.jpg]

----- Original Message -----

From: Jason Cooke [proquestcontent@proquest.com]
Sent: 11/5/2019 12:03 PM
To: mairanani@hotmail.com
Cc: angela.grossi@unesp.br; flor.amanqui@proquest.com
Subject: RE: Subject 03921190: Chat com Maira Nani

Oi Maria,

Obrigado pela sua pergunta sobre o país da publicação.
Solicitei à nossa equipe bibliográfica que analise isso e compartilhe as atualizações que receber.

Tenha um ótimo dia!

Jason

[Inline image name : _Signature.jpg]

----- Original Message -----

From: email.technicalsupport@proquest.com [email.technicalsupport@proquest.com]
Sent: 11/5/2019 8:00 AM
To: mairanani@hotmail.com
Cc: angela.grossi@unesp.br
Subject: RE: Subject 03921190: Chat com Maira Nani

Bom dia Maria,

Obrigada pelo informação. Vou emcaminhar o teu email para o Content team. Eles vão te responder diretamente.

Se tiver qualquer dúvida, me mande um email.

Best Regards,

Flor Amanqui – Technical Support Analyst
 ProQuest | 789 E. Eisenhower Parkway | Ann Arbor, MI USA 48106-1346
 E: tsupport@proquest.com O: +1-800-889-3358
 Better research. Better learning. Better insights.
 Visit our Knowledge base for additional information. (<https://support.proquest.com>)
 Visit our Status Page to receive updates on planned/unplanned outages.
 (<https://status.proquest.com>)

----- Original Message -----

From: Maira Nani França Moura Goulart Maira [mairanani@hotmail.com]
Sent: 11/5/2019 7:44 AM
To: email.technicalsupport@proquest.com
Cc: angela.grossi@unesp.br
Subject: RE: Subject 03921190: Chat com Maira Nani

[External Email]

[External Email]

Bom dia, Flor Amanqui!

Após análise dos dados enviados e consulta em outras fontes de pesquisa, chego a conclusão que dos três títulos de periódicos, abaixo descritos, apenas o PBLOC (country) de um deles, *Library & Information Science Research*, corresponde aos USA:

- a) DESIDOC Journal of Library and Information Technology;
- b) Library & Information Science Research e
- c) Health Information and Libraries Journal.

Para ratificar tal assertiva, na página 2 do documento anexo, seguem algumas fontes pesquisadas, como a *National Library of Medicine*, o *WorldCat* e o *Catálogo Coletivo Nacional do IBICT (Brasil)*, que informam que o **Library & Information Science Research** é dos **EUA**, ainda que o *Scientific Journal Rankings (SJR) - SCImago* informe que o país do referido título seja o Reino Unido

No entanto, apesar de o campo *Verification Publisher Address* da LISA, que vocês me encaminharam, informar que os títulos: **DESIDOC Journal of Library and Information Technology** e **Health Information and Libraries Journal** sejam dos **USA**, ao consultar outras fontes de pesquisa não obtivemos os mesmos resultados.

O **DESIDOC Journal of Library and Information Technology**, por exemplo, de acordo com o SJR, o *WorldCat* e o *Google Maps* (consulta do endereço que vocês me encaminharam: Metcalfe House, New Delhi, 110054, United States) é um periódico da Índia (cf. página 1 do documento anexo) e, por sua vez, o **Health Information and Libraries Journal**, conforme o SJR, a *National Library of Medicine*, o *WorldCat* e o *Catálogo Coletivo Nacional do IBICT (Brasil)* é um periódico do Reino Unido (UK) (cf. página 3 do documento anexo).

Diante do exposto, seria importante que fosse realizada uma atualização do campo *Publisher* e *Verification Publisher Address* destes dois títulos de periódicos (**DESIDOC Journal of Library and Information Technology** e **Health Information and Libraries Journal**), visando contribuir com as futuras pesquisas, principalmente aos estudos bibliométricos, como é o caso da minha pesquisa de doutorado. Deste modo, a base de dados LISA, de grande relevância para a Ciência da Informação, continuará sendo uma fonte de pesquisa de referência, com dados fidedignos.

Agradeço novamente a atenção dispensada e despeço-me,

Maira Nani
Doutoranda PPGCI/Unesp, Câmpus Marília, SP, Brasil

Fonte: Cooke (2019).

ANEXO B – ATUALIZAÇÃO NA BASE LISA: CAMPO PAÍS

Back to document

DESIDOC Journal of Library & Information Technology

Dehli. Defence Scientific Information & Documentation Centre
Peer reviewed.

Coertura do texto completo: Jan 1981 (Vol. 1, no. 1-2) - present
Coertura de citação/resumo: Jan 1981 (Vol. 1, no. 1-2) - present
Formatos de texto completo: Texto completo - PDF-Jan 1981 (Vol. 1, no. 1-2) - present
Formatos de citação: Citação Jan 1981 (Vol. 1, no. 1-2) - present
Resumo Jan 1981 (Vol. 1, no. 1-2) - present

Local de publicação: Dehli
Publisher: Defence Scientific Information & Documentation Centre
ISSN: 0974-0643
E-ISSN: 0976-4658
Histórico do título de publicação: DESIDOC Bulletin of Information technology; Dehli (ate 2007)
Idioma: English
Assuntos: Library And Information Sciences
ID da publicação: 2028807
Endereço da editora: **Metcalfe House, New Delhi, 110054, India**
Mostrar menos detalhes

Search within this publication... [Advanced Search](#)

Fonte: Desidoc... (2020).